

# Instituto Superior de Psicologia Aplicada



UM CASO PECULIAR DE ESQUIZOFRENIA?  
HISTÓRIA DE VIDA DE UM SEPTUAGENÁRIO INTERNADO NUMA  
CASA DE SAÚDE MENTAL DESDE 1951

CLÁUDIO JOSÉ RAMOS DAS NEVES  
Nº 11827

**Orientador de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR EDUARDO SÁ

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR EDUARDO SÁ

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:**

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Clínica

**2009**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Eduardo Sá, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica conforme despacho da DGES nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Eduardo Sá, Orientador de Dissertação, pela sua amabilidade, compreensão e incentivo, durante a execução deste trabalho.

Gostaria de expressar o meu agradecimento ao Sr. V., pela disponibilidade, amabilidade, confiança e, sobretudo, pela oportunidade que me concedeu que tanto contribui para o meu crescimento pessoal e profissional.

Por fim, gostaria de agradecer à Instituição pela colaboração e simpatia que demonstrou.

## RESUMO

O participante desta investigação tem 74 anos, é do sexo masculino, solteiro, internado, com o diagnóstico de esquizofrenia, numa Casa de Saúde Mental desde os 16 anos de idade. Perante a constatação de que o participante, apesar do internamento prolongado, estaria compensado, o presente estudo teve como objectivo: verificar a existência de elementos que permitissem confirmar, ou não, o diagnóstico de esquizofrenia, à luz de algumas ideias e conceitos psicanalíticos e; inferir sobre os factores que poderão ter contribuído para o seu adoecer, e internamento prolongado. Utilizou-se a história de vida como instrumento de recolha de dados, construída com base em 16 entrevistas de carácter semi-directivo que, depois de transcritas e organizadas, deram origem a um *corpus* final, alvo de uma análise de conteúdo. Os resultados indicam que continuam a existir indivíduos a viver em instituições psiquiátricas com um diagnóstico que não corresponde à sua condição. Com base nos resultados, concluímos ser necessário rever, não apenas, as políticas de saúde mental e os modelos utilizados mas, sobretudo, a atitude a adoptar face à doença mental ou a quem, em algum momento da sua vida, adoece psiquicamente.

**Palavras-chave:** esquizofrenia, história de vida, doença mental, institucionalização

## ABSTRACT

The participant of this investigation is a man with 74 years old, single, intern in a psychiatric institution, since his 16 years old, with the diagnosis of schizophrenia. In the presence of the fact that the participant, in spite of the long internment, apparently, presented a compensate behavior, the purpose of the study was: to verify the existence of elements that allow us to confirm, or not, the diagnosis of schizophrenia, with the support of some psychoanalytic concepts, and; to infer about the factors that contributed for the participant illness and for the long internment. The history of life was employed as an instrument to gather the information and, constructed with basis on 16 semi-structured interviews that, after being transcribed, gave origin to a final *corpus*, object of a content analysis. The results suggest the existence, right now, of persons living in psychiatric institutions with a diagnosis not correspondent to their condition. The results allow concluding about the need to re-examine the mental health politics, the used models, and, above all, the attitude toward mental illness or, in view of those who, in some moment of their lives, are in pain.

**Key-words:** schizophrenia, history of life, mental disease, institutionalization

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>PARTE I – REVISÃO DA LITERATURA/FORMULAÇÃO DO PROBLEMA</b>	
1. Do modelo psiquiátrico de loucura ao modelo psicanalítico	9
2. Contribuições teóricas para o entendimento da psicose	11
2.1 Sigmund Freud	11
2.2 Melanie Klein	12
2.3 Michael Balint	14
2.4 Erik Erikson	17
3. Síntese das contribuições teóricas	21
4. Formulação do problema	22
<b>PARTE II – MÉTODO</b>	
1. Considerações metodológicas	24
2. Descrição do participante	26
3. Instrumentos	26
3.1 Instrumentos de recolha da história de vida	26
3.2 Instrumentos de análise da história de vida	28
4. Procedimentos	29
4.1 Procedimento na recolha da história de vida	29
4.2 Procedimento na análise da história de vida	30
<b>PARTE III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	
1. Análise cronológica da história de vida	32
2. Análise temática da história de vida	47
<b>PARTE IV – CONCLUSÕES</b>	
Conclusões	58
Referências	61

## INTRODUÇÃO

O ponto de partida e escolha deste trabalho surgiu, depois de ter participado numa “reunião clínica”, no âmbito do estágio curricular do curso de psicologia, numa Casa de Saúde Mental, onde conheci o caso do Sr. V. Trata-se de uma instituição pertencente a uma Ordem Hospitalar vocacionada, sobretudo, para a assistência humanizada de doentes mentais, que procura dar resposta a um conjunto de necessidades ao nível do atendimento e acolhimento aos mesmos. O caso referido, foi apresentado por um médico psiquiatra da instituição com o título de: “Um caso peculiar de esquizofrenia”, onde foi feita uma breve descrição do percurso de vida de um septuagenário, internado na instituição desde os 15 anos de idade, com o diagnóstico de esquizofrenia e que, segundo o apresentador, teria feito uma “remissão dos sintomas”, ficando com um “defeito residual”, sem se ter recorrido a medicação anti psicótica como terapêutica. Após a breve apresentação da história e do testemunho do próprio protagonista, e tendo em conta que a mesma me deixara intrigado, falei com o Professor Eduardo Sá sobre a hipótese de contar com a sua ajuda para a realização deste trabalho, tendo tido, desde logo, o seu apoio e disponibilidade.

Assim, neste estudo, pretendeu-se analisar a trajectória de vida do Sr. V., à luz de algumas ideias e conceitos psicanalíticos (Sigmund Freud, 1911/1924, Melanie Klein, 1957, Michael Balint, 1979 e Erik Erikson, 1972), tendo como método de investigação a história de vida (Poirier, Valladon e Raybaut, 1999), com a intenção, por um lado, de verificar a existência, ou não, de um quadro psicótico e, por outro lado, compreender e explicar o caso.

Perseguindo este objectivo, na primeira parte do trabalho foi elaborada uma breve retrospectiva sócio-histórica das formas de tratamento dos doentes mentais, com o intuito de aprofundar os meus conhecimentos sobre este tema e, situar a história de vida do sujeito num contexto. De seguida, procedeu-se a uma revisão da literatura no sentido de estudar alguns parâmetros relacionados com a compreensão psicodinâmica da psicose, dando-se especial atenção a pormenores ou aspectos que permitissem confirmar, ou não, o diagnóstico. Na segunda parte do trabalho, dedicámo-nos às questões metodológicas. Descreveu-se a metodologia utilizada, o sujeito participante, os instrumentos utilizados e as diferentes etapas de recolha e análise de material. A recolha dos dados foi feita através de entrevistas semi-estruturadas e da observação participante, com o recurso a um diário de campo e a um gravador de voz digital (Hagemaster, 1992; Burgess, 1997; Poirier et. al, 1999; Chaitin, 2004; DiCicco-Bloom e Crabtree, 2006; Ribeiro, 2007). Na terceira parte, a história de vida foi

sujeita a uma análise de conteúdo (Bardin, 1977; Vala, 1986; Legrand, 1992; Poirier et. al, 1999), da qual resultou uma apresentação e discussão dos resultados, recorrendo-se à técnica da análise cronológica e, posteriormente, a uma análise categorial temática, na qual articulámos os resultados mais significativos com o corpo teórico, visando responder às questões que formulámos. O quarto e último capítulo do estudo, inclui as conclusões do trabalho de investigação bem como as recomendações e sugestões para futuras investigações. Por fim, é apresentada a bibliografia utilizada para fundamentar todo o trabalho e os anexos.

## PARTE I – Revisão da Literatura e Formulação do problema

### Do modelo psiquiátrico de loucura ao modelo psicanalítico

A doença mental foi encarada na Antiguidade como tendo uma origem sobrenatural, sendo os doentes mentais vistos como seres possuídos por espíritos malignos, uma concepção que é substituída por Hipócrates (460-377 a. C: cit. in Ruiloba, 2002) que defendia a existência de uma origem natural para o adoecer mental. Na Idade Média e Renascimento deu-se um retrocesso na forma de encarar a doença mental, acreditando-se que estes doentes teriam feito “uma aliança com o demónio”, o que conduziu a uma perseguição por parte dos clérigos aos doentes mentais que se tornaram vítimas de diversos abusos à sua integridade física e psicológica (Ruiloba, 2002). Até ao século XVII mantém-se este clima de perseguição até que, na segunda metade do mesmo século, se criam por toda a Europa casas destinadas ao internamento, não só, de doentes mentais mas, também, de outros indivíduos que, de alguma forma, constituíam uma ameaça à ordem e à moral instituída na sociedade (Foucault, 1966, 1997).

A partir do meio do século XVIII, renasceu a preocupação relativamente à forma como os doentes mentais eram tratados com Phillipe Pinel que, atribuía igual importância à etiologia moral, hereditária e biológica, da doença mental (Foucault, 1966; Ruiloba, 2002). No entanto, segundo Foucault (1966), Pinel terá transformado estas casas em entidades de julgamento, onde o doente deveria ser submisso a um controlo social e moral, vigiado e punido, de forma a adoptar um comportamento considerado normal.

No final do século XIX e início do século XX surgem uma série de figuras entre as quais se destacam: Kraepelin, que constrói um sistema de classificação dos transtornos mentais com base no agrupamento de sintomas, supondo que se tratavam de doenças cuja causa, desenvolvimento, e prognóstico seriam diferentes e; Sigmund Freud que, seguido de outros autores, com a psicanálise contribuiu para uma nova forma de encarar a doença mental (Ruiloba, 2002). A partir da segunda metade do século XX surge um movimento, denominado de “anti-psiquiatria”, que se vem opor aos princípios sobre os quais assentava a medicina mental, começando pela distinção entre loucura e normalidade, e às práticas asilares, tais como: os electrochoques; o uso de psicofármacos e; a imposição de restrições à liberdade dos doentes internados (Delacampagne, 2004). Para Cooper (1967), a psiquiatria clínica faria parte de um amplo sistema de violência que, através de técnicas normalizadoras, tentaria induzir o conformismo e a redução das pessoas, sendo que o tratamento ou cura só terminaria

depois de a pessoa se tornar um “*robô*”, obediente e submisso, a vagar pela instituição psiquiátrica. Um internado numa destas casas seria vítima de uma violência institucional que agia a todos os níveis, sendo que qualquer tipo de contestação da sua parte seria entendida como um aspecto particular da sua doença, o que conduzia o indivíduo a um estado de alheamento total, indiferença e apatia, como forma de defesa contra o mundo que o excluiu (Basaglia, 1970). Nas últimas décadas do século XX inicia-se, nos EUA e por toda a Europa, um movimento de desinstitucionalização dos doentes mentais (Rappaport, 1990; Solivetti, 1999; Mansell, 2006; Ravelli, 2006; Tossebro e Lundebey, 2006). Uma estratégia política que surge, segundo Solivetti (1999), por se considerar que o doente mental poderia ser tratado dentro da sua própria comunidade, sem perder a sua liberdade e as relações sociais. Um tratamento fora da instituição que, para Ravelli (2006), seria possível devido, em parte, a estas convicções idealistas e aos avanços conseguidos, na altura, com as drogas psicofarmacológicas. Para Tossebro e Lundebey (2006) apesar de muitas famílias, inicialmente, terem sido contra esta política de desinstitucionalização, a maioria parece ter mudado a sua opinião preferindo os serviços comunitários após o restabelecimento do doente. Segundo Mansell (2006), este tipo de serviços demonstraram resultados positivos e contribuíram para uma melhoria da qualidade de vida, sobretudo, dos doentes com incapacidades mais complexas ou severas.

No entanto, apesar dos esforços no sentido de oferecer tratamentos mais humanos e efectivos para os doentes mentais, esta reforma trouxe os seus custos. Alguns trabalhos sugerem que a taxa de suicídios e o uso de substâncias estão relacionadas com o fenómeno da desinstitucionalização (Goldney, 2003) e que, apesar do declínio no número de camas ocupadas nos hospitais psiquiátricos, muitos desses doentes foram encontrados, mais tarde, em refúgios para sem-abrigo e nas instalações psiquiátricas de estabelecimentos prisionais (Dumont e Dumont, 2008). De facto, segundo a Organização Mundial de Saúde (2005), apesar de o número de camas ocupadas ter diminuído e de as grandes instituições terem vindo a fechar, os cuidados institucionais continuam a dominar na maioria dos países europeus.

Em Portugal, o modelo dominante na forma de encarar a doença mental continuou a ser o modelo médico, centrado no diagnóstico e no internamento a longo prazo, tornando-se um desafio, por um lado, evitar o desinteresse ou a rejeição por parte das famílias e, por outro lado, permitir ao doente a maximização das suas potencialidades e a minimização dos efeitos provocados pela institucionalização prolongada (Santos, 1993). Apesar das sucessivas legislações reflectirem as recomendações internacionais, os movimentos da anti psiquiatria e

desinstitucionalização não tiveram grande visibilidade devido: à incapacidade do estado em impor ao poder médico as orientações políticas em vigor; à fraca capacidade reivindicativa da sociedade civil e; ao facto de a doença mental continuar a ser assunto tabu, denotando-se uma falta de interesse na construção de equipamentos específicos para esta população (Alves e Silva, 2004). Na realidade, e de acordo com Jara (2006), a verba atribuída à psiquiatria e saúde mental no nosso país é apenas 3% do orçamento para a área da saúde e, as associações sem fins lucrativos, tipo IPSS, apesar do seu esforço são objecto de um escasso apoio por parte do estado, enquanto que as AEIPS, com fins lucrativos, que prestam apoio aos menos necessitados, além das participações elevadas cobradas às famílias, recebem cerca de 550 euros mensais por pessoa. Assim, neste movimento de desinstitucionalização, enquanto que alguns doentes foram praticamente devolvidos aos cuidados das suas famílias (Maria e Sousa, 2000), outros, foram encontrados ao abandono, a viverem entre os sem abrigo, em estabelecimentos prisionais, ou nos hospitais das ordens hospitaleiras (Jara, 2006).

## Contribuições teóricas para o entendimento da psicose

### Sigmund Freud

Freud, S. (1911), na sua análise ao caso de Schreber, afirma que a paranóia, embora possa apresentar características esquizofrénicas, deve ser encarada como um quadro clínico independente. Apesar de, nesta perturbação, o processo de repressão ter um aspecto semelhante ao da esquizofrenia, observando-se um desligamento da libido em relação aos objectos e a sua regressão para o eu, estes quadros clínicos diferem não só no prognóstico, que se mostra mais favorável na paranóia mas, também, na localização da fixação e no mecanismo utilizado para o retorno do reprimido.

Para Freud, a característica essencial da paranóia é o mecanismo de projecção, que desempenha um papel fundamental na formação dos sintomas e no processo de repressão que é levado a cabo por estes pacientes. Segundo o autor, nos casos de paranóia, observa-se no centro do conflito uma defesa contra um desejo homossexual e uma tentativa de dominar o mesmo. Para explicar o papel que esta fantasia desempenha nesta perturbação, afirma que temos de focar a atenção num estágio do desenvolvimento da libido denominado de narcisismo, entre o auto-erotismo e a relação objectal, em que parte da libido, ao invés de ser dirigida para um objecto amoroso, é direccionada para o próprio eu, sendo, assim, utilizada para o engrandecimento deste, o que se torna observável nos traços de megalomania

apresentados por estes pacientes. Este conflito é, segundo o autor, representado na proposição: “eu (um homem) amo-o (um homem)”, que é contraposta por delírios de perseguição que lhe afirmam: “eu não o amo, eu odeio-o”. No entanto, o mecanismo de formação de sintomas, exige que as percepções internas sejam substituídas por percepções externas, sendo que, a proposição: “eu odeio-o”, vai transformar-se em: “ele odeia-me” o que ilibará o sujeito de qualquer culpa por odiar. Desta forma, a percepção interna surge como uma consequência de uma percepção externa representada na proposição: “eu não o amo – eu odeio-o, porque ele me persegue”. Assim, nos delírios de perseguição, a deformação consiste numa transformação do afecto, isto é, o que teria sido sentido internamente como amor passa a ser percebido como ódio. Para Freud o sujeito que, nestes delírios, surge como perseguidor, odiado e temido, representa alguém que, no passado, desempenhou um papel significativo na vida do paciente, alguém amado e respeitado. A construção delirante através do método da projecção, na concepção do autor, constitui uma tentativa, por parte do paranóico, de reconstruir o seu mundo, desfazendo o trabalho da repressão e, dirigindo a libido novamente para as pessoas que havia abandonado.

Quanto à esquizofrenia, Freud refere que, a fixação ocorre numa fase inicial do desenvolvimento, num momento anterior ao da fixação ocorrida na paranóia, o que implica um abandono completo do amor objectal e um retorno ao auto-erotismo infantil. Nesta perturbação, o retorno do reprimido surge, não através da projecção como na paranóia mas, através de um “mecanismo alucinatório histérico” que representa, também aqui, uma luta entre a repressão e a tentativa de devolver a libido aos objectos.

Freud (1924), conclui que as psicoses surgem como o resultado de um conflito entre o eu, e o mundo externo, em que o primeiro se afasta da realidade criando uma outra que sirva os interesses do *Id*. Assim, observam-se duas etapas distintas: uma primeira, que consiste num afastamento do eu em relação à realidade e; uma segunda, que consiste numa tentativa de reparação dos prejuízos e num restabelecimento das relações com a realidade, embora, às custas do *Id*., criando um mundo imaginário. Para o autor, o facto de todo este processo de reconstrução se fazer acompanhar de estados de grande ansiedade e aflição, dá conta que toda esta fase é levada a cabo por forças que se opõem de forma violenta.

## Melanie Klein

Para Melanie Klein (1957), os pontos de fixação dos distúrbios psicóticos ocorrem durante a posição esquizoparanóide e no início da posição depressiva, quando esta não é

suficientemente elaborada, devido á forte intensidade dos medos persecutórios e defesas esquizoparanóides. A inveja, uma expressão dos impulsos destrutivos, quando excessiva é o factor interno que vai interferir no processo de clivagem inicial entre o bom e o mau seio, perturbando a introjecção de um primeiro objecto. Isto obriga, assim, a um retorno regressivo aos mecanismos de clivagem e desintegração típicos da posição esquizoparanóide, comprometendo a capacidade discriminatória entre sujeito e objecto, fundamental para o desenvolvimento posterior do eu.

Segundo a autora existe desde o início um eu que, embora primitivo e desorganizado, possui uma tendência para a integração e síntese que alterna com uma tendência à desintegração defensiva. Este eu, impulsionado pela polaridade dos instintos está, desde o início, apto para experimentar ansiedade, utilizar mecanismos defensivos e para criar relações de objecto na fantasia e na realidade. A experiência do nascimento e o impacto com a realidade externa produzem no eu do bebé uma ansiedade de separação, na medida em que esta experiência implica uma perda do sentimento de unidade e segurança experimentada durante a vida intra-uterina. Para lidar com esta ansiedade e manter a sua, ainda, frágil integridade, o eu, vai projectar para o exterior, para o primeiro objecto com o qual se relaciona, o seio materno, o que é sentido como mau e ameaçador e, introjectar as partes boas desse mesmo objecto. Desta forma, através de uma clivagem inicial do primeiro objecto – sentido como fonte de alimento ou da própria vida – as partes más e boas permanecem separadas e, portanto, sob controlo, possibilitando ao eu internalizar um primeiro objecto bom, embora parcial, e mais tarde, objectos totais.

Para Klein, a identificação projectiva, é um processo complementar da identificação introjectiva, que vem reforçar o trabalho da clivagem, na medida em que partes do próprio eu e dos objectos internos são clivados e projectados para o interior da mãe, com o objectivo de a controlar e atacar, permitindo ao bebé ordenar as suas experiências mais precoces entre o que sente como bom e mau. O processo de clivagem, ao manter um objecto bom separado do mau, promove, assim, a preservação e internalização de um primeiro objecto bom, oferecendo ao eu, a segurança necessária para a síntese posterior dos diferentes aspectos dele mesmo. Este mecanismo constitui-se, ainda, segundo autora, como a base, quer para a capacidade de discriminações futuras, quer para o desenvolvimento do mecanismo de repressão.

Klein refere que, se as experiências boas, gratificantes, com a mãe prevalecerem sobre as más e, portanto, frustrantes, o bebé irá adquirir gradualmente uma maior força e capacidade para lidar com as ansiedades sem recorrer a mecanismos primitivos. Com uma maior identificação a um objecto bom não só diminui a clivagem entre objectos perseguidores e

bons, como diminui a clivagem do próprio eu, o que possibilita uma maior aproximação entre as suas diferentes partes, preparando-o para a integração. Com a diminuição dos mecanismos projectivos passa a haver uma maior diferenciação entre o eu, e o objecto criando-se, assim, a base para enfrentar as ansiedades da etapa seguinte. É com a entrada na posição depressiva que a mãe passa a ser reconhecida como um objecto inteiro, que possui vida independente, ao mesmo tempo em que o eu da criança se torna, também ele, cada vez mais integrado e menos dividido na suas partes boas e más e, portanto, mais consciente dos seus próprios impulsos. Segundo Klein, esta mudança contribui para uma alteração nos conteúdos da ansiedade e defesas. O eu da criança confronta-se, nesta fase, com conflitos relacionados com a ambivalência de sentimentos em relação ao objecto do qual depende: a mãe. Os sentimentos de culpa e pena por ter destruído o objecto bom com a sua agressividade, mobilizam, no bebé, o desejo de reparar e preservar os seus objectos internos bons, sentidos como perdidos, o que é sentido como um equivalente da sobrevivência do próprio eu. São, contudo, estas repetidas experiências de perda e de recuperação do objecto pelas quais passa o bebé que, para Klein, contribuem para o enriquecimento do eu, dando-lhe a confiança necessária para o estabelecimento de um objecto seguro, capaz de o proteger e ajudar a superar as angústias depressivas sem o levar ao adoecer psíquico.

Para Klein, se as ansiedades da posição depressiva forem suficientemente elaboradas, a criança passa a acreditar no amor e criatividade do seu próprio eu e, na sua capacidade para recuperar objectos internos e externos. Se as experiências de satisfação, proporcionadas por uma mãe não ansiosa, que tem prazer nos cuidados prestados ao seu bebé, não forem perturbadas, a introjecção de um bom objecto ocorre em segurança. Desta forma, o medo de perder a mãe torna-se cada vez menor e, a capacidade de partilhá-la maior preparando-se, assim, o caminho para a triangulação. É a vivência e a elaboração adequada das posições esquizoparanóide e depressiva que, por um lado, constitui a base para a prevenção das perturbações psicóticas e, por outro lado, possibilita ao indivíduo enfrentar as perdas que ocorrerão ao longo da sua vida.

## Michael Balint

Michael Balint (1979) formula a sua teoria tendo por base a ideia de amor primário, que considera a mais precoce relação estabelecida entre o psiquismo humano e o ambiente, afastando-se da hipótese de regressão a um estado de narcisismo primário postulada por Freud e, da teorização defendida por Klein, em que as posições paranóide e esquizóide seriam o eixo

a partir do qual resultariam as diferentes transformações no eu. Propõe o conceito de “falha básica”, para explicar os processos envolvidos na psicopatologia que deriva do nível pré-edipiano e que vai influenciar de forma determinante a personalidade do indivíduo e o tipo de relação que este vai estabelecer com o seu ambiente.

Para o autor, os pacientes considerados como profundamente perturbados, clivados, esquizóides, imaturos e narcísicos, entre outros, cuja doença vai para além do conflito edipiano, regridem até à “área da falha básica”, a uma relação de amor primário, na tentativa de recuperar a sensação de unidade experimentada durante essa primeira relação, estando os seus desejos direccionados para um objecto e não para eles próprios. Desta forma, a hipótese de Balint é de que, todos os esforços empreendidos pelo ser humano, procuram sempre restabelecer uma relação harmoniosa com o ambiente, semelhante a esta primeira relação, subjacente a todas as outras, na qual sujeito e ambiente não estão diferenciados e, o mundo é sentido como uma “harmoniosa mistura interpenetrante de substâncias” entre o bebé e o seu primeiro objecto.

Segundo Balint, é uma discrepância considerável, entre as necessidades bio-psicológicas da criança e os cuidados e atenção, materiais e psicológicos, prestados pelas pessoas que representam o seu ambiente, durante as fases precoces do desenvolvimento que está na origem desta falha básica. Esta falta de sintonia, cria um estado de deficiência ou de não estruturação de algumas das funções mentais com consequências, em parte irreversíveis, que podem afectar toda a estrutura bio-psicológica do indivíduo. As causas desta discrepância, podem ser congénitas, quando as necessidades da criança são demasiado exigentes, ou ambientais, quando os cuidados prestados, atenção e afecto, são insuficientes; ansiosos; super-protectores; rígidos; severos; inconsistentes; super-estimulantes ou indiferentes.

O autor sugere o termo “falha”, por um lado, por este ser habitualmente utilizado pelos pacientes para descreverem este fenómeno e, porque afirmam existir um sentimento de que alguém falhou ou foi negligente com eles e, por outro lado, porque os fenómenos respeitantes a esta área são normalmente acompanhados de estados de grande ansiedade. O termo “básica”, por sua vez, surge, porque para além de se tratar de uma área que está ligada a processos mais simples do que os encontrados na área edipiana, pode influenciar toda a estrutura bio-psicológica do indivíduo, trazendo repercussões ao nível da mente e do corpo. De facto, para Balint, na área da falha básica tudo se passa numa relação dual, exclusiva entre duas pessoas, e não triangular e, a força que opera nesta área não assume a forma de um conflito como na área edipiana, mas duma falha: algo de errado na mente dos sujeitos, em falta, um tipo de deficiência que, provavelmente os acompanhou durante toda a vida e que

poderá, apenas, ser cicatrizada. Segundo Balint, esta relação a dois, é semelhante à relação de objecto primária, contudo, uma relação onde apenas os desejos, interesses e exigências, de um dos parceiros da podem ser atendidos; o outro parceiro, apesar de ser sentido como importante e poderoso, interessa na medida em que esteja disposto a gratificar. É uma relação na qual, a interferência de um terceiro é sentida como uma sobrecarga e, onde existe uma discrepância significativa entre os sentimentos provocados pelas experiências de satisfação e de frustração. Enquanto que as primeiras, conduzem a um sentimento de tranquilidade e bem-estar, as últimas, provocam fortes e impetuosos sintomas.

Assim, para Balint, é quando a relação estabelecida com o ambiente contrasta com o estado de harmonia vivido anteriormente na primeira relação, numa tentativa de recuperar essa sensação de unidade, que se desenvolvem-se outros tipos de relação objectal, primitivas, que já pressupõem a existência de objectos ou partes destes, destacando, entre outras possíveis, a ocnofilia e o filobatismo. Segundo o autor, para os indivíduos que apresentam um tipo de investimento objectal predominantemente ocnofílico, os objectos são seguros e confortantes desde que estejam próximos, enquanto os espaços entre os objectos são sentidos como horríveis e perigosos. O facto de necessitarem incondicionalmente da relação e da proximidade leva a que experimentem constantemente situações de frustração visto que o objecto, ao ter vida própria, coloca-os numa situação de perigo constante de abandono. Esta ameaça, por sua vez, gera uma angústia que os leva a recorrer à “adesividade” como defesa, a prenderem-se a eles, introjectando-os. As consequências deste processo são: uma sobrevalorização do objecto e uma inibição no desenvolvimento das competências pessoais necessárias para a sua independência. Os indivíduos predominantemente filobatas sentem os objectos como indiferentes, decepcionantes e perigosos, tendendo a evitá-los e a mantê-los separados daquilo que, no ambiente, é sentido como seguro e amigável. Estes, ao dispensarem os objectos, sobre-investem nas funções do próprio eu, o que lhes permite manterem-se sozinhos, sem grande apoio por parte dos objectos e, assim, recuperar a liberdade de movimentos e harmonia conseguidos nas explorações sem objecto. Segundo Balint estas duas formas de relação objectal podem surgir misturadas, sendo que, nesses casos, uma dessas atitudes ou posições é utilizada para reprimir ou super-compensar a outra. Para além disto, em ambas, o objecto, é tido como garantido, está lá.

Balint enfatiza que são as falhas ocorridas nas experiências mais precoces da criança com o seu ambiente, ou a não obtenção de amor, que vão conduzir ao desenvolvimento de novos tipos de relação objectal que, embora possam ser patológicos, visam colmatar essa falha ou insuficiência narcísica. Desta forma, o autor refere-se à falha básica como uma

doença, um tipo de “deficiência” que, embora permita ao indivíduo uma adaptação ou desenvolvimento razoável, deixará vestígios das suas primeiras experiências que influenciarão, de forma determinante, o desenvolvimento da sua personalidade.

Erik Erikson

Para Erik Erikson (1972) o ponto de fixação ou de regressão dos quadros esquizóides encontra-se no primeiro ano de vida, a fase oral freudiana, período no qual o bebé se encontra receptivo a tudo o que lhe é oferecido pelo ambiente e, onde a resolução do conflito entre confiança e desconfiança é a primeira tarefa do eu. É o predomínio de um sentimento de desconfiança e a ausência de um sentimento de “confiança básica” que conduz os indivíduos a um retraimento e à regressão até estados esquizóides e depressivos, quando entram em conflito com eles mesmos ou com os outros. Um sentimento de confiança que consiste num sentimento de segurança no comportamento daqueles que o rodeiam e no conceito que tem de si próprio o que pressupõe, portanto, que o indivíduo desenvolveu a capacidade de confiar na “uniformidade e continuidade” dos seus cuidadores e na capacidade dos seus próprios órgãos para enfrentar novos desafios, adquirindo, desta forma, a virtude da “esperança”. São as mães que, através de cuidados adequados às necessidades da criança e consentâneos com os padrões da cultura ou sociedade a que pertencem, criam nos seus filhos este sentimento de confiança básica. A ausência desta experiência de confiança e de reconhecimento mútuo, por sua vez, designada pelo autor como “um sentimento de presença santificada”, pode condicionar a capacidade do indivíduo em sentir-se “idêntico”, levando-o a desenvolver a desconfiança, a sentir-se apreensivo, desconfiado, podendo conduzi-lo ao desenvolvimento de quadros de depressão, paranóia e outras psicoses.

Para explicar de que forma se dá o desenvolvimento humano, Erikson, elabora a sua teoria, do ponto de vista dos conflitos, internos e externos, com os quais o indivíduo se defronta à medida que vai construindo a sua personalidade, acentuando o papel da sociedade. Destaca os conceitos de princípio epigenético, que afirma que tudo o que cresce obedece a um plano básico a partir do qual, gradualmente, se vão erguendo as suas partes constituintes até formarem um todo funcional, e; de crise, que representa, não uma ameaça ou catástrofe mas sim, um ponto crucial de crescente vulnerabilidade e potencial e, portanto, fonte do ajustamento ou desajustamento. Segundo o autor, sendo dada à criança uma orientação adequada, isto é, uma interacção num ritmo apropriado e numa sequência adequada, esta irá obedecer às leis internas do desenvolvimento, que lhe oferecem uma sucessão de

potencialidades para interagir e, estar consciente de um raio cada vez mais alargado de pessoas e instituições significativas para ela. A sociedade, por sua vez, tende a organizar-se de forma a satisfazer as necessidades da criança e a incentivar o desenvolvimento das suas potencialidades, visando a sua integração na sociedade. Desta forma, e segundo este autor, “diferentes capacidades usam diferentes oportunidades para se tornarem componentes acabados da configuração sempre renovada que é a personalidade em desenvolvimento” (p. 96).

O desenvolvimento do indivíduo, e da estrutura da sua personalidade, prosseguiria, assim, através das interações entre a maturação do indivíduo e as pressões ambientais que lhe vão sendo impostas ao longo de oito estádios, sendo que cada um destes se apoia no anterior e constrói a base para o seguinte. Em cada estágio o indivíduo irá encontrar novos desafios, tarefas psicossociais ou crises, que terá de resolver e que correspondem a uma qualidade do eu. Uma resolução positiva desses conflitos resultará numa virtude ou ganho psicológico, emocional e social para o indivíduo, ou seja, numa característica da personalidade que lhe confere um maior equilíbrio mental e uma crescente capacidade para a interação adequada com os outros. Se, pelo contrário, a resolução for negativa o indivíduo correrá o risco de se sentir desajustado, desenvolvendo sentimentos de ansiedade e frustração. No entanto, o autor afirma que, mesmo nestes casos, existe a possibilidade de experiências futuras virem a compensar e reforçar o equilíbrio do indivíduo permitindo-lhe uma reconstrução do conceito que tem dele próprio.

A primeira destas crises passa pela construção da confiança básica e no desenvolvimento da esperança, tal como já referimos anteriormente. Estabelecida esta confiança inicial está preparado o caminho para o desenvolvimento da autonomia, dos doze/dezoito meses até aos três ou quatro anos, numa fase em que a criança deverá conquistar, na exploração do seu ambiente, com o apoio e incentivo dos pais uma confiança em si mesma e na competência dos seus cuidadores, não se expondo em demasia ao sentimento de vergonha e dúvida.

Conseguidas as virtudes anteriores, confiança e autonomia, segue-se o conflito entre a iniciativa e culpa, dos três aos seis anos. Uma fase que, de acordo com Erikson (1972), contribui de forma decisiva para o desenvolvimento da identidade na medida em que permite à criança a iniciativa e o sentido de propósito para desempenhar tarefas e responder aos desafios do mundo dos adultos, começando a imaginar e fantasiar ser adulta e a identificar-se com aqueles que admira, ganhando uma progressiva confiança, desde que não intimidada pela culpa, de que é aquilo que pode imaginar que será. O autor salienta que é uma desilusão

quanto a esta convicção, provocada por uma diferença significativa entre os ideais da infância e a sua realidade na adolescência, que poderá desencadear no indivíduo um ciclo de culpa e violência prejudicial para si mesmo.

Para Erikson (1972), é na fase da “diligência e inferioridade”, que dura dos seis aos doze anos, que a criança adquire a virtude da competência e elimina um excessivo sentimento de inferioridade. Um período no qual, através da escolarização e da aprendizagem de novos papéis num meio social cada vez mais alagado, a criança vai exercitando algumas das suas competências que serão fundamentais para o desempenho dos seus futuros papéis. Para o autor, são as atitudes discriminatórias ou depreciativas daqueles que rodeiam a criança, sobretudo de familiares, que podem conduzir ao desenvolvimento de um sentido de incompetência capaz de a conduzir a uma alienação de si mesma, das suas tarefas, e ao desenvolvimento de um sentimento de inferioridade.

É através das identificações que ocorrem nos primeiros quatro estádios que, segundo Erikson, se inicia o processo de formação da identidade, sendo que a resolução destes primeiros conflitos ou crises influenciará de forma determinante os últimos três estágios. Assim, ao longo do seu desenvolvimento, as crianças vão identificar-se com aspectos das pessoas significativas para elas, tanto na fantasia quanto na realidade, sendo que a sua identidade final estabelecida no final da adolescência resulta, segundo o autor, do abandono de elementos divergentes e na assimilação dos convergentes construindo, desta forma, um todo singular e coerente. Todo este processo de construção da identidade, levado a cabo pelo próprio indivíduo necessita, então, do contributo das pessoas com as quais convive que funcionam, por um lado, como uma referência ou modelo de identificação e, por outro lado, como um espelho que lhe devolve a imagem que a sociedade tem a seu respeito.

Assim, e de acordo com Erikson (1972), na fase da adolescência os indivíduos passam por uma “crise de identidade”, isto é, um sentimento de confusão, “difusão”, de quem ainda não se definiu a si próprio. Uma fase na qual existe, por um lado, uma preocupação mórbida com o que possam parecer aos outros e, por outro, uma insegurança em integrar os papéis e as competências adquiridas anteriormente numa nova realidade, levando-os a experimentarem sentimentos de vazio, ansiedade, e incapacidade, ou conduzi-los à regressão. É durante este período que o indivíduo, através da experimentação de papéis, vai tentar encontrar na sociedade um lugar onde se possa integrar e que lhe assegure um sentido de continuidade interior e uniformidade social que lhe permita, por um lado, estabelecer uma ligação entre o que foi enquanto criança e o que está prestes a tornar-se e, por outro lado, aproximar a concepção que tem de si próprio com o reconhecimento recebido por parte da sociedade. É na

procura deste sentido de continuidade e coerência que o adolescente volta a defrontar-se com conflitos anteriores, sendo que é habitual constituir ídolos e ideais que funcionam como guardiães da sua identidade final. Assim, de acordo com Erikson, quanto melhor o indivíduo tiver resolvido as suas crises anteriores, maiores serão as probabilidades de estabelecer relações estáveis com os outros e de conquistar a lealdade e a fidelidade consigo mesmo, ou seja, um sentido de “identidade contínua”.

Tendo sido ultrapassadas as questões da adolescência, no próximo estágio que vai dos dezoito aos trinta anos, o objectivo é atingir a intimidade em contraposição ao isolamento. Um período no qual o indivíduo passa a preocupar-se com a relação com os outros e consigo mesmo e, onde a virtude a ser desenvolvida é o amor encontrado nas relações amorosas e, também, o amor pelos amigos, a amizade. É um período em que o jovem adulto estabelece vínculos pessoais e ocupacionais e, está preparado para realizar sacrifícios e assumir compromissos, ou pelo contrário, opta pelo distanciamento, evitando contactos e relações que conduzam à intimidade.

Outro conceito proposto por Erikson (1972) é o de “generatividade”, isto é, uma tendência que na fase da maturidade, dos vinte e cinco aos cinquenta e cinco anos, leva os indivíduos a adoptarem comportamentos que visam aumentar a sua competência nos diferentes papéis e actividades sociais que desenvolvem e, a preocuparem-se em deixar uma contribuição para o bem-estar das gerações futuras. Uma fase, que reflecte a necessidade para criar e deixar um legado, em que o homem necessita sentir-se útil e reconhecido, sendo que quando o desenvolvimento desta crise falha o indivíduo fica exposto a um sentimento de futilidade e estagnação na sua vida.

No último estágio, da velhice e maturidade, dos cinquenta e cinco a sessenta anos em diante, a virtude a ser desenvolvida é a sabedoria que se reflecte naqueles que conseguiram adaptar-se aos triunfos e desilusões das suas vidas. É a fase da integridade do eu, que comporta o amadurecimento das fases anteriores, na qual o indivíduo contempla o que fez ou não e o que foi como pessoa, resultando daí, se as crises se forem resolvendo devidamente, um sentido de integridade, satisfação, e sensatez ou, se pelo contrário, de amargura e inaceitação da proximidade com a morte, podendo conduzi-lo ao desenvolvimento de quadros depressivos e a uma agressividade deslocada.

## Síntese das contribuições teóricas

Para Freud as perturbações psicóticas surgem como resultado de um conflito entre o eu e o mundo externo, em que o primeiro, a serviço do Id., se afasta da realidade criando um mundo imaginário que sirva os interesses do Id. Em ambos os casos, de paranóia ou esquizofrenia, existe uma fixação em estádios anteriores à relação objectal, narcisismo primário e autoerotismo infantil, e um abandono da relação de objecto. O retorno do reprimido que surge, através da projecção delirante na paranóia e da alucinação na esquizofrenia, representa uma luta entre a repressão e a tentativa de devolver a libido aos objectos e, é um processo de reconstrução que se faz acompanhar de estados de grande ansiedade, dando conta da existência de uma luta entre diferentes forças que se opõem violentamente.

Klein salienta a importância dos processos mentais mais primitivos que dominam a mente na infância, fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e para a compreensão dos processos envolvidos nas perturbações psicóticas. Coloca as relações de objecto no centro das suas teorizações, em especial as relações com objectos parciais e com o mundo dos objectos internos, dando especial importância à primeira relação entre o bebé e a mãe, numa fase anterior ao desenvolvimento da triangulação edipiana. Salienta o papel da agressividade e inveja, descrevendo não apenas o conflito entre diferentes pulsões mas, também, o papel das ansiedades e defesas a que ele dá origem.

Balint, por um lado, introduz a noção de “falha básica”, que caracteriza como um tipo de deficiência fundamental resultante de uma diferença entre as necessidades de uma criança e os cuidados que lhe são prestados e, por outro lado, dá especial ênfase à ideia de “amor primário”, pretendendo, assim, dar conta das relações mais primitivas entre o psiquismo humano e o ambiente. Ao considerar e descrever o desenvolvimento precoce das relações objectais em termos de amor ou libido, e não de ódio ou destrutibilidade, e ao propor o amor primário, sem qualquer ansiedade, como o período mais precoce da existência afasta-se da perspectiva Kleiniana, na qual as posições esquizoparanóide e depressiva seriam o eixo a partir do resultariam todas as possibilidades de transformação posteriores. Além disso, defende que o narcisismo é, apenas, uma das respostas possíveis à frustração no atendimento aos desejos primários de amor, afastando-se das hipóteses Freudianas sobre a regressão ao narcisismo primário. Para Balint, os desejos dos indivíduos que regridem até à área da falha básica estão sempre direccionados para um objecto e, não para eles mesmos, como referia Freud.

Erikson faz uma redefinição das concepções de Freud defendendo, no entanto, a ideia de que a energia activadora do comportamento é de natureza social e integra, assim, não apenas factores pulsionais biológicos e inatos, como a libido, mas também factores sociais que vão sendo aprendidos nos diferentes contextos históricos e culturais. Desenvolve uma análise do desenvolvimento do Homem acrescentando mais três estádios para lá da adolescência, explicando a sua teoria a partir da experiência de confiança e desconfiança, salientando a importância dos primeiros objectos e o contributo das pessoas significativas com quem a criança convive.

### Formulação do problema

Ao conhecer o Sr. V., a primeira impressão que tive foi de incredulidade. De facto aparentava ter uma postura e comportamento muito diferente dos utentes com o diagnóstico de esquizofrenia, ou outras psicoses, com os quais já teria tido algum contacto na instituição. Pareceu-me uma pessoa vigorosa que, apesar dos seus setenta e três anos de idade e de estar internado há 56 anos, aparentava estar bem de saúde, tanto física quanto mental. Na reunião clínica, em que é apresentado o seu caso, depois de entrar e cumprimentar os participantes, sentou-se e, a pedido do Dr. C., fez um resumo da sua vida na instituição de forma bastante clara, coerente, e concisa. Após a apresentação, enquanto respondia a questões ou observações dos presentes, mostrou-se simpático, risonho, ponderado e, acima de tudo, orgulhoso por ter tido conhecimento de que haveria recuperado da doença que o afectava, a “esquizofrenia”, e por esse feito estar a ser testemunhado por uma audiência. Depois do seu testemunho, senti a necessidade de compreender o que realmente se passara com este indivíduo. O que determinara o seu internamento e estadia prolongada na instituição? Estaria, realmente, perante um “caso peculiar de esquizofrenia” no qual teria havido “uma remissão dos sintomas, ficando com um defeito residual?” Se não, então, qual o diagnóstico?

Foi o entendimento dinâmico que mereceu a nossa atenção por ser a teoria psicanalítica aquela que nos permite uma melhor compreensão deste tipo de perturbações e, consequentemente, do caso em estudo. Como o objecto do nosso estudo é a história de vida de um septuagenário, optámos pelas perspectivas de Freud, Klein, Balint e Erikson, uma vez que todos defendem que a origem das perturbações psicóticas pode ser encontrada nas fases mais precoces do desenvolvimento e que, estas, dependem do tipo de relação objectal estabelecida durante este período. Com as perspectivas de Freud e Klein pretendeu-se compreender as perturbações psicóticas, a sua origem e mecanismos subjacentes, no sentido de verificar se o

caso apresentado terá ou não sido um caso de esquizofrenia. Balint foi escolhido pela noção de “falha básica”, que oferece uma diferente perspectiva sobre outras perturbações, também, com origem no nível pré-edipiano, ou área da falha básica, na expectativa de que esta ofereça também uma melhor compreensão do que terá sido denominado como “um defeito residual”. Erikson, porque refere a importância das relações sociais, identificações, para o desenvolvimento da personalidade e, porque acrescenta mais três estádios de desenvolvimento posteriores à adolescência.

## PARTE II – Método

### Considerações metodológicas

Para Atkinson (2008) é à medida que contam a sua história de vida que as pessoas se lembram de quem são e, através dela, encontram uma forma de deixarem o seu legado às gerações futuras, para que estas conheçam a forma como se viam a elas próprias, aquilo a que davam importância, e como gostariam de ser recordadas. Para alguns autores (Bruner, 1990; Ochberg, 1994; Chaitin, 2004) as pessoas tendem a contar e interpretar as suas vivências através de histórias coerentes que lhes permitem encontrar um fio condutor para os diversos acontecimentos que surgem nas suas vidas, dando especial atenção aos factos ou acontecimentos que se enquadram na sua história e, ignorando ou desviando-se de outros que não encaixam, ou comprometem a mesma história. Para Bruner (1990) a capacidade para narrar a sua história de vida reflecte a forma como o eu está organizado, sendo que este é definido e redefinido pela forma como as pessoas se descrevem a si mesmas e são descritas pelos outros.

Para McAdams (1993) a história de vida de uma pessoa é uma narrativa internalizada do eu, que lhe permite construir de forma selectiva o passado e antecipar o futuro, de forma a construir a sua vida com um sentido de coerência e propósito. Para manter este sentido de continuidade pessoal, fundamental para o desenvolvimento da sua identidade e adaptação psicológica, é necessário que as experiências possam ser incorporadas na identidade de cada um, percebendo-se uma mudança e revendo a sua identidade, ou percebendo-se a estabilidade e confirmando uma identidade preexistente (McLean, 2008). A memória autobiográfica é, assim, fundamental para este sentido de continuidade do eu, uma vez que a relembração de eventos específicos e experiências que derivam de uma perspectiva individual, única, sobre o mundo, distingue aquela pessoa das outras e, contribui para a sua individuação ou definição (Chyase, 1995).

Apesar de a história de vida de cada um ser única, está sempre ligada a determinados contextos sociais e culturais (Gubrium e Holstein, 1995; Singer, 1995; Chaitin, 2004). Para Singer (1995), o eu do indivíduo, necessita da acção socializante por parte da família e da cultura que o envolve para que possa construir e contar a sua própria história. Estas histórias de vida, únicas, revelam não só a forma como as pessoas integram a sua vida no tempo e num determinado contexto social, mas também o significado que lhes dão, expressando, em última análise, a sua *identidade narrativa* (Singer, 2004).

Quando o objectivo é estudar o indivíduo e a sua singularidade, o objecto de estudo deve ser a vida concreta do indivíduo e, o método adequado para estudar essa vida é a “narrativa dramática”, a história de vida, contada na primeira pessoa (Legrand, 1992). Enquanto objecto de estudo e método, a utilização das histórias de vida, teve o seu auge nos anos 20, tendo-se verificado, entre os cientistas sociais, um desinteresse pelo método durante os anos quarenta e cinquenta e a preferência pela utilização de métodos quantitativos (McAdams, 1988; Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1999; Goodson, 2001), havendo uma fraca consciência de que as pessoas pudessem ter histórias de si mesmas para contar dignas de crédito e, dúvidas quanto à confiança, validade, e veracidade das mesmas (Gubrium e Holstein, 1995). No entanto, durante os anos 70, aumenta novamente o interesse e utilização das histórias de vida, enquanto método, para efeitos de investigação (Hagemaster, 1992; Legrand, 1992). Para Hagemaster (1992), o estudo das histórias de vida permite ao investigador conhecer os sujeitos pessoalmente: observar os seus hábitos, rotinas diárias; conhecer os seus medos, amores, acções, entre outros factos ou acontecimentos significativos. É este tipo de investigação que, ao implicar uma proximidade e interactividade promovida pelo contacto face a face com um indivíduo, possibilita ao investigador desenvolver uma compreensão aprofundada da forma como este pensa, sente, e interpreta as suas experiências, no seu contexto natural, assumindo-se a perspectiva única e singular das mesmas (Ribeiro, 2007).

A entrevista qualitativa tem sido o instrumento preferencial neste tipo de metodologia, uma vez que promove uma maior proximidade com as pessoas em estudo permitindo-lhes escolher, de forma livre, os acontecimentos, factos ou experiências que lhes interessam (Ochberg, 1996) e, a partilhar ricas descrições da sua história que, posteriormente, serão interpretadas ou analisadas pelo entrevistador (DiCicco-Bloom e Crabtree, 2006). Quando o objectivo é obter descrições da vida do entrevistado com a intenção de interpretar o significado do fenómeno descrito, o método escolhido para a entrevista é o da semi-directividade, ou entrevista semi-estruturada (Burgess, 1997; Kvale, 1996; Poirier et. Al, 1999). Esta, de acordo com Burgess (1997), com o seu carácter mais informal, ao utilizar um conjunto de temas e tópicos em torno dos quais surgem as questões ao longo da conversa, possibilita aos entrevistados a oportunidade de desenvolverem as suas respostas fora de um formato estruturado.

## Descrição do participante

Este trabalho focou-se no estudo e compreensão da história de vida de um sujeito do género masculino, com 74 anos de idade, solteiro, internado com o diagnóstico de esquizofrenia numa Casa de Saúde Mental desde os 16 anos de idade, e que terá recuperado da sintomatologia que o afectara, mostrando-se francamente compensado. A selecção do participante foi por conveniência, uma vez que o mesmo se encontra na instituição onde terei efectuado o estágio. Trata-se de uma pessoa de estatura média, elegante, cuidadoso com a sua apresentação: sempre barbeado, de blazer, calça vincada, camisola e camisa, óculos escuros, e uma boina que lhe permite esconder a calvície e os cabelos brancos, dando-lhe um ar mais jovem. Apesar da cegueira adquirida desde os 41 anos de idade, apresenta um razoável grau de autonomia, facto que enaltece com orgulho, realizando as actividades quotidianas sem recorrer a ajuda. A bengala está sempre presente para o apoiar nas deslocações para fora da unidade, embora, conheça os corredores que ligam as diferentes unidades, o que lhe permite deslocar-se sozinho para o atelier que frequenta, ao bar, e outros locais dentro da instituição. Gosta de ocupar o seu tempo com o trabalho, no atelier, e de ouvir rádio nos tempos livres, aproveitando o sol no terraço ou jardim da unidade, mostrando estar a par dos acontecimentos que vão marcando a actualidade e, revelando-se disposto a saber mais, colocando questões e dando opiniões sobre temas diversos que o intrigam e lhe interessam, como por exemplo: a Internet e o futebol.

Durante as entrevistas, exprimiu-se quase sempre de forma descontraída, com as mãos em contacto uma com a outra, gesticulando, por vezes, enquanto falava e mostrando-se alegre e bem disposto. No entanto, a nostalgia, a tristeza e os sentimentos de pesar, também, se fizeram notar à medida que foi recordando as suas experiências, num discurso cada vez mais rico e pormenorizado.

## Instrumentos

### Instrumentos de recolha da história de vida

A história de vida é utilizada como um instrumento de recolha de dados sobre a narrativa pessoal do sujeito em estudo e, implica o estabelecimento de uma relação de confiança entre o entrevistador e entrevistado. Cada indivíduo tem uma história única para contar e uma compreensão igualmente única dessa mesma história ou experiências e, para

chegarmos até essa experiência, é necessário que encontremos formas de permitir que o indivíduo nos conte sobre as suas experiências, de forma aberta e completa, para que a sua singularidade encontre expressão (Chaitin, 2004). Neste sentido, de entre as diferentes abordagens que podem ser utilizadas nas histórias de vida, centrámo-nos na abordagem psicológica que Poirier e colaboradores (1999) denominam de psicobiografia, na qual o objecto de estudo é o sujeito psicológico que, à medida que vai desenvolvendo a sua narrativa, nos vai revelando as suas experiências, o seu sentir, e a sua compreensão das mesmas. Os dados obtidos através dos métodos qualitativos, como neste caso, provêm sobretudo do trabalho de campo, onde o investigador é um observador participante e principal instrumento para a recolha do material (Burgess, 1997; Ribeiro, 2007). É a observação participante que, ao ser utilizada em contexto natural, nos permite, por um lado, compreender os significados que os sujeitos atribuem às situações sociais e, por outro lado, obter dados ricos e pormenorizados sobre as características singulares de dada um (Burgess, 1997).

Para a recolha da história de vida utilizámos as entrevistas semi-estruturadas, tendo sido dada total liberdade de expressão ao sujeito, havendo, no entanto, algum controlo por parte do entrevistador de forma a garantir que nenhum “campo” da memória fosse negligenciado, tal como proposto por Poirier e colaboradores (1999). Neste seguimento, e com o objectivo de aprofundar algumas temáticas e de esclarecer dúvidas que foram surgindo durante a narração, recorreremos mais, nas últimas entrevistas, à técnica da semi-directividade, incitando o narrador a fornecer alguns detalhes, sentidos em falta, importantes para a compreensão da sua história de vida.

Como a pesquisa de terreno envolve a recolha e a posterior análise de uma grande quantidade de dados, utilizámos um diário de campo, como proposto por Hagemaster (1992), no qual foram sendo anotadas algumas observações consideradas pertinentes para a investigação, impossíveis de registar de outra forma, tais como: os afectos, reacções emocionais, ou outros comportamentos ou atitudes. Para registo das entrevistas, utilizámos um gravador digital e o respectivo material para funcionar: pilhas. A utilização de gravadores de alta qualidade no método biográfico não só previne dificuldades no processo de investigação como, também, permite que o investigador possa levar a cabo uma interpretação profunda do material (Hagemaster, 1992; Poirier et al., 1999; Chaitin, 2004 ; DiCicco-Bloom e Crabtree, 2006).

## Instrumentos de análise da história de vida

Segundo Ribeiro (2007) a utilização da entrevista semi-estruturada implica a recolha e registo de uma grande quantidade de dados que, posteriormente, terão de ser decodificados e organizados, de forma a darem sentido à investigação, antes de serem apresentados. Assim, os dados recolhidos através da história de vida foram sujeitos a tratamento por um conjunto de técnicas propostas por Poirier e colaboradores (1999) que envolveu a sequência de várias etapas até se obter a versão definitiva. Após esta fase, recorremos a métodos de análise de conteúdo, que utilizam um conjunto de técnicas que visam facilitar a compreensão de conteúdos relevantes, no sentido de validar processos de inferência (Vala, 1986; Bardin, 1977). Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, através de procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou até da recepção dessas mensagens”, tendo como objectivo “efectuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração” (p.38). Para Vala (1986), neste tipo de investigação empírica, como a história de vida, em que o investigador não dispõe de hipóteses de partida, esta é a técnica de análise privilegiada, uma vez que permite, por um lado, a reunião dos dados de forma sistemática para depois serem organizados e classificados e, por outro lado, deixa antever a importância atribuída pelos sujeitos aos diferentes temas. Ainda segundo este autor, independentemente do tipo de análise a ser utilizada pelo investigador, esta pressupõe, sempre, quatro operações: a delimitação de objectivos e definição de um quadro de referência teórico orientador da pesquisa; a constituição de um *corpus*; a definição de categorias e; a definição de unidades de análise. Assim, a análise de conteúdo prosseguiu seguindo uma ordem cronológica onde se salientaram os acontecimentos, memórias, ou factos mais significativos durante o percurso de vida do sujeito, construindo-se uma tabela cronológica (vd. Anexo 1) que serviu de orientação, seguida de uma análise temática na foram discutidos os temas mais específicos e relevantes, que sobressaíram da primeira análise, e que contribuíram para a compreensão da história de vida do participante.

## Procedimentos

### Procedimento na recolha da história de vida

Em investigação qualitativa a apresentação e a forma como o investigador se dá a conhecer às pessoas é fundamental para a concretização dos seus objectivos (Poirier et. al, 1999; Ribeiro, 2002). Assim, foi estabelecido um primeiro contacto com a directora clínica da instituição, onde expusemos e entregámos, por escrito, os objectivos deste estudo, bem como o compromisso em garantir a confidencialidade das informações recolhidas. Depois de obtida a autorização, foi estabelecido um primeiro contacto com o médico psiquiatra responsável pelo caso, que terá feito a apresentação do mesmo, no sentido de ser este a abordar o participante relativamente a este assunto. Receberam-nos com grande amabilidade, tendo sido, desde logo, marcada uma primeira entrevista com o participante.

Para Hagemaster (1992) esta primeira entrevista com o participante serve, essencialmente, para estabelecer um contrato de participação no estudo e, na qual devem ser explicitados os objectivos, a data de início e final do mesmo, bem como a intenção em gravar as entrevistas para utilização no trabalho. Segundo Kvale (1996) quando se pretende utilizar o conteúdo das entrevistas, como neste caso, é aconselhável que este acordo seja por escrito, assinado pelo entrevistador e entrevistado, obtendo-se, dessa forma, o consentimento informado do entrevistado para participar no estudo e permitir o futuro uso das entrevistas. Assim, nesse primeiro encontro foi apresentada e lida ao participante a carta de consentimento informado para que este compreendesse e concordasse com os objectivos do estudo, tendo-lhe sido explicado de que todas as narrativas recolhidas seriam confidenciais, pelo que registos passíveis da identificação de pessoas se tornariam anónimos. Foi solicitada, também, permissão para utilizar um gravador de som e um diário de campo, assegurando que as narrativas seriam trabalhadas apenas pelo entrevistador e o orientador do estudo. Por último, ficou acordado que seria entregue o resultado final da história de vida, a montagem na primeira pessoa (vd. Anexo 2) ao participante e à sua família. Durante esse encontro foi, ainda, combinada a calendarização e o horário das entrevistas bem como o local, tendo ficado acordado que nos encontraríamos uma vez por semana, às 11:00 horas, na unidade onde se encontra. Este encontro teve, também, como objectivo dar um primeiro passo no estabelecimento de uma relação interpessoal, de confiança, com o participante. A chave para uma história de vida bem sucedida é a relação de confiança que é estabelecida durante as primeiras entrevistas, devendo o entrevistador estar atento às necessidades do entrevistado,

dando atenção ao que este diz, não fazendo juízos e reflexões, mantendo um ambiente relaxado durante as mesmas, de forma a estabelecer uma relação sólida que lhe permita, depois, discutir temáticas mais sensíveis (Hagemaster, 1992). De facto, logo na primeira entrevista o participante deu sinais de que iria ser bastante colaborante no que respeita à sua participação no estudo e no estabelecimento de uma relação interpessoal começando, desde logo, a contar o seu percurso de vida. Assim, o processo de recolha da história de vida decorreu ao longo de dezasseis encontros, com uma duração entre 45 a 70 minutos cada, de Maio a Novembro de 2007 (vd. Anexo 3), totalizando cerca de 11 horas recolha de dados, tendo havido um período de dois meses de interrupção devido a férias.

#### Procedimento na análise da história de vida

Concluída a recolha do material, procedemos à análise da narrativa (Vala, 1986; Bardin, 1977; Legrand, 1992; Poirier et al., 1999) realizando-se à transcrição directa e integral das entrevistas (vd. Anexo 4), o seu ordenamento e exploração de significado. Neste sentido, seguimos as orientações dadas por Poirier e colaboradores (1999) dividindo o processo de transcrição em duas fases: numa primeira fase, procedeu-se à transcrição integral do texto oral em bruto e; na segunda, completou-se a primeira fase, que é sempre lacunar, após uma releitura atenta do texto. Como o material recolhido assume um carácter intimista e pessoal, foram preservadas durante a transcrição todas as expressões singulares, repetições e outros comportamentos não verbais como os gestos, suspiros, risos e pausas entre parênteses, bem como as intervenções do entrevistador que foram anotadas com fidelidade no momento em que ocorreram.

Após esta fase, procedemos à organização do material em bruto, de forma a tornar o texto mais legível, eliminando alguns erros de linguagem falada, repetições, e efectuando a pontuação. No entanto para não descontextualizar o discurso e a narrativa, mantivemos alguns destes erros, ou particularidades, na medida em que são elementos espontâneos e originais da personalidade do narrador. De seguida procedemos à clarificação e ordenação da narrativa, cronologicamente, identificando e colocando no texto os elementos que traziam suplemento de informação sem que este, no entanto, perdesse o seu carácter próprio. Assim, a apresentação da versão definitiva da história de vida surge escrita na primeira pessoa o que, segundo Poirier e colaboradores (1999), possibilita ao leitor estar mais próximo da sinceridade e subjectividade da narrativa e do narrador. Foi sobre esta versão, *corpus* final, que incidiu a análise de conteúdo (Legrand, 1992; Poirier et al., 1999). Assim, e tal como

sugerido por Vala (1986), numa primeira etapa, delimitámos os objectivos e o quadro de referência teórico do estudo. Neste sentido, seleccionámos alguns parâmetros relacionados com a compreensão psicodinâmica das psicoses, no sentido de compreender o caso do Sr. V, dando especial atenção a pormenores ou aspectos que permitissem, ou não, confirmar o diagnóstico de esquizofrenia. Como o objecto de análise é uma história de vida, enquadrámo-nos numa selecção qualitativa do material, reorganizando a mesma, seguindo uma análise cronológica e temática (Vala, 1986; Legrand, 1992; Poirier et. al. 1999). Assim, inicialmente, foi feita uma análise cronológica da história de vida, onde os acontecimentos ou temas foram sintetizados e o seu sentido resgatado, utilizando-se extractos da narrativa que ilustravam esse sentido, de forma a torná-la mais legível e compreensível. Num segundo tempo de análise, procedemos a uma análise categorial temática, na qual se isolaram os temas dominantes ou acontecimentos essenciais, procedendo-se a uma interpretação dos dados e à formulação de hipóteses, ligando-os ou cruzando-os com um conjunto de conceitos ou ideias (Legrand, 1992; Poirier et. al., 1999).

Para que este trabalho tenha rigor científico, a validade das inferências realizadas através desta metodologia é uma questão fundamental que necessita ser operacionalizada. Neste sentido, e para avaliar o rigor da investigação qualitativa, seguimos os critérios propostos por Bowling (1998, cit. por, Ribeiro, 2007) para o efeito: explicitando o enquadramento teórico e a metodologia utilizada; descrevendo o contexto da investigação; explicando a estratégia de escolha da amostra; assinalando que a amostra reporta-se a um único indivíduo e que, as conclusões se reportam ao mesmo não podendo ser generalizadas; descrevendo de forma clara e detalhada o trabalho de campo, de recolha do material; descrevendo e justificando os procedimentos adoptados; garantindo que o material obtido está devidamente preparado para se inspeccionado por outros investigadores; utilizando-se métodos de triangulação para testar a validação dos dados e da análise; repetindo-se a análise por outro investigador para testar a fidelidade dos dados e da análise; apresentando-se as transcrições dos dados obtidos de forma sistemática, de forma a garantir que a interpretação se baseou em evidências.

### Parte III – Resultados e Discussão

#### Análise cronológica da História de vida

O Sr. V nasceu numa vila alentejana, em 26 de Janeiro de 1934, onde residiu, na companhia dos pais até aos quatro anos de idade. Nesta altura, desloca-se com os pais para o Algarve onde a mãe é internada devido a tuberculose, acabando por falecer alguns meses depois. Apesar da sua tenra idade, guarda uma imagem positiva da mesma, recordando-a com ternura.

“...Tinha quatro anos quando a minha mãe faleceu... Ela era muito bonita. Gostava, também, muito de mim. Quando ela estava na cama, ainda, fui lá dar-lhe um beijo (...) Nessa altura, não havia cura para a tuberculose né? (...) Estávamos no Algarve...” (vd. Anexo 2, p. 70)

Após o falecimento da mãe, vai viver para a terra natal do pai, ficando entregue aos cuidados da avó paterna e de uma tia, uma vez que, o pai, sendo caixeiro-viajante, passava grande parte do tempo a viajar pelo país.

“Depois, mudei-me para a aldeia de S. B., a terra onde o meu pai nasceu (...) Então, fiquei com a minha avó. A minha tia é que tomava conta de mim. O meu pai, como era caixeiro-viajante, andava sempre de Norte para Sul e Sul para Norte.”(vd. Anexo 2, p. 71)

Refere que, depois da morte da avó, quando tem cerca de oito anos de idade, o facto de a tia não ter filhos, e de gostar dele, impediu que o pai o mudasse, deixando antever que este, seria sentido como uma figura autoritária e rígida, da qual dependia.

“A minha avó, depois, faleceu (...) Depois, fiquei só com a minha tia. A minha tia é que gostava muito de mim se não... (ri) Não me daria bem né? E, o meu pai, se calhar, mudava-me (...) A minha tia nunca teve filhos. Foi ao contrário dos outros irmãos: eram cinco, todos tiveram filhos...” (vd. Anexo 2, p. 71)

Até aos dez anos de idade permanece nesta aldeia, caracterizando-a com o recurso à idealização, referindo que era um local onde se sentia “bem”, próximo de outros familiares. No entanto, o facto de não fazer referência a relações de amizade com outras crianças da sua idade, deixando antever a ideia de que seria uma criança introvertida.

“Aquilo, na aldeia, era quase tudo gente conhecida né? Primos, tios, cunhados, irmãos e tudo (...) Era uma aldeia valente, com muita gente, talvez, mais de mil pessoas (...) Conhecia a aldeia toda, de ponta a ponta: ia a casa das minhas primas, que era ao

princípio da aldeia ou; ia para o lado contrário, a passear, até ao fundo do terreno (...) Gostava de lá estar...?” (vd. Anexo 2, p. 71)

Aos dez anos de idade, por decisão do pai, ruma a Lisboa no sentido de continuar os estudos. Fica a viver em casa de familiares que são descritos como pessoas amigas. O pai continua a exercer a sua actividade profissional visitando-o, pontualmente, sendo que a forma como se refere às visitas deixam transparecer alguma ansiedade e afectos de conteúdo depressivo.

“Depois, para estudar, vim para Lisboa, viver com umas primas, em Algés. Eram primas afastadas, mais velhas, mas eu gostava muito delas e elas de mim. (...) De tempos a tempos, o meu pai ia-me lá visitar e, eu, esperava lá por ele. Era na rua da B., lá no alto, nunca mais me esqueci; era o prédio que fazia esquina; até tinha varanda, via-se o Tejo.” (vd. Anexo 2, p. 72)

Fica a estudar num colégio, perto de casa, onde tem uma professora “conhecida” da família, que caracteriza como “boa pessoa”, e que se mostra disponível para o ajudar com horas de estudo suplementares. O facto de revelar o contacto prévio entre os familiares e a professora, deixa antever a ideia de que estes acreditavam que este teria limitações ou dificuldades no processo de aprendizagem, isto é, uma desconfiança quanto às suas competências.

“A professora era conhecida. Depois, o meu pai falou com ela e tal... E a minha prima, também... Era como se fosse uma família. Íamos estudar para casa dela, quando não havia aulas no liceu, de manhã ou de tarde (...) Dava-nos alguns apontamentos e ensinava. Fazia alguma pergunta e, a gente enganava-se. (ri) É natural, não sabíamos! E, ela, emendava e dizia o que era... Era muito boa pessoa.” (vd. Anexo 2, p. 72)

Estuda num colégio que caracteriza como apropriado para si, contrariamente a um outro, também, próximo de casa que caracteriza como “fino”, deixando perceber, assim, a existência de sentimentos de inferioridade ou desconfiança em si mesmo e nas suas capacidades.

“O colégio era no alto, quando se sobe, perto da minha casa (...) Havia outro colégio muito conhecido, um colégio fino. Mas, para mim, não dava. Era melhor o outro: o I. D. H., era mais próprio para mim. O outro, tinha outras áreas de estudos.” (vd. Anexo 2, p. 72)

No entanto, é com orgulho que destaca que, é neste colégio que conhece a rapariga com quem estabelece a primeira e única relação amorosa, sendo que a forma como se gaba desta situação pode ser encarado, aqui, como uma forma de superar os sentimentos de inferioridade.

“Era um liceu de rapazes e raparigas, naquele tempo, estava tudo misturado (ri) (...) Depois, arranjei uma namorada! (ri) Ela, parece que não pegava muito comigo. (ri) Eu

é que tinha de puxar por ela mas, gostava dela. Foi o primeiro e único namoro que tive (...) Era bonita! (...) Durou prái uns dois anitos, talvez. Até acabar o liceu.” (vd. Anexo 2, pp. 72 e 73)

Em 1948, quando tem entre 13 e 14 anos de idade, o pai decide colocá-lo a trabalhar no armazém pertencente à firma da qual é associado, onde faz recados e repõe material, o que parece ter-lhe criado algumas expectativas relativamente ao seu futuro.

“Fiz o liceu até ao terceiro ano depois, o meu pai é que disse: *Eh pá! Arranjo-te um trabalho bom, lá no armazém pá... Deixas-te estar a aprender, depois, vais seguindo, até chegares a sócio né?* (...) Se fosse preciso um recado qualquer (...) Depois, vinha outra vez e, ficava lá a estud... Tomar conta... A ver como era aquilo.” (vd. Anexo 2, p. 73)

Nesta altura, sai de casa das primas e vai viver para o quarto de uma pensão em Lisboa. O quarto, parece assumir especial relevância no início dos sintomas, descrevendo-o como um “quartinho” que estaria “à parte”, dando a ideia de distanciamento e solidão.

“Depois, arranjou-se um quartinho para mim. Tinha umas escadas lá para cima... Foi um quartinho alugado, à parte (...) À noite, ia lá descansar e, comia lá. Era a dona da casa que fazia...” (vd. Anexo 2, p. 73)

Apesar de afirmar que lhe custara a adaptação, tentara desvalorizar as preocupações que, nesta altura, consistiam em “fazer bem” o trabalho, tentando aconselhar-se a si mesmo.

“Ao princípio, custou-me um bocadinho (...) Preocupações né? Da mudança... De mudar; deixar o estudo e entrar no trabalho. Mas, mesmo assim, fazia os possíveis para me aguentar (...) Eu pensava: *Com o tempo vou-me acostumando e, vou-me adaptando ao trabalho, desenrascando bem... Ir fazendo melhor e trabalhando bem...*” (vd. Anexo 2, p. 73)

A referência, aos empregados e a preocupação em desempenhar bem o seu trabalho sugerem que se sentia observado e avaliado pelos mesmos, e que receava uma reacção negativa por parte do pai. Apesar de afirmar que temia a reacção do pai, faz uma anulação deste facto, recorrendo a uma descrição de uma relação com um pai ideal e bondoso. Contudo, deixa antever uma crítica ao mesmo por este se revelar uma figura ausente e abandonada.

“Estavam lá os outros empregados, dois ou três e, às vezes, até me ensinavam (...) Eu fazia os possíveis para fazer bem, embora, com algumas... Não é bem dificuldades, estava preocupado né? Por fazer aquele trabalho. Fazê-lo bem, para o meu pai depois não me ralhar. Ele era muito boa pessoa, até brincalhão... Nunca me ralhou. Só, às vezes, é que me aconselhava e tal (...) Pois! Ele, como sempre, nunca parava!” (vd. Anexo 2, p. 74)

Refere que, só passados alguns meses se acentuaram os sintomas, acrescentando que, aquilo que mais o preocupava era os “receios” durante a noite: os “medos de assaltos”; sonhos com “bichos” que o perseguiram, como se estivesse a ser perseguido por alguém que o quisesse prejudicar.

“Passado um aninho é que começou, então, a coisa a ser mais perigosa, mais má, a doença da cabeça né? (...) Comecei a baralhar a cabeça; começou-me a falhar... Comecei a variar... Era tudo ideias de medos, de terrores... Medos à noite! Pensava em coisas de assaltos e assim (...) Tinha sonhos de bichos, de touros, que corriam atrás de mim (...) Quando pensava naquelas coisas, parece que estava a fugir de outra pessoa que me queria fazer mal né?” (vd. Anexo 2, p. 74)

É com uma expressão de ansiedade e angústia que se refere aos medos, pensamentos e sentimentos, provavelmente, sentidos como contraditórios e inaceitáveis.

“A ideia fazia-me fugir, desviar-me da coisa (...) Comecei mesmo a variar, a pensar uma coisa e pensava noutra. Em vez de pensar uma coisa bem, pensava para o mal... Acontecia-me isso! Dava-me a impressão que fazia tudo mal, tudo ao contrário né? Era uma coisa que me atormentava e, ficava mesmo... Quase que...” (vd. Anexo 2, pp. 74 e 75)

Refere que, nesta altura, enquanto estava no quarto da pensão, se questionava a si próprio sobre o seu estado de saúde comparando-se com “os outros”, e que se recordava de duas tias que sofreram de doença mental, sobressaindo a ideia de que acreditava e temia que o seu problema fosse hereditário.

“Pois, estava naquela coisa... Com aquela pensão... E, fazia: *Porque será que sou assim? Caramba! Os outros e coiso...* Depois, lembrava-me das minhas tias... Também, sofreram da cabeça e tal (...) A minha tia I, portanto, a minha tia verdadeira, tinha que estar fechada num quarto (...) A minha tia A., de vez em quando, davam-lhe aquelas coisas... Uma espécie de crises. Essa é que sentia vozes! A minha tia I., era mais essa loucura dos fantasmas e dos medos.” (vd. Anexo 2, p. 75)

O facto de se identificar com a tia “verdadeira”, parece ter aumentado o seu estado de ansiedade e conduzido a um retraimento em si mesmo.

“Vozes, não ouvia. Tinha era receios! Queria estar só. Sozinho. Era muito calado; não gostava de estar com conversas e falas; gostava de estar só, sossegado e calado, a ver se conseguia passar (...) Estava lá sozinho; tinha lá um quatinho, sozinho, para mim né? (...) E fazia comparações com a minha tia I.” (vd. Anexo 2, p. 75)

Continua, dizendo que para além dos medos nocturnos, “tinha medo” de ficar “mal visto” perante a dona da pensão. Este dado sugere que, tal como acontecera com a professora, o pai

poderia ter falado com a dona da pensão no sentido de a alertar para eventuais problemas, ou constrangimentos, que este pudesse causar, fazendo com que este se sentisse constantemente observado e avaliado pela mesma. Facto, aliás, que confirma a suspeita da existência de alguma fragilidade anterior ao surgir dos sintomas.

“Depois, dava aquelas asneiras, da doença (...) Quase nem davam por elas mas, eu dava. Fazer as coisas mal feitas; não ser capaz de desenrascar-me de alguma coisa. Por exemplo: a dona da pensão, perguntava-me qualquer coisa que eu não era capaz de me desenrascar e, então, ficava comigo na consciência e, ficava mal, tinha medo que ficasse mal visto por ela. Ela podia desconfiar, a patroa, da minha doença. Era dessas coisas que eu tinha medo.” (vd. Anexo 2, p. 99)

Refere ainda que, durante o dia, tinha outras preocupações relacionadas com o medo de que se descobrissem as “asneiras” que andaria a fazer, recordando um episódio no qual levava uma bicicleta que não lhe pertencia, o que lhe suscitara o medo de ser descoberto e punido. Por outro lado, preocupava-o a presença dos empregados e a sua dificuldade em “aprender o ofício”.

“Pois, a passar aos caminhos-de-ferro, estava lá uma bicicleta à beira do passeio, (...) Ainda fui com ela mais à frente e, depois, deixei-a lá Mas, era asneira né? Podiam-me caçar ali! A polícia ou coisa... Não tinha nada que estar a mexer naquilo (...) No armazém não havia problema nenhum mas, estava com aquela coisa na cabeça: a ideia na cabeça, a ideia má e, tinha de estar sempre às cautelas (...) Tinham dois empregados bons, de confiança e, eu, andava sempre com preocupações que me vinha à ideia (...) Fazer aquele trabalho e aprender o ofício.” (vd. Anexo 2, p.76)

Apesar de se sentir “preocupado” com o trabalho e com os receios nocturnos, afirma que tentava agir de forma a não dar a entender o seu sofrimento. No entanto, também, parece sentir que “eles”, referindo-se aos empregados do armazém, já se teriam apercebido dos seus comportamentos.

“Todas essas coisas me preocupavam... Mas, eu, calava-me bem calado! Era só para mim, é que dava a ideia... Só eu é que sabia... Era capaz deles perceberem qualquer coisa nera? (...) Eu, também, fazia por sentir-me à vontade. Fazer tudo correcto para não dar a entender que estava preocupado né? (...) Nessa altura, embora miúdo, já tinha essa ideia, disfarçava, não queria que soubessem... Que estava a sofrer!” (vd. Anexo 2, p. 76)

Diz que, nesta fase inicial dos sintomas, tinha momentos de “fúria” que, no entanto, “evitava”, ao aperceber-se disso, por medo de se “zangar” e, conseqüentemente, “fazer logo trinta por uma linha”, ou seja, perder o controlo. Este facto poderá dar conta que esta irritabilidade

poderá ter surgido, nesta altura, como resposta a um estado de tristeza que tentava evitar a todo o custo.

“É a doença que faz aquilo (...) Aquela fúria! Eu, também me dava essa vontade mas, sustinha-me, evitava (...) Se me zangasse, dava-me para essa fúria, para ficar logo excitado e, sei lá... Fazer logo trinta por uma linha (...) Mesmo quando estava com essa vontade, de teimoso, de teimar com as pessoas, evitava fazer isso e, tentava-me acalmar. Tinha medo de me zangar demais, porque podia acontecer essa parte da fúria...” (vd. Anexo 2, p. 99 e 100)

É durante esta fase, quando este tem cerca entre 15 anos de idade, que o pai toma conhecimento, por um dos seus sócios, de alguns dos seus comportamentos. Inicialmente, deixa implícita, novamente, uma crítica ao pai por este “quase nunca” estar presente. A forma como evita a progressão no relato poderá ser reveladora de um esforço para contornar um cenário onde predominam os sentimentos de raiva, contra o pai, e de vergonha e culpa resultantes das suas atitudes.

“Depois, o meu pai veio a saber que eu coiso né? (ri) Ele, também, quase nunca lá parava, no armazém. Só de mês a mês é que ia lá, de maneira que (...) Parece que andei para lá a mexer, ou qualquer coisa... Ou tirar dinheiro (...) Depois, o sócio, disse ao meu pai: *Olha! O V. anda para aqui a fazer asneiras*. Assim, à laia de brincadeira...” (vd. Anexo 2, p.76)

Embora deixe transparecer de que não se sentiria “normal”, tenta justificar a sua inadaptação com o facto de ser novo e de não estar habituado a viver sozinho, ao mesmo tempo que, e contraditoriamente, dá a entender que, como adolescente, acreditava que estaria capacitado para enfrentar as dificuldades e conseguir a sua independência recorrendo, assim, a ideias onnipotentes, numa tentativa de superar os seus medos e inseguranças.

“Eu fazia os possíveis para ser normal. Era a doença! Para a idade que eu tinha, parece que era normal e, depois, com o receio noite vir... Antes, estava sempre em casa. Tinha a casa da minha prima e, na aldeia, estava sempre acompanhado. Por isso é que eu receava (...) Fazer aquilo tudo; sem erros; sem enganos; sem falhar e, ir bem na vida (...) Era isso que eu queria fazer. Nessa altura, já tinha quinze ou dezasseis anos, já era adolescente.” (vd. Anexo 2, p.77)

Após o incidente no armazém, o pai procurado ajuda com diferentes especialistas na área da saúde mental, até que lhe diagnosticaram uma “esquizofrenia”. O conhecimento deste facto, parece, segundo o relato, tê-lo deixado aliviado.

“Depois, fui ao Dr. B F, ao consultório dele, e ao R F. Eles puxavam por mim. (ri) (...) Ainda fui ao E. M. mas, ele não estava. Então, resolveu levar-me ao Dr. El. M, em Coimbra, e, este é que me desenrascou... Ele disse, baixinho, ao meu pai: *Esquizofrenia e tal...* Mas, eu ouvi bem e, fiquei logo com aquela coisa (...) A partir daí fiquei a saber mas, não tinha a certeza”. (vd. Anexo 2, p. 77)

Depois de conhecer o diagnóstico é levado pelo pai ao Hospital Júlio de Matos, no sentido de iniciar a terapêutica, “insulina” e os “electrochoques”. No entanto, afirma que depois de ser submetido ao tratamento o seu estado piorara, aumentando-se o medo de ter a mesma doença que a tia.

“O meu pai, então, levou-me ao Júlio de Matos para os electrochoques e aquilo: a penicilina... (insulina) (...) A doença, a partir dessa altura, atacou-me mais. Depois, é que me sentia mesmo preocupado com as ideias que me apareciam, que me vinham à cabeça. Pensava em tudo! Até na minha tia I, que tinha aquela loucura... A ver se eu não apanhava essa doença...” (vd. Anexo 2, p. 78)

É por esta altura, em Novembro de 1951, quando está prestes a completar dezassete anos de idade, que dá entrada na Casa de Saúde Mental, o que coincide com o segundo casamento do pai e o nascimento da irmã. Revela que tivera conhecimento, antes, que o pai teria uma relação amorosa e de que iria ser pai novamente. Apesar de estes acontecimentos serem descritos sequencialmente dando a entender uma relação entre eles, são expressos sem uma tonalidade afectiva e num discurso excessivamente factual evitando, provavelmente, demonstrar qualquer ressentimento contra o pai.

“Depois, então, tive de vir cá para dentro... O meu pai trouxe-me. Ainda era miúdo. Entrei no dia de todos os Santos. O primeiro de Novembro. Fiz os dezassete anos, dois meses depois, em Janeiro. Passados onze dias, tive uma irmãzinha. (ri) O meu pai já me tinha avisado antes (...) Eles casaram... Quando a menina nasceu, já estavam juntos há uns dois anos.” (vd. Anexo 2, p. 78)

De facto, caracteriza a madrasta e a irmã com o recurso a idealizações, afirmando que tratava a primeira por madrinha e, recordando momentos em que brincara e acarinhara a irmã durante as visitas que lhe faziam.

“A minha madrasta, eu trato-a por madrinha, trazia-a quando me vinham visitar. Ainda, era pequenina. Eu gostava dela e brincava com ela. Era de colo e tudo. (ri) Uma vez, até chorou. Coisas de bebés, que acontecem. Ainda me lembro: brincava com ela, fazia-lhe festas...” (vd. Anexo 2, p. 78)

Nos primeiros dois anos fica na “enfermaria”, ou unidade S.A., afirmando que, nesta altura, já estaria adaptado à mesma e que não pretendia sair. De facto, pode-se observar que, o desejo

de ficar na instituição, de ser aceite, e de aceitar a sua doença, parece ter sido determinante para a regulação do seu comportamento.

“Quando vim para cá, estive no S. A. Estive lá, uns anos. Depois, comecei-me a habituar a isto. Alguns, fugiam, não queriam cá estar. Eu não! Sempre estive bem comigo, a fazer os possíveis para me portar bem e, depois, com a doença... (...) Fazia os possíveis para não dar nas vistas. Para ninguém desconfiar daquilo que andava a pensar. As coisas ruins, por exemplo: via uma janela e, pensava: *Olha, se ela saltasse lá para fora. É!* Então, evitava fazer mal; tirava aquela ideia da cabeça. Era evitar: *Olha uma janelinha para a gente estar à janela e tal...* Evitava o mal, para pensar bem.” (vd. Anexo 2, p. 78)

Durante o tempo em que estive na Unidade S.A, recebeu a visita das primas com quem vivera, recordando, com algum embaraço, o facto de, na altura, não se ter lembrado das mesmas. Neste relato refere mesmo que, perante a situação, se desculpara com a “doença”, considerando-a sua “amig...”, isto é, dando a entender que seria útil para justificar “alguma falha” ou “engano”.

“Ainda me vieram cá visitar, as primas de Algés, é verdade (...) Estava tão maluco que nem as conhecia. (...) Eu, muito senhor de mim, sem me lembrar do tempo que estive em casa delas (...) Até que por fim: *Ah! São vocês, desculpem lá, estava fora de mim mas, isto com a doença já se sabe...* (ri) Desculpei-me logo. Disfarcei logo a coisa. É a minha doença, é como se fosse a minha amig... Fica ao lado né? Eu disfarço-me logo (...) Disfarçava muito bem. Ainda disfarço muito bem, quando há alguma falha...” (vd. Anexo 2, p. 79)

Com dezanove anos de idade inicia a Ergo terapia, começando a trabalhar no refeitório dos empregados. Este facto invulgar sugere que, nesta altura, teria melhorado quanto aos seus “sintomas” e que se estaria a adaptar de forma razoável.

“Eu fartei-me de trabalhar, aqui. Tive sempre emprego. Convidaram-me passados dois anos, perto dos vinte... *Olhe! Quer ir trabalhar lá para o refeitório dos empregados? Recebe qualquer coisa para o tabaco e coiso* (...) E, eu, aproveitei! *Olha! Pode ser...*” (vd. Anexo 2, p. 79)

Refere que o trabalho, apesar de exigente, permitia que se distraísse e evitasse “Aquelas ideias...”. No entanto, é de salientar a preocupação em fazer o trabalho “certinho”.

“Fazia o trabalho sempre certinho. Gostava de trabalhar naquilo (...) Eu tinha consciência que não estava certo né? (...) Podia estar de outra maneira. Diferente! Ver a vida de outra maneira. Fazia os possíveis para evitar aquelas ideias... Andava sempre a trabalhar para me distrair...” (vd. Anexo 2, p. 80)

No mesmo ano, em 1953, é transferido para uma unidade de internamento prolongado (Unidade S.), mais próxima do refeitório, na qual iria permanecer durante quarenta e sete anos.

“Passado pouco tempo, por causa do mau tempo e por estar mais perto do refeitório, mudaram-me para o S. Só à noite, ao jantar, é que ia para o S. (...) Acabava o refeitório à volta das quatro e, depois, ia dar uma volta, um passeio até há hora do jantar.” (vd. Anexo 2, p. 80)

A partir desta altura, e apesar de estar numa unidade onde os pacientes têm uma vigilância mais apertada, começa a ter cada vez maior liberdade, recordando e descrevendo com particular ênfase alguns passeios a locais particulares, sinónimos de diversão, que efectuara com um dos seus colegas de trabalho.

“Havia outro colega, que ia lá ajudar, do S. Esse já faleceu, coitado, trabalhador. (...) Depois, ia com ele dar uma volta por aí... Chegámos a ir à feira, os dois (...) Era meu amigo, bom rapaz, trabalhador e coiso...” (vd. Anexo 2, p. 80)

Aos 29 anos de idade, em 1963, perde a visão do olho direito depois de sofrer um traumatismo devido a “uma pancada” de um empregado da instituição, ao acordá-lo. Acontecimento que tenta desvalorizar, fazendo uma mera descrição dos factos, talvez, na tentativa de evitar demonstrar ressentimentos.

“A vista direita, perdi-a tinha vinte e nove anos... Já não me lembrava... O senhor doutor C, é que viu lá na ficha: *Aos vinte e nove anos, cegou duma vista...* Deu-me uma pancada, um empregado, de manhã, para me acordar. Eu estava de cabeça tapada, com o lençol né? (...) Ele julgava que eu estava de cabeça para baixo, deu-me com a chave, pronto! Como se costuma dizer: até vi estrelas...” (vd. Anexo 2, p. 81)

Afirma que, na altura, não se apercebera que tinha perdido a visão, só chamando à atenção dos responsáveis para o facto “três ou quatro dias” depois. Refere que, apesar de ter ficado “chateado”, compreendera que não teria sido “com má intenção”, deixando a ideia de que, o facto de depender da instituição o levava a assumir uma postura oposta à sua vontade.

“Depois, pronto! Eu não desconfiei que tivesse cegado; não me veio à ideia isso... Só passados três ou quatro dias é que desconfiei (...) Fiquei chateado! Na altura, disse lá a eles... *Ah e tal, deixa lá... Isso passa e coiso... Foi para te acordar não foi?* Eu percebi! Não era com má intenção; ele julgava que eu estava de cabeça para baixo... Bumba! (...) Lá me levaram e, o senhor doutor, parece que já não tinha arranjo...” (vd. Anexo 2, p. 81)

Em Agosto de 1975, aos quarenta e um anos de idade, e apesar de ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica, perde a visão completamente devido a uma catarata congénita. No entanto, é de salientar que, no relato, surge a ideia de que a intervenção ocorre, mais uma vez, tardiamente. Facto que, mais uma vez, tenta desvalorizar.

“Depois, ceguei... Em setenta e cinco... Fui operado e, o médico disse que, se tem sido mais cedo, na altura, podia ser que chegasse a ver alguma coisa... Mas, o senhor doutor, logo por azar, estava de férias! Tive de esperar quinze dias que ele viesse (...) Não me taparam a vista! Não sabiam, ou não se lembraram, ou qualquer coisa... Eu, também, não fazia ideia disso...” (vd. Anexo 2, p. 82)

Recorda e descreve, ainda, o episódio da operação, durante a qual terá temido que a anestesia não fizesse efeito, uma vez que se estava a aperceber de tudo em seu redor, relacionando o facto com a sua dificuldade em dormir.

“Deram-me uma injeção para eu adormecer e, esperar um minuto. Depois, quando deram a pancada atrás do olho, deitou uma hemorragia muito grande, derivado do tabaco (...) Eu, como não durmo, estava com medo! (ri) Se calhar, de adormecer. Da injeção! Que não fizesse efeito, a anestesia. E, eu, como não durmo, pensei assim: *Bem, se calhar, vou ficar acordado...*” (vd. Anexo 2, p. 83)

Acrescenta que, antes de ser operado, ainda não se sentia bem, no entanto, a “força de vontade” e a forma atenta como observava o comportamento dos outros utentes permitiu-lhe “evitar certos problemas”. O facto de afirmar que ainda não se sentia recuperado, apesar das indicações que lhe iam sendo dadas nesse sentido, poderá ser entendida como uma forma de defesa da sua parte contra o sentimento de abandono.

“Nessa altura, ainda, estava meio... Ainda estava um bocado maluco. É a esquizofrenia! A tal doença (...) Mas, eu tinha força de vontade e, consegui evitar certos problemas. Fazia, sempre, os possíveis para fazer bem. Via os doentes a fazer asneira: *Bem, isto não está bem assim né? Se ele é assim, eu cá não quero ser.* (ri) Estudava-me por eles, por essa linha, fazer bem, só.” (vd. Anexo 2, p. 84)

Diz que após o regresso do hospital, apesar de ter “estranhado”, o facto de ser uma pessoa calma e sossegada permitiu que se fosse adaptando à nova realidade, comparando-se com outro utente, também invisual, enaltecendo as suas características, o que poderá sugerir, uma tentativa de ultrapassar sentimentos de inferioridade. Por outro lado, ao referir que estaria disposto, caso “visse”, a ajudar este paciente a autonomizar-se, deixa antever uma crítica à instituição pelo facto de, a ele, segundo diz, não o terem ajudado.

“Quando vim, comecei a adaptar-me a andar com óculos destes... (de sol) Estranhei um bocadito mas, é mais ao menos do meu jeito: sossegado, calmo e a aguentar-me (...) Agora, já consigo andar aí por todo o lado (...) Está aí o F, que é preciso levarem-no para todo o lado (...) Se visse, ensinava-lhe (...) Eles também podiam ensiná-lo melhor (...) A mim, nunca me disseram nada! Eu, com a varinha, consegui descobrir tudo aí.” (vd. Anexo 2, p. 84)

Em 1990, numa das vezes que vai festejar o aniversário a casa da irmã, encontra-se com a tia G, e conhece uma prima, recordando o encontro de forma emotiva.

“Da última vez que fui a casa da minha irmã, tive uma grande surpresa: encontrei lá a minha tia G. (...) Então, calhou apanhar lá uma prima que nunca tinha conhecido (...) Tinham vindo as duas, com certeza vinham já combinadas. Já estava velhota, coitada, assarapantada e coisa”. (vd. Anexo 2, p. 85)

Enaltece o facto desta tia não ter tido filhos, deixando a ideia de que acreditaria ter sido essa a razão que a levou a tê-lo criado. É, também, à medida que discorre na narrativa que se apercebe de que terá sido a irmã a promover o encontro com a tia, por saber que esta terá sido uma pessoa importante para ele.

“A única que não teve filhos, que tratava de mim. Era a que estava mais perto de mim, olhava por mim, nesses tempos que estive na aldeia (...) A minha infância foi com ela, sempre! Ela é que me criou, mais a minha avó (...) A minha irmã é que fez o estratagema: *Vens visitar o pai, cá a casa e tal...* Depois, apanhei lá as duas. Era uma coincidência muito rara!” (vd. Anexo 2, p. 86)

Recorda ainda, com tristeza e pesar, o falecimento desta tia e de outros familiares, salientando, no entanto, o facto de que todos eles falecerem com noventa, ou mais, anos de idade e, dá a entender que tem esperança em chegar à mesma idade.

“Essa minha tia, faleceu há uns cinco anos, talvez, coitada. Com uns noventa anos... Todos os meus tios, é com noventa anos (ri) (...) Só pensando bem, a nossa vida, é que a gente faz uma ideia. Não pensando, a gente vai correndo, o tempo vai passando, e vai indo para a velhice. Para velho, para coiso, pois. Mas, já pensei nisso. Na minha idade e, nem pensava chegar a esta idade (...) Pois, isto chegar até aos noventa... É isso!” (vd. Anexo 2, pp. 86 e 87)

Em 1992, quando tem 59 anos de idade, é confrontado com a notícia da morte do pai, recordando de forma emotiva o facto de se ter despedido dele. Sobressai, ainda, a ideia de que teme ter as mesmas doenças que conduziram à morte do pai.

“Não me quero lembrar... A minha irmã é que me deu a noticia: que ele tinha falecido (...) Em noventa, fui lá visitá-lo, antes de falecer. Ainda lhe dei um beijinho de despedida (...) Faleceu com a doença que eu tenho (...) Ele tinha mais uma: a diabetes

e, eu, por ser filho, estou com medo. Tenho que me acautelar. Ainda posso apanhar a diabetes. Vem de pai para filho né?” (vd. Anexo 2, p. 87)

O pai é a pessoa que mais enaltece, caracterizando-o como alguém “adorado em todo o lado”, trabalhador e merecedor da admiração que tinham por ele. Apesar de referir, novamente, que este seria uma figura ausente, parece absolvê-lo de responsabilidades justificando a ausência do mesmo com o facto de este ter uma vida ocupada.

“O meu pai era caixeiro-viajante andava sempre aqui e acolá, era adorado em todo o lado e muito respeitado (...) O que ele trabalhou! Merecia que olhassem por ele até ao fim da vida (...) Quando, depois, vim para cá, para estudar, de mês a mês, ia lá visitar-me. Sempre! Quase sempre, de tempos a tempos. Às vezes, demorava mais um bocadinho, conforme podia... Quando vinha para Lisboa; tratar dos assuntos dele, do armazém.” (vd. Anexo 2, pp. 87 e 88)

Narra um episódio com o pai, descrevendo-o como especial, sobressaindo a ideia de que este, apesar de ser visto como uma figura exigente, não exigiria muito dele por saber que seria “doente”. Facto que deixa antever, novamente, a ideia de que seria encarado pelo pai, e restantes familiares, como uma criança com problemas ou limitações.

“Ele gostava de mim. Era brincalhão. (ri) Muito brincalhão. Às vezes, até, brincava comigo! (...) Eu gostava muito dele, da brincadeira dele, era muito boa pessoa. Respeitava-o muito! Pois! Era filho dele! Tinha de ter muito cuidado... Depois, com a doença... Ele sabia que eu era doente. Não me esforçava muito. Sabia que eu era assim, coiso...” (vd. Anexo 2, p. 88)

Á medida que descreve o pai, revela que terá criado uma imagem de si próprio à semelhança de uma figura paterna idealizada, o que terá contribuído para a formação de traços característicos na sua personalidade.

“Era muito cuidadoso, muito higiénico, e, eu, saí a ele! (...) Já por natureza, gosto das coisas muito certinhas. Perfeitas! (ri) O meu pai, também, era assim: muito recto; muito certo e, eu, saí a ele, conforme tinha de ser né?” (vd. Anexo 2, p. 88)

Em 1995, deixa de trabalhar no refeitório da instituição, acontecimento que o terá deixado “aborrecido” por não ter uma ocupação. No entanto, é com agrado que refere que cinco anos mais tarde volta a estar integrado num dos projectos da instituição, o que lhe permite manter-se distraído e ocupado.

“Depois, deixei o refeitório (...) Sentia-me aborrecido, nessa altura, sem fazer nada (...) Depois, é que me convidaram para vir para o atelier (...) Pois, eu gosto de fazer os

possíveis... Trabalhar e, trabalhar bem! Não é trabalho a sério. Passa-se o tempo; ganha-se algum e, a gente entretém-se". (vd. Anexo 2, p. 91)

No ano de 2000, e depois de ter permanecido durante quarenta e sete anos na mesma unidade, (unidade S.) é informado de que vai mudar-se para uma outra, de maior autonomia, (unidade V. N.) tendo-lhe sido dado a escolher com quem gostaria, de entre os seus colegas de unidade, de partilhar o quarto. Acontecimento que, reforça a hipótese de que teria um comportamento diferenciado da maioria dos utentes.

“Depois, fui para a V. N. (...) Viemos dezanove para a V.N. Fomos escolhidos... Deviam ser os melhores, que tinham um comportamento mais coiso... Foi no ano dois mil (...) Convidaram-me a escolher os amigos que eu queria levar para o meu quarto, para estarem comigo. E, então, escolhi!” (vd. Anexo 2, p. 91)

Refere que, na altura da mudança, ficara surpreendido e que sentira que estava a sair da sua própria casa.

“No S., estava lá bem, já estava habituado... Quando me disseram para mudar: Tchh! Estranhei um bocadito. Nessa altura, já não via! Apanharam-me descuidado. Como se fosse para sair da minha casa”. (vd. Anexo 2, p. 91)

A unidade e, sobretudo, o quarto onde permanecera é descrito como um local maravilhoso, especial, e diferenciado. Apesar de ter consciência de que seria a unidade com doentes considerados perigosos, afirma que nunca teve vontade de mudar e considera-a a sua “casa”. De salientar, ainda, que nesta fase, coloca pela primeira vez a hipótese de sair da instituição, sendo que a alternativa que lhe surge é a possibilidade, ou não, de poder ser recebido em casa da irmã. Um dado que reforça a ideia de que não teria manifestado intenção em sair por se sentir demasiado dependente.

“Onde estive mais tempo, foi na entrada do S., no quarto de cima. O meu quarto antigo. Tinha duas janelas grandes e uma de casa de banho. Era o mais completo, o maior! (...) Ali, os doentes são mais perigosos. Uns que berram, outros sei lá. Andam ali à solta! Mas, era como se fosse a minha casa (...) Se não me mudassem, dali já não saía! Para ir para casa da minha irmã... Ela não me pode lá ter, não tem lugar para me pôr.” (vd. Anexo 2, p. 92)

A verdade é que, antes desta mudança, já se apercebera de que haveria uma diferença significativa entre o seu estado de saúde mental e o dos restantes utentes. Facto de que se iria apercebendo através da comparação entre o seu comportamento e o deles, tentando modelar o seu comportamento com o objectivo de “passar despercebido”.

“Nessa altura já me sentia bem (...) Por isso é que olhava para os outros colegas e: *Eles são doentes e, eu, também sou. Mas que raio! Mas, eles fazem tantas asneiras?!* (...) Notava uma diferença um bocado grande. Quase que nem davam por mim. E, eu, calava-me! Fazia para aprender com os outros (...) Queria passar despercebido, derivado à doença. Podia dar maus resultados. Então, fazia as coisas despercebido para ir contornando a doença...” (vd. Anexo 2, p. 92)

Por altura desta mudança, já estava “mais convicto da cura”. No entanto, revela que desde os seus “vinte e tal anos” de idade que lhe teriam afirmado que estaria “bom”. Uma informação que, ao que parece, terá desvalorizado, provavelmente, por temer que a cura, ou recuperação, representasse a sua saída.

“Nessa altura, já estava a entrar no bom caminho (...) Já estava muito mais convicto da cura né? Sentia-me bem... Bom! Já me disseram isso: *Você tá bom!* Eu ficava, assim, todo coiso... Acho *que sim, senhor doutor, sinto-me melhor, sinto-me bem, quase em forma e tal...* (ri) Foi o F. M... (médico psiquiatra) Eu era novo, ainda, tinha vinte e poucos... Depois, dos vinte até aos trinta, o M. C. e; agora, o último, mas já estava melhor, dos quarenta até cegar, foi o Dr. C (...) Os mais antigos, o G., o C., e o B. P., foi agora...” (vd. Anexo 2, p. 93)

Apresenta como razões para não ter tido vontade de sair da instituição o facto de esta lhe proporcionar “tudo”, estabelecendo uma analogia entre a instituição e a aldeia onde passara parte da sua infância.

“Desde os dezasseis até aos trinta. Já estava habituado a isto. Não me apetecia ir lá para fora (...) Sentia-me cá bem. Não tinha grande vontade de sair (...) Tinha aqui tudo; estava mais ou menos bem na casa, com o trabalho e tudo (...) É, quase, como se fosse uma aldeia. Como a aldeia onde eu estava, lá no Alentejo” (vd. Anexo 2, p. 93)

Em 2006, muda de unidade e defronta-se com novas dificuldades na adaptação ao espaço. Apesar de referir que não lhe “apetecia mudar”, dando a ideia de que se sentira contrariado, tenta não o dar a entender, valorizando as suas capacidades de adaptação.

“Depois, com a idade, já sabia que mais dia menos dia vinha para a Psicogeríatria (...) Para aqui é que foi mais custoso... Foi como se tivesse de mudar, mesmo! (...) Na V. N., estava a contar que ficava lá (...) Habituei-me e, depois, já não me apetecia ir para lado nenhum, como é natural (...) Custou, mas adapto-me rápido.” (vd. Anexo 2, p. 94)

É com orgulho que destaca o facto de o Dr. C, (médico psiquiatra da instituição) em 2006, lhe ter dito que estaria “curado” e que seriam raros os casos, como o seu, em que doentes de esquizofrenia se curam. No entanto, afirma que já desconfiava, há alguns meses, de que estaria “curado”, uma vez que se sentia adaptado à vida na instituição.

“O Senhor Doutor disse que era muito difícil, esta doença. É raríssimo os que se curam. Eu não sabia dessa parte. (riu/voz trémula) É verdade! Fiquei com coragem para conseguir evitar isso tudo (...) Há seis ou sete meses, comecei a desconfiar que estava curado, bom, em forma! (...) Depois, então, o doutor C. disse-me: *O senhor V., já está bom e tal!* Eu, acreditei logo! (...) Sentia as coisas melhor! Tudo bem feito: fazer o serviço; as ideias a combinarem bem; não fazer e não dizer asneiras, alguma palavra que não caía bem nas pessoas. A ideia do esquizofrénico é essa! É acautelar-se e coiso...” (vd. Anexo 2, p. 96)

Descreve a esquizofrenia como uma doença que “leva-se bem” destacando, no entanto, a necessidade de ter a proximidade e apoio de um objecto e, também, o medo de errar.

“Pois, a esquizofrenia é assim mesmo! Eu é que sei! É uma doença que leva-se bem (...) Se tiver alguém do meu lado, que me ajude, desenrasco-me logo (...) Todos os dias, o que me preocupava era isto: falar bem com as pessoas; não criar problemas; fazer as coisas simples, o mais fácil possível, sem chamar à atenção de ninguém ” (vd. Anexo 2, p. 96)

De facto reforça esta ideia, de dependência, ao caracterizar o comportamento de um outro utente que, segundo ele, sofre da mesma doença, ao mesmo tempo que parece projectar no mesmo partes de si consideradas inaceitáveis, tal como o sentimento de abandono por parte do pai.

“Um amigo meu, também, tinha a minha doença (...) Desconfiava que ele tinha os mesmos sintomas que eu tinha: umas falas meio destrambelhadas. Às vezes, falava do pai: *Ah! O meu pai não vem cá e tal... O meu pai não quer saber de mim, estou à espera dele já há uns meses...* E, eu: *Tem calma, ele se não vem é porque não pode... Espera, tem paciência que ele há-de vir pá!* (...) Era assim que eu fazia, também. Aconselhava-me, a mim e tinha cuidado com as falas, para não fazer disparates...” (vd. Anexo 2, p. 95)

Salienta que, actualmente, já só tem a irmã e as sobrinhas como familiares, dando a entender que as visitas que recebe das mesmas são muito importantes para si.

“A minha irmã é a única que, agora, tenho. E, as minhas sobrinhas (...) A minha irmã tem 56 anos. É professora! Não tem tempo para nada (...) Ela só cá pode vir no Natal e nos meus anos e, às vezes, aparece, como agora, a meio do ano.” (vd. Anexo 2, p. 89)

Descreve-se como uma pessoa “alegre” e sossegada, enaltecendo o facto de ser “autónomo”, o que, segundo ele, o distingue da maioria dos pacientes da unidade. Aquilo que o preocupa são, essencialmente, os problemas de saúde próprios do avançar da idade, apesar de sublinhar que está num local onde é bem tratado.

“Ando sempre alegre; não ando triste e, sou sossegado (...) Parece que só há um ou dois como eu, aqui, autónomos! Quer dizer que não é preciso ensinarem nada, fazem tudo por eles (...) Sei fazer tudo! E, faço bem! Não falho nada! (...) Até cegar, não tinha comprimidos. Agora, já tenho onze comprimidos. Dia sim, dia não é mais um (...) Agora, estou cá dentro. Isto aqui, é logo a despachar...” (vd. Anexo 2, p. 100)

### Análise categorial temática

Após a conclusão da análise cronológica que, segundo Poirier et. al (1999), oferece uma linearidade à história de vida, efectuaremos a análise categorial temática destacando e organizando os dados em ideias principais. O nosso objectivo foi encontrar, nas diferentes etapas de vida do Sr. V., os temas ou acontecimentos que nos permitissem, por um lado, confirmar, ou não, o diagnóstico de esquizofrenia e, por outro lado, compreender a sua história de vida, com o objectivo de inferir sobre os factores que poderão ter contribuído para o seu adoecer, internamento, e para ter permanecido na instituição. Neste seguimento, optámos pela análise dos principais temas recordados pelo narrador que, aqui, surgem em três capítulos, com títulos e subtítulos, construídos com as palavras do próprio narrador, como proposto por Poirier et. al (1999). No primeiro capítulo, referente ao período da infância, considerámos os acontecimentos mais significativos que antecederam os sintomas. No segundo capítulo, referente à adolescência, teve-se em conta os sintomas e o internamento. Por fim, seguiu-se um terceiro capítulo, referente ao período da idade adulta, onde é abordada a sua recuperação e vida na instituição.

### Capítulo I – “A minha infância...”

“Ainda me lembro dessa parte: *Olha! Não vás beijar a mãe que ela tá doente. Ah! Não faz mal... Dei-lhe um beijo na testa...*”

Aos quatro anos de idade o Sr. V defronta-se com a morte da mãe, vítima de tuberculose, uma experiência que envolve uma carga afectiva importante e que remete para o sentimento de perda, o que nos leva a questionar sobre a forma como terá vivenciado o luto. A expressão dos afectos depressivos ou sentimentos de pesar relativamente à perda da figura materna, bem como a imagem de uma mãe “bonita”, inteira, preservada dentro de si, um objecto interno bom, sugerem que este terá conseguido superar as angústias das “posições esquizoparanóide e depressiva” postuladas por de Klein (1957). De facto, para esta autora, é a vivência e a elaboração adequada das mesmas que possibilita ao indivíduo, enfrentar as

perdas que ocorrerão ao longo da sua vida e prevenir a regressão psicótica. No entanto, este é um acontecimento marcante que ocorre numa fase em que, e de acordo com Erikson (1972), tentava na exploração do seu ambiente com o apoio e incentivo dos pais, ganhar uma progressiva confiança em si mesmo e nas capacidades dos seus cuidadores, sendo que esta confiança poderá ter sido, desde logo, abalada face a este acontecimento.

“A minha tia é que tomava conta de mim”

Na verdade, depois deste acontecimento, com o valor de perda, segue-se o sentimento de abandono provocado pela ausência da figura paterna e a mudança de espaço físico e relacional. Com a mudança, fica a viver em casa da avó, na companhia da tia, que não tivera filhos, com a qual teve a oportunidade de estabelecer uma relação de cariz materno. Ainda durante esta fase defronta-se com um novo luto, com a perda da avó paterna, acontecimento que poderá ter intensificado um eventual estado depressivo que se ia instalando desde a perda da mãe. Tal como Erikson (1972) anunciou, o processo de construção da identidade necessita do contributo das pessoas que convivem com a criança e, estas tendem a organizar-se de forma a satisfazer as necessidades da criança e a incentivar o desenvolvimento das suas potencialidades. A verdade é que apesar de salientar que tinha uma família alargada, na aldeia, deixa transparecer a ideia de que se sentia só, recordando, em especial, a tia, uma prima (R.) que tal como ele, seria filha única, e as tias que sofreram de doença mental. Recordações ou memórias que, mais tarde, terão assumido uma importância relevante no que respeita á formação da sua identidade.

“O meu pai, como era caixeiro-viajante, andava sempre de Norte para Sul, e de Sul para Norte...”

Assim, e numa altura em que, de acordo com Erikson (1972), começava a imaginar e fantasiar ser adulto e a identificar-se com as pessoas que admirava, na procura da confiança necessária para acreditar que poderia vir a ser o que imaginou, é a figura de um pai ausente e autoritário que surge como o seu principal modelo de identificação. De facto, ao longo de toda a narrativa, sobressai uma relação idealizada com o pai, que é caracterizado como uma figura boa, poderosa, digna de respeito e admiração. Uma idealização, que poderá ser interpretada como uma forma de luta contra os sentimentos depressivos provocados pela perda real da mãe

e pela separação do pai, que o terá impedido de desenvolver o sentido de iniciativa e propósito para desempenhar tarefas e responder aos desafios com os quais se ia confrontando.

“O meu pai também era assim: muito recto, muito direito, muito certo e, eu, saí a ele, conforme tinha de ser né?”

A imagem que guarda de si, tal como revela, parece resultar da intensa identificação ao pai. Descreve-se como alguém que sempre fora “sossegado e calmo”; que gosta das “coisas muito certinhas, perfeitas”, tal como o pai, refere. Destas características sobressai a ideia de que seria uma criança exigente consigo mesma e introvertida. Assim, se por um lado, ao investir numa relação com o pai como uma figura repleta de virtudes, lhe serviu como defesa contra um quadro depressivo, por outro lado, a construção de uma imagem de si a partir desta idealização poderá tê-lo conduzido a um sentimento de frustração cada vez maior, por estar cada vez mais distante de alcançar os seus objectivos. De facto, e de acordo com Balint (1979), é uma intensa introjecção do objecto e a sobrevalorização do mesmo, que poderá conduzir a uma inibição no desenvolvimento das competências necessárias para a independência do próprio indivíduo. Neste sentido, Erikson (1972), também, refere que é uma frustração provocada pela discrepância entre os ideais infantis e a realidade do adolescente que pode desencadear neste, um ciclo de culpa e violência prejudicial para o próprio

## Capítulo II – “Todas essas coisas me preocupavam...”

“Ao princípio, custou-me um bocadinho. Depois, fui-me desenrascando...”

No início da adolescência depara-se, novamente, com a separação das figuras de referência que o acompanharam desde os dez anos de idade e, sobretudo, do pai que, apesar de ser a figura com a qual se identifica, está cada vez mais distante. O desafio colocado pelo pai, de ir trabalhar, que apontava para a sua independência e lhe criara um sentimento de esperança e expectativa, revelou, assim, ter intensificado um sentimento de tristeza e ansiedade. De facto, nesta fase, afirma que não estaria habituado a viver só, emergindo a temática da separação e abandono e a necessidade de ter um adulto por perto. Contudo, é de salientar que, inicialmente, e talvez na tentativa de não defraudar as expectativas do pai, nega que tenha tido quaisquer dificuldades tentando interiorizar a ideia de que se adaptaria rapidamente à mudança e que, as “preocupações” ou “nervos” seriam uma consequência natural do processo de mudança. Assim, se por um lado, afirma que não estaria “habituado a viver só”, dando a ideia de dependência, por outro lado, esta postura é contraditada, logo de seguida, esforçando-se por transmitir a ideia de que estaria preparado para aceitar o desafio colocado pelo pai e conseguir a sua independência. Um alternar entre duas posições ou atitudes distintas que pode ser entendido, tal como salientou Balint (1979), como defesa de uma contra a outra, isto é, em que uma das posições é utilizada com o objectivo de reprimir ou super-compensar a outra.

“Um quartinho (...) à parte...”

De acordo com Erikson (1972), é ao longo dos primeiros estádios do desenvolvimento que as crianças vão identificar-se com aspectos das pessoas significativas para elas, tanto na fantasia quanto na realidade, sendo que a sua identidade final, estabelecida no final da adolescência, resulta do abandono dos elementos divergentes e na assimilação dos convergentes. A forma como se refere ao quarto da pensão, “um quartinho à parte”, se por um lado, reforça a ideia da existência de sentimentos de isolamento e abandono, por outro lado, leva-o a estabelecer uma analogia entre este e aquele onde a tia, “verdadeira”, estivera fechada, despertando-lhe dúvidas e medos quanto ao seu estado de saúde e à sua própria identidade. A verdade é que, no momento em que procurava corresponder às expectativas do pai aprendendo “o ofício”, e numa altura em que procurava definir a sua identidade, o facto de estar sozinho, a insegurança ou falta de confiança, e o medo de ter a mesma doença que a tia, parece ter contribuído, de

forma decisiva, para o agravamento de um estado de ansiedade e apreensão que culminou em momentos de maior angústia, relacionados com outros sintomas, tais como: os sonhos com temáticas persecutórias.

“As asneiras e as fúrias...”

Com a entrada na adolescência estaria, assim, a atravessar uma “crise de identidade”, tal como retratada por Erikson (1972), passando por uma série de dúvidas e incertezas, no sentido de se descobrir a si mesmo e de definir o seu futuro. De facto, nesta fase, destaca-se a desvalorização pessoal, a culpabilidade e o sentimento de apreensão ou ansiedade, quando diz que se sentia “atormentado”, dando-lhe a impressão “que fazia tudo mal” e, quando se refere às “ideias ruins” e às “asneiras”, demonstrando receio e vergonha por ter tido tais pensamentos e atitudes. Ideias que sugerem, uma dificuldade em lidar com a ambivalência dos seus sentimentos, em se aceitar a si mesmo. De resto, a irritabilidade ou “fúrias”, o medo de dizer algo que “não devia” e zangar-se, ou o medo que se zangassem consigo, reforçam esta suspeita. Por outro lado, o medo de “não aprender o ofício” e de que os “empregados” se apercebessem das “asneiras” que andara a fazer, sugerem uma falta de confiança nas suas capacidades e uma preocupação constante com aquilo que os outros pensariam de si. Uma preocupação mórbida e uma insegurança em integrar os papéis e competências adquiridas anteriormente numa nova realidade que, de acordo com a concepção de Erikson (1972), poderá tê-lo conduzido a experimentar os sentimentos de vazio, ansiedade e incapacidade descritos por si.

“Medo de ficar mal visto...”

Neste seguimento, refere que teria medo de “ficar mal visto” perante a dona da pensão, e de que esta desconfiasse da sua doença. Receio que, segundo o mesmo, acontecia “quase todos os dias”. Contudo, nesta altura, e segundo o seu relato, os sintomas e o diagnóstico não teriam, ainda, surgido, o que levanta a suspeita de que existiria uma crença por parte da família de alguma fragilidade da sua parte e, que a dona da pensão estaria alertada, pela família, para eventuais problemas ou constrangimentos que este pudesse causar. Esta situação leva-nos a colocar a hipótese, ou suspeita, da existência de uma “falha básica”, como retratada por Balint (1979), algo de errado na mente do sujeito, em falta, um tipo de deficiência que, provavelmente o acompanhou durante toda a vida. O autor sugere o termo “falha”, por um

lado, por ser o mesmo que é utilizado pelos pacientes para descreverem este fenómeno e porque afirmam existir um sentimento de que alguém falhou ou foi negligente com eles e, por outro lado, porque os fenómenos respeitantes a esta área são normalmente acompanhados de estados de grande ansiedade. De facto, é o próprio a referir que um ano depois da mudança começara a “baralhar a cabeça”, esta terá começado a “falhar”, e que isso o “atormentava”. Também afirma que, aquilo que pretendia era “fazer tudo sem erros, sem enganos, sem falhar”. O termo é novamente utilizado quando refere que disfarça bem sempre que “há alguma falha”. Por sua vez, o pai é a pessoa que, de forma implícita, é nomeada como abandonónica.

“Eu fazia os possíveis para ser normal. Era a doença!”

De acordo com Erikson (1972) as pessoas com as quais a criança convive funcionam não só como uma referência ou modelo de identificação mas, também, como um espelho que reflecte a imagem que a sociedade tem a seu respeito. Aquando da mudança, da “aldeia” para “casa das primas”, era evidente uma descrença por parte dos familiares relativamente aos seus atributos pessoais ou competências intelectuais. Estes aspectos são visíveis quando refere que o pai e a prima terão “falado” com a professora, “antes”, para que este tivesse explicações ou aulas suplementares e, quando ao recordar momentos passados na infância com o pai, afirma que este teria conhecimento de que ele seria “doente”, motivo pelo qual o pai não exigia muito dele. Um sentimento de desconfiança e/ou a falta de confiança, por parte dos familiares nas suas competências, que parece ter condicionado a sua capacidade para enfrentar os novos desafios que lhe foram sendo colocados. Na verdade, e de acordo com Erikson (1972), são as atitudes discriminatórias ou depreciativas daqueles que rodeiam a criança, em especial de familiares, que podem conduzir ao desenvolvimento de um sentido de incompetência capaz de a conduzir a uma alienação de si mesma, das suas tarefas, e ao desenvolvimento de um sentimento de inferioridade.

“Depois, tive de vir cá para dentro...”

A procura de ajuda profissional por parte do pai e, a tomada de conhecimento do diagnóstico, parece ter-lhe despertado um sentimento de alívio na medida em que era dado um nome ao seu sofrimento e, apontada uma solução para o problema. Apesar da esperança, inicialmente, depositada no tratamento (terapia por choque electroconvulsivo e choque insulínico) o seu

estado de saúde piorara e o medo de adoecer aumentara. Perante o diagnóstico de esquizofrenia, o internamento assume-se, então, como a solução viável. De facto, o que se constata é que este ocorre, numa altura em que o modelo dominante na forma de encarar a doença mental, era o modelo médico ou da psiquiatria tradicional, centrado no diagnóstico e no internamento a longo prazo (Santos, 1993) em instituições que ignoravam a natureza social da doença mental, excluindo indivíduos que eram considerados marginais (Solivetti, 1999). O facto de o internamento ter ocorrido ao mesmo tempo em que o pai constituía família, levamos a questionar se este acontecimento externo não terá, por um lado, precipitado os sintomas e o conseqüente o internamento e, por outro lado, se não estarão aqui encontrados os alvos ou objectos para os quais se dirigiam as suas “fúrias”? A verdade é que durante a narrativa, quando se refere a este episódio não sobressai qualquer tonalidade afectiva, recorrendo a um discurso factual e à idealização, provavelmente como forma de impedir o surgir de sentimentos negativos, que vão sendo implicitamente sugeridos, em relação ao pai e à sua nova família

### Capítulo III “Foi uma vida inteira cá dentro...”

“Estudava-me por eles, por essa linha, fazer bem, só...”

Após o internamento, a “doença” passara a ser responsável pelos seus actos, ou pensamentos, considerados por si incorrectos; útil, para justificar as suas “falhas” ou “enganos” e; sobretudo, percebida como condição necessária para permanecer na instituição. De facto, apesar de referir que “Alguns, fugiam...”, afirma que sempre se sentira bem na instituição e que tentara “passar despercebido derivado à doença, porque podia dar maus resultados”. Neste sentido, revela que foi através da observação do comportamento dos outros utentes que foi modelando o seu comportamento temendo que, tal como retrata Basaglia (1970), qualquer tipo de contestação da sua parte fosse interpretada como um aspecto particular da sua doença, “a esquizofrenia”, sendo preferível adoptar uma postura de submissão, visando a integração nesta nova realidade que o terá acolhido.

“Eu fartei-me de trabalhar, aqui. Tive sempre emprego...”

A verdade é que, pouco tempo depois de estar na instituição, é convidado a trabalhar na mesma, o que sugere que teria um comportamento diferenciado dos outros utentes, na medida em que este seria um trabalho de responsabilidade num local de relativa importância. Assim, numa fase em que, segundo Erikson (1972), o jovem adulto passa a preocupar-se com a relação com os outros, consigo mesmo, e se prepara para estabelecer vínculos pessoais, ocupacionais, e a assumir as responsabilidades que isso acarreta, o Sr. V. mostrou-se empenhado no trabalho e no relacionamento com os outros. De acordo com o seu testemunho, esta ocupação permitiu-lhe, não apenas, distrair-se e evitar pensamentos contraditórios mas, também, estabelecer relações sociais e de amizade, dando conta de que a sua principal preocupação, nesta altura, consistia em ser aceite e em adaptar-se à vida na instituição.

“A minha casa...”

Na verdade, revela que desde os “vinte e poucos anos” que lhe vinham dando indicações de que estaria “bom”. No entanto, ao que parece, tentara desvalorizar e até negar esse facto, provavelmente, por temer que isso representasse a sua saída. De facto, pensamos que a sua falta de motivação ou iniciativa para se reinserir na sociedade poderá estar relacionada com a

falta de “confiança básica”, como descreveu Erikson (1972). Por outro lado, o facto de não ter conseguido essa integração durante o início da adolescência, na experimentação de papéis com os seus pares, e estar a fazê-lo na instituição, num ambiente apoiado ou controlado, reforça a ideia de que seria uma pessoa extremamente dependente e insegura. Na verdade, afirma que nunca quisera sair da instituição, argumentando que já estaria “acostumado” e que esta, lhe daria “tudo” o que necessita, chegando mesmo a compará-la à aldeia onde fora criado e a afirmar que a unidade S., onde vivera durante quarenta e nove anos, seria a sua “casa”.

“É uma doença que se leva bem...”

De acordo com Erikson (1972), no estágio da velhice e maturidade a virtude a ser desenvolvida é a sabedoria, que se reflecte naqueles que conseguiram adaptar-se aos triunfos e desilusões das suas vidas. Uma fase, na qual o indivíduo contempla o que fez, ou não, e o que foi como pessoa resultando daí, um sentido de integridade, satisfação, e sensatez ou, pelo contrário, de amargura e inaceitação da proximidade com a morte. A notícia de que estaria recuperado, ou curado, da esquizofrenia e que seriam raros os casos de sucesso, foi encarada pelo próprio como uma distinção e motivo de orgulho, fazendo com que se sentisse especial e único, resultando daí um sentido de integridade e satisfação. Por outro lado, também revela sabedoria e sensatez na forma como encara a morte, alimentando a esperança de ultrapassar a meta dos noventa anos de idade a que terá chegado a maioria dos seus familiares, uma vez que, segundo ele, na instituição, dispõe de recursos materiais e humanos que estes não tinham.

De facto, não encontramos elementos que nos permitam confirmar o diagnóstico de esquizofrenia, ou de outro tipo de psicose, de acordo com as referências de Freud (1911; 1924) e Klein (1957). Isto é, não se verifica, em momento algum, que tenha havido um afastamento do eu em relação à realidade e a criação de uma outra, ou dados que confirmem que tenha havido uma fixação a um estágio anterior ao desenvolvimento da triangulação edipiana. O facto de não existirem sintomas de psicose não nos leva, no entanto, a afirmar a inexistência de psicopatologia, à priori, daí a necessidade de termos analisado toda a história de vida para percebermos se estaríamos perante uma psicose que cronicizou ou, perante outro quadro clínico que não psicose.

Assim, a nossa análise permitiu-nos verificar estarmos na presença de um indivíduo que apresenta características semelhantes aos indivíduos que, de acordo com Balint (1979),

regredem até à área da “falha básica”, ou que apresentam uma “falha básica”. De facto, e apesar de já existirem, antes, alguns sinais que indicassem a presença de sentimentos depressivos, é na adolescência, período no qual de acordo com Erikson (1972) os jovens passam por uma “crise de identidade”, que surgem os sintomas que haviam de conduzir ao diagnóstico e conseqüente internamento. Os estados de ansiedade, os medos quanto ao seu estado de saúde, a desvalorização pessoal, os comportamentos de rebeldia, bem como os estados de irritabilidade ou “fúrias”, vivenciados na altura, estariam, no nosso entender, a esconder sentimentos depressivos que perduravam desde a sua infância e que se teriam intensificado, na adolescência, como resposta ao abandono sentido por parte do pai e à ansiedade provocada pela incerteza ou indefinição quanto ao seu futuro. Uma “falha básica”, ou um estado de deficiência, que o acompanhara durante toda a vida e que terá para influenciado de forma determinante a sua personalidade e o tipo de relação que veio a estabelecer com o seu ambiente. No entanto, o facto de demonstrarmos a existência de uma “falha básica”, tal como descrita por Balint (1979), não nos esclarece sobre o diagnóstico. Questionamos, portanto, a que corresponde, no contexto da psicopatologia, o diagnóstico ou conceito de falha básica. Neste sentido, um olhar mais aprofundado sobre a sintomatologia apresentada e, a forma como é caracterizado o período da infância, leva-nos a supor a existência de uma “depressão anaclítica”, como descrita por Spitz (1946), isto é, uma síndrome psiquiátrica de natureza depressiva e progressiva que, no caso do Sr. V., depois de atingir um ponto crítico do seu desenvolvimento, se tornara irreversível. Uma síndrome, cuja etiologia, está relacionada com a perda do objecto de amor, apresentando como sintomas: a apreensão, a tristeza, a rejeição do ambiente, um atraso do desenvolvimento e, entre outros, uma expressão fisiognómica, descrita no adulto como a depressão e que, de acordo com este autor, dependendo da severidade do trauma, manifestam-se sobre a forma a de um distúrbio do desenvolvimento do eu, podendo assumir a forma de um atraso, ou deformação, do desenvolvimento do eu.

Para Coimbra de Matos (2002) esta depressão, também conhecida de depressão de desamparo, é característica nos estados-limite ou personalidades borderline, e na sua origem, está a falta de uma relação de apoio durante a infância do indivíduo, consistente e suficientemente vivida, na qual o objecto falhou na sua função de cuidar e proteger. Uma problemática que se caracteriza, essencialmente, pela angústia de separação, medo do abandono, e uma enérgica tentativa por parte do indivíduo em o evitar, sendo que o seu principal conflito assenta numa ambivalência entre a “simbiose” e a “cesura” e, a descompensação é a psicose.

É importante, neste sentido, questionarmos se esta “falha básica”, com origem numa “depressão anaclítica” desenvolvida a partir da perda do objecto de amor na infância, comporta, ou não, aspectos supostamente delirantes. De facto, de entre os sintomas descritos, a existência de aspectos semelhantes a delírios, como os sonhos de “bichos” com temática persecutória, merece consideração uma vez que, pode ajudar a clarificar sobre o diagnóstico. Assim, na necessidade de haver um diagnóstico e, de acordo com os critérios do DSM-IV (2002), tendo em conta a sintomatologia descrita pelo Sr. V., consideramos que, este poderia ter sofrido um transtorno psicótico breve, cujas características diagnósticas são: o início súbito de pelo menos um dos seguintes sintomas psicóticos: delírios, alucinações, discurso desorganizado, comportamento amplamente desorganizado ou catatónico; um episódio com a duração mínima de um dia, mas inferior a um mês, acabando o indivíduo por regressar ao seu estado pré-mórbido de funcionamento; a perturbação não é melhor explicada por transtorno do humor com aspectos psicóticos, por transtorno esquizo-afectivo ou esquizofrenia, nem é devido aos efeitos fisiológicos directos de uma substância ou condição médica geral. Ainda de acordo com o DSM-IV (2002), e a propósito do Sr. V., os sintomas psicóticos precipitaram-se logo após, e aparentemente, em resposta a um ou mais eventos que, de forma isolada, ou em conjunto parecem ter sido demasiado traumatizantes, como a separação das primas, a ida para o quarto, o início de uma actividade profissional, o casamento do pai (abandono) e o nascimento da irmã. Uma conjugação de factores, numa personalidade fragilizada, que terá conduzido à ruptura ou descompensação.

## Parte IV – Conclusões

O que despertou o meu interesse nesta pesquisa foi a necessidade de compreender a história de vida de um indivíduo, internado durante cinquenta e sete anos numa casa de saúde mental, com o diagnóstico de esquizofrenia, e que mostrava ter um comportamento francamente compensado. Neste sentido, e em primeiro lugar, o objectivo foi verificar se este seria, ou não, um caso de esquizofrenia no qual teria havido uma remissão dos sintomas ficando o indivíduo com um “defeito residual” e, em segundo lugar, compreender o que determinara o seu internamento prolongado na instituição.

A análise efectuada, da história de vida do Sr. V., bem como da revisão da literatura, permitiu-nos concluir que existem pessoas que, à semelhança dos presidiários, através de uma sentença, aqui disfarçada sobre a forma de diagnóstico, são privadas do livre arbítrio, da sua liberdade, e condenadas a viver à margem de uma sociedade que os exclui para sempre.

De facto, percebemos que nem sempre um transtorno com aspecto ou curso aparentemente psicótico pode ser considerado, efectivamente, uma psicose, sendo que, por vezes, podem ocorrer erros de *casting* na elaboração de um diagnóstico, quando este se constitui como um mero acto de classificação sentido como necessário, sem que sejam, devidamente, avaliadas as condições ou causas que levaram ao aparecimento de comportamentos, ou condição patológica, no indivíduo.

Neste âmbito, verificámos que o modelo dominante, no que respeita à saúde mental, continua a ser de carácter médico, centrado no diagnóstico e internamento a logo prazo. Um modelo talhado para lidar com o patológico e, assim, com uma tendência para transformar o normal, ou aceitável mediante algumas circunstâncias, em algo doentio ou desadequado. Uma perspectiva que, parece condenar o indivíduo a partir do momento em que lhe é colocado o diagnóstico, na medida em que, para o diagnosticado, este rótulo passa a ser uma espécie de característica da personalidade, uma marca que irá influenciar todo o curso posterior da sua vida.

Na verdade, podemos supor que, uma institucionalização de sessenta anos é a antítese de uma estratégia eficiente no que respeita ao tratamento da doença mental. De facto, torna-se claro que um indivíduo, depois de um internamento prolongado, passa a ser objecto, ou parte integrante, de um sistema institucional, ficando privado da sua liberdade e, sobretudo, da sua singularidade, à mercê dos mais variados abusos à sua integridade física e psíquica, por decisão de quem detém o poder de determinar a vida de outro ser humano. Na verdade,

verificamos que, apesar dos movimentos da anti psiquiatria e desinstitucionalização que ocorrem a partir da década de sessenta, nem todos os doentes preenchem os requisitos necessários para terem a oportunidade de optar por uma vida diferente.

De facto, verificamos que, provavelmente, continua a existir a necessidade de se discutirem as questões que envolvem a saúde mental e que levaram ao movimento da anti-psiquiatria. Perante as circunstâncias, pensamos que esta função de acolhimento, praticada pelos modelos actuais, não só, conduz a uma cronicidade patológica no indivíduo como, ao mesmo tempo, permite às famílias ilibarem-se de responsabilidades, muitas vezes sobre o pretexto de não terem capacidade para lidar com os familiares que, preferem acreditar ser, doentes.

As nossas análises permitiram, também, confirmar a importância de uma relação de apoio, suficientemente consistente, durante as primeiras fases do desenvolvimento humano e, o impacto ou repercussões que um acontecimento traumático, como a perda do objecto de amor, trazem para a vida de uma criança, futuro adulto. Consequências que podem afectar todo o comportamento emocional, social e intelectual de um indivíduo, condicionando fortemente o desenvolvimento da sua personalidade.

Por último, acreditamos que o tema deste trabalho poderá ter alguma relevância na área da saúde mental e, em particular, na forma como são tratados os doentes mentais, uma vez que, conforme o caso apresentado e a revisão bibliográfica efectuada, esta é uma questão actual que continua a justificar a necessidade de ser avaliada e discutida. De facto, tal como podemos testemunhar, é possível, nos dias de hoje, com uma espécie de *operação de cosmética* encarar-se um caso de insucesso, como se de sucesso se tratasse. Um exemplo e tentativa, no fundo, de mascarar as falhas nos modelos e práticas há muito ultrapassados mas que continuam, orgulhosamente, na posse do poder.

Assim, a título de sugestão, importa, portanto, não só promover discussões e encontrar soluções lançando novas directrizes sobre o local e a forma como deve ser feita a assistência aos doentes mentais mas, sobretudo, reconhecer que continua a existir um estigma em relação a estes e, sobretudo, divergências entre os dois lados do poder, político e médico, que colocam obstáculos a um melhor entendimento da doença mental e a uma assistência humana, eficaz e adequada, a quem adoece psiquicamente.

Quanto às limitações deste estudo salienta-se, desde já a minha inexperiência. De facto, foi à medida que a organização do material foi feita que me fui apercebendo das dificuldades que um trabalho desta natureza oferece a um investigador inexperiente, tendo passado por momentos de maior ansiedade e receado não corresponder às expectativas que eu próprio colocara. Contudo, o apoio do orientador e o facto de estar a ouvir e estudar uma história de vida tão peculiar e interessante, permitiram-me encontrar a motivação necessária para superar as dificuldades que foram surgindo ao longo do trabalho. Outra limitação, prende-se com o facto de assentar num caso único e peculiar, sendo que as conclusões apresentadas só se podem reportar ao mesmo e, para além disso, são as possíveis, e não únicas, tendo em conta, também, a subjectividade e os conhecimentos teóricos e técnicos do investigador. Uma última limitação encontrada e, em parte, expectável devida à cegueira adquirida do protagonista desta história, prende-se com o facto de não terem sido utilizados outros instrumentos complementares que permitissem ajudar a confirmar, ou não, os resultados obtidos.

Para finalizar, deixamos algumas questões decorrentes deste estudo que julgamos pertinentes e, poderão fornecer pistas para futuros trabalhos sobre esta temática:

Com os movimentos que levaram a alterações nas políticas de saúde mental e metodologias de que dispomos actualmente, será comum encontrarem-se outros indivíduos com um percurso semelhante ao do Sr. V.?

Será que existe uma relação entre o internamento prolongado e o que neste caso é denominado de “defeito residual”? Será este “defeito residual”, no fundo, uma cronicidade psicopatológica, consequência da institucionalização prolongada?

## Referências

- American Psychiatric Association. (2002). *DSM-IV-tr. Manual de diagnósticos e estatística das perturbações mentais*. (4<sup>a</sup>. ed). Grenoble: Pug.
- Alves, F. e Silva, F. L. (2004). *Psiquiatria e comunidade: Elementos de reflexão*. Actas dos ateliers do V<sup>o</sup> Congresso Português de Sociologia. Sociedades contemporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: Saúde.
- Atkinson, R. (2008). Life stories, autobiography and personal narratives. *The LLI Review*, vol. 3, pp. 38-39.
- Balint, M. (1979). *Basic fault: therapeutic aspects of regression*. London: Routhlege.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Basaglia, F. (1970). *Institution en negation*. Paris: Seuil.
- Burgess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta.
- Bruner, J. S. (1990). *Actos de significado*. Lisboa: Edições 70.
- Chaitin, J. (2004). My story, my life, my identity. *International Journal of Qualitative Methods*, 3 (4), pp.1-17.
- Cooper, D. (1974). *Gramática da vida* (2<sup>a</sup> Ed.) Lisboa: Presença.
- Chyase, J. (1995). Historical analysis in psychology. In: Breakwell, M. G., Hammond, S., & Schaw, C., *Research Methods in Psychology*, pp. 314-326. London: Sage Publications.
- Delacampagne, C. (2004). A contestação antipsiquiátrica. In: *Mental: Revista de saúde mental e subjectividade*, vol. 2, pp. 27-34.
- DiCicco-Bloom, B. e Crabtree, F. B. (2006). The qualitative research interview. *Medical Education*, 40; 314-321.

- Dumont, P. M. e Dumont, M. D. (2008). Deinstitutionalisation in the United States and Italy. *International Journal of Mental Health*, volume 37, nº 4, pp. 61-70.
- Erikson, E. (1972). *Identidade juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Foucault, M. (1997). *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1972).
- Foucault, M (1966). *Maladie mentale et psychologie*. Paris: Puf.
- Freud, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Demência paranoides), Volume XII, pp. 81-108, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, S. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose, Volume XIX, pp.229 – 238, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Goldney, D. R. (2003). Deinstitutionalisation and suicide. *Crisis*, vol. 34 (1): 39- 40.
- Goodson, I. (2001). The story of life history: Origins of the life history method in sociology. *Identity: an International Journal of Theory and Research*, 1 (2), 129-142.
- Gubrium, F. J., e Holstein, A. F. (1995). Biographical work and new ethnography. In: *Narrative Study of Lives*. Vol. 3, pp. 44-58. Interpreting experience. Thousand Oaks: Sage
- Hagemaster, J. N. (1992). Life history: a qualitative method of research. *Journal of Advanced Nursing*, 17, 1122-1128.
- Jara, M. J. (2006). *Causas da psiquiatria. Questões da saúde mental*. Caminho.
- Klein, M. (1957). *Envy and gratitude and other works (1946-1963)*. London: Hogart Press.
- Kvale, S. (1996). *Interviews: an introduction to qualitative research interviewing*. Sage Publications.

- Legrand, M. (1992). L`approche biographique: Théorie, method, pratiques. *Análise Psicológica*, 4, (X), 499-514.
- Matos, A. C. (2002). *O Desespero*. Climepsi Editores.
- Mansell, J. (2006). Deinstitutionalisation and community living: Progress, problems and priorities. *Journal of Intellectual & Developmental Disability* (31) 2: 65-76.
- McAdams, D. P. (1988). Biography, narrative and lives: An introduction. *Journal of Personality* 56 (1) pp. 1-18.
- McAdams, D. P. (1993). *The stories we live by: personal myths and the making of the self*. New York: William Morrow.
- McLean, C. K. (2008). Stories of the young and the old: personal continuity and narrative identity. *Developmental Psychology*, Vol. 44, Nº 1, 254-264.
- Ochberg, L. R. (1994). Life stories and storied lives. In: *Narrative Study of Lives*, vol. 2, pp. 113-144: *exploring Identity and gender*. Thousand Oaks: Sage.
- Ochberg, L. R. (1996). Interpreting life stories. In: *Narrative Study of Lives*, vol. 4, pp. 97-113: *ethics and Process*. Thousand Oaks: Sage
- World Health Organization (2005). *Report from the WHO European Ministerial Conference. Mental Health: facing the challenges, building solutions*. World Health Organization Regional Office for Europe.
- Poirier, J., Clapier-Valladon, e Raybaut (1999). *Histórias de vida: Teoria e prática*. (2ª Ed.) Oeiras: Celta.
- Rappaport, J. (1990). Desinstitucionalização: empowerment e inter-ajuda. O papel dos técnicos de saúde mental no século XXI. *Análise Psicológica*, 2 (VIII), 143-162.
- Ravelli, P. D. (2006) Deinstitutionalisation of mental health care in the Netherlands: towards an integrative approach. *International Journey of Integrated Care*. Vol. 6, 1-11.

- Ribeiro, J. L. P. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Legis
- Ribeiro, M. (2002). E como é que, realmente, se chega às pessoas? Considerações introdutórias sobre as notas e o trabalho de campo como processo social. In: Caria, H. T. *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais, Antropologia* (7) (pp. 23-70). Edições Afrontamento.
- Ruiloba, V. J. (2002). *Introducción a la psicopatología y la psiquiatria*. Barcelona: Masson, S. A.
- Singer, J. A. (1995). Seeing one`s self: Locating narrative memory in a framework of personality. *Journal of Personality*, 63 (3); pp. 430-457.
- Singer, J. A (2004). Narrative identity and meaning across the adult life span: An introduction. *Journal of Personality*, 72, 437-459.
- Santos, N. (1993). Esquizofrenia e família (alguns aspectos de análise e intervenção terapêutica). *Psicologia*, (IX), No. 1, 41-49.
- Solivetti, M. L. (1999). De-institutionalisation, psychiatric treatment and mentally disordered offenders in Italy: some critical considerations. *The Howard Journal*, vol. 38, nº 2, pp. 173-197.
- Spitz, R. (1946). Anaclitic Depression. An inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood, II. *The Psychoanalytic Study of the Child*. Vol. II, pp. 313-342. New York: International Universities Press.
- Tossebro, J. E Lundeby, H. (2006). Family attitudes to deinstitutionalization: changes during after reform years in Scandinavian country. *Journal of intellectual & development disability*, 31 (2), 115-119.
- Vala, J. (1986). *Análise de Conteúdo* In: Silva, S. A., e Pinto, M. J. (org) *Metodologia das ciências sociais*, pp. 101-128. Porto: Edições Afrontament

## **Índice de Anexos**

Anexo 1	Tabela cronológica	67
Anexo 2	Montagem da história de vida na 1ª pessoa	70
Anexo 3	Cronograma dos encontros	103
Anexo 4	Transcrição integral das entrevistas	105

## Anexo 1 – Tabela cronológica

## Tabela cronológica

- 1934** – Nasce a 26 de Janeiro numa Vila do Alto Alentejo;
- 1938** - Morte da mãe (4 anos de idade);  
Vai viver c/ avó e tia, paternas, para aldeia no Baixo Alentejo;
- 1942** - Morte da avó paterna (8 anos);
- 1944** - Muda-se para Lisboa/Algés para continuar a estudar (10 anos);  
Vive com “primas afastadas”;
- 1945/46** - Tem a “primeira e única” namorada (11/12 anos);
- 1948/49** - Começa a trabalhar no armazém do qual o pai é sócio – Lisboa (14/15 anos);  
Vive, sozinho, num quarto de uma pensão;  
Início dos sintomas;  
Ida ao Hospital e início de terapêutica – Electroconvulsoterapia e Choque Insulínico;
- 1951** - (01 de Novembro) Entrada na instituição – Enfermaria (Unidade S.A.) (16 anos);  
Segundo casamento do pai;  
Nascimento da irmã (12 de Novembro);
- 1953** - Começa a trabalhar no refeitório da instituição (19 anos);  
Saída da enfermaria e entrada na Unidade S., de internamento prolongado;  
Visita das primas de Algés;
- 1963** - Perde a visão do olho direito (acidente) (29 anos);
- 1975** - Visita à terra onde nasceu (Junho);  
Perde a visão, por completo (operação - catarata congénita) (Agosto/Setembro);  
Problemas de circulação de sangue (41 anos);  
Deixa de fumar;  
Dificuldades em dormir;
- 1977/78** - Visita da tia G. e prima R.;
- 1988/89** - Visita do pai;
- 1990** - Visita o pai;  
Encontro com tia G. e prima M. (Janeiro)
- 1992** - Morte do pai;
- 1994/95** - Deixa de trabalhar no refeitório (59/60 anos);
- 2000** - Mudança para Unidade V.N., de maior autonomia (66 anos);  
Começa a trabalhar nas “Actividades Produtivas” (atelier ocupacional)
- 2004** - Operação ao Coração (Pace-maker)

**2006** - Mudança de Unidade, Psicogeriatrics (07 de Junho);  
Suspeita de melhoras, notícia da recuperação ou “cura”.

## Anexo 2 – Montagem da história de vida na 1ª pessoa

## A História de vida na primeira pessoa

Era miudinho... Tinha quatro anos, quando a minha mãe faleceu. Ela era muito bonita; gostava, também, muito de mim. Quando ela estava na cama, ainda, fui lá dar-lhe um beijo; até estavam com medo que eu apanhasse a doença: a tuberculose. Ainda me lembro dessa parte: *Olha! Não vás beijar a mãe que, ela tá doente. Ah! Não faz mal... Não faz mal...* Dei-lhe um beijo na testa. Nessa altura, não havia cura para a tuberculose né? Há quase setenta anos... Tenho setenta e três, vou fazer setenta e quatro, quase há setenta anos... Estávamos no Algarve. A minha mãe estava-se a tratar da tuberculose. Estivemos lá, um longo tempo, em Monchique.

Em V.V., onde nasci, fugia e, ia à mata apanhar medronhos... (ri) Enchia lá a barriga. Depois, não me deixavam ir mais. Aquilo tem álcool né? A minha avó, da parte da minha mãe, não queria que eu fosse para lá mas, eu, assim que a apanhava coiso: *Zzt! Lá ia eu...* (ri) Apanhar os medronhos que estavam caídos no chão. Às vezes, punha-me em bicos dos pés, (ri) ainda me lembro, a ver se conseguia chegar lá a cima mas, não conseguia, só algum que caísse no chão é que eu apanhava... Ainda se viam por lá veados... Tinha lá a minha madrinha, a verdadeira, do baptismo, dizem que ainda está viva. Ela, também, olhava por mim. Naquela altura, era miudinho. Gostava de saber o parentesco da minha madrinha com a minha mãe. Parece que era uma pessoa de família mas, não sei se era qualquer coisa à minha mãe, parece-me que sim... A minha mãe era R., e; ela, era E. P., parece que era P... Este nome, nem sei onde o fui buscar, creio que é a minha madrinha, saiu ao calhas! Deve ser a minha madrinha de baptismo. Ficou-me este nome na ideia, de resto, não sei quem é mas, desconfio que é a minha madrinha. Foi assim que pensei as coisas... Se ela ainda for viva, deve ter mais de noventa anos. Quando era miúdo, ela tinha perto dos quarenta... Hei-de perguntar á minha irmã, quando ela cá vier, a ver se ela sabe ou se procura saber se ela ainda é viva. Na última vez que perguntei, aqui há um ano ou dois, ela disse que estava mal, tinha partido uma perna ou um braço, estava no hospital, caiu, foi assim uma coisa... A minha irmã é que disse: *Ah! A tua madrinha, ouvi falar dela, parece que ainda está para lá, não se sabe nada.* Nunca mais soube dela, desde que saí de lá. O meu pai é que, às vezes, me dava notícias dela...

Depois, mudei-me para a aldeia de S. B., a terra onde o meu pai nasceu. A minha mãe foi, lá, onde eu nasci, em V. V. Então, fiquei com a minha avó, a mãe do meu pai; a minha tia é que tomava conta de mim. O meu pai, como era caixeiro-viajante, andava sempre de Norte para Sul e Sul para Norte. Andava, sempre, em viagem. Dava a volta e, depois, ficava lá uns dias em casa da minha tia G. que, era quem tomava conta de mim. Eu ainda era miúdo né?

Depois, ia, outra vez, para viagem... Andava sempre assim... Só de mês a mês, ou de tempos a tempos é que ia lá, para descansar e estar lá uns diazitos. A minha avó, depois, faleceu. Já andava na terceira classe. Ela gostava muito de mim. Depois, fiquei só com a minha tia. A minha tia, irmã do meu pai, é que gostava muito de mim se não... (ri) Não me daria bem né? E, o meu pai, se calhar, mudava-me... A minha tia nunca teve filhos. Foi ao contrário dos outros irmãos: eram cinco, todos tiveram filhos. Elas, tiveram quatro ou cinco, cada uma; o meu pai, foi só um; o meu tio Z. também foi só uma menina, nasceu em França, chamada R.; a minha tia I., teve uns quatro ou cinco, se não estou enganado e; a minha tia C., mais quatro... Hoje, anda tudo por aí fora...

Aquilo, na aldeia, era quase tudo gente conhecida né? Primos, tios, cunhados, irmãos e tudo... Passeava; ia a casa dos meus primos e dava umas voltas e tal... Hoje já é Vila... Passou para Vila há uns dez ou quinze anos, bem puxados, talvez, uns quinze; veio no jornal e na rádio... Depois, foi a inauguração da água e da electricidade, ao mesmo tempo. Aquilo estava a precisar... Era uma aldeia valente, com muita gente, talvez, mais de mil pessoas. Não é destas aldeiazitas de cinquenta ou sessenta pessoas... Era uma aldeia valente... Havia festas e reuniões... Só faltava era a água e electricidade. Então, fizeram lá a inauguração, parece que foi lá um Presidente de Concelho ou de Distrito. Eu gostava de lá estar, distraía-me, ia passear... Conhecia a aldeia toda, de ponta a ponta: ia a casa das minhas primas, que era ao princípio da aldeia ou; ia para o lado contrário, a passear, até ao fundo do terreno... Iam os porcos para lá, comer a relva. Eles sabem o caminho... Sabem ir e vir... Alinham e, vai tudo por ali, até que aprendem e vêm ter à pocilga sozinhos. De manhã, iam com o que tratava deles e, para cá, quase, vinham sozinhos, cada um ia para a sua pocilga. A sua casa né? (ri) Eu gostava de os ver. A minha tia, às vezes, também, criava né? Tinha a porca grande, para criar – uma vez, parece que teve quinze leitõezinhos de uma vez – e outros porcos para matar. Eu gostava muito daquilo... Gostava de lá estar. Tinha com que me entreter, com que me distrair né? É verdade... Sentia-me à vontade, sentia-me lá bem e coiso...

Depois, para estudar, vim para Lisboa, viver com umas primas, em Algés. Eram primas afastadas, mais velhas, mas eu gostava muito delas e elas de mim. Éramos muito amigos. Ela chamava-se P., a prima. A outra, foi adoptada quando era mais pequena e, ficou como filha. Era uma senhora alta, forte, uma senhora muito respeitada e respeitável, tinha até família na América. Estava casada com um senhor, chamava-se M. P., nunca mais me esqueci... Disseram-me que também tinha falecido, dava-se bem comigo... À noite já tava meio coiso... (ri) Bebia dois ou três copitos ao jantar e, ia para a cama. Ela tomava conta dele: *Toma cuidado, M... Vai já pra cama e tal!* Eu ouvia aquilo tudo, à mesa, estávamos todos à

mesa e, olhava para aquilo com atenção. De tempos a tempos, o meu pai ia-me lá visitar e, eu, esperava lá por ele... Era na Rua da B., lá no alto, nunca mais me esqueci! Era o prédio que fazia esquina, até tinha varanda, via-se o Tejo. Nas férias, no verão, íamos para a praia, lá em baixo, ao pé da estação. Ah! Isso era logo três meses... Chamavam-lhe as férias grandes. Alugávamos uma barraca na praia, com a minha prima, e durante um mês estávamos lá todos os dias. Isso é que era uma festa... (ri) Ainda era miúdo, gostava daquilo... Por acaso, é uma terra bonita. Gostava daquilo, gostava das vistas daquilo!

A professora era conhecida... Depois, o meu pai falou com ela e tal... E a minha prima também... Era como se fosse uma família. Íamos estudar para casa dela, quando não havia aulas no liceu, de manhã ou de tarde. Chamava-se, Dona F... Gostávamos muito dela... Havia mais um ou dois que iam, também, para casa dela. No alto, ficava a casa da minha prima e, ao descer, no fundo da descida, ficava a casa dela. De maneira que, ficava ali perto. Às vezes, levava algumas coisas para estudar: livros, cadernos e apontamentos e, ela, dava-nos alguns apontamentos e ensinava... Fazia alguma pergunta e, a gente enganava-se... (ri) É natural, não sabíamos... E, ela, emendava e dizia o que era... Era muito boa pessoa. O colégio era no alto, quando se sobe, perto da minha casa. Ao meio da estrada era a casa da professora... Mais abaixo tinha o colégio onde eu estudei e, ao meio, entre a casa da professora e o liceu, havia outro colégio muito conhecido, um colégio fino. Mas, para mim, não dava! Era melhor o outro: o I. D. H., era mais próprio para mim. O outro, tinha outras áreas de estudos...

Era um liceu de rapazes e raparigas, naquele tempo, estava tudo misturado, (ri) é verdade... Depois, arranjei uma namorada. (ri) Era gira, chamava-se L. Ela, parece que não pegava muito comigo... (ri) Eu é que tinha de puxar por ela mas, gostava dela. Foi o primeiro e único namoro que tive. Tinha uns onze ou doze... Éramos miúdos né? Foi no liceu que a gente se conheceu. Comecei a namorá-la! Gostei dela, era bonita! Andávamos sempre juntos, quando comecei a olhar para ela e a ver que gostava dela, depois, meti conversa com ela... (ri) Pró namoro e coiso... Falávamos de vez em quando, e coiso e tal... Durou prái uns dois anitos, talvez... Até acabar o liceu...

Fiz o liceu até ao terceiro ano depois, o meu pai é que disse: *Eh pá! Arranjo-te um trabalho bom, lá no armazém pá... Deixas-te estar a aprender, depois, vais seguindo, até chegares a sócio né?* O meu pai era sócio da casa de ferragens, ferramentas e quinquilharias. Larguei, então, o terceiro ano e, fui para lá... Tinha uns treze, catorze anos. Aos dezassete é que vim para cá, foram dois anos lá fora, assim, já meio tonto da cabeça. Eu gostava daquilo; ia fazer recados... Ganhava qualquer coisita, pouco e, depois, quando vinha, ia vendo, lá dentro da loja, aprendendo sobre as peças... O meu pai, era caixeiro-viajante, arranjou sócios,

eram todos do mesmo ramo. Então, juntaram-se todos e, arranjaram um armazém grande... Parece que eram quatro sócios... Mas, durou pouco tempo, faleceram dois, depois, o meu pai faleceu e aquilo fechou. Era nos caminhos-de-ferro, ao alto, ali, em frente à estação... Era aí o serviço, se fosse preciso um recado qualquer: *Vai ali ou vai a outro lado...* Depois, vinha outra vez e, ficava lá a estud... Tomar conta... A ver como era aquilo... Tinha lá mais dois empregados né? Ficava a fixar, para ver as ferragens ferramentas e coiso... Andava a ver os sítios das ferramentas; onde era preciso tirar as ferramentas para mandar para os clientes... Lá começava a fixar aquilo... Gostava daquele trabalho...

Depois, arranjou-se um quartinho para mim... Tinha umas escadas lá para cima... Foi um quartinho alugado, à parte... Foi o meu pai e o sócio que o arranjaram... Foi a primeira coisa que me arranjaram: um quarto duma pensão. À noite, ia lá descansar e, comia lá... Era a dona da casa que fazia... Era ali nos caminhos-de-ferro de Lisboa. Ao princípio, custou-me um bocadinho... Depois, fui-me desenrascando, a pouco e pouco. Fui-me habituando né? Passado pouco tempo, já fazia aquilo bem... (ri) Sem dificuldades de maior... Eles até me diziam: *Eh pá! Não te preocupes, acostumas-te depressa, coisa e tal...* Preocupações né? Da mudança... De mudar; deixar o estudo e entrar no trabalho. Mas, mesmo assim, fazia os possíveis para me aguentar... (ri) Não havia problemas nenhuns... Desenrascava-me, a pouco e pouco. Eu pensava: *Com o tempo vou-me acostumando e, vou-me adaptando ao trabalho, desenrascando bem... Ir fazendo melhor e trabalhando bem...* Estavam lá os outros empregados, dois ou três e, às vezes, até me ensinavam: *Olha! Isto é assim e assim e tal e coiso...* Eu fazia os possíveis para fazer bem, embora, com algumas... Não é bem dificuldades, estava preocupado né? Por fazer aquele trabalho... Fazê-lo bem, para o meu pai depois não me ralhar (ri e fala de forma atrapalhada) Ele era muito boa pessoa, até brincalhão... Nunca me ralhou... Só, às vezes, é que me aconselhava e tal: *Faz isto assim e assim e coiso...* A ensinar-me né? A ensinar-me. Pois, ele, como sempre, nunca parava... Ao princípio, era para Norte era para Sul e, eu, às vezes, quando ele chegava: *Então ó pai, para onde foi? Oh! Fui lá para cima, para o Minho...* Ia para todo o lado e, as pensões, tinham sempre um lugar para ele...

Ao princípio estava mais ou menos porreiro. Alguma coisa que tivesse, era nervos: da agitação da mudança; de começar o trabalho novo e tudo aquilo... Não ligava muito... Embora, já começasse a cabeça cá a trabalhar... Só passados uns seis meses é que comecei a desconfiar, que tinha a doença: a esquizofrenia. Já tinha um certo receiozito mas, era uma coisa muito leve, atribuí-a isso aos nervos... Era já o principio da doença. Não ligava muito ao que fosse. Ainda não fazia asneiras demais... Passado um aninho é que começou, então, a coisa a ser mais perigosa, mais má, a doença da cabeça né? Tinha quinze ou dezasseis anos.

Comecei a baralhar a cabeça; começou-me a falhar... Comecei a variar... Era tudo ideias de medos, de terrores e coisas assim... Medos! Medos à noite... Pensava em coisas de assaltos e assim... Tinha receios de assaltos, de roubos... Andava receoso, era isso que me preocupava mais, da parte da doença... Tinha sonhos de bichos, de touros, que corriam atrás de mim e, eu, escondia-me detrás das portas e nos sítios que via... Depois, espreitava lá para fora, para ver se eles não marravam. Escondia-me nas casas e nos sítios que ia vendo para me esconder... Quando pensava naquilo, até parece que fugia de medo... (ri) Quando pensava naquelas coisas, parece que estava a fugir de outra pessoa que me queria fazer mal né? Um ladrão! Parece que fugia daquela... Daqueles medos. A ideia fazia-me fugir, desviar-me da coisa; ficava com a ideia passada e, tentava fugir daquela ideia né? Era a consciência, do outro lado, a trabalhar né? E, eu: *Com medo de quê? Está tudo normal...* Então, lá conseguia fazer os possíveis para passar melhor e, tirar essas ideias más, evitá-las... Pensamentos esquisitos, de medos e, então: *Ah! Tá bom tá, tá bonito, tá lindo tá...* (ri) Eu, claro, fazia o papel, dava um desconto né? Da doença né? A doença apareceu e coiso... Comecei mesmo a variar, a pensar uma coisa e pensava noutra... Em vez de pensar uma coisa bem, pensava para o mal. Acontecia-me isso. Dava-me a impressão que fazia tudo mal; tudo ao contrário né? Era uma coisa que me atormentava e, ficava mesmo... (longa pausa; agitação corporal, esfrega as mãos nas pernas...) Quase que... (maior agitação; chora)

Pois, estava naquela coisa... Com aquela pensão... E, fazia... *Porque será que sou assim? Caramba! Os outros e coiso...* Depois, lembrava-me das minhas tias... Também, sofreram da cabeça e tal... Mas, era diferente. Era de loucura! Ouviam vozes e gritos; gritavam, com medos e coisa... Uma espécie de loucura! Uma era irmã do meu pai e, outra era casada com o irmão do meu pai. Também é tia! Por afinidade. A minha tia I., portanto, a minha tia verdadeira, esteve muito tempo doente. Parece que já acalmou... Passado um tempo, disseram que ele estava melhor e tal... Essa tinha aparições, loucura. É outra da doença mental né? Faz parte da doença mental. Dava gritos de medo e ouvia vozes. Tinha que estar fechada num quarto. Ouvia, a minha tia G., com os familiares, o meu pai, e vizinhos, às vezes: *Então como é que está, a I.?* Tinha medos; ouvia vozes, gritos e fantasmas... Sofria mesmo de loucura. Tinha uma data de filhos... Parece que eram cinco... Ainda era nova, nessa altura, tinha quase uns quarenta... Talvez... Eu era novo... Foi na altura da quarta classe... A minha tia A., de vez em quando, de tempos a tempos, dava-lhe aquelas coisas... Uma espécie de crises... Crises da cabeça... Sentia vozes... Essa é que sentia vozes... A minha tia I., era mais essa loucura dos fantasmas e dos medos... Eu, por acaso, nunca cheguei a ter nada dessas coisas... A esquizofrenia é uma doença diferente. Esta, a gente sente-a mas, podemos aguentá-la né?

Emendar e, evitar os receios... *Ah! Não há medo nenhum... É a doença, a esquizofrenia...* Vozes, não ouvia... Tinha era receios. Queria estar só, sozinho... Era muito calado; não gostava de estar com conversas e falas; gostava de estar só, sossegado e calado, a ver se conseguia passar... Tinha receios e medos, à noite, mas nunca cheguei a ouvir vozes. Essa coisa de ouvir vozes é um caso sério! (ri) Até me custa a acreditar que a gente ouça vozes. Era uma espécie de medos. Medos que a gente tem... Receios, à noite, dos ladrões... (ri) Era mais isso... Estava lá sozinho; tinha lá um quartinho, sozinho, para mim né? E, à noite, pegava a doença... Tinha que a aturar toda a noite: os receios e coisa... Era quase todas as noites. E fazia comparações, com a minha tia I.: *Mas, a doença dela é a loucura e sente aquelas coisas todas!? Aqueles receios, mesmo a sério, e, eu, evitava...* Aguentava-me... Era o pratinho da noite... (ri). De dia, era fazer asneiras. Pois, a passar aos caminhos-de-ferro, estava lá uma bicicleta à beira do passeio, encostada, entre o passeio e a estrada, e apeteceu-me agarrá-la... (ri) Ainda fui com ela mais à frente e, depois, deixei-a lá. Mas, era asneira né? Podiam-me caçar ali... A polícia ou coisa... Não tinha nada que estar a mexer naquilo... Eu andava sempre a pau! Evitar fazer asneiras... Às vezes, lá falhava uma e tal...

No armazém não havia problema nenhum mas, estava com aquela coisa na cabeça: a ideia na cabeça, a ideia má e, tinha de estar sempre às cautelas... Estava lá, acompanhado; tinham dois empregados bons, de confiança e, eu, andava sempre com preocupações que me vinha à ideia... Ideias próprias da pessoa... Que a gente tem... De andar preocupado. Tinha muito preocupações comigo. Fazia parte da doença, é o que é! (ri) Ir para o outro lado e; estar ali, a fazer aquele trabalho, a aprender o ofício. Eram duas preocupações que eu tinha. Todas essas coisas me preocupavam mas, eu, calava-me bem calado. Era só para mim, é que dava a ideia... Só eu é que sabia. Era capaz deles perceberem qualquer coisa nera? A preocupação era isso e, depois, a preocupação à noite, dos receios e tudo aquilo... Fazer o trabalho correr bem, fazer bem... De dia era preocupações de coisas da vida e de estar preocupado para a noite... Fazia uma ligação, uma coisa com a outra... Eu, também, fazia por sentir-me à vontade. Fazer tudo correcto para não dar a entender que estava preocupado né? É uma maneira boa... Nessa altura, embora miúdo, já tinha essa ideia, disfarçava, não queria que soubessem... Que estava a sofrer... Por exemplo: aquelas pessoas que têm muitos nervos, qualquer coisinha no trabalho... Vinha-me essa ideia, também, à cabeça... Mas, dessa, (ri) não tinha grande receio... Tinha era da que me apoquentava... Que me preocupava... De noite, era duma maneira e, de dia, era outra... O que me preocupava era a doença: eu queria fazer duma maneira e acontecia-me outra... Queria fazer bem, a ver se conseguia fazer melhor...

Depois, o meu pai veio a saber que eu coiso né? (ri) Ele, também, quase nunca lá parava, no armazém! Só de mês a mês é que ia lá, de maneira que... Parece que lhe disseram que eu que andava a fazer umas asneiras cá fora e, isso preocupava-me. Não me recordo bem... Não sei se foi o encarregado... Fazia parte da doença: umas asneirazitas próprias da doença. Depois, o meu pai soube e: *Então? O que é que tens ó V.? Ah! Ó pai, isto não é nada...* (ri) Eu disfarçava sempre... *Isto não é nada... Ando preocupado mas, é do trabalho e os nervos e coiso...* (ri) Parece que fiz uma coisita qualquer... Fiz asneira, já não me lembro bem do que foi... Andei lá a mexer na caixa, do balcão, do escritório, onde tem as letras, onde eles assinam as coisas... Parece que andei para lá a mexer ou, qualquer coisa... Ou tirar dinheiro... Foi uma coisa assim... Já não me lembro bem do que foi... Depois, o sócio, disse ao meu pai: *Olha! O V. anda para aqui a fazer asneiras...* Assim, à laia de brincadeira. Eu estava lá dentro, na sala no balcão, numa mesa grande, das ferramentas, a ouvir tudo... E, preocupava-me né? É uma coisa que não se deve fazer... Uma asneira. Depois, o meu pai veio falar comigo: *Então V.! O que é que tens, pá? Eh pai! Isto é de estar preocupado com o trabalho, assim e assado...* Já era a doença, nessa altura, e, eu, fazia por tirá-la da minha vida para sempre mas, agarrava-se e, ficava sempre a preocupação... Era uma chatice! Eu fazia os possíveis para ser normal... Era a doença! Para a idade que eu tinha, parece que era normal e, depois, com o receio da noite vir... Antes, estava sempre em casa. Tinha a casa da minha prima e, na aldeia, estava sempre acompanhado... Por isso é que eu receava. Mas, depois, fazia por me distrair... Disfarçar e tal... Era como se fosse uma brincadeira de criança, de rapaz novo. Com aquela idade... Fazer aquilo tudo, sem erros; sem enganar; sem falhar, e ir bem na vida... Era isso que eu queria fazer... Nessa altura, já tinha quinze ou dezasseis anos, já era adolescente!

Depois, o meu pai falou comigo. O que é que eu sentia e tal e coiso... Eu disse-lhe que sentia medos, ideias más e coisas esquisitas... Depois, fui ao Dr. B. F., ao consultório dele, e ao R. F... Eles puxavam por mim... (ri) E, eu, dizia tudo: *Tenho alguns receios e medos né? Como estou sozinho... Numa pensãozita, num quarto pequenino, faz-me medos né? É isso...* Ainda fui ao E. M. mas, ele não estava e, então, ficou anulada a consulta. Foi o meu pai que me levou. Então, resolveu levar-me ao Dr. EL. M., em Coimbra, e, este é que me desenrascou... Ele disse, baixinho, ao meu pai: *Esquizofrenia e tal...* Mas, eu ouvi bem e, fiquei logo com aquela coisa... A partir daí, fixei logo a minha doença. *Deve ser esquizofrenia...* (sussurra) Ele perguntou-me:

- *O que é que vê ali no canto daquelas paredes? O que vê lá?*

- *É uma manchazita Sr. Doutor.*

- Mas, o que é que vê? Aquilo era para me experimentar... O que está no canto da parede?

- É uma ranhura...

A partir daí fiquei a saber mas, não tinha a certeza... Agora, que eu estava bem, é que soube que estava curado da esquizofrenia.

O meu pai, então, levou-me ao Júlio de Matos para os electrochoques e aquilo: a penicilina... (refere-se à insulina) Levava-me lá, duas vezes por semana, ou uma vez... Eles, também, tinham dúvidas da penicilina... Eu ouvia-os... Até fiquei contente! A ver se me safava, em vez dos electrochoques. A penicilina, diz o Dr. C. (médico psiquiatra da instituição), é que me apanhou o cérebro e me safou... Era no cérebro que sentia tudo maluco, destrambelhado das ideias... Que não se deve pensar... Era o que dava na ideia da gente... Depois, é que ele me levou para a clínica de Vera Cruz, uma clínica famosa onde eles fazem as operações... Agora, está modificada né? Antigamente era só para doentes da cabeça... Estive lá um mês... Depois de acabar com os electrochoques, no Júlio de Matos... A doença, a partir dessa altura, atacou-me mais... Depois, é que me sentia mesmo preocupado com as ideias que me apareciam, que me vinham à cabeça... Pensava em tudo. Até na minha tia I., que tinha aquela loucura... A ver se eu não apanhava essa doença... A ver se não tinha isso né? Pensava nessas coisas...

Depois, então, tive de vir cá para dentro... (refere-se à instituição onde se encontra) O meu pai trouxe-me... Ainda era miúdo, entrei no dia de todos os santos... O primeiro de Novembro. Fiz os dezassete anos, dois meses depois, em Janeiro. Passados onze dias, tive uma irmãzinha. (ri) O meu pai já me tinha avisado, antes: *Olha! Qualquer dia vais ter uma bebé... Vai ser uma menina...* Até que, depois, recebi a notícia, no dia doze desse mesmo mês. Nasceu, faz agora cinquenta e seis anos. Era uma bebé quando eu vim para cá. Eles casaram. Quando a menina nasceu, já estavam juntos há uns dois anos. De maneira que depois, vieram para cá... A minha madrastra, eu trato-a por madrinha, trazia-a quando me vinham visitar... Ainda, era pequenina. Eu gostava dela e brincava com ela. Era de colo e tudo... (ri) Uma vez, até chorou. Coisas de bebés, que acontecem... Ainda me lembro: brincava com ela, fazia-lhe festas... Nessa altura, ainda não tinha cegado.

Quando vim para cá, estive no S. A. (nome de unidade da instituição) Nesse tempo, era a enfermaria, onde faziam tratamentos à cabeça. Estive lá, uns dois anos. Depois, comecei-me a habituar a isto... Alguns, fugiam, não queriam cá estar... Eu não! Sempre estive bem comigo, a fazer os possíveis para me portar bem e, depois, com a doença... Naquela altura, tinha muita força de vontade para fazer bem; para ter o cuidado de fazer as coisas como devia ser e, assim, consegui-me safar... Via os outros, a fazerem as várias coisas mas, eu,

fazia sempre bem. Fazia os possíveis para não dar nas vistas. Para ninguém desconfiar daquilo que andava a pensar... As coisas ruins... Uma coisa que nos dá para o mal, por exemplo: via uma janela e, pensava: *Olha, se ela saltasse lá para fora...* É! Então, evitava fazer mal; tirava aquela ideia da cabeça. Era evitar: *Olha uma janelinha para a gente estar à janela e tal...* Evitava o mal, para pensar bem.

Ainda me vieram cá visitar, as primas de Algés, é verdade! Já faleceram... Já eram de idade. A minha prima, já tinha uns noventa anos, ou mais. A filha, também, já era uma senhora de alguns sessenta e tal... Estava no S. A. Estava tão maluco que nem as conhecia. Foi preciso um quarto de hora para me convencerem... Não estava a ver nada! A doença, o que dá! Estava completamente descontrolado. *Ah! Não conheço as senhoras... Não houve um engano qualquer?* Eu, muito senhor de mim, sem me lembrar do tempo que estive em casa delas, no liceu. Nem me passou mais pela cabeça. Até que por fim: *Ah! São vocês, desculpem lá, estava fora de mim mas, isto com a doença já se sabe...* (ri) Desculpei-me logo! Disfarcei logo a coisa... É a minha doença, é como se fosse a minha amiga... (não acaba a palavra) Fica ao lado né? Eu disfarço-me logo: *Pois, estava completamente variado, nem me lembrava quem eram vocês.* Desculpei-me logo. Foi quase um quarto de hora, a falarmos, sobre se era, se não seria... Até que, a minha prima, depois, perguntou-me o nome completo... Teimou comigo! Se não, estava a ver que não chegávamos a conclusão nenhuma. Eu até já dizia: *Com certeza foi algum engano... Eu sou o V. mas, há por aí mais V... Sou V. P... Então! É P. da parte do pai? Sou sua amiga, sua prima, de Algés...* Eu, até fiquei parvo! *Oh! Dá cá um beijo, desculpa lá, estava tão distraído, é a doença né?* A maluqueira que dá é isto! Não estava a ver nada do acontecimento. Não fazia ideia nenhuma... Estava com os sentidos cá na casa e, a doença, a maluqueira e coiso... (ri) Disfarçava muito bem! Ainda disfarço muito bem, quando há alguma falha... Mas, agora, já penso bem, já tenho mais ideia das coisas. Não tenho nada a disfarçar... A gente, às vezes, engana-se. É um engano, pronto! Mas, agora, não há nada para disfarçar.

Eu fartei-me de trabalhar, aqui... (refere-se à instituição) Tive sempre emprego. Convidaram-me passados dois anos, perto dos vinte... Foi um empregado que estava lá, há anos... *Olhe! Quer ir trabalhar lá para o refeitório dos empregados? Recebe qualquer coisa para o tabaco e coiso...* Nessa altura, fumava muito, o meu pai quando cá vinha também me trazia tabaco e, eu, aproveitei... *Olha! Pode ser... Vou começar a trabalhar no refeitório dos empregados...* Foi assim, durante muitos anos, quase trinta anos, só num, naquele debaixo da igreja que tem as portas e as janelas ao comprido. Esse foi o primeiro... Depois, passei para o segundo, lá para baixo; estive lá uns sete ou oito anos. Ainda foi bastante tempo. Depois,

fecharam aquilo, passou para sala de jogos. Tinha bilhar; pingue-pongue; damas; televisão; sei lá! Os empregados, os internos, iam para lá de noite passar o tempo... Tinha a cantina com as bebidas; tinha o empregado, que estava lá até às tantas da noite de serviço; tinha várias mesas; uma sala grande com uma espécie de barzinho pequeno... Assim que acabava o serviço, ia para lá ler os jornais... Estava entretido até que viesse a hora de serviço, outra vez. Passar o tempo a ler os jornais e as revistas né? Como tinha vista... Era assim! Dali, passei para o actual, onde estive uns dez anos... Nunca falhava o refeitório, o trabalho... Ao princípio vinham-me cá buscar, depois, ia sozinho, já era mais fácil. Fazia o trabalho sempre certinho... Gostava de trabalhar naquilo. Era limpar a loiça toda e, às vezes, passar o chão. Tinha outro colega a passar o chão e, era assim... Limpar e arrumar a loiça e pôr as mesas. Isto lá em baixo. Depois, cá em cima, no novo, também, era assim... A senhora, era de cor, chamada T., lavava à máquina e; eu, sentava-me numa mesa de pedra comprida e, ia limpando... Tigelas; talheres; pratos; tabuleiros e, depois, arrumar... Eu, praticamente, é que fazia tudo né? A senhora era assim um bocado forte e alta... Era de Angola, veio para cá e, vinha com dificuldades... Tinha de trabalhar mas, custava-lhe bastante... Eu, mais o J. B., aquele, de cor, que faz muito barulho, grande, alto, forte, andávamos os dois a trabalhar... Ele passava o chão...

Gostava muito de trabalhar, para evitar aquelas ideias, para me distrair... Estive em todos os refeitórios, desde os vinte anos até aos sessenta e cinco, talvez... É preciso muita força de vontade. Eu tinha consciência que não estava certo né? Que era a doença... Podia estar de outra maneira... Diferente... Ver a vida de outra maneira. Fazia os possíveis para evitar aquelas ideias... Andava sempre a trabalhar para me distrair. Tinha de ser assim! Ao mesmo tempo, ia evitando, ia-me entretendo. Passado pouco tempo, por causa do mau tempo e por estar mais perto do refeitório, mudaram-me para o S. (unidade da instituição) Só à noite, ao jantar, é que ia para o S.; à hora do almoço ficava no refeitório, para me despachar mais depressa e, para começar logo o serviço. Acabava o refeitório à volta das quatro e, depois, ia dar uma volta, um passeio até há hora do jantar... Havia outro colega, que ia lá ajudar, do S... Esse já faleceu, coitado, trabalhador... Umhas vezes limpou o chão, como o J. B., e, outras vezes, outro tipo de trabalho... Ia lá, umas vezes, à tarde, para beber uma garrafita, que ele gostava... Uma garrafinha de vinho... Depois, ia com ele dar uma volta por aí... Chegámos a ir à feira, os dois. Íamo-nos lá perdendo. Eu a gritar: *Ó R.* Chamava-se R. Depois, lá o consegui agarrar naquelas entradas da feira. Quando está cheia de gente, para entrar e sair, é de encosto em encosto. Aquilo estava cheíno; eram uns pegados aos outros para entrar e sair; era um pandemónio levado da breca. E, eu, a chamar por ele: *Ó R.! Ó R.!* Era meu amigo, bom rapaz,

trabalhador e coiso... Éramos muito amigos. Fomos à feira duas ou três vezes. Outra vez, fomos por aí a cima dar a volta ao Sb. (localidade) e, viemos ter a Vl. (localidade) Demos a volta toda... Descemos aquilo tudo e, depois, viemos pela estrada, sempre a direito. Ainda tentámos ver se havia alguma coisa de comer... Não havia nada, ali à roda. Quando vamos à feira é que a gente sempre come qualquer coisa... Farturas né!? A gente ia lá para apanhar as farturas e; ele, ia lá para comprar carteiras ou rádios. Ele gostava muito dessas coisas. Tinha de ter uma carteira e rádio. Rádio, também, uso sempre... Tenho um sempre à mão, na algibeira. Gostava muito de ouvir rádio, andava sempre com um na algibeira, sempre a tocar, daqui para lá e de lá para cá. Fazíamos a festa assim! Por ai demos umas voltas e tal e coiso...

Aos sábados e domingos, isso ai! Tínhamos mais tempo. Era menos pessoal; despachávamos aquilo mais depressa. Íamos por ai fora... Andávamos entretidos. É pena! Nessa altura, ainda, tinha vista. Agora, é uma pena. Não tenho vista nenhuma... Só vejo a luz... Quase que vejo uns relevos, uns relevos escuros, a diferenciar da claridade. A vista direita, perdi-a tinha vinte e nove anos... Já não me lembrava! O senhor doutor C. (médico psiquiatra da instituição), é que viu lá na ficha: “... *Aos vinte e nove anos, cegou duma vista...*” Deu-me uma pancada, um empregado, de manhã, para me acordar. Eu estava de cabeça tapada, com o lençol né? Como costume, das melgas dos bichos... Assim, para cima... Ele julgava que eu estava de cabeça para baixo; deu-me com a chave, pronto! Como se costuma dizer: até vi estrelas. Vi uma claridade enorme, entre a sobancelha e o olho. Estava com os olhos fechados... Vi uma luz, parecia um candeeiro aceso, lá no fundo, uma luz muito forte, quase parecia a luz do sol, não exagerando, parecia uma faísca. Era tal e qual uma faísca! Depois, pronto! Eu não desconfiei que tivesse cegado, não me veio à ideia isso... Só passados três ou quatro dias é que desconfiei, assim por acaso, a diferença da vista e coiso... Como tinha acontecido aquilo, fiz a experiência, fiz assim... (tapa uma vista) A ver se via e, nada! Não via nada... Fiquei chateado, na altura, disse lá a eles... *Ah e tal, deixa lá... Isso passa e coiso... Foi para te acordar não foi?* Eu percebi, (tosse) não era com má intenção; ele julgava que eu estava de cabeça para baixo... Bumba! Ninguém sabia que tinha cegado da vista... Via da outra! Eu, também, não dava por isso. Depois, é claro, só passados uns dias é que desconfiei. Então, é que disse que tinha de ir ao senhor doutor porque estava cego duma vista e tal... Lá me levaram e, o senhor doutor, parece que já não tinha arranjo... Era o meu doutor de sempre! Desde que vim para cá. Agora, claro, é o filho, o J. L. O filho também é muito bom.

Passados uns vinte e tal anos de estar cá, começaram os passeios dos doentes. Ainda fui três ou quatro vezes. Antes de cegar, dois ou três meses antes, fui visitar a minha terra, V.

V! Lembranças de quando era miudinho. Foi uma boa viagem que fiz nessa altura. Gostei daquilo! Lembrar-me da minha terra. Fomos visitar o Palácio e a igreja, com o guia. Aquilo é giro: as casas, todas baixinhas, parece casinhas de anões... (ri) Parece que foi em Junho. Ceguei em Agosto... Dois meses antes... Ainda tive essa sorte, para me lembrar da minha terra. Desde que saí de lá, nunca mais lá fui. Já estava com saudades. Quando a vi fiquei chocado... Gostei muito daquela volta. Nessa altura, já a vista me estava a falhar, já me falhava um bocadinho, é verdade. Três ou quatro meses antes, começou-me a aquecer muito a vista, queria ler, e falhava, só via névoa... Era já um sinal, que ia cegar. Até parece que estava a adivinhar... Estava-me a despedir da minha terra para sempre. Depois, ceguei... Em setenta e cinco... Fui operado e, o médico disse que, se tem sido mais cedo, na altura, podia ser que chegasse a ver alguma coisa... Mas, o senhor doutor, logo por azar, estava de férias... Tive de esperar quinze dias que ele viesse... Assim que me viu mandou-me logo, de urgência, para ser operado no Hospital dos Capuchos. Não me taparam a vista! Não sabiam, ou não se lembraram, ou qualquer coisa... Eu, também, não fazia ideia disso... Tinha de ser a vista toda tapada, para não apanhar luz. Depois, pronto! Foi uma coisa que aconteceu... Estava a limpar os pratos, numa mesa comprida de pedra e, de repente, senti um calor muito grande subir-me à cabeça. Então, pensei que fosse do coração. Ia desmaiando! Agarrei-me à perna; fiz um esforço grande e, não chegou a um minuto passado ali, começou a passar... Levantei-me; quando abri a vista, notei que já não via nada. Pensei que fosse do coração, algum ataque cardíaco! Naquela altura, não me lembrava que fosse da vista. Afinal, sempre foi o órgão mais fraco que eu tenho. Foi o que o tabaco me deixou: uma catarata! O tabaco apanha o mais fraco... Uma pessoa sofre do coração, está logo tramado. Eu, da vista, fui um alvo a abater. Já estava desconfiado... Antes de cegar, estava a ler o jornal e, li as doenças que o tabaco pode dar: é cancro, cataratas, é da garganta, dos pulmões, sei lá... Estava a ler e a falhar a vista, nessa altura: *Se calhar, vai-me acontecer...* Queria ler o jornal e, vi uma névoa pelos olhos, era já o sinal... Sinto que foi do tabaco... Sentia a vista quente...

Estive um mês no hospital... Há males que vêm por bem: a pensar na vista, para ver se me curava, esqueci-me do tabaco. Nunca mais peguei no tabaco. Matei o vício assim, é verdade! Foi uma boa coisa, ao mesmo tempo, se não, era difícil de me passar... Se não fosse isso, podia fumar... Com a preocupação da vista, consegui evitar esquecer o tabaco. Quando saí de lá, custava-me um bocadito mas, chupava uns rebuçados (ri); ficava entretido a chupar rebuçados; servia para esquecer... É verdade! Foi bom, mesmo assim... Fumava muito, era uns atrás dos outros. Era papel dos guardanapos; tipo charuto, que eu fazia... De maneira que me dava quase uma hora, a chupar. Acabava um vinha outro... Assim, é que eu ia dando cabo da

saúde toda. Apanhou-me a vista, que é o órgão mais fraco que eu tenho; desde os oito anos que usava óculos. Na escola, lá na aldeia, na quarta e terceira classe, já usava óculos. Por causa disso é que o tabaco me deu cabo da vista: por ser fraco, era miopia. Até aos quarenta e um anos, fui sempre graduado, tinha de mudar de óculos de anos a anos, de três em três, ou quatro em quatro. Ia ao doutor L., ver letras e tal... Depois, ele escolhia as lentes próprias para mim e tal... Tinha uns óculos com uma grossura! Um disparate. Uns tempos antes de cegar, a mexer na vista, sem querer, caíram-me os óculos e, disse: *Já estão... Outros óculos novos...* Mas, fui pegar neles e, estavam tal e qual... (ri) Acontece-me cada uma! Nessa altura, ainda era meio coiso da cabeça... Ainda estava meio tonto da cabeça. De ano a ano, tenho de fazer um examezito para aquela luzinha que eles põem à frente... Para ver como é que está a vista. Chama-se, exame de rotineiro. O olho está sempre igual, não melhora nem piora. O pai, já era meu médico. Eu gostava muito dele e, ele, gostava muito de mim. Já o conhecia há alguns vinte anos ou, talvez mais. Depois de ser operado, ainda, estive cá uns aninhos e, depois, é que passou o serviço dele para o filho. Também é boa pessoa, é bom doutor. Tem piada que, quando fui operado, estavam lá os dois, pai e filho. Eu, até ouvi eles a falarem. Deram-me uma injeção para eu adormecer e, esperar um minuto. Depois, quando deram a pancada atrás do olho, deitou uma hemorragia muito grande, derivado do tabaco... O tabaco faz isso né? Dá hemorragias. Então, diz o filho para o pai: *Ó pai, o sangue não pára, tem uma grande hemorragia...* Depois, o doutor J. L., o pai dele: *Vai-se já tratar disso, não te aflijas que já se prepara aqui...* (ri) Eu, como não durmo, estava com medo. (ri) Se calhar, de adormecer. Da injeção... Que não fizesse efeito, a anestesia... E, eu, como não durmo, pensei assim: *Bem, se calhar, vou ficar acordado...* Mas, a anestesia é mais para as dores né? Para evitar as dores.

Agora, não durmo! Já me disseram que era impossível mas, não. Mesmo antes de cegar, li num jornal que um senhor inglês há vinte anos que não dormia. Há muitas pessoas que têm insónias, dormem pouco mas, eu, não durmo nada. Ainda experimentei alguns comprimidos, até dos mais fortes, mas nada! Só quando me deu esta coisa na vista é que me começou a acontecer isto do sono. Foi nessa altura que começou a falhar o sono. Quando fui para o hospital, já não dormia nada, é verdade. Antes de ir para o hospital, ainda dormia qualquer coisa, pouco, e sentia-me não sei como... Para um lado e para o outro... Fazia os possíveis para dormir mas, custava-me muito pegar no sono e, estranhava. Depois, fui para o hospital. Lá, já não dormia nada, deixei de dormir mesmo. Nessa altura, ainda, estava meio... Ainda não me sentia bem... Com força para fazer as coisas bem. Ainda estava um bocado maluco. É a esquizofrenia! A tal doença! A gente está uma coisa e, pensa outra; é uma coisa boa e vai pensar ao contrário... Como se fosse ao contrário. Mas, eu tinha força de vontade e,

consegui evitar certos problemas... Certas coisas... Fazia, sempre, os possíveis para fazer bem. Via os doentes a fazer asneira: *Bem, isto não está bem assim né? Se ele é assim, eu cá não quero ser...* (ri) Estudava-me por eles, por essa linha, fazer bem, só.

Quando vim, comecei a adaptar-me a andar com óculos destes... (de sol) E, ter mais cuidado... Estranhei um bocadito mas, é mais ao menos do meu jeito: sossegado, calmo e, a aguentar-me... Não estranhei muito... Como sou calmo; gosto de silêncio e coisas sossegadas, (ri) fui-me adaptando... Mas, ao princípio, estranhei um bocadito a diferença, duma coisa para a outra, foi só isso. Ia-me ajustando, conforme podia e, foi assim que, consegui melhorar um bocadito e adaptar-me. Tinha que me orientar; tinha a bengala... A orientar-me é que me custava mais. Tinha mais dificuldade. Ainda não estava acostumado, sem ver nada, só com a bengala... Depois, comecei-me a habituar. Agora, já consigo andar aí por todo o lado. Está aí o F., (utente da mesma unidade) que é preciso levarem-no, para todo o lado, agarrado, que ele não é capaz. Julgava que era só eu, cá dentro, que era invisual. Parece que ele cegou há pouco tempo, ainda não há dois anos, disseram-me:

- *Olha! Também é ceguinho como tu.*

- *Ah! Quem é?*

- *É o senhor F.*

Por acaso, trabalhava no atelier mas, nem o conhecia. Ouvia falar dele e, agora está como eu... Ele tinha uma bengalinha mas, estragou-a logo. Por isso é que eu faço bem, em ter cuidados com certas coisas... Pois, faz-se assim a diferença! Se visse: ensinava-o, para ele sair daqui para ali e tal... Pegando numa bengala já se consegue... Como eu faço mas, sem bengala é difícil; a gente sabe mais ou menos o sítio por onde tem de ir mas, pode-se ir contra uma mesa ou uma coisa qualquer. Se visse, ensinava-lhe: *Olha dá cá o braço e, vamos lá por aqui e tal e coiso...* Ele aprendia qualquer coisa... Eles também podiam ensiná-lo melhor, para ele se orientar cá dentro. A mim, nunca me disseram nada... Eu, com a varinha, consegui descobrir tudo aí... Tive, uma certa preocupação mas, depois, passou, fiz por passar, distraí-me e coiso: *Ah! Isto vai passar...* É a preocupação própria da altura, de não estar habituado à cegueira. Sem ver... Preocupações da vida... Para ir a algum lado, à cozinha ou ao barbeiro, tinham que me levar... Agora, ainda me levam mas, com a bengalinha já não estranho. Eu sei os sítios... Indo pelos túneis (corredores que ligam as diferentes unidades da instituição) sei ir, já não me preocupo... Agora, lá fora já é mais difícil, por causa da orientação... Foi só preocupações, de início, de ter de ir para qualquer lado e não poder, só acompanhado. Depois, com a continuação, fui-me acostumando. Agora, já estou habituado. Quando tinha vista, via algum ceguinho e fazia-me ideia disso: *Têm de ter o sentido muito apurado...* Depois, aconteceu-me

a mim e: *Olha! Tou certo, tou no seguimento...* Assim é que se tem de ser, com a ajuda, ter aquele sentido próprio, o tacto muito apurado.

Pois, ainda me vieram visitar cá dentro: a R. (prima) mais a minha tia G. Eu chamava tia X., (diminutivo) que era mais fácil, mas ela era G. Vieram as duas, há uns trinta anos, ou mais... (voz trémula) Eu, nem esperava que elas viessem aqui... Sozinhas né? Vieram cá ter... Gostei de as ver! Nessa altura, parece-me que já estava cego. Parece-me que sim... A R., quando me viu, não se sentiu bem... (chora) Esteve quase a desmaiar mas, lá a confortámos e tal... *Então R.?* (ri) *Isso passa e tal...* Foi uma grande surpresa né? Talvez, por me ter visto assim... Nessa altura já era homem feito... Já tinha alguns quarenta e tal anos... Quando a gente se conheceu, lá na aldeia, éramos miúdos, ela era miudinha... E, da última vez que fui a casa da minha irmã, tive uma grande surpresa: encontrei lá a minha tia G... Foi um salto, da aldeia do Alentejo cá para cima... Calhou apanhá-la! É raríssimo... Parece que foi pelos anos... Ia sempre, pelos anos, em Janeiro, foi por essa altura. Se calhar, a minha irmã falou com a minha tia G.: *Olhe! Venha cá... Vai ver o V., que ele vem cá ao dia dos anos e, então, encontram-se cá... Já que têm saudades... Que há anos que não se vêem...* Então, calhou apanhar lá uma prima. Tive uma grande surpresa! Uma prima que nunca tinha conhecido. Demos um beijinho... Chama-se M. Eu disse-lhe: *Muito prazer em te conhecer... Quando quiseres vai-me lá visitar e coiso... Gostei muito de te ver e coiso...* Conhecemo-nos logo! Gostei muito da apresentação dela. A minha tia G., estava ali ao lado, tinham vindo as duas. Com certeza, vinham já combinadas... Já estava velhota, coitada, assarapantada e coisa... Eu, a falar para ela e, ela, com a surpresa, quase nem podia falar... Eu, também, fiquei chocado. Foi uma boa surpresa. Com certeza, foi a minha irmã que combinou com ela... Para vir ver o V. Para me vir visitar... Já estava aqui, alojado, há mais de quarenta anos ou cinquenta... É uma vida inteira cá dentro... (ri) Foi uma surpresa muito grande. Eu não esperava que ela viesse a Lisboa. A única que não teve filhos; que tratava de mim; era a que estava mais perto de mim; olhava por mim, nesses tempos que estive na aldeia... Foi, sempre, a minha tia X... Ela esteve casada mas, depois, o marido faleceu e, ficou viúva. Era nova... A minha infância foi com ela, sempre. Ela é que me criou, mais a minha avó. Por isso é que aquele encontro, que tive lá em casa da minha irmã, foi ela que arranjou. Era um caso muito raro, encontrarmo-nos os dois... Eu, aqui há mais de cinquenta anos e; ela, lá na aldeia... Pois! Foi para nos encontrarmos... Para recordar e, para lembrar dela e tal... Tinha saudades dela (voz trémula/chora). Eu, nessa altura, já ia para os setenta... Já o meu pai estava doente, acamado. Fui lá visitá-lo e, a minha irmã arranjou para a minha tia visitar o irmão e a mim... Ela até disse:  
- *Adivinha lá quem está aqui?* (ri/chora) *Não fazes ideia nenhuma né?*

Eu, depois, calculei mas, não consegui... Ainda disse:

- *Será uma prima nossa, ó G.?*

- *Não! Estás enganado...*

Até que, depois, ela disse que era a tia G.

- *Oh!* Até lhe disse: *Então tia, como é que me acha? Acha-me já grande e tal... Acha-me já um homem?* (ri, chora) Ela gostou de me ver; estava bem preparado... Estava em forma. Fui sempre assim... Quando estava lá, já era forte. E, nesta altura, ela achou que eu estava com boa aparência. No Alentejo é assim que se diz: *Ah! Estás bem-parecido...* Uma pessoa que há muito tempo que não veja: *Ah! Como estás? Estás bem-parecido...* Quer dizer que está como anteriormente né?! Como se tinha encontrado antes... É assim, os alentejanos... Foi em mil novecentos e noventa... Fomos lá, para visitar o meu pai. A minha irmã é que fez o estratagema: *Vens visitar o pai, cá a casa e tal...* Depois, apanhei lá as duas. Era uma coincidência muito rara! Essa minha tia, faleceu há uns cinco anos, talvez, coitada... Com uns noventa anos... Todos os meus tios, é com noventa anos... (ri) O meu pai morreu com noventa; a minha tia G. chegou, quase, aos noventa; a minha tia C., a mais velha de todas, passou dos noventa, coitada, gostava muito dela; a minha tia I., também, deve estar com essa conta, não se sabe se é viva se é morta.

O meu pai, de tempos a tempos, vinha-me cá visitar, quando podia. Depois da doença que teve, deixou de cá vir... Vinha cá sempre; trazia-me tabaco, bolos... Era sempre! (ri/voz trémula) De mês a mês, ou coisa assim... Quando podia, era sempre! Ainda me veio visitar, com oitenta e sete anos e, eu, perguntei-lhe: *O pai tem uma bonita idade?* Eu era miúdo, ainda... (agitação motora: esfrega as mãos e; chora) Não me quero lembrar... A minha irmã é que me deu a notícia... Que ele tinha falecido. Estava acamado há dois anos mas, já muito mal... Coitado! Ainda caiu, algumas vezes, da cama para baixo; tiveram de o amarrar, por causa de não se coçar. Arranhava-se todo... Pernas e tudo.... Em noventa, fui lá visitá-lo, antes de falecer, ainda lhe dei um beijinho de despedida... Ele já pouco falava e, pouco dizia... Com aquela doença... E, com a idade de noventa anos. Faleceu com a doença que eu tenho... Tinha as mesmas doenças que eu: as varizes, a má circulação de sangue... Ele tinha mais uma: a diabetes e, eu, por ser filho, estou com medo... Tenho que me acautelar... Ainda posso apanhar a diabetes, vem de pai para filho né? A minha irmã, também tem varizes e má circulação. Eu ouvi dizer que é de pais para filhos e, eu, sou muito cauteloso. (ri) Andava sempre a comer chocolates, antigamente. Há pouco tempo... Ainda há um ano, dois anos, era chocolates todos os dias. (ri) Pois, tabletes de chocolate; bolos; sumos; Coca-Cola, tudo coisas

doces... Agora, tenho que me acautelar... Para não apanhar! Muita gente julga que é assim... A minha irmã já me avisou: *Olha! O pai teve diabetes, por isso acautela-te...*

O meu pai era caixeiro-viajante andava sempre aqui e acolá, era adorado em todo o lado e muito respeitado, era muito conhecido. A minha irmã diz que, quando ele faleceu, o telefone não parava. O que ele trabalhou! Merecia que olhassem por ele até ao fim da vida. A minha irmã tratava dele e, a mulher, a minha madrasta, a segunda mulher dele. A minha madrasta, ainda é viva; já vai, quase, para noventa anos... Ela era uma rapariga nova, comparada com o meu pai. O meu pai tinha mais alguns vinte anos do que ela. Era uma rapariga de trinta e poucos anos... Quando eles se juntaram, o meu pai já tinha alguns cinquenta e cinco, talvez... Ele tinha casa lá, na aldeia... Ia lá, de vez em quando, mesmo quando eu cá estava, era lá que ele pernoitava... Depois, ia, outra vez, de viagem. Ele ia sempre lá, até à 4ª classe. Quando, depois, vim para cá, para estudar, de mês a mês, ia lá visitar-me. Sempre! Quase sempre, de tempos a tempos... Às vezes, demorava mais um bocadinho, conforme podia... Quando vinha para Lisboa; tratar dos assuntos dele, do armazém... Ele gostava de mim! Era brincalhão... (ri) Muito brincalhão... Às vezes, até, brincava comigo... Punha-se na brincadeira... (ri) Com o chapéu, o boné: *Põe isso pá! Põe-te direito pá! Põe-te assim! Bem, vamos passear e tal...* Eu gostava muito dele, da brincadeira dele, era muito boa pessoa. Respeitava-o muito... Pois, era filho dele! Tinha de ter muito cuidado... Depois, com a doença... Ele sabia que eu era doente. Não me esforçava muito. Sabia que eu era assim coiso...

Morreu, tinha noventa anos certos. Foi um mês e tal depois de fazer os noventa anos... Nasceu em Junho e faleceu em Julho. Da parte do meu pai, é tudo aos noventa... Quando ele faleceu... (voz trémula) Era conhecido por todo o lado. No princípio, fazia o país todo, de Norte a Sul, depois, então, é que começou a fazer só Alentejo e Algarve. Toda a gente o conhecia, nas lojas... Tinha um livro grande, para escrever o que era preciso... Depois, ao fim de certo tempo, vinha ao armazém e, tiravam o que era preciso para mandarem para essas lojas... Ficava até às tantas da noite a escrever nesse livro; a passar de um livro para o outro; a fazer a escritura, para se saber no armazém o que era preciso ou, então, mandava, em carta, para o armazém. Conforme, onde ele estivesse. Ninguém o acusava de nada! Ele é que fazia tudo. Ele dava conta dele: ia por aí fora, de terra em terra... Sabia os sítios onde havia de ir, de passagem, era o trabalho dele, sozinho. Precisava de ir a tal terra: ia para lá. As pensões, lá nessas terras, já o conheciam e tudo... Era muito conhecido, é verdade! Era o senhor P. (ri)

Pois, eu sigo o meu pai... Também era (ri) muito cuidadoso... A lavar os dentes, logo de manhã; a ensinar-me, quando estava na aldeia: *Oh pá! Anda lavar os dentes e a cara e tal e*

*coiso...* Era muito cuidadoso, muito higiénico e, eu, saí a ele. (ri) Faço todos os dias ginástica (exemplifica, fazendo movimentos com os braços, pernas, pescoço e tronco). Assim, deitado na cama... As pernas, à noite, um minuto e tal para cima e, depois, a cabeça. Mexer os membros e o tronco e, é tudo muito bom. Todos os dias faço isso... Fora a ginástica: o passeio de quarenta e tal minutos no corredor do B., (unidade da instituição) todos os dias, ao fim do dia. Já por natureza, gosto das coisas muito certinhas... Perfeitas! (ri) O meu pai, também, era assim: muito recto; muito direito; muito certo e; eu, saí a ele, conforme tinha de ser né? A minha irmã, não sei... Nunca estou com ela, a gente poucas vezes se vê, só quando ela cá vem pelo Natal e pelos anos é que a gente se encontra mas, dá-me a impressão que ela, também, é um bocadinho como eu. Pois, saí ao pai! É assim que eu gosto: de pouco barulho e, mais sossego... Foi sempre o meu jeito, sossegado e calmo. É o meu feitio. Gosto de fazer as coisas com atenção, devagar, e não gosto de palhaçadas e assim...

A minha irmã é a única que, agora, tenho... E as minhas sobrinhas. Já tenho um sobrinho neto e uma sobrinha neta, da minha sobrinha mais velha e, para Agosto, vai nascer outro bebé. Não sei se é menino ou menina, da mesma sobrinha... As minhas sobrinhas são já umas senhoras; já estão crescidas: uma é juíza, já tem a vida arrumada; está casada e, tem um menino e uma menina. A outra, tem para aí uns vinte e sete, é enfermeira, qualquer dia está cá a estagiar... Eu disse-lhe: *Ó rapariga! Quando acabares o curso dá cá um saltinho...* (ri) *Aqui, ao pé de mim, a estagiar...* No domingo vêm-me visitar: a minha irmã; a minha sobrinha e o meu sobrinho indirecto, o marido da minha sobrinha. É verdade! Vou conhecer o meu sobrinho novo, por afinidade, chama-se J. É a primeira vez que o vejo. Ela veio-me cá ver. Estava a almoçar, apareceu aí de surpresa. Veio com uma camioneta, carregada, dum curso de enfermagem... Parou aqui, o autocarro pequeno, depois, deu cá um salto:

- *Olha! V., no Domingo que vem, vimos-te visitar...*

- *Está bem! Fico muito contente por isso.* Mais a minha irmã. A minha irmã tem 56 anos, ainda trabalha... É professora, não tem tempo para nada... É exames; papeis; cópias; estudar; ensinar, não lhe dá tempo para nada... Ela só cá pode vir no Natal e nos meus anos e, às vezes aparece, como agora, a meio do ano. Costuma vir trazer a prenda e, como este ano calhou sexta-feira, veio no sábado. Calhou bem! Quando é dias de semana não pode, tem muito trabalho: exames, escritos aulas e tudo. Por exemplo: se calhasse a uma segunda-feira, só vinha cá ao sábado ou domingo.

Antes, fazia a festa em casa dela, há sete ou oito anos mas, agora, por causa das tonturas, não! Dá-me vómitos. Não é bem por causa do balanço dos carros, é mais da poluição dos carros. Vou lá para fora, pareço um peixinho fora de água (ri). A minha irmã viu logo: *Ó*

V.! *Tu pareces mesmo como se estivesses fora de água, aqui és um peixinho né?* (ri) Ao princípio, a segunda e terceira vez que fui lá, vomitei. Parecia uma faca aqui espetada, (garganta) quando os carros passavam. Comecei a descobrir pela velocidade dos carros e pelo cheiro do rasto, do gás do escape. Não é bem do balanço do carro, é mais por causa da poluição dos carros; passa um carro, fico logo meio tonto. Nos carros grandes, nas camionetas, parece que não me acontece; não me dá com tanta força. Dá soluços mas, consigo evitar... Levo o comprimido e, vou prevenido com um saco. E, depois, quando me dá o enjoo, fico branco como a cal da parede. A última vez que fomos passear, fomos todos daqui, eu até não queria ir mas, que remédio! (ri) Quando cheguei, estava branco como a cal da parede. Quando fui ao exame, há pouco tempo, na carrinha da casa, tive soluços mas, aguentei-me, com um saco á frente e tinha tomado o comprimido uma hora antes... Quando cheguei, a Mónica disse: *Ó senhor V., venha cá, é para ir para a cama descansar um bocadinho...* Com os pés levantados, para a circulação do sangue. Estava branco como a cal da parede; não estava bom, era do enjoo, sentia-me mal disposto.

Quando era novo, quando podia, até gostava... Ir passear (ri): aí vai ele! Não fazia mal, nem nada... Com motociclo, se calhar, não enjoava. É ao ar livre; mesmo que os carros passem desaparece o cheiro e os gases desaparecem. Nem me quero lembrar mas, quando ia a casa da minha irmã, à segunda vez sentia a garganta a cortar... Ui! É terrível! O meu cunhado parou o carro e, eu, saí para respirar ar puro; ainda vomitei, é verdade! Parece que, ainda agora lá fui festejar os anos... Pois, tenho setenta e três... Já vou a caminho dos setenta e quatro... O tempo passa a correr. É um instante... Fiz, a vinte seis de Janeiro, deste ano, setenta e três; já falta pouco para os setenta e quatro... Só pensando bem, a nossa vida, é que a gente faz uma ideia... Não pensando, a gente vai correndo, o tempo vai passando, e vai indo para a velhice. Para velho, para coiso, pois! Mas, já pensei nisso... Na minha idade e, nem pensava chegar a esta idade. Com setenta e três anos... Já é muito! A gente faz uma ideia e: *Eh! Pá, já estamos bem entrados...* (ri) Alguns, cá dentro: um, parece que tem noventa e três e; outro, oitenta e seis... Há aí uma data deles, já com uma certa idade. Pois! Isto chegar até aos noventa... É isso!

Saí do refeitório quando fui operado. Quando ceguei. Foi em setenta e cinco... Antes, não havia mulheres a trabalhar nos pavilhões... Quando vim, já estava uma no refeitório... No meu lugar... Começaram a vir mais mulheres, a partir daí, trabalhar para cá. Depois, lembrei-me de deixar de trabalhar mas, continuei... Continuei sempre! Mesmo depois de vir de lá, pedi se podia continuar a trabalhar e, deixaram-me. Pensei, até, que já não pudesse trabalhar mas, sempre dava jeito à senhora... Ela, coitada, tinha doenças! Eu mais o J. B., os dois, tínhamos

de passar ali quase a tarde toda. Ela, coitada, já não podia mais... Para a gente, não era um serviço puxado mas, sempre demorava tempo fazer. Ela, acabava de lavar a loiça e, quase não tinha de fazer mais nada. A gente é que tinha de fazer tudo... Para tanta gente né? Naquela altura eram cinquenta ou sessenta pessoas... Depois, deixei o refeitório. Lá me entretia a ver televisão e a ouvir rádio, na sala grande do S., e passava assim o tempo. Foi em mil novecentos e noventa e cinco, talvez... Há doze anos ou mais. Tinha cinquenta e nove ou sessenta anos. Já tenho setenta e três... Há treze ou catorze anos é que deixei o refeitório. Sentia-me aborrecido, nessa altura, sem fazer nada.

Depois, é que me convidaram para vir para o atelier... Há pouco tempo; há uns cinco ou seis anos. Talvez tivesse sido no ano dois mil, quando nasceu o atelier. Pois, eu gosto de fazer os possíveis... Trabalhar e, trabalhar bem! Não é trabalho a sério... Passa-se o tempo, ganha-se algum, e a gente entretém-se. Aquele trabalho é fácil: é só enroscar; meter a borrachinha e a outra peça, que enrosca nas duas, e já está! Às vezes, traz uma anilha por fora para completar. É para fios de electricidade, campainhas, candeeiros... Coisas assim do género... (ri)

Depois, fui para a V. N. e, lá, cada um fazia as suas tarefas: uns cozinhavam; outros lavavam os pratos e; eu, como não podia fazer nada, por causa da vista, continuei a fazer o meu trabalho: a limpar pratos. É a única maneira né? Estava ao pé dos pratos, ia limpando, e os talheres. Fazia a minha parte, juntamente com eles. Cada um fazia o seu trabalho. Outros, varriam; outros, faziam a limpeza e, era assim... Eu, para limpar pratos, tinha jeito, já estava batido naquilo. Quando tinha vista, lavava-os, limpava-os e passava o chão. Na mudança do S. para ali, ainda, estranhei um bocadito mas, já estava muito melhor. Viemos dezanove para a V. N. Fomos escolhidos... Deviam ser os melhores; que tinham um comportamento mais coiso... Foi no ano dois mil. Então, o enfermeiro A., falou comigo: *Ó senhor V., vocês são bons e tal... Vão mudar para a V. N... Vão uns poucos e, o senhor V. escolha lá...* Convidaram-me a escolher os amigos que eu queria levar para o meu quarto, para estarem comigo. E, então, escolhi... Eram os mais jeitosos, mais ou menos trabalhadores: um, chamado P.C., jardineiro, pequenininho, pesa mais de cem kilos e; o M., que é cego duma vista... Eu disse: *Este é meu amigo e tal... E, este e, este... São bons rapazes e tal...* Foi assim...

Tinha que mudar, de refeitório para refeitório e de unidades, embora eu não pedisse nem quisesse... No S., estava lá bem, já estava habituado... Quando me disseram para mudar: Tchh! Estranhei um bocadito... Nessa altura, já não via... Apanharam-me descuidado... Como se fosse para sair da minha casa. Como estive lá tanto tempo, estranhei... Não é que não

aceitasse mas, estranhei... Na maneira de me adaptar à mudança. Já conhecia aquilo tudo! É pegado ao S. Antigamente, era o S. completo... Depois, dividiram e passou a ser o pavilhão dos alcoólicos. Eles estiveram uns aninhos lá, a tratarem-se, depois, é que passaram cá para cima e, puseram lá outra parte para os utentes... Foi, então, a V. N. Já conhecia aquilo tudo! Os quartos do S., ficam por cima da V. N. mas, são iguais aos de cima; o primeiro andar do S. é tal e qual... Já dormi lá em cima, no S., do lado da V. N., e do outro lado...

Onde estive mais tempo foi, na entrada do S., no quarto de cima, com três janelas... O meu quarto antigo. Tinha duas janelas grandes e uma de casa de banho; era o mais completo, o maior. Havia alguns que não tinham janela... Ficava mesmo por cima da porta de entrada do S.\_No S., estive lá sempre... Ao princípio, estava no S. A. depois, passado pouco tempo, passei para o S. Foi lá, toda a vida... Até aos sessenta ou mais... Devia ter uns sessenta e cinco... Foi até ao ano dois mil. Foram quarenta e nove anos; devia ter sessenta e cinco, sessenta e seis, talvez...

Eu não gostava de sair... Alguns gostam de sair de um pavilhão para o outro... Eu não! Nunca! Depois, não estava lá sempre... Saía para o trabalho; só à noite é que aparecia lá... Não me importava nada de estar lá... Era como se fosse a minha casa... Quando acabava o trabalho, ia para dentro... Ficava como em minha casa... Própria! Por isso é que eu gostava de lá estar... Ali, os doentes são mais perigosos... Uns que berram; outros, sei lá... Andam ali à solta... Vão lá para o quintal e no salão grande e tudo... Mas, eu, saía logo de manhã, a seguir ao café, e só voltava à noite... Era como se fosse a minha casa. Por isso é que gostava de estar ali, já estava habituado... Alguns, querem é andar a mudar... Um amigo meu mudou três ou quatro vezes. Andou a saltitar para quê? Não se adianta nada com isso. O melhor é uma pessoa estar, sempre, num sítio certo; um sítio que escolha e fique o tempo que quer. É verdade! Já estava ali como se fosse a minha casa e, se não me mudassem, dali já não saía. Para ir para casa da minha irmã: ela não me pode lá ter; não tem lugar para me pôr...

Nessa altura já me sentia bem. Já estava a começar a sentir-me forte. Mesmo antes, era dos melhores; não fazia asneiras nenhuma, praticamente. Por isso é que olhava para os outros colegas e: *Eles são doentes e, eu, também sou... Mas que raio! Mas, eles fazem tantas asneiras..?! Há ai doentes, que a tomar banho nem se limpam... Pois, notava uma diferença um bocado grande... Quase que nem davam por mim. E, eu, calava-me; fazia para aprender com os outros: Mas que raio?! Depois, os empregados avisavam: Ó psst... Ó menino, o que estás a fazer? Anda para aqui, porque não estás sossegado e tal?* E, eles, coitados, faziam.... Depois, sei lá: uns começavam a gritar; outros não obedeciam, era tudo coisas assim... Doença mental né? Havia lá um, agora já está ensinado por eles, tomava banho em um minuto, nem se

lavava com sabão. Mas, eles, desculpam-no porque ele é bom trabalhador e coiso... Depois do banho, não se limpava, vestia-se todo molhado. (ri) A doença dele! Eu, evitei, sempre, fazer asneiras desse tipo. Quase nem davam por nada. Derivado à doença né? Eu queria passar despercebido derivado à doença, porque podia dar maus resultados. Podia dar asneira! (ri) Então, fazia as coisas despercebido, o melhor que pudesse, para ir contornando a doença. Nessa altura, já estava a entrar no bom caminho. Quando fomos chamados. Eles, quase que, nem davam por mim: saía de lá, ao café, e ia logo para o trabalho, só à noite é que ia para lá. Já estava muito mais convicto da cura né? Sentia-me bem. Bom! Já me disseram isso: *Você tá bom!* Eu ficava, assim, todo coiso... *Acho que sim, senhor doutor, sinto-me melhor, sinto-me bem, quase em forma e tal...* (ri) Foi o F. M... Eu era novo, ainda, tinha vinte e poucos... Depois, dos vinte até aos trinta, o M. C. e; agora, o último, mas já estava melhor, dos quarenta até cegar, foi o Dr. CA. Esse, esteve cá um tempo e, foi embora mas, era muito bom médico, gostava muito de mim e, eu, também, gostava muito dele. Os outros, que já cá estavam, os mais antigos, o G., o C., e o B. P., foi agora... (médicos da instituição)

Já estava cá acostumado, desde os dezasseis até aos trinta; já estava habituado a isto; já não queria... Não me apetecia ir lá para fora. Bem! Ainda via né? Ia dar umas voltas por aí e tal... Havia aí meninos que, queriam era fugir e, alguns, até morreram. Dois, pelo menos, que se atiraram da janela. A maluqueira! Estes malucos! Cada um com a sua maluqueira. Fugir e saltar o muro! Houve um que saltou o muro, daqui da unidade, e fugiu. Sentia-me cá bem. Não tinha grande vontade de sair. Estava aqui mais ou menos... Tinha aqui tudo; estava mais ou menos bem na casa, com o trabalho e tudo... Passava bem. Não me preocupava nem nada. É, quase, como se fosse uma aldeia. Como a aldeia onde eu estava, lá no Alentejo. É verdade! É como se fosse uma aldeia para mim. (ri) Por isso é que gostava... Não me apetecia ir para outro lado e; estava mais à vontade, tinha aqui tudo... Medicação e tudo.

Tenho um pacemaker... Fui operado ao coração, em dois mil e quatro. Já este século. Há três anos. Foi o tal aparelho... Andei com esse aparelho, de um dia para o outro, tipo rádio. Eles, na brincadeira: *Isto é um rádio*. Assim, ao pescoço, para dormir com ele e tudo... Depois, no outro dia, fui lá para ver o coração. Era arritmia! Uma arrítmiazita. É o coração a trabalhar um bocadinho mais depressa. De resto, não sentia nada, nem nunca me queixei do coração. Por isso é que fiquei sem saber o que era... Depois, é que me disseram que era um exame ao coração. Tinha arritmia. Agora, passou, graças a deus. Trabalhava muito depressa e, tinha algum receio e um bocado de cansaço: a andar; a mexer; a subir escadas e; às vezes, sentia tonturas, depois do café, para me levantar era um caso sério, estava com medo de cair. Agora, em dois mil e onze, se calhar, vou ser operado ao aparelho: sai este e metem outro. Dá

um espaço de sete anos... Não sei! Até posso até ficar com este. Nunca se sabe. Eles andam sempre a inventar coisas... A última, lá fora, no estrangeiro: pelo telefone, conseguem ver o aparelho; telefonam, a pessoa atende: *Ponha o telefone do lado do coração e tal...* E, vão ouvir o aparelho a dar sinal. Não é preciso a pessoa ir lá de propósito... É uma boa coisa! Vamos lá ver se daqui a um ano ou dois eles metem isso cá, em Portugal. Era bom para mim. Custa-me muito ir no carro.

Depois, com a idade, já sabia que mais dia, menos dia vinha para a Psicogeríatria (unidade onde se encontra). A partir dos sessenta e cinco... Para aqui é que foi mais custoso... Foi como se tivesse de mudar mesmo. Com a idade, tinha mesmo de mudar. Foi o que me custou mais. Ali, ao lado, era como mudar só de quarto (referindo-se à mudança da unidade S. para a V. N). Estive lá muito tempo, bastante... Na V. N., estava a contar que ficava lá. Era como se estivesse no S. era tudo pegado. Estava habituado! Habituei-me e, depois, já não me apetecia ia para lado nenhum, como é natural. E, vá lá! A V. N. estava ali pesadinho... Era como se fosse o S., à mesma... Custou mas, adapto-me rápido. A minha irmã foi falar com a enfermeira: *Ah! Ele depressa se acostuma... É rápido, enquanto ele se acostuma...* Levaram-me aí, a dar uma volta, só nos corredores, para ver como era: os quartos dum lado e outro; a copa; a sala grande; a sala dos fumadores e não fumadores... Dei umas voltas aí e, depois, fui-me habituando, a pouco e pouco. Não custou, quase, mas, a gente nota a diferença. Mais a mais, sem ver. A gente, saber calcular... Ter de andar à procura dos sítios... Dos quartos e salas e tudo... É tudo diferente! Malta do S., estão aí uma data deles. Meia dúzia, pelo menos. O J. P. o J. T. o D. o B. São uma data deles... Estavam no S, comigo. Muitos anos! Alguns trinta e tal anos, todos juntos. Há aí um menino, que parece que já vai para noventa e quatro... Era meu amigo! Parece-me que era meu amigo; não estou bem certo... Ele quase não fala! Dá berros, guinchos e grita, de tempos a tempos... Era meu amigo, lá do S., quando eu ainda era rapaz novo. Conhecia-os todos, lá em baixo. Conhecia a malta toda... (ri) E os que já faleceram! Ui! Amigos de companheirismo. Quando ficava dentro da casa, para ir ao médico ou assim: lá íamos passar o tempo na conversa e, jogar às damas. Já faleceram uma data deles... Dois, parece que morreram engasgados, a comer, é verdade. Assisti eu! A darem-lhe pancadas nas costas e, a ver se conseguiam meter os dedos na boca; a ver se conseguiam tirar-lhe a comida da boca, mas, não conseguiram, morreu logo. Não conseguiram salvá-lo.

Na V. N. já era diferente, menos pessoal. Já nos separávamos todos, cada um ia para o seu emprego, era tudo rapazes mais fixes. Com mais juízo. Eu ia para o atelier; outros, iam para a jardinagem; outros, para as artes gráficas, cada um tratava de si... Na V. N., já me sentia mais à vontade, ia para o trabalho e vinha... Já não sentia preocupações, nem nada, na

minha vida. Vim a sete de Junho para cá e, lá, um ano antes ou dois, já me sentia em forma. Estudei, então, no comportamento deles, de colegas... Pois, alguns ainda coiso... Há vários tipos né? É uma curiosidade que vi noutros aí: parece que, quase, não se nota nada... Da esquizofrenia... Porque, a gente, faz aquilo mas, ao mesmo tempo, tenta fazer o possível para melhorar, para fazer o que sabe... O que quer fazer.

Um amigo meu, também, tinha a minha doença. Trabalha lá no atelier. Também está curado. É o A. R. Ele começou lá, a falar: *Ah! Eu estou bom, já estou curado, e tal... Tinha esquizofrenia...* Falamos muito, quando saímos... Eu, até lhe dava conselhos e tal... Desconfiava (ri) que ele tinha os mesmos sintomas que eu tinha: umas falas meio destrambelhadas, ao calhas né? Às vezes, falava do pai: *Ah! O meu pai não vem cá e tal... O meu pai não quer saber de mim. Estou à espera dele já há uns meses...* E, eu: *Tem calma, ele se não vem é porque não pode... Espera, tem paciência que ele há-de vir pá!* Eu dava-lhe muitos conselhos mas, desconfiava que ele tinha a doença que eu tive. Era assim que eu fazia, também: aconselhava-me, a mim. E, tinha cuidado com as falas, para não fazer disparates. Vi logo! Quando ele disse que a doença dele era esquizofrenia: *Pronto! É o que eu calculava.* Esta doença é rara mas, ao princípio, parece que é fácil de tratar. Ao princípio, durante aquele estado em que a gente está coiso da cabeça... (ri) Esquizofrenia! Diz coisas ao calhas. Que saem da cabeça. E, a pessoa, tem de ser aconselhada e coiso... Foi o que notei nele e, de facto, desconfiei, quando andava a ver se encontrava por aí algum que tivesse a minha doença... Para a gente se conhecer... Há aí tantos, tanta qualidade de doença. É mental, alienação e coisa... Mas, desconfiava dele, tanto que, dava-lhe conselhos e acalmava-o. Como fazia a mim... A doença parece que é fácil; a gente, não tem coiso de fazer irritações, como os da alienação que berram e fazem isto e aquilo... A gente não! É fala, só! Com intenção de falar normal mas, depois, sai... Falta o resto... Fica, a gente, com as perguntas no ar. Pois, a esquizofrenia é assim mesmo... Eu é que sei! É uma doença que leva-se bem. A gente tendo, assim, uma pessoa que ajude... Uma pessoa que me ajude... Desenrasco-me bem. Tanto que, faço tudo sozinho. Se tiver alguém do meu lado, que me ajude, desenrasco-me logo... É a esquizofrenia! É assim! A gente, parece que a tem mesmo fixada na cabeça. Todos os dias, o que me preocupava era isto: falar bem com as pessoas; não criar problemas; fazer as coisas simples, o mais fácil possível, sem chamar à atenção de ninguém. Era assim, todos os dias. Por isso é que eu digo: ao mesmo tempo, parece que é uma doença fácil. É como se tivesse um remédio, todos os dias, para me tratar da doença. Eu é que fazia de tratamento. A ver se conseguia evitar que acontecessem essas coisas... Tinha força de vontade e, paciência. Bem! Isso tenho já de nascença. Já sou assim, por natureza. Eu, ao mesmo tempo, pensava na

doença e no que havia de fazer... É como se tivesse um remédio à mão, para o tratamento, para me curar. Foi assim que consegui! A gente parece que sente a doença na cabeça, porque o que está a falar sai da ideia, da cabeça, não está certo né? Então tem que evitar isso. O Senhor Doutor (referindo-se ao Doutor. C. – Médico psiquiatra da instituição) disse que era muito difícil, esta doença. É raríssimo os que se curam. Eu não sabia dessa parte... (riu/voz trémula) É verdade! Fiquei com coragem para conseguir evitar isso tudo... Todos os dias eu tratava de mim. Pois, eu pensava nessa ideia e, então, mais ou menos, sabia o que havia de fazer: portar-me bem, para ir melhorando. É como digo: todos os dias tratava de mim e, já me sentia com força e à vontade quando me disseram que estava bom. (ri) Já nem me admirava. Já estava a acreditar que estava bom, mesmo! Ainda não há muito... Há seis ou sete meses, comecei a desconfiar que estava curado, bom, em forma. Já cá estava... (na psicogeriatría) Cá, é que comecei, com as mudanças e tudo, a dar-me ao luxo de andar aí, por minha conta, a fazer o que quisesse. Então, comecei a descobrir que estava bom, passados uns cinco meses de estar cá. Já andava mais ou menos direito; com juízo; como deve ser mas, ainda, não me fixava bem nas coisas. Andava mais ou menos. Fui eu, quase, que descobri que já estava bom. Depois, então, o doutor C., no gabinete dele, disse-me: *O senhor V., já está bom e tal!* Eu acreditei logo! Era o que eu calculava... Já estava a calcular. Sentia as coisas melhor... Tudo bem feito. Fazer o serviço; as ideias a combinarem bem; não fazer e não dizer asneiras, alguma palavra que não caia bem nas pessoas... A ideia do esquizofrénico é essa: é acautelar-se e coiso...

O que fazia confusão era a esquizofrenia. A doença, apanhava a cabeça. As alienações mentais também são assim... E a doença mental... A gente, sabe logo que a pessoa é doente mental. E, a esquizofrenia é a mesma coisa. Eu estava a falar com ele e, estava a perceber que ele tinha a mesma doença que eu... (referindo-se ao colega A.R.) Há pouco tempo, estive quase para lhe dizer: *A tua doença é igual à minha, à que eu tinha, a esquizofrenia...* Mas, por acaso, não calhou dizer... Ele fazia perguntas que, eu via logo que era a esquizofrenia. Não eram bem perguntas, era dizer o que lhe vinha à cabeça e, eu, emendava-o. Uma espécie de conselho... E, não era só isso; ele repetia as mesmas coisas... (tossiu) Era isso que eu evitava... Ainda tinha consciência para perceber que não se deve andar a repetir sempre a mesma palavra. Era quase sempre a mesma coisa que ele repetia. Era isso que eu conseguia evitar, tinha consciência, ainda, de não se dizer essas palavras, perguntas e respostas... Que estava mal! A doença, é fazer repetições e, dizer coisas no ar... Ele porta-se bem! Tem conversas mais ou menos, mas, de repente, faz umas repetições... De volta e meia: *O meu pai vai para os setenta e um e eu tenho quarenta e sete...* Pode ser derivado à doença. Eu aconselho-o logo:

*É pá! Não repitas pá... Cala-te... Diz outra coisa que te venha à ideia, já se sabe disso pá... O teu pai tem essa idade e tu também... Ele, não diz nada, cala-se.*

Quando comecei com essa doença, desconfiei logo: *Então! Mas o que é que eu ando para aqui a falar? Sem nexo nem nada...* Então, tentei emendar-me, melhorar e coiso... É o tal remédio! (ri) Agora, já aliviou, endireitou, já não sinto nada... Pois, consegui evitar isso... É a consciência de um lado e, do outro lado a doença... Andava a batalhar, até que consegui... Consegui chegar à ponta da ideia fixa; das ideias verdadeiras... Desapareceu! Agora, sou eu completo... Tenho de olhar por mim mesmo... O mesmo acontece com ele, com o A. R. Assim, como me tratei, não parece difícil: é meter a ideia na cabeça e, ir emendando as coisas... A gente vê logo a parte má, que não está bem e, então, torna a evitar e, emendar o que está mal. Tanto que, o meu remédio era esse. Todos os dias, de manhã, tinha de olhar por mim e tomar conta do que iria fazer e; pensar bem: *Agora, vou para baixo, e tenho que fazer isto assim e assado e mais alguma coisa que apareça e tal...* Andava sempre a tomar conta da parte má. A consciência, dava-me para fazer isso.

Ninguém sabia de nada! A alienação mental é diferente. Eles fazem aquilo de repente, têm fúrias. Esta, tomava eu conta dela. Calhou ter um consciente bom, para ver a parte má. E, não dizia nada a ninguém. Dava resultado, o que eu fazia. Outros, aí, que via fazer asneiras, com a doença mental e, eu: *Eu não faço isto, portanto, a minha doença, não é a doença mental, nem a alienação, é mesmo a esquizofrenia.*

Há por ai muitos esquizofrénicos. É uma doença que apanha a cabeça. Qualquer pessoa pode apanhar. E, não é uma doença muito complicada. A gente é que tem de fazer força. Eu, perguntei ao Doutor: (referindo-se ao Dr. C) *Sempre sou esquizofrénico?* É uma doença rara. Nenhum consegue, quase, escapar daí... A maluqueira é assim! A pessoa fica assim, toda a vida. Eu, quando soube, comecei a evitar ser assim... Tenho um pensamento forte e, muita força de vontade de fazer o bem e o melhor possível. O doutor E. M., quando lá fui ao consultório, é que disse ao meu pai, baixinho... Porque é que ele teria dito, assim, baixinho?! Para eu não saber, não?! (riu) Mas, percebeu-se... Deu para perceber... Era o E. M., um grande médico.

Pois, os da esquizofrenia, fazem aquilo já de coiso... Têm aquela intuição... E, deixam-se ir... Mas, eu, tinha consciência disso: uma metade tem consciência e outra era a doença. Era a parte boa e a parte má. Eram preocupações que eu tinha. Os medos, os receios e alguns nervos, também. É essa doença que pensava que tinha, quando comecei a variar... E, a minha doença, também, não é muito forte! Aguenta-se bem! Então, pensava: *Que raio! O que é que será isto?* Quando estava mais ou menos fixe da cabeça: *Isto deve ser nervos...* É o que a

gente pensa. As pessoas normais, as pessoas sem doença nenhuma, pensam assim: nervos, tudo nervos! Daqueles muita rijos, de sola de bife. (ri) Desses nervos é que eu pensava que tinha. Há a alienação mental; a doença mental; há nervos, que também apanha a cabeça; há a loucura que dá mais aos homens, que tem que pôr o colete de forças. Essa loucura também é diferente... São coisas de cabeça, diferentes. Essa dos nervos é que eu pensei que tinha mas, não era essa. Podia ter, também, nervos. Misturar... A doença fazer-me nervos! Era isso que eu pensava quando estava mais calmo, mais certo da cabeça, lembrava-me: *Isto deve ser nervos*. Nervos que me apanhavam a cabeça. Podia ser, também, um bocado de nervos a mais. Depois, dava aquelas asneiras, da doença... Esquizofrenia! Aquilo passava-me pela cabeça... Quase nem davam por elas mas, eu dava... Fazer as coisas mal feitas; não ser capaz de desenrascar-me de alguma coisa... Por exemplo: a dona da pensão, perguntava-me qualquer coisa que eu não era capaz de me desenrascar e, então, ficava comigo na consciência e, ficava mal, tinha medo que ficasse mal visto por ela... Coisas nesse género. Não era medo dela; era dela me fazer algumas perguntas e, eu, não ser capaz de me desenvencilhar delas. Nessa parte, tinha muitas... Quase todos os dias acontecia isso. Fora os medos à noite. E, depois, apontava isso aos nervos: *Isso é nervos e tal...* Fazia por me esquecer e, por me desenrascar o mais possível, sem dar nas vistas, por exemplo: ela podia desconfiar, a patroa, da minha doença. Era dessas coisas que eu tinha medo.

No trabalho, também, andava sempre muito coisinho... Muito disfarçado, para não me acontecer essas coisas. Era rotineiro, quase nem davam por isso mas, eu notava a cabeça a pensar essas asneiras... Pensava assim: *Não vou fazer isto assim que é asneira...* E, então, disfarçava... Tinha de ser assim... Para mim, era como se fosse uma asneira na cabeça. Com a doença a trabalhar... *Bem! Eu não faço isto...* Tinha consciência. Estava consciente dum lado, do outro era a doença. Mas, estava consciente dum lado, do que estava a fazer isto: *Assim, não faço porque é asneira*. Não valia a pena estar a dar cabo da cabeça e, então, disfarçava... Ninguém sabia de nada e, apontava os nervos... Era uma boa oportunidade: *Ah! Isto é nervos...* Passava assim... No armazém e na pensão. Foi nessa altura que tentei roubar uma bicicleta. (ri) Estava encaixada ao passeio; peguei nela e, estava a querer levá-la, fui pô-la lá mais à frente; com medo da policia, ou se o dono aparecesse de repente estava tramado... Ideias da esquizofrenia!

Um, chamado B., que é esquizofrénico, ouvi um enfermeiro a falar pró outro: *Ah Ele excita-se e coiso... É esquizofrénico...* Eu não me meto com ele... É daqueles bravos. Ele conhece-me muito bem e respeita-me. Mas, para as enfermeiras e empregadas, de repente, dá um berro, fica logo tudo calado, com medo. (ri) É a doença que faz aquilo... É a fúria! Aquela

fúria... Eu também me dava. Era mais lento, tinha essa vontade mas, sustinha-me, evitava... E, pensava logo nisso... Estava-me a acontecer e, calava-me, fazia os possíveis para me suster. Às vezes, podia-me zangar. Se me zangasse, dava-me para essa fúria, para ficar logo excitado e, sei lá... Fazer logo trinta por uma linha... Eu é que me sustinha, ao mesmo tempo, tinha que me suster para evitar... Se calhasse a me zangar pensava logo nisso: de me acalmar e não me excitar demais, se não, podia acontecer o mesmo que acontece com ele... Têm que o acalmar logo e, já lhe têm dado uma injeção. É derivado à doença que isso acontece. Eu pensava logo nisso... Nessa maneira de ser. Ter que ser! Mesmo quando estava com essa vontade, de teimoso, de teimar com as pessoas, evitava fazer isso e, tentava-me acalmar. Tinha medo de me zangar demais, porque podia acontecer essa parte da fúria. É uma espécie de fúria que a gente tem. Uma espécie de fúria que me dava... Para mim, não estava bem e tentava evitar isso: falar bem com as pessoas para não me dar essa coisa... Se não, era pior! Fazia essa ideia das pessoas: se me zangasse, ou se se zangassem comigo, que podia acontecer isso... Então, tentava mudar de ideias; falar bem e conversar. Andava com isso na cabeça. Como era novinho, tentava mudar e evitar essas ideias e essas conversas... Mudar de ideias... Agora, já aliviou, endireitou, já não sinto nada... Consegui evitar isso. Andava a batalhar, até que consegui... Passou! Saiu-me da cabeça... Agora, sinto que já não tenho essas ideias más.

Eu tenho força de vontade! Estou bem tratado; tratam-me bem; ando sempre alegre; não ando triste e, sou sossegado. Estou a subir... A melhorar, pouco a pouco, sem me atrapalhar. Sou cuidadoso, vou pensando nas coisas e assim... Vá ver se vou bater certo! (ri) Safei-me, como doente, da esquizofrenia. Vou andando. (ri) Sempre para a frente... Parece que só há um ou dois como eu, aqui, autónomos... Quer dizer que não é preciso ensinarem nada, fazem tudo por eles. Eu, visto-me; faço a cama; lavo-me; a almoçar, não preciso de ajuda nem medicamentos à boca. Sei fazer tudo e, faço bem! Não falho nada. Vestir-me e tudo! Uma funcionária disse que só há aí um ou dois como eu. É o F., que toca órgão e sabe cantar à desgarrada. Eu gosto de o ouvir. De vez em quando, põe-se aí a tocar com o realejo... Mas, esse F., diz que tem a doença de valdeime, valvaima... Alzeime... Já ouvi várias vezes mas, custa a dizer. Como é uma palavra complicada. Estrangeira... Deve ser inglês! É esquecimento, a memória. Às vezes, vamos, a malta toda, para a igreja e, ele, vira para o outro lado e, depois, anda perdido. Temos que o chamar porque, vai desenhado... Vai para o túnel; vai para fora do jardim; vai para o lado direito em vez do lado da igreja e; a gente tem que o chamar, se não, de repente, passa-lhe da cabeça e, não se lembra de mais nada... É a doença de Alzheimer... (ri) Custa a dizer! Deve ser o nome do inventor, do que descobriu a doença... Já me veio à ideia, dessas doenças todas... De eu ter mais alguma (ri). Agora, só a

memória é que me falha um bocadinho mas, mesmo assim, faço os possíveis para me lembrar das coisas, não me esquecer... Coisas vulgares... Não me esqueço o dia, a data, o ano e, alguma coisa que seja precisa. Medir a tensão, tomar remédio, pingos e tal.

Pois, estive um bocado mal... Vomitei e, estive com febre... Depois, deram-me três injeções, com penicilina e, comprimidos. A perna inchou muito! Agora, está melhor. Ainda, um bocado preta... Esteve encarnada e preta. Costuma-me dar... Da má circulação de sangue. Já conheço esta doença. Já cinco ou seis vezes que me dá isto. Diz que é uma infecção da pele. Uma infecção duma bactéria... É uma chatice! Foi de manhã; estava à porta, à espera de saída e, depois, vomitei... Da parte da tarde, fui descansar; estive lá dentro, para estar na cama, deitado. Quando é assim, logo de seguida, o melhor é cama. Para ir passando, a pouco e pouco. Na cama não se sente nada, parece a gente que não tem nada. (ri) Depois, perco logo o apetite. Durante dois dias, quase não comi nada, só a sopa e mais nada. Se a gente vai comer um bocadinho mais, vomita, deita tudo para fora; não se pode comer demais. Quando vomitei, depois, passado uns vinte minutos ou um quarto de hora, aparecerem, primeiro, o G. (Médico Psiquiatra) e, depois, o B. P. (Médico de Clínica Geral). Estivemos a falar sobre a doença e receitou-me umas injeções de penicilina. Parece que são das mais fortes. Já tomei destas, há cinco anos, quando começou a doença, estava na V. N. Depois daí, só me tem dado umas mais fracas mas, esta foi um bocadinho mais forte; senti mais dores no corpo... Ele receitou-me logo uns comprimidos e a penicilina. Isto, o que quer é estar deitado na cama. Dá resultado!

Nas primeiras vezes, não sabiam o que havia de fazer, a perna não desinchava e doía-me. Cheguei a estar quase um mês na cama. Depois, da outra vez, já sabia mais ou menos como havia de fazer... Foi quinze dias... Agora, foi dois dias e, andei aí a mexer. É uma chatice! Parece que é uma bactéria que infecta a pele e, faz isto... Cheguei a ter a perna toda encarnada. *É pá! Tens o pé todo encarnado...* Depois, passou para preto (ri). Agora, está encarnada mas, mais clarinha. Até que fica normal. O engraçado é que esta não acusa nada... (referindo-se à outra perna) Já acusou... Antigamente, eram as duas, vinha duma para a outra, tal não era a força daquilo... Agora, estou cá dentro... Isto, aqui, é logo a despachar... Estava ali o senhor doutor, chamou-me logo! O C. é que me disse que era uma bactéria, que infecta a pele... As bactérias não se podem mat... Tirá-las, com remédios e medicamentos... Depois, volta outra vez... Aí é que está! É uma chatice! Em a pessoa a tendo, já não é capaz de a tirar, de volta e meia: zuuc! Aparece.

A primeira vez que me deu, começou com uma tromboflebite e, tem graça que, foi na perna direita. Deu-me aquela coisa mas, fiquei parvo, sem saber... Estava muito bem,

descansado, ali num banco, quando se vai para os ateliers... Nisto, começo a sentir tonturas e vomito. Quase não conseguia andar, nem mexer-me... Levaram-me para o quarto e, estive lá dois ou três meses... Cada vez que me levantava, tinha que me agarrar ou, tinha que fazer esforço para me encostar a qualquer coisa, porque não era capaz de me mexer... Era a mesma doença! A primeira vez foi há uns nove ou dez anos. Tinha que me agarrar à cama com muito jeitinho, depois, começava a andar melhor... Já tinha ouvido falar, muitas vezes, na má circulação de sangue mas, é uma doença que a gente nem liga... Eu, aliás, às vezes, punha o ouvido à escuta e, já ouvi duas senhoras: *Ah! Para mim é um castigo, se me dá aquilo, tenho de ir logo para a cama...* (ri) Eu ouvi... Isto já foi anteriormente... Ainda não me tinha aparecido a mim. Se me dá isto: tenho de ir logo para a cama e, é aos dias de cama. É a tática... Deu resultado! Só passa na cama e, estar muito tempo de perna estendida, ao alto. É a má circulação! Por isso é que eu tenho comprimidos para o sangue fino, para controlar, se não, era um castigo.

Até cegar, não tinha comprimidos, não tomava nada. Agora, já tenho onze comprimidos. Dia sim, dia não é mais um... É sempre aquela conta. É para o coração, um pequenino, redondinho, para o aparelho, para trabalhar melhor o coração; tenho o Daflon, para as pernas e varizes; tenho outro para a tensão, que é meio comprimido; tenho esse tal para o sangue fino, para as veias, para fazer correr melhor o sangue e; ainda, tenho outro, que é o do xixi. Pois, faz cinco... Ando a tomar, também, um comprimido para o ouvido. Fui fazer um TAC. (ri) Não sabia como era... Foi rápido, a despachar. Aquilo não custa nada. Para a semana é que vamos saber o resultado do exame. Se o ouvido precisa ter algum tratamento; se está mais ou menos, com uns pingozitos, como já tenho levado muitos e, limpeza... Vamos lá a ver o que é que vai dar... A gente deita-se, depois, tem uns plásticos à volta e, detrás, deve estar um aparelho. Fazia ruído e, aquecia-me as orelhas dum lado e doutro; com o plástico à roda, como se fosse uma aba dum chapéu. Depois, ela, vai vendo o resultado. Não sei se é enfermeira, se é doutora mas, o médico não apareceu. O aparelho ia trabalhando e, ela, ia vendo os sinais que aquilo dava: o barulho; os toques... Aquilo não custa nada. Eu vi logo! Foi na clínica de M. M. (localidade) Saímos às nove e meia e, chegámos às onze e um quarto... Na carrinha da casa. Já ia prevenido com um comprimido... Mesmo assim, às vezes, também, me sinto tonto. Vá lá, tive sorte! Cheguei lá, passou-me logo um ligeiro coiso da cabeça... Depois, para cá, o comprimido já estava a fazer efeito. Para lá, estava com medo. (ri) Foi mesmo à hora de embarcar... Aquilo tem de tomar-se um comprimido uma hora antes; tomei vinte minutos antes, estava a ver que não dava resultado nenhum mas, vá lá, passou... Depois, ia à janela, do lado de trás, a apañar o ar... Correu tudo bem. Ainda bem! Tive uma

sorte! Fui passear. Senti o passeio... (ri) Das outras vezes, é um castigo, fico logo meio tonto e, depois, já não me apetece nada... Só me dá vontade para vomitar. Desta vez, não! Ia à janela, a apanhar o arzinho, e ia bem. É aqui perto... Um quarto de hora, vinte minutos daqui... Estava cheiinho de gente, na sala do médico dos ouvidos; quase todos a fazer exames. Depois do TAC, estavam lá dois ou três: *Ah já temos o papel do exame e tal e coiso...* Vamos ver! Para a semana, o que é que resulta disto... É o ruído; já está melhor, está mais baixinho, quase não se ouve mas, incomoda, tenho de por o ouvido à escuta... Ouço-o mesmo... Agora, quase que nem dou por ele; não sei se está a fazer ruído se não está. É dentro do tímpano... O enfermeiro diz que tinha muita cera. Agora, já não... Uso tampões para o banho. Já não entra água para dentro. Se não, dabém não, estava cheio de cera... Se não fossem os tampões, já estava aflito, não sabia o que havia de fazer; cada vez que tomava banho era água para dentro...

Agora, não há trabalho nenhum... Aquilo, está emperrado. É uma chatice! A gente quer fazer qualquer coisa e, não dá... Para a semana que vem, se calhar, é a mesma coisa, já me disse a F. L. (responsável do atelier) Para Agosto, também, estou de férias no atelier, fico cá dentro, mais ou menos um mês. Desconta-se os fins-de-semana... São vinte e dois dias de férias. Vou ouvindo rádio e televisão: ouvir música e as notícias... É toda a tarde! Vou para o terraço, a par com os quartos e as salas... Um terraço grande, parece um jardim, é mesmo um jardim, aéreo... É uma espécie de jardim... Fica de frente para o quintal. Por baixo, fica um salão para festas. Nos Santos Populares, de há dois ou três anos choveu, então: puseram o palco lá em baixo, para o rancho, para dançarem e tocarem e, foi assim... Foi bom. Fica lá em baixo, à frente, tem janelas que dão para o quintal. De um lado é os quartos, os nossos quartos e, do lado esquerdo é o salão. O meu relógio, foi para o lixo, não teve arranjo... Já o tinha mandado arranjar duas vezes... A primeira vez, não pagou nada porque estava na garantia... Também, não sei que raio de relógio é aquele! (ri) A marca, parece que não é grande coisa... Mas, já está combinado com o C. dos telefones (utente da instituição): vai-me arranjar um daqueles bons, todo em aço, parece que não têm pilha nem nada... Para mim, é muito bom, dá sempre jeito... Estava à espera dele vir este fim-de-semana. Deve estar a chegar, ele disse-me: *Olha! Vem cá sexta ou segunda-feira que já deve estar cá a encomenda...* Vamos lá ver! Ele disse que mandou vir três, para ver qual me agradava mais. Depois, tenho oito dias de experiência: se gosto se não gosto; se me ajeito bem com ele; se não tem alguma falha ou defeito. A garantia parece que é de três anos... Para a semana, se calhar, já o trago... O C. diz que ia tratar disso e que, depois, me telefonava para ir experimentar... Agora, como não tenho relógio, ando às aranhas. Não me desoriento muito; só a hora certa, os minutos. Vou

calculando, mais ou menos, tenho um cálculo das horas... Agora, às quatro, vamos para cima, para o bar... Vai a malta toda. Depois, das quatro às sete, é sempre a passar o tempo... Eu, de manhã, nunca me engano no horário. Ontem e hoje de manhã, no corredor, consegui regular-me, e fazer os quarenta e cinco minutos, sem relógio... (refere-se à ginástica: percorrer um dos corredores dos túneis que ligam as diferentes unidades) Já conheço aquele túnel: são cinco minutos para cima e para baixo, cinco minutos certos... Há pessoas que se desorientam, não sabem quantas horas são, nem fazem ideia nenhuma... Depois, ninguém tem relógio! Parece-me que só um ou dois é que têm relógio. Um, quase que não o usa, não sabe ver bem os minutos e; o outro, tem-no lá para uso dele, não diz a ninguém, cala-se muito bem calado...

### Anexo 3 – Cronograma dos encontros com o participante

### Cronograma dos encontros com o participante

Entrevistas	Data
1 <sup>a</sup>	04.05.07
2 <sup>a</sup>	10.05.07
3 <sup>a</sup>	17.05.07
4 <sup>a</sup>	24.05.07
5 <sup>a</sup>	31.05.07
6 <sup>a</sup>	14.06.07
7 <sup>a</sup>	21.06.07
8 <sup>a</sup>	29.06.07
9 <sup>a</sup>	05.07.07
10 <sup>a</sup>	13.07.07
11 <sup>a</sup>	20.07.07
12 <sup>a</sup>	31.07.07
13 <sup>a</sup>	19.10.07
14 <sup>a</sup>	26.10.07
15 <sup>a</sup>	08.11.07
16 <sup>a</sup>	23.11.07

Nota: As últimas duas entrevistas assumiram um carácter mais semi-directivo.

As entrevistas tiveram entre 40 a 60 minutos de duração cada uma.

## Anexo 4 – Transcrição integral das entrevistas

## Transcrição integral das entrevistas

### 1ª Entrevista

Vim para cá com 16 anos, quase, e depois comecei-me a habituar a isto... Alguns fugiam! Não queriam cá estar... Eu não! Eu sempre tive bem comigo... A fazer os possíveis para me portar bem e, depois, com a doença! Naquela altura, tinha muita força de vontade, para fazer bem e, para ter o cuidado de fazer as coisas como devia ser... E, eu, assim, consegui-me safar...

- Foi assim, que se “safou”?

Eh! Porto-me bem, tenho vontade, faço os possíveis, e tenho saúde apesar das varizes. Já com idade de 40 anos...A má circulação do sangue, derivado ao tabaco... Depois, varizes... Tenho um pacemaker como o C. (entrevistador) sabe... Fui operado, e até tomo comprimidos algo que não fiz até aos 41 anos... Na altura em que ceguei... Larguei logo o tabaco! Fui para o hospital...

- O Tabaco?!

Sinto que foi do tabaco, sentia a vista quente... Operou-me o Dr. J. L. Tive um mês no hospital e, quando vim, comecei a medicação para a má circulação... Tenho de fazer ginástica, depois do banho... Tenho de ter as pernas levantadas, para o retorno da circulação de sangue, com a parte debaixo da cama levantada... Tive sorte, com o tabaco, porque quando fui para o hospital, o mês que tive lá, fiquei quase sem o vício... Depois, chupava uns rebuçados quando me dava a ideia do tabaco... Passou-me logo o vício... Estava com a preocupação da vista, a ver se me tratava! Foi... Uns meses antes de cegar, já tava preocupado com isso... Quando ceguei ainda por cima o doutor não tava cá... A vista tinha de ser tapada e, andava ao ar... E, depois, o doutor veio e, mandou-me para o hospital... Mas, ninguém se lembrou que a vista... Devia ser tapada... O irmão (membro da instituição/ordem religiosa) não sabia, não se lembrou.

Eu tenho força de vontade... Tou bem tratado e, tratam-me bem, ando sempre alegre... Não ando triste e, sou sossegado. Gosto de fazer as coisas com atenção, devagar, e não gosto de palhaçadas e assim... Tou no atelier como o C. sabe, tenho força de vontade, tou lá entretido, vou de manhã e de tarde... Agora, das duas e meia às quatro...

Ao sairmos do gabinete: ficou um pouco confuso relativamente ao lado por onde seria a saída... (não conhecia o gabinete) Disse que o ajudava e, aceitou, desde logo a ajuda. Ao sair da unidade, explicou-me o caminho que fazia e que sabia não ser o melhor: “*quando está a chover, molho-me todo...*”, diz. Sabe que tem uma alternativa e, enquanto aponta com a bengala o caminho que poderia percorrer, avança: “... *O C., depois, pode-me ensinar...*” Continuámos a caminhar em direcção ao túnel (que liga as diferentes unidades/sectores da instituição entre si) enquanto explicava por onde íamos passando.

No túnel, diz que os conhece bem e que “*o doutor*”, devido aos “... *Problemas de circulação*”, o aconselhara a andar “... *Para trás e para diante*”... Prática que mantém, durante cerca de 40 minutos diários. Disse, ter nascido em V. V., acrescentando que foi lá, pela última vez, por ocasião de um “*passeio, dois meses antes de cegar (...) até parece que estava a adivinhar, estava-me a despedir-me da minha terra pra sempre...*”



## 2ª Entrevista

Eu sinto-me mais ou menos... Tou a subir, a melhorar... Vou a pouco e pouco, sem me atrapalhar, sou cuidadoso, vou pensando nas coisas e mais e assim... Vá ver se vou bater certo! (ri) Foi, safei-me como doente, mesmo da esquizofrenia... Antes de entrar (na instituição) estudei um tempo, até ao terceiro ano, depois o meu pai disse que: *Acabou os estudos, vais trabalhar...* E, passei para o armazém dele... Era sócio da firma ferragens e quinquilharias, ia fazer recados... Ganhava qualquer coisita, pouco; ia vendo, lá dentro da loja, aprendendo sobre as peças e, foi aí, nessa altura, quando comecei a baralhar a cabeça, tinha quinze ou dezasseis anos... Eu gostava de fazer recados, depois, ia para a loja. Comecei a baralhar a cabeça, começou-me a falhar e coiso, comecei a variar, esquizofrenia e tal; e tinha receios, medos que me apanhavam a cabeça.

- Receios?

Medos, medos à noite, pensava em coisas de assaltos e assim. Tinha receios de assaltos, de roubos, andava receoso... Era isso que me preocupava mais da parte da doença... Atacava-me muito os medos, a sonhar... Tinha sonhos... Agora não! Agora não durmo. Como o C. sabe... Já me disseram que era impossível, mas não... Mesmo antes de cegar, li num jornal que um senhor inglês há vinte anos que não dormia. Há muitas pessoas que têm insónias, dormem pouco, mas, eu não durmo nada. Ainda experimentei alguns comprimidos, até dos mais fortes, mas nada... Só quando me deu esta coisa na vista é que me começou a acontecer isto do sono... Quando miúdo tinha sonhos... De bichos, de touros, que corriam atrás de mim e, eu, escondia-me detrás das portas e assim nos sítios que via... E, depois, espreitava lá para fora para ver se eles não marravam... Escondia-me nas casas e, assim, nos sítios que ia vendo pra me esconder... (longa pausa)

Eu, tinha quatro anos quando fugia de casa para ir lá o C. sabe... Ai! O nome está debaixo da língua... Aos medronhos, é isso... (ri) Enchia lá a barriga e, ia para casa e, depois, não me deixavam ir mais... A minha família mas, assim que podia, fugia para lá e, ainda se viam por lá veados... Depois, mudei-me para a aldeia de S. B., que agora é vila; já há quinze ou vinte anos... Fui pra casa da minha tia com a minha avó, mãe do meu pai... E tia... Vivi lá uma quantidade de anos, tinha seis ou sete anos... E, depois, para estudar, vim para Lisboa... Viver com umas primas em A. (localidade) E, estudei lá até ao terceiro ano. Depois, o meu pai levou-me para o armazém: *Vais para lá trabalhar, para ganhares alguma coisa e mais tarde até podes tomar conta daquilo...* Eu gostava daquilo: recados; levar papéis para eles verem... E era assim... E, depois, quando vinha, ficava lá a aprender... Ainda era miúdo quando vim para cá, entrei no dia de todos os santos, sabe qual é?

- Dia de todos os santos?

O primeiro de Novembro... E, fiz os dezassete anos dois meses depois, em Janeiro. Mas, de tempos a tempos, o meu pai ia-me lá visitar a A., e eu esperava lá por ele, era na rua da B. número um, lá no alto, nunca mais me esqueci, era o prédio que fazia esquina, até tinha varanda, via-se o Tejo... E, nas férias, no verão, íamos para a praia lá em baixo ao pé da estação... Por acaso é uma terra bonita... Era, era... Gostava daquilo, eu gostava das vistas daquilo tinha, também, o V.G. (museu) Eu fui lá com as minhas primas... Eram primas afastadas, mais velhas mas, eu gostava muito delas e elas de mim... Éramos muito amigos... Ela era uma senhora muito respeitada e respeitável, tinha até família na América.

- É depois disso que vai para Lisboa?

Depois arranjou-se um quartinho para mim, tinha umas escadas lá para cima, foi um quartinho alugado à parte, foi o meu pai e o sócio que arranjaram um quarto para mim e Eu, à noite, ia lá descansar, e comia lá, que era a dona da casa que fazia... Era ali nos caminhos-de-ferro de Lisboa... O meu pai era caixeiro-viajante andava sempre aqui e acolá e, era adorado em todo o lado, ele era muito respeitado, era muito conhecido. A minha irmã diz que quando ele faleceu, o telefone não parava... Faleceu com a doença que eu tenho: as varizes, a circulação e isso. É, já estava acamado, antes disso ainda me veio visitar com oitenta e sete anos e eu perguntei-lhe: *O pai tem uma bonita idade...* Eu era miúdo, ainda. (agitação motora/chora) Ele morreu com noventa anos, nasceu em mil novecentos e dois e faleceu em mil novecentos e noventa e dois... Ele tinha casa lá na aldeia... Ele ia lá, de vez em quando, mesmo quando eu cá estava e, era lá que ele pernoitava... E, depois, ia outra vez de viagem... Ele ia sempre lá, até à quarta classe... Tinha lá casa para ele e para mim... E, a da minha tia A., que também já faleceu... As minhas tias, já perguntei à minha irmã, a vinte e seis de Janeiro deste ano, quando fiz anos... Por acaso, veio a vinte e sete... Calhou mal! Mas, é porque era sábado e vinte seis foi sexta... Ela disse que já morreram quase todos mas, tudo com noventa e tal... A tia C. a I; a tia G, esta é certa, a C. também parece que sim mas, ela também não sabe... Mas, ela, a minha irmã tem lá as aulas dela... A tia I., não sei bem... E primos! Ah! Quando é que foi? Foi há sete ou oito anos, ainda eu ia lá a casa da minha irmã... Agora já não porque, enjoo se tou em carros pequenos, como o dela... Já não me sinto bem e, as pessoas dizem que até fico branco como a cal da parede... Acho que é dos gases dos automóveis, obrigava-me a vomitar, ainda vomito, no carro dela... A minha irmã tem cinquenta e seis anos; ainda trabalha; é professora do liceu da A. (localidade) M. V. P. (nome da irmã) Ela é professora no liceu da A. e, tem uma voz muito interessante, tal e qual a da M. (enfermeira da unidade onde se encontra) Eu tou a falar com ela e parece que é a voz da minha irmã mas, ela não dá por isso... Já lhe perguntei: *A voz da M., é tal e qual a tua não é?*

- Que idade tinha quando foi para o quarto?

Tinha catorze ou quinze anos quando fui para um quarto... Comecei a variar das ideias, tudo ideias para o mal, tipo doença mental... Mas, quando vim para cá, via os outros a fazerem as várias coisas mas, eu, fazia sempre bem... Fazia os possíveis para não dar nas vistas, para ninguém desconfiar daquilo que andava a pensar...

- No que andava a pensar?

As coisas ruins... E, fazia os possíveis para não pensar nisso e fazer o bem... Depois, fui ao doutor, nessa altura, quando tinha catorze e dezasseis anos, ao E M. (nome), foi ele que me desenrascou e, fui ao doutor B. F., ia lá ao consultório, mesmo, dele e; no Júlio de Matos, era para os electrochoques e aquilo... A... A penicilina... (insulina) Eles também tinham dúvidas disso... Da penicilina mas, eu ouvia-os... Eu, até fiquei contente, a ver se me safava, em vez dos electrochoques... E, a penicilina, diz o doutor C., é que me apanhou o cérebro e me safou... Que, era no cérebro que sentia tudo maluco: destrambelhado das ideias; que não se deve pensar; era o que dava na ideia da gente, tá a ver?

- O que dava na ideia?

Uma coisa que nos dá para o mal, por exemplo: via uma janela e pensava, olha se ela saltasse lá para fora. É assim, então, eu evitava fazer mal, tirava aquela ideia da cabeça, era evitar...

Olha uma janelinha para a gente estar à janela e tal, evitava o mal para pensar bem. Depois quando fui ao médico, o doutor B., e, o ouvi... E depois desses dois, ainda, fui ao E. M. (nome de médico) mas, ele não estava e, então, ficou anulada a consulta... Foi o meu pai que me levou... Então, resolveu levar-me ao doutor E. M., em Coimbra e, este é que me desenrascou... Ele disse, baixinho, ao meu pai: “ *Esquizofrenia e tal...*” Mas, eu ouvi bem e, depois fiquei logo com aquela coisa... E, a partir daí, fixei logo a minha doença... Deve ser esquizofrenia... Ele perguntou-me:

- *O que é que vê ali no canto daquelas paredes? O que vê lá?*

- *É uma manchazita senhor doutor.*

- *Mas, o que é que vê? Aquilo era para me experimentar... O que está no canto da parede?*

- *É uma ranhura...*

Ele já faleceu, todos, o B. também... Já, ouvi nas notícias, há uns anos... Mas, a partir dai, fiquei a saber... Mas, não tinha a certeza... Agora, que eu tava bem, é que eu soube que tava curado da esquizofrenia... Eu perguntei ao doutor: (doutor C – Médico psiquiatra) *Sempre sou esquizofrénico?* É uma doença rara, nenhum consegue, quase, escapar daí: a maluqueira e assim... A pessoa fica assim toda a vida e eu, quando soube, comecei a evitar ser assim. Eu tenho um pensamento forte e muita força de vontade de fazer o bem e o melhor possível.

### 3ª Entrevista

Pois, eu tenho ido para o trabalho, e ontem lembrei-me: *olha, o C. vai lá e não me encontra lá... Não há trabalho... Pois, mas, ele com certeza que vem aí a cima e depois conversamos aí dentro numa das salas, é melhor... Quinze para as... Pois, agora tava distraído no horário, nem me lembrei de nada... (ri) Ainda ontem falei com um amigo meu chamado C. (ri) Agora, veio-me á ideia: o que é que ele vinha-me cá visitar a esta hora? Estava distraído... Pois! O C., das reuniões tá bem! Depois é que me lembrei (ri). É, acontece assim... A gente, passa-se... Passa-lhe do coiso né?*

- Quando quebra a rotina...

Ah! Pois, sem trabalho né? Pois e Depois, lá a fábrica parece que não tem dinheiro para pagar à gente, também... (ri) É o sarilho... Também, a gente, já há meio ano que não paga, e a gente vai lá só para se entreter não é para mais nada... Há seis meses, talvez... Foi em Outubro (conta), Novembro, Dezembro, Janeiro... Já vai para sete meses.

- O trabalho é importante para si?

Pois, eu gosto de fazer os possíveis... Trabalhar e, trabalhar bem... Não é trabalho a sério, passa-se o tempo, e ganha-se algum, e a gente entretém-se, é... Aquele trabalho (refere-se ao trabalho que realiza na área denominada de “actividades produtivas”) é fácil: como o C., já viu na... É, é só enroscar; meter a borrachinha; enrosca-se e a outra peça que enrosca nas duas e já está. Às vezes, traz uma anilha por fora, por baixo, que é para completar e, pronto! É para fios de electricidade, campainhas, candeeiros, coisas assim do género... (ri) Eu fartei-me de trabalhar, aqui, no T. (instituição) tive sempre emprego... Convidaram-me, quando entrei, passados dois anos... Tinha aí, perto... Aí a chegar aos vinte... Convidaram-me: *Olhe! Quer ir trabalhar lá para o refeitório dos empregados? Recebe qualquer coisa para o tabaco e coiso...* Nessa altura, ainda fumava muito e, o meu pai quando cá vinha também me trazia tabaco e, eu, aproveitei. Olha! Pode ser, vou começar a trabalhar lá no refeitório dos empregados... e foi assim durante muitos anos... Alguns... Alguns... Quase trinta anos, talvez, só num, naquele debaixo da igreja conhece? Tem as portas e as janelas ao comprido, onde estão agora as obras, esse o primeiro... Depois, passei para o segundo, um pouco mais à frente, lá para baixo, lá no jardim da fonte da bica. Agora tá fechado... Tive lá, também, uns cinco... Não! Para aí, uns sete ou oito anos. Para aí, não faço ideia... Não calculo mas, ainda foi bastante tempo que lá tive... Aí uns seis sete oito anos, talvez... Depois, fecharam aquilo, passou para sala de jogos. Tinha lá bilhar; tinha pingue-pongue; tinha damas; televisão; tinha... Sei lá! Agora tá fechado, sabe onde é?

- Por baixo do atelier?

É, exacto, parece que há outro atelier lá para o outro lado... Actividades desportivas ou culturais, é assim não é? O que sei é que aquilo tá fechado, completamente, e, à frente, tinha, então, uma cantina... Ia para aí, assim que acabava o serviço... E ia para lá, entretido a ler os jornais, tinha lá várias mesas, uma sala grande né? Com uma espécie de barzinho, pequeno, e ia para lá e, tava lá entretido, até que viesse a hora de serviço outra vez... O jantar e tal... A passar o tempo e tal... A ler os jornais e as revistas né? Como tinha vista né? Era assim...

- No que consistia o seu trabalho?

Era limpar... Limpar a loiça... A loiça toda e, às vezes, passar o chão né? Tinha outro colega meu, a passar o chão e, era assim: limpar e arrumar a loiça e, pôr as mesas e, era... Era o meu trabalho e, depois, foi igual... Isto lá em baixo, depois, cá em cima, no novo, das portas brancas, o actual, neste também era assim... A senhora era uma senhora de cor, chamada T... Não sei se conhece, tá no B. M... (unidade da instituição) Já ouvi dizer que ela que tá no B. M. E, então, ela lavava à máquina e, eu, sentava-me numa mesa de pedra comprida e, depois, ela... Ela punha lá ao lado e, depois, eu ia limpando: tigelas, talheres, pratos, tudo... Tabuleiros, tudo... E, depois, arrumar... Eu, praticamente, é que fazia tudo né? Ela, a senhora, era assim um bocado... Um bocado... Custava-lhe muito né? Era, assim, forte e coiso... E, alta... Era... Era de Angola... Depois, casou com um português e, depois, veio para cá com os filhos... E, o marido ficou lá por causa da guerra né? De Angola, da Unita, tiveram de se separar e, então, ela veio para cá... E, então, vinha com dificuldades e coiso... Tinha de trabalhar e coiso... Mas, custava-lhe bastante... Ela, lá, tinha camiões TIR... Era uma família... Era... Eles eram ricos... Era para transporte de carnes, para frigoríficos, e coisa assim... E, depois, cá ela, coitada, tinha de se governar sozinha... E, eu mais outro... Olhe, o J. B! Conhece? Aquele, de cor, que faz muito barulho, grande, alto, forte, tem uma fala muito forte; andávamos os dois a trabalhar, ele passava o chão... Nessa altura, já não via, já estava cego, foi em mil novecentos e setenta e cinco que eu ceguei. Depois, ainda, tive mais uns cinco ou seis... Até mil novecentos e setenta... E, quase novecentos e... Quase oitenta e cinco, pois... Alguns quinze anos, neste novo refeitório... Foi, quase, até mil novecentos e noventa, práí...

- Depois de ter perdido a visão?

Pois, já depois de estar cego. Pois, ceguei em setenta e cinco. Depois fui para ser operado e o médico disse que se tem sido mais cedo... Na altura né? Podia ser que chegasse a ver alguma coisa mas, o senhor doutor, logo por azar, tava de férias... Tive de esperar quinze dias que ele viesse... Ele, assim que me viu, mandou-me logo de urgência para ser operado no Hospital dos Capuchos... É porque... É porque não me taparam a vista sabe? Ou não sabiam, ou não se lembraram, ou qualquer coisa, eu também não fazia ideia disso... Tinha de ser a vista toda tapada, para não apanhar luz... Depois pronto! Foi assim... Tive, lá, um mês no hospital dos capuchos... Foi, até, lá que... (ri) Há males que vêm por bem... A pensar na vista né? Pra ver se me curava, passou-me o tabaco... Esqueci-me do tabaco; nunca mais peguei no tabaco, não foi preciso... Matei o vício assim... É verdade! Foi uma boa coisa, ao mesmo tempo, se não, era difícil de me passar né? Se não fosse isso, talvez, podia fumar não é? E, eu, com a preocupação da vista e coiso... Consegui evitar... Esquecer o tabaco... E, depois, nunca mais pegava no tabaco... Depois, quando saí de lá e vim para cá, custava-me um bocadito mas, chupava uns rebuçados... (ri) Ficava entretido a chupar rebuçados, que servia para matar... Para esquecer... É verdade, foi bom mesmo assim... Era os cigarros... Fumava muito... Era uns atrás dos outros... Depois, era papel dos guardanapos, das mesas, tipo charuto que eu fazia... De maneira que me dava quase uma hora a chupar; acabava um vinha outro... Pois, foi assim é que eu ia dando cabo da saúde toda... Da vista! Apanhou-me a vista, que é o mais fraco... O órgão mais fraco que eu tenho... Era a vista. Desde os oito anos que usava óculos, tá a ver, ó C? Pois... Na escola, lá na aldeia, lá, na quarta e terceira classe, já usava óculos e, agora, ultimamente, nos tempos antes de cegar, com quarenta e um anos, para aí, por acaso, a mexer nos óculos: caíram e, não se partiram... Tá a ver a grossura? Os vidros, eram o dobro dos aros... E, eram aros grossos mesmo assim... E, as lentes era uma grossura que é um disparate... Caíram ao chão e, não aconteceu nada...

- A escola, fez na aldeia?

Pois, até à quarta classe... Depois, vim para estudar, para o liceu, cá para casa... Para A. (localidade) Pra... Numa casa das primas... Fiz o liceu até ao terceiro ano depois, o meu pai é que disse: *Eh pá! Arranjo-te um trabalho bom, lá no armazém pá, deixas-te estar a aprender lá e, depois, vais seguindo, sempre, até chegares a sócio né?* Que o meu pai era sócio... Era sócio da casa de ferragens, ferramentas e quinquilharias... Depois, então, larguei, então, o terceiro ano e, fui para lá... Tinha para aí quê? Uns quinze... Doze... Treze anos... Para aí, uns treze, catorze... Andava à volta disso... Depois, aos dezassete é que vim para cá... Foi dois anos que tive lá fora, assim, já meio... Meio coiso da cabeça... Meio tonto da cabeça...

- O que recorda desse período?

Lembro... Tenho assim pouca coisa... Pois, por causa da doença... Depois, passou-me né? A doença mas, ainda me lembro... O colégio era... Era, no alto, ali, quase, quando se sobe, para cima, na rua da B., lá em A... É, perto da minha casa... Descia e, ao meio da estrada, alta, era a casa da professora e, às vezes íamos lá... Estudar e adiantar os estudos e tal... E... Era a dona F... E, o colégio, depois, descia-se, mais abaixo e havia, então, para a esquerda... Havia a estrada larga, que era aberta para um descampado e, em frente, então, tinha o colégio que era o I. D. H... Que era o meu, onde eu estudei... E, antes, ao meio, entre a casa da professora, dona Fernanda, e o liceu I. D. H., havia outro colégio, muito conhecido, que era o V. G. Já ouviu falar? Há um aqui perto... Também, já fixei, já tomei conta de dizer mas, não é o de A... É outro... Se calhar é, até, dos mesmos... Do mesmo patrão né? Deve ser... Simpatizou com aquele nome né? Pois, tá bem pensado... Era um colégio muito conhecido... Era um colégio fino né? Mas, para mim não dava. Era melhor o outro, o I. D. H. Era mais próprio pra mim, pró liceu e tal... O outro tinha outras... Outras... Quer dizer, outras... Outras... Outras áreas de estudos...

- Lembra-se de quando começaram as “ideias malucas”?

Ah! Pois... Comecei a variar... Mesmo a variar... A pensar uma coisa e, pensava noutra: em vez de pensar uma coisa bem, pensava para o mal... Acontecia-me isso... É, então, fazia os possíveis para fazer o melhor possível, o que pudesse, porque sabia que estava coiso não era? Tava um bocadinho com a doença... A ver se evitava, o mais possível, essas mudanças de ideias e coiso... Fazia tudo... Dava-me a impressão que fazia tudo mal, tudo ao contrário né? E coiso... E, era uma coisa que me atormentava e, ficava mesmo... (longa pausa / agitação corporal, esfrega as mãos nas pernas) quase que... (maior agitação; chora)

- Depois de perder a visão, continuou a trabalhar?

Continuei sempre... Mesmo depois de vir de lá... Depois, pedi se podia continuar a trabalhar e, deixaram-me... Continuámos a trabalhar, é verdade... Pensei até que já não pudesse trabalhar mas, sempre dava jeito lá à senhora... Que, ela, coitada... Ela tinha doenças... Então, eu mais o J. B... Os dois, aquilo era... Nós os dois era... Custava um bocado, né? Que, a gente, tínhamos de passar ali quase a tarde toda né? Quase às cinco ainda távamos lá, no serviço. Mas, a gente, depois, vínhamos entreter cá para fora e tal... Ela, coitada, já não podia mais... E, a gente, entretia-se na brincadeira... Para a gente não era um serviço puxado né? Mas, sempre, demorava tempo fazer aquele serviço... Ela acabava de lavar a loiça e, quase não tinha de fazer mais nada não era? E, nós era uma chatice... A gente é que tinha de fazer tudo ali... No refeitório grande, para tanta gente, né ó C? Naquela altura, era para aí cinquenta ou sessenta pessoas, tá a ver? E, depois tinha, como agora... Agora é diferente! É tudo seguido... Já sei!

Das onze e trinta às catorze horas. E, depois, até às treze e trinta era outro almoço. Dividido em duas metades... Era o segundo almoço...

- E no tempo livre, saía?

Sim, de vez em quando, com os amigos. Havia, também, outro colega que ia lá também ajudar, do S. (unidade da instituição) Esse já faleceu, coitado... Trabalhador e, também, umas vezes limpou o chão, como o J. B. e, outras vezes, outro tipo de trabalho... E, então, ia lá umas vezes, à tarde, para beber uma garrafita que ele gostava... Uma garrafinha de vinho e, depois, ia com ele dar uma volta por aí... Chegámos a ir à feira das M., os dois... Íamo-nos lá perdendo... Eu a gritar: Ó R! Ele Chamava-se R. E, depois, lá o consegui agarrar naquelas entradas da feira das M. Quando está cheia de gente, é uma enchente ali á entrada que, a gente, para entrar e sair, é de encosto em encosto... E, depois, ele desviou-se um bocadinho e, eu: Ó R! Ó R! Éramos muito amigos e, outras vezes fomos à feira das M... Ainda, duas ou três vezes.... Outra vez, fomos por aí a cima, dar a volta ao S. (localidade) e, depois, viemos ter a V. L. (localidade) Passámos no hospital de V. L. Também, conhece? Já ouviu falar? Aquilo, agora parece que tem lá um asilo de velhos ou o que é... Então, demos a volta toda, passámos a estrada toda lá de cima até V. L. Descemos aquilo tudo e, depois, viemos pela estrada, sempre a direito, os dois e, chegámos a V. L. Ainda tentámos ver se havia alguma coisa mas, não havia lá nada de comer... Não havia nada ali à roda.. Depois viemos logo para baixo... Agora, quando vamos à feira das M., é que a gente, sempre, come qualquer coisa... Farturas né? A gente ia lá para apanhar as farturas e, ele ia lá para comprar qualquer coisa carteiras ou rádios... Ele gostava muito dessas coisas... Tinha de ter uma carteira e rádio. Rádio, também uso sempre. Tenho um sempre à mão, na algibeira... E, comprava lá o rádio e coiso... E fazíamos a festa assim... E por ai demos umas voltas, e tal e coiso... E ao C. M. (localidade) também, às vezes, lá fomos... Aqui perto, ali ao lado, ao pé da R. (unidade da instituição), á entrada... Ali, era tudo cheio de pinheiros e caliptos; era uma espécie disso... Era uma mata grande; era chamada a mata dos irmãos... Às vezes, também, ia até lá... Passear e tal...

- Tinha permissão para sair?

Sim, acabávamos o serviço depois, tínhamos ordem até à hora do jantar... Tínhamos de tar cá, às seis horas. O jantar, antigamente, era, e, agora, também continua a ser, às seis... Que eles saem daqui às seis, para irem jantar. E, depois, há outro às seis e meia, até às sete... Então, a essa hora tínhamos de estar cá... Íamos dar umas voltas né? Tínhamos tempo, depois das quatro, cinco, até às seis e, aos sábados e domingos, isso aí! Íamos dar mais uma volta né? Tínhamos mais tempo, era menos pessoal, despachávamos aquilo mais depressa... Íamos por aí a baixo, até ao R. (localidade) e tal... P. (localidade), por aí fora... Agora, às vezes, até ao S., M. M. (localidades) Era, andávamos entretidos... É pena é, nessa altura, ainda tinha vista né? Agora é uma pena né? Não tenho vista nenhuma, pronto! Só vejo a luz... A luz... Quase que vejo uns relevos... Assim... Assim uns relevos... Assim os cantos... Assim uns relevos escuros, a diferenciar da claridade.

- E a outra vista, quando a perdeu?

A outra tinha vinte e nove anos, quando a perdi... Já não me lembrava, o senhor doutor C., é que viu lá na ficha: "*Aos vinte e nove anos cegou duma vista...*" A vista direita, foi esta... (aponta) Foi, deu-me uma pancada... Foi um empregado, de manhã, para me acordar... Eu tava de cabeça tapada, com o lençol né? Como costume, das melgas dos bichos, assim para cima... E, ele, para me acordar, julgava que eu tava de cabeça para baixo, deu-me assim com a chave,

pronto! Deu cá uma... Uma... Uma força, que até vi... Como se costuma dizer: até via estrelas; vi uma claridade enorme, aqui assim... Pois, olhe, aqui, assim, entre a sobancelha e o olho e, fiquei... Tava com os olhos fechados... Vi uma claridade muito grande e, depois, pronto... Mas, eu não desconfiei que tivesse cegado... Não me veio à ideia isso... Só passado três ou quatro dias é que eu desconfiei, assim por acaso, a diferença da vista e coiso... E, como... E, como tinha acontecido aquilo, fiz a experiência... Fiz assim... (tapa uma vista) A ver se via e, nada! Não via nada! Digo do direito, a esquerda é que cegou mesmo...

- Na altura da pancada não se chateou?

Pois, chateei-me, chateei-me pois... Ainda disse a ele... Mas, ninguém sabia que tinha cegado da vista... Via da outra né? E, eu, também não dava por isso né? Só passados três ou quatro dias é que desconfiei...

- Mas, não lhe doeu?

Doeu. Vi uma luz... Parecia um candeeiro aceso, lá no fundo... Uma luz muito forte; quase parecia a luz do sol, não exagerando, parecia uma faísca, uma faísca... Era tal e qual uma faísca.

- Ficou zangado com o empregado?

Pois fiquei, fiquei chateado, disse lá a eles... *Ah e tal, deixa lá, isso passa e coiso... Foi pa te acordar não foi?* Pois... Pois, eu percebi... Agora... (tossiu) Não era com má intenção; ele julgava que eu tava de cabeça para baixo... Bumba! E, depois, é claro... Depois, ainda me queixei lá... Só depois, passados uns dias é que desconfiei... Pois, então, é que disse que tinha de ir ao senhor doutor porque tava cego duma vista e tal... E, lá me levaram... E, o senhor doutor, parece que já não tinha arranjo...

- Levaram-no?

Era o meu doutor, de sempre, desde o princípio que vim para cá... Agora, claro, agora, é o filho, o L., o J. L. Conhece? O filho também... Também é muito bom... Agora, para o mês que vem vou lá... Vou lá... É de ano a ano... Tenho de fazer um examezito para aquela luzinha que eles põem à frente, para ver como é que tá a vista... Olha a vista e coiso... Com um gancho, com uma mãozinha na ponta, encaixado lá nuns tubos assim... A gente mete ali... Assim e, eles, lá do outro lado, vêem com a luzinha... Vêem a vista toda por dentro. É de ano a ano, é... Chama-se de exame de rotineiro... Pois, tá quase sempre... Tá sempre... O olho, tá sempre igual, não melhora nem piora né? Pois, o pai deste já era meu médico, era... Era... Eu gostava muito dele e, ele gostava muito de mim. Já o conhecia há alguns... Pois alguns... Até aos quarenta anos... Pois, tá a ver? Alguns vinte anos... Ora, eu vim para cá já ele cá estava, tinha eu dezassete anos, ceguei aos quarenta e um... Foram vinte e três anos com ele... Pois, ou talvez mais... Pois... Depois, ele, ainda cá ficou... Depois de ser operado... Ainda estive cá uns aninhos e, depois, é que passou ao filho o serviço dele... De... Da vista... Depois, é que passou para o filho... O filho, também, é boa pessoa... Também é bom doutor. Tem piada que, quando fui operado, tavam lá os dois: pai e filho, pois... Pois, eu até ouvi eles a falarem... Deram-me uma injeção para eu adormecer e esperar um minuto e, depois, quando deram a pancada aqui, assim, para a vista, aqui, atrás do olho, deitou uma hemorragia muito grande, derivado do tabaco né? O tabaco faz isso né? Dá hemorragias... E, então, diz o filho pró pai: *Ó pai, o sangue não pára, tem uma grande hemorragia...* Depois, o doutor J. L., o pai dele: *Vai-se já*

*tratar disso, não te aflijas que eu vou já... Já se prepara aqui...* (ri) Eu estava... Eu como não durmo, né? Estava com medo, de não... (ri) Se calhar, de adormecer... Da injeção mas, tava tonto... Quer dizer, é para não fazer doer né? Porque não doeu, pois...

- Estava com medo de adormecer?

Não. Que não fizesse efeito, a anestesia. Pois, como eu não durmo né? Para... Aquilo é capaz de me fazer adormecer não é? E, eu, como não durmo, pensei assim: *Bem, se calhar vou ficar acordado...* Mas, a anestesia é mais para as dores né? Para evitar as dores... Pois, nessa altura, ainda estava meio...

- Nessa altura, já não dormia?

Pois, pois... Foi nessa altura, mesmo, que começou a falhar o sono... Quando fui para o hospital, já não dormia nada já... Deixei de dormir, é verdade...

- Mas da segunda vista ou antes?

Foi... Já não me lembro, foi depois... Foi depois de cegar da vista... Antes de me acontecer, de cegar, de ter de ir para o hospital, ainda dormia qualquer coisa mas, já... Aguentava-me pouco e, sentia-me não sei como, para um lado e para o outro... Fazia os possíveis pa dormir né? Mas, custava-me muito pegar no sono e estranhava... Até que, já estranhava: *Que raio! Que é isto? Não sou capaz de... Bem, descansado...* E, andava assim... Até que, depois, fui para o hospital... Pois, lá, então, já não dormia nada. Deixei de dormir, mesmo... Foi nessa altura que deixei... A seguir de cegar, deixei de dormir... Foi uma coisa que aconteceu... Tava a limpar os pratos, assim, à mesa... É... Numa mesa comprida, de pedra e, então, de repente senti, assim, um calor muito grande... Assim, a subir-me à cabeça... Quando é assim, a gente costuma dizer que subiu o sangue à cabeça né? Mas não é... É ao contrário né? É a falta de sangue no cérebro né? Já ouvi... Quando falta o sangue ao cérebro é que acontece isso mas, continua-se a dizer que ele subiu à cabeça... Pois... Pois, a pessoa aquece muito né? Fica encarnada, pois... É isso é que é o estado de coiso... Mas, certo, certo é que eu já ouvi no médico... É ao contrário é... Não chega o sangue à cabeça... O C. sabe disso... Pois, tá a ver como eu sei. É... Então, pensei que fosse do coração... Tive assim... Subiu-me aqui, naquela altura... (aponta para o pescoço) Então, é que ia desmaiando... Quase que desmaiando... Agarrei-me, assim, à perna; fiz um esforço grande e, não chegou a um minuto passado ali, começou a passar; levantei-me, quando abri assim a vista é que notei que já não via nada... Até pensei que fosse do coração, algum ataque cardíaco né? Naquela altura, podia pensar não é? Não me lembrava que fosse da vista né? Afinal, sempre foi da visão... É o órgão mais fraco que eu tenho... Foi o que o tabaco me deixou: foi isso... Foi... Foi o tabaco... Apanha o mais fraco e... É o que estraga mais depressa né C.? É o coração... Uma pessoa sofre do coração e coiso... Tá logo tramado... E, eu, da vista, fui um alvo a abater. Eu já tava desconfiado... Antes de cegar, de acontecer isso três meses ou quatro meses antes, tava a ler o jornal e, então, li que as doenças que o tabaco pode dar, e, então... Eh! Sei lá! Tch... É garganta; é cancro; é da vista, cataratas; é da garganta; dos pulmões, o cancro dos pulmões é... Sei lá! Tive a ler tudo e, tava-me a falhar a vista, nessa altura... *Se calhar, vai-me acontecer... É uma coisa que estou a ler aqui...* E, vi assim, uma névoa... Eu queria ler o jornal, lá na cantina, e vi, assim, uma névoa pelos olhos... Era já o sinal... Era já o sinal...

- Já usava óculos?

Desde miúdo... Desde sempre... Na escola, já usava óculos. Na terceira classe, com oito anos, já usava... E, foi por causa disso é que o tabaco me deu cabo da vista: por ser fraco... Era miopia, sabe? Até aos quarenta e um anos fui sempre graduado; tinha de mudar de óculos de anos a anos, de três em três, ou quatro em quatro, ou dois, ou três, prái... Então, lá ia ao senhor doutor L., a ver letras e tal... E, depois, ele escolhia as lentes que eram próprias para mim e tal... E, era assim... Tinha uns óculos com uma grossura, um disparate, que caíam ao chão e não se partiam. Nessa altura, uns tempos antes de cegar, uma vez, a mexer na vista, sem querer, caíram-me os óculos e disse: *Já estão! Já outros óculos novos...* E, atão, agora, os óculos são caros... Já ouvi... Quinhentos euros uns daqueles bons... Cem contos... Então, disse: *Já tão...* Mas, fui pegar neles e estavam tal e qual... (ri) Acontece-me cada uma... Pois, nessa altura, ainda tava... Ainda era meio coiso da cabeça... Ainda tava meio tonto da cabeça.

- Quando?

Foi quando... Nessa altura, ainda fazia tempo quando ceguei... Nessa altura, ainda estava... Ainda não me sentia bem né? Com força para fazer as coisas bem né? Ainda tava um bocado maluco... É a esquizofrenia né? A tal doença... Pois, a gente faz aquilo... A gente, tá uma coisa e pensa outra; é uma coisa boa né? E vai pensar... Pensa ao contrário, vá lá... Como se fosse ao contrário, é... Mas, eu tinha força de vontade e, consegui evitar certos problemas, certas coisas... Fazia, sempre, os possíveis para fazer bem né? Via os doentes a fazer asneira né? *Bem, isto não tá bem assim né? Se ele é assim, eu cá não quero ser...* (ri) E, eu, estudava-me assim... Por eles... Por essa linha... Fazer bem, só...

- Quando é que se apercebeu que estava bem?

Ah! Pois, já agora, nestes meses... Agora, que vim para cá... Mudei (mudança para a unidade de psicogeriatría) e senti... Já lá em baixo, já me sentia mais à vontade, vinha e ia para o trabalho... Ia e vinha e, já não sentia nada de preocupações, nem nada na minha vida...

- Lá em baixo?

Na V. N. (unidade onde estivera antes) Pois, vai fazer agora um ano... Agora, para Junho... Vim a sete de Junho para cá e, lá, um ano antes ou dois, já me sentia em forma... E, estudei, então, no comportamento deles... De colegas né? Pois, alguns ainda coiso né? É a doença! Pois, eu agora tou bom né? Agora tou bom, pois... Há diferença... Há vários tipos né? Pois, é uma curiosidade que vi noutros aí que... Parece que, quase, não se nota... Quase não se nota nada, pois não? Daquela doença, da esquizofrenia... Parece que não porque, a gente faz aquilo mas, ao mesmo tempo, tenta fazer o possível né? Para melhorar... Para fazer o que sabe né? O que quer fazer.

- No tempo em que trabalhou lá em baixo, já não tinha essas ideias?

Pois não! Já tava... Só no principio, há uns cinco anos para cá, na mudança do S. (unidade) para ali, ainda estranhei um bocadito e coiso e tal... E a ver o que me acontecia, e o que tinha na ideia e tal... Mas já tava muito melhor, já, já... Viemos todos... Para ai dezanove... Prá V. N. Escolhidos! Fomos escolhidos... Deviam ser os melhores; que tinham um comportamento mais coiso... Pois, isso era fácil... Foi... Então, o enfermeiro... O enfermeiro chega, nessa altura, o... O A., ainda hoje ele é o chefe... Foi ele é que escolheu... Falou comigo, na sala, no

consultório... *Ó senhor V., vocês são bons e tal... Vocês vão mudar para a V. N... Vão uns poucos, e o senhor V escolhe lá...* Para eu escolher alguns que eu gostasse de ter lá comigo... Nessa altura, então, eu disse né? *Este é meu amigo e tal... E este, este, e este são bons rapazes e tal e coiso...* E foi assim...

- Porque acha que lhe deram o direito de escolher as pessoas que gostaria de levar consigo?

Pois, porque são os que estão mais... Melhor preparados, não fazem asneiras né? E a gente tem tado... Eu, pelo menos, tenho uma ideia e, faço para não fazer asneiras né? (ri)

- Mas porque será que o enfermeiro A., lhe perguntou quem queria levar?

Ah! Pois... Se calhar, pois... Eu pensei: *Bem eu tou bom não é?* E, ele, então, deixou-me escolher alguns dos meus amigos, dos melhores, que estavam bem, assim mais... Mais... Com menos coisa... Menos preocupação né? Que se portem melhor e que não façam tanta asneira e, então, escolhi dois ou três, ou quatro para ir, lá, comigo, também... Ao todo eram... Eles depois, escolheram mais uns poucos, eram dezanove... Eram dezanove...

- Já se sente bem há cinco anos?

É... É... Nessa altura, já me sentia bem... Pois, eu, nessa altura, já me tava a sentir... Já tava a começar a sentir-me forte.

- E antes disso?

Pois, pois... Mesmo antes, era dos melhores... Eu não fazia asneiras nenhuma... Eu quase... Praticamente... Por isso é que eu olhava para os outros colegas e: *Eles são doentes e, eu também sou? Mas que raio! Mas eles fazem tantas asneiras...* E, há ai doentes que a tomar banho nem se limpam né? Pois.

- Quer dizer que, quando olhava à sua volta, via que era diferente?

Pois, pois... Notava isso... Uma diferença... Uma diferença um bocado grande... Quase que nem davam por mim né? E, eu, calava-me. Também fazia para aprender com os outros: *Mas que raio?* E, depois, os empregados avisavam: *Ó psst, ó menino, o que tás a fazer Anda práqui... Porque não tás sossegado e tal?* E, eles, coitados, eles faziam... Depois, sei lá... Uns, começavam a gritar; outros, não obedeciam, era tudo assim... Coisas assim... Doença mental né? Havia lá um, agora, já tá ensinado por eles né? Tomava banho em um minuto e, nem se lavava com sabão nem nada... E, já foi, mesmo, na V. N. (unidade para utentes com maior autonomia) Mas, eles desculpam-no né? Porque ele é bom trabalhador e coiso... E, então... E, depois do banho, não se limpava, vestia-se todo molhado... (ri) A doença dele, tá a ver? Pois, a doença mental né? Pois.

- Você teve problemas destes?

Eu... Eu, nunca! Evitei, sempre, fazer coisas assim... Asneiras desse tipo... Quase nem davam por nada...

- Gostava de passar despercebido?

È, é... Era isso era... Derivado à doença né? Eu queria passar despercebido derivado à doença, porque, para que podia dar... Podia dar maus resultados... Podia dar asneira. (ri) Então, fazia as coisas despercebido, o melhor possível que pudesse, para ir contornando a doença, é... É... É... Nessa altura, já me sentia... Tava... Tava a entrar no bom caminho, nessa altura...

- Que idade tinha?

Sessenta e quatro, sessenta e três, prái.

- Foi quando começou a ver que era diferente dos outros?

Ah! Foi, na altura... Nessa altura, quando foi... Quando fomos chamado... Depois, comecei a ver, a pensar, e mentalmente, e coiso... Que íamos para lá, e a calcular né? E, a ver o que podia fazer lá com eles... E, depois, escolheram-me, para eu escolher alguns dos meus amigos e foi assim... Nessa altura, já tava... Já quase que nem eles... Quase que nem davam por mim... Saía de lá, ao café, e ia logo para o trabalho, para o serviço. Pois, e, eles, lá os outros, depois, os empregados tinham de se aguentar lá com eles né? E, eu, não sabia de nada né? Vinha para cá, para o trabalho, só à noite é que ia para lá outra vez.

- Andavam distraídos.

Pois, pois... (ri) Eles andavam distraídos... Eu já tava muito mais convicto de... De... De... Da cura né? Sentia-me bem... Bom! Pois.

- Tinha receio de dizer que estava bem?

É... Pois... Esse receio tinha... Tinha, derivado à doença, para evitar para não fazer... Pois, e já me disseram isso uma vez: *Você tá bom*. O doutor e, eu, ficava, assim... todo coiso... E, eu: *Acho que sim, senhor doutor, tou tou, sinto-me melhor, sinto-me bem, sinto-me quase em forma e tal...* (ri) Foi nesse tempo da mudança, foi o senhor doutor que tá lá... E, o enfermeiro, também, perguntava por mim e, eu: *Tou bem, tou em forma*. Era o senhor doutor C. V., conheceu? Já cá não está... Era muito bom doutor. Eu gostava muito dele, é verdade... E, até havia uma brincadeira, quando ele me media a tensão, eu dizia: *Ó senhor doutor! É aquela máquina* (ri) Eu tinha a tensão sempre boa... Sempre baixinha e, sempre, normal... É verdade, é verdade... Foi assim...

#### 4ª Entrevista

Fui buscar o Sr. V, tal como combinado, às “Actividades produtivas” (atelier) Acompanhei-o até à unidade, onde conversámos. Enquanto caminhávamos em direcção ao túnel:

Esta noite, caíram umas chuvadas valentes... Esta noite... Parece que caiu e, caiu bem... Umas chuvadas à noite né? Nove da noite ou nove e tal... Quase dez para ai...

- Ouviu?

Ouvi, ouvi... Caiu e, caiu com muita força mas... Caiu com uma força, tché! Estava já na cama, eram dez e tal...

- Cuidado! Está aqui uma janela aberta.

É preciso cuidado... Eu tenho medo, convém tar fechadas né? É que é perigoso, pode uma pessoa qualquer distraída: bumba! Já me aconteceu, dar uma cabeçada... (ri) Não é a primeira vez... É preciso cuidado... Eu confio...

- Aqui está outra.

Outra, pois. É por isso que eu, vou para cá e para lá, vou sempre por esse lado. Agora, quando... Ó C.! Agora, a gente ia lá experimentar, dar ali a volta à... No... Por baixo do toldo... No... O C., ensina-me? (Na primeira entrevista, dissera que não sabia o caminho por baixo de um toldo, que pode ser uma alternativa quando chove)

- É já hoje.

É... É, pois, aquilo é um bocadinho... Pouco coiso mas... É com a experiência né? Apanhando ali a passagem, ali rente ao toldo, não apanho a chuva. É tudo pedra né? (refere-se ao piso) É tudo pedra... Ó depois, lá para a frente, é as grades e, depois, então para lá, é que é a relva... É, e depois tem ali umas abertas, ali, uma abertura, uma porta alta, grande, que é para os carros entrarem lá pa dentro... Prá quinta e, depois, tem mais outra ao lado, mais pequena, que é para as pessoas passarem. É... É... É assim... É um bocadinho... Mas... Eu sou capaz... É, já aprendi a dar a volta, de um lado para o outro, duma parede para a outra, tenho é que atravessar a relva... Pois é... Quando tá o tempo bom né? (passa um utente que diz): *Olá Vítor.* (Responde): *Olá pá!* Ainda não são onze? Ainda não ouvi a torre mas, deve tar a dar, deve faltar pouco...

- Faltam cinco minutos.

Uns cinco minutos, práí não? Costuma dar na torre. Prá semana, é quinta outra vez?

- Dia sete é feriado.

Ah! Então, tem que ser para a outra... Sete de Junho mas, não será o dia dez? No dia dez de Junho é que costuma ser o feriado do Camões.

- Esse, acho que é domingo.

Ah! Pois, se calhar, é capaz é... É capaz de ser... Ainda não fiz as contas (ri)... Deve ser, deve.

- Quinta-feira é sete.

Sete? Será corpo de deus? Uma coisa assim, não sei... Deve ser... É capaz de ser isso... É o corpo de deus.

- Nessa semana: combinamos um outro dia.

Pois, quinze dias né?

- Marcamos na mesma semana mas, outro dia.

Pois, sexta ou quarta, pois... Pois, é melhor né?

- É daqui a duas semanas.

Pois trinta de... Ah! Atão... Ah! Pronto, de hoje a oito... Quinta-feira que vem é dia trinta né? Hoje é vinte e quatro... O que é que será? Não, não faço ideia o que seja de feriados.

- Chegámos, como é que costuma fazer?

Eu fazia... Eu... Eu, bem... Eu vou por aqui, sozinho... Vou por ai, até às escadinhas que dá pra cima tá a ver? Depois, atravesso a relva e vou dar ali.

- Ou seja, vai até à escada, pela parede, depois vira?

Pois, tenho que virar mas, aqui, esta... Para ir sozinho, aqui, por este lado, né? Qué por causa da chuva né? Apanhando aqui a parede do B. (unidade da instituição), depois vou aqui rentinho né?

- Aqui, onde bateu, é um vaso.

Ah! Pois, vou por aqui assim né? Pois, calha-me... Dá-me... A ver se eu apanho aqui o jeito.

- Cuidado com a mão, está aqui uma torneira.

Pois, depois viro... Até virar né? Tamos por baixo do toldo né?

- Ainda não.

Ah! Ainda não (Passa uma enfermeira que diz):

- *Bom dia, está bom senhor Vítor?*

- *Tou aqui a aprender aqui a dar a curva* (ri)

- *Faz muito bem...*

Agora vira-se. Agora tem umas colunas à volta né?

- Agora, já estamos debaixo do toldo.

Pois, pois, já não apanha chuva.

- A primeira porta e o primeiro pilar.

Pois, o primeiro.... Isto é pedra, também, né? (referindo-se ao piso) Apanho a porta, o pilar... Agora outro... Três... São mais, ainda, não?

- São mais dois. Aqui é relva.

Ah! Pois, fica para o outro lado... Outro... Quatro... Quer dizer, o B., (unidade) ainda chega mais à frente né? Se fosse para ali, dava com a parede né? Este é o quarto... É pedra também... É passeio... Agora, tem que haver aqui... Agora é que é virar né? Cinco né? São cinco né? Pois, agora faz um ângulo né? Pois, agora, à direita, a ver se apanho aqui as grades (refere-se ao gradeamento que envolve a unidade onde se encontra actualmente).

- Isso, agora apanha aqui a grade.

Eh! Pois. Logo aqui, agora, vou sempre a direito né? Por exemplo: tem aqui uma porta aberta, uma porta larga, mais à frente né? Cinco pilares... Pois, agora é as grades todas seguidas... Agora, esta, é a porta grande dos carros né? A ver se eu apanho aqui bem... Ah! Pois... Depois, tem uma portinha mais pequena, a seguir...

- Aqui está uma placa, cuidado.

Pois, pois... Pois é... Tenho cuidado né? Pode magoar... Tá... Tá aberta ou assim... Agora outra portinha, né?

- Não. São grades.

Mais grades, eu tava convencido que chegava aqui às grades e guiava-me bem mas, é um bocado complicado né? Aqui a dar a volta e tudo... E tem muitas aberturas... Portanto, agora é que tá a chegar à parede... Às colunas... Às colunas...

- Sim, estamos quase.

É, pois... Das colunas é que eu me lembro. É que eu, chego dali: passo; vou até à primeira coluna, de lá para cá, ou seja, a primeira daqui não conta, o que conta depois é as outras.

- Chegámos à parede.

Já? Agora, já a parede, a primeira coluna né? Esta não... Quando venho dali, vou logo direito apanho aqui a... Vou dali para lá, apanho a terceira e, depois... Outra, a segunda... Mais outra ainda e, logo... Ó C.! E se... E se daqui para lá, para... Para além, não apanha relva?

- Apanha.

Ainda apanha... Pois, calculo... Quer dizer: então, apanha quase tudo a relva mas, aqui do... A partir daqui, da porta do refeitório, da unidade, da copa, já não... Se calhar, já não apanha?

- Apanha, em toda a frente da unidade.

Ah! Ainda apanha a relva, pois... Ah! Eh pá! Toda, aqui, a frente, tché! Depois, eu vou apanho aqui... Apanho aqui o parapeito, aqui, da janela e, vou por aí a cima... Pronto! Já não custa nada. (ri) Para lá... Ah! É verdade, para lá é capaz de ser mais difícil não? Ou mais fácil.

- Só precisa experimentar.

Pois, pois, eu sabendo de cá para lá é mais fácil pois... É, é mais fácil. Estamos lá, um bocado, a conversar e depois podemos experimentar para lá?

- Podemos ir, antes de conversar.

Pois, pois, são onze e pouco né? Bateu agora... Eu vou sozinho, né? O C., não diz nada né? (ri) Eu costume... O mais certo é por aqui não é? Andar sempre certinho né? E, não vou para fora do... Do risco... Sempre aqui direito à parede. (longa pausa, enquanto caminha) Eu pensava que a relva não era tanta... Tché! Chega aqui á passagem da copa e tudo... Ainda para aí assim né?

- Sim, vai até ao fim da unidade.

Pois, vai mesmo ao fundo mas... Mas, mesmo assim, se atravessando a relva vou logo ter direito à parede? Se atravessar... Podia atravessar né? Em vez de ser ali na... Na terceira coluna, vou dar às escadinhas, um pouco mais para a frente ainda né? Que eu, depois, inclino-me, mais para assim, em bico, para ir... Para ir direito ao túnel né? Para entrar no túnel... Pois, aqui vai logo... Vai logo, atão... Logo, também, dar à parede... O que é que depois, tenho que passar as escadinhas, tenho de dar a volta. É isso, é... Podia passar a relva, também, não faz mal, pois... Pois, não passo por ali, por aquela que tem uma árvore...

- São três oliveiras.

Ah! São três... Duas, ainda falta a outra coluna né? Onde eu costumava passar... Depois, chegava aqui e, depois, virava, para ali, assim... Assim em forma de bico, para apanhar mais perto o túnel... Agora, falta a quarta né? A quarta pois... Agora é que começa... Agora... Agora as grades. O C., não diga nada. A ver se eu acerto. Agora, vou apanhar a porta pequena... Depois, a grande. Se isto tivesse tudo cercado sabe? Era mais fácil na era? Agora, a porta grande... Já!? Mas, eu... Tinham-me dito que havia uma pequenina, para as pessoas passarem ao lado né? Se calhar tou...

- A porta pequena, está mais à frente.

Ah! Pois, ali à frente... Boa! Primeiro, é a dali, a pequenina é que... Grades, mais grades... E, agora, deve ser a tal porta... Tá quase... É já aqui, pois... Pois... Aqui é mais para... Para... Quando chegar a esta porta aqui, já posso fazer o ângulo né? O ângulo né? Pois, quer dizer... Passei logo para a frente, a coluna... Isso... Isso... Já posso ir a direito, esta... Estas colunas são cinco de frente? E a relva... É verdade. A relva tá aí ao lado, não?

- Tem relva dos dois lados.

Daquele lado ali né? O prédio apanha ainda mais para lá, pois. Se fosse a direito, passava um bocadinho a relva e, apanhava a parede para não me perder. Pois... Pois o segundo poste aqui ao lado né? Agora dois... Falta a terceira... Terceira... Terceira coluna. Agora, aqui, já há

parede né? Aqui, já é melhor... Agora a porta... Mais outra... Agora a quarta e quinta... E a quinta... E, agora, já dá para virar, aqui ao lado, do... Do... lado do prédio da esquina do B... Aqui acaba o toldo, à pontinha né? Mas, aqui, a parede, por cima, tem um terraço?

- Mais à frente.

Ah! É mais à frente, ainda... É quase em frente à porta. Pois, agora pela parede guiava-me bem né? Aqui à parede né? Vou sair, aqui ao vaso, aqui à porta e, em frente é mesmo em frente. Mesmo assim, ainda é um bocadinho bom... Julgava que era mais perto né? Agora a porta... Chego aqui, é em frente né? Agora... Já agora, vamos experimentar outra vez (ri) Agora, vamos ver se eu acerto ó C. Já passei a torneira. São cinco... Cinco colunas... À quinta, viro logo, faço logo direcção para lá... Uma... Acho que já passei a segunda mas, não dei por ela... Duas... Três... Há aqui um bocadinho de relva né? Quarta... Falta uma né? Ó C., é a quinta agora é... Depois, a seguir, é a porta pequena né? Que a gente há bocado enganou-se. Quer dizer: passei ao lado né? Ah! Está aqui... Mesmo assim, parece que é mais longe né? Ah! Não, tá bem, práli... Práli... Agora, é as colunas... Mais, à frente, tá a outra... A outra grande com a chapa cá em cima... Ah! É aqui já... Ah pois... Aqui dá para a quinta né? Ó C., e a chapa grande tá... É esta aqui mais abaixo né? Agora, é sempre a direito... Já está já... Ah! E, agora, já não preciso... O que custa mais é as colunas, e coiso... As colunas e, vai-se sempre debaixo do toldo, né? Não apanhamos... Não se apanha chuva. Pois, é melhor assim... Eu tinha aí um amigo (ri) mas, eu não consegui nada... (ri) Ele, depois, também, andava... Também, andava aí às aranhas comigo e, eu, depois, até que deixei... Bem, o melhor é ir lá por cima, pla parede, lá por cima e coiso... E fui... E, ficou assim... Mais ou menos... Atravessar a relva e tal. Mas, também, posso atravessar a relva, de vez em quando, quando o tempo tá bom né? Pois claro... É a última coluna, né C? Agora, começa já a parede, dalém, da copa. Ora, já cá estamos. Eu, dá-me sempre muito jeito isto aqui... (parapeito) Vai sempre a direito... Parece que o dia está a melhorar mas, dá aguaceiros e até trovoadas para hoje. Se calhar, é mais para a tarde. Começa outra vez a aparecer nuvens e tal... Pois, já cá estamos... Ele tá aí? O... Ah! Já tá aí.

Abrem a porta da Unidade:

Bom dia senhor A. tá bom? (cumprimenta o utente que abre a porta) Olhe! Tá aberta... (referindo-se à porta do gabinete) Fico já aqui, numa cadeira, no sofá... Pois, agora já... Já aprendi aquilo... Já, praticamente... Já... Já sou capaz de dar a volta, a curva. Quando se passa para lá, mais um bocadinho, dá uma inclinação né? Depois, dá a volta... Quer dizer: para cá e para lá. Se não, dá uma rampa para baixo né? Prá quinta....

Mesmo assim, se fosse a direito, sempre, ia dar logo à parede do B., né? Faz um canto né? Podiam ter feito aquilo de outra maneira né ó C? Mais a direito, em forma de tudo tapado, cerrado, não é? Como... Mesmo que tivesse as portas, eu guiava-me bem né? Mas, tem muita abertura... Pois, é assim ó C... Que horas são isto? Já onze e tal né? Onze e vinte...

- São onze e vinte e quatro.

Quase que ia acertando!

- Bem orientado.

É, é... Eu acerto muito, já tenho acertado... Já tenho acertado, mesmo de cabeça, melhor que o relógio... (ri) O meu é... Já... Já foi... Já começou a adiantar-se. É, e tá ainda pela hora antiga...

O C., não conhece? Não sabe mexer neste relógio? Pois, é complicado... É... É... É daqueles que falam... (mostra o relógio) Não sei se, mais ou menos, a abrir e coiso... E, diz que é um toquezinho num botão, dois toques no outro e, depois, aqui é os minutos e as horas. Este é das horas, se carregar aqui três vezes, daqui, começa a dar, de hora a hora, dá o sinal. E, este aqui, é para os minutos. Quer ouvir? Olhe, vinte e três... Tá adiantado. Pois, tenho de dizer à minha enfermeira... Mexer nele... Tem que mandar lá ao relojoeiro e, se calhar, a ver se ele dava um arranjo, para não se adiantar. Adiantou-se dois minutos, não é muito mas, eu como não vejo: deixo-o andar... Deixo-o andar, depois, passa o tempo... Depois, chega aos seis minutos né? E não tem graça nenhuma... Ainda vou a ver se ele, lá o relojoeiro, consegue... Quando o mandar lá... Se ele ensina a mexer, né? A abrir e, a acertar né? Se não, é uma chatice... Este trouxe-o uma senhora, uma terapeuta, que teve cá, a doutora Lima, não sei se conhece? Já cá não está. Esteve ai dois ou três anos, com a gente lá na V. N., e, atão, até foi difícil de o arranjar... Foi uma aluna dela é que... É que, lá, numa loja... É que conseguiu descobrir estes relógios... Custou vinte e cinco euros. Cinco contos antigos. Quer dizer, este já não é o primeiro que eu tive... Tinha-o guardado, guardei-o e, andava com o outro. O outro que eu larguei, estragou-se, foi para o lixo. O outro foi o que a senhora me arranjou, que era melhor que este, não se adiantava. Andava sempre certinho, certo, quase sempre certo, este não, este adianta-se muito mas, qualquer dia vou arranjar um daqueles bons né? De metal, tudo em metal, pulseira e tudo, também há desses né? Esses é que são bons né? Que é que são mais caros né? É melhor os outros... Os outros são fáceis, é mais prático né? Tem metal, tem o fecho, é de metal e coiso... E um bocadinho diferente deste, a abrir, e se calhar, como se mexe, como se abre e tudo... Esses... Esses... Há uns, de metal, que nem é preciso pilha tá a ver? Com a luz do dia ele carrega. Estes, agora, é que é... São sofisticados.

- As coisas mudaram, quais as diferenças que sente relativamente ao seu tempo?

É... É, talvez os aparelhos né? Tudo, os electrodomésticos a trabalhar aí. Dantes não havia nada... É... Praticamente... Ainda não havia televisão... Só depois é que começou a aparecer e, os rádios eram... Não prestavam para nada (ri) Os rádios, agora, é tudo a... São todos bons, tão todos a trabalhar em grande escala; a trabalhar com força, como deve ser... E, a televisão também. Antes não havia dessas coisas e, electrodomésticos né? Agora, há de toda a qualidade. Já havia frigoríficos. A televisão é que veio mais tarde, foi... Pois, em cinquenta e tal... ou coiso assim... Eu vim para cá em cinquenta e um e... Por isso, cinquenta e um pois... É mais o menos... Em cinquenta e um foi quando eu entrei depois... (conta) Sessenta mais quarenta... Cinquenta... Estou cá há cinquenta e... Cinquenta e seis anos, com dezasseis, pois, setenta e três.

- É a sua idade?

Pois, tenho setenta e três... Já vou a caminho dos setenta e quatro... Já passou meio ano... Já tá quase a passar... Parece que foi ontem, ó C., é verdade. Também faço logo no princípio do ano, né? É, foi a vinte seis de Janeiro, fiz os setenta e três, já vamos para Junho... Junho... Já faz meio ano... Pois, o tempo passa a correr, é... É... É um instante. Parece que ainda agora lá fui, festejar os anos.

- A casa da sua irmã?

Pois, ia lá... Ia lá todos os anos, há uns anos já atrás, em noventa e... Em mil novecentos e noventa, prai, nessa altura. Foi na altura em que o meu pai faleceu, tava... Em noventa e dois (voz trémula)... Faleceu em noventa e dois... Em noventa, ainda fui lá visitá-lo, estava

acamado, tinha as mesmas doenças que eu: as varizes, a má circulação de sangue. O que é que ele tinha mais uma: é a diabetes. E, eu, por ser filho, tou com medo né? Tenho que me acautelar, ainda posso apanhar né? Pois, a diabetes, vem de pai pra filho né? Eu ouvi dizer. A minha irmã, também tem varizes e má circulação. Eu ouvi dizer que é de pais para filhos e, eu sou muito cauteloso. (ri) Andava sempre a comer chocolates, eu... Antigamente... Há pouco tempo ainda, há três... Antes de vir para cá. Ora, tou cá há um ano... (na unidade onde se encontra actualmente) Ai há dois anos era chocolates todos os dias... (ri) Pois, tabletes de chocolate; bolos; sumos; Coca-Cola e tudo... Tudo coisas doces. Agora, tenho que me acautelar né? Para não apanhar. Se não... Quando vim para cá, na semana que vim para cá, houve um colega que apanhou, tá a ver? Pois, foram experimentar no dedinho, lá o teste, e o senhor doutor, lá de baixo não é o daqui, o nosso é o doutor C., é o senhor doutor novo não sei se conhece? R. D., ou assim uma coisa... É assim o nome dele. Um doutor novo, já cá está há uns três ou quatro anos prai assim... Parece que é um doutor de cor... E, disse-lhe logo: *Olhe está... Tem a diabetes...* Pronto! É... É... Pois, eu... Muita gente julga que é assim... A minha irmã já me avisou: *Olha! O pai teve diabetes, por isso acautela-te.* A minha irmã, que é professora no liceu da A... (localidade) M. V.P. (nome da irmã) Pois, é a minha irmã. É, agora, quem tenho... E as minhas sobrinhas, mais ninguém... As minhas sobrinhas são já umas senhoras, já tão crescidas. Uma é juíza já, trabalha aqui no... Mas é do... Do Ministério... Pois, faz cá fora né? Não trabalha como... Como é que hei-de dizer... No Ministério... Tava debaixo da língua... Trabalha no ministério; é juíza lá do Ministério. A outra, tem para ai uns vinte e sete, ou talvez mais, essa é enfermeira. Até... Qualquer dia... Qualquer dia tá cá a estagiar também... Pois, pois... Eu disse-lhe: *Ó rapariga! Quando acabares o curso dá cá um saltinho* (ri), *aqui ao pé de mim, a estagiar...* É a C., é... Essa é que é enfermeira. Uma vez, quando vim para cá, no primeiro dia, na apresentação, com as enfermeiras, tavam duas a estagiar... Uma era C. e, eu, perguntei, (ri) por brincadeira, à estagiária né? Com a voz parecida e, eu, perguntei: *É a minha sobrinha não?* (ri/gargalhada) É verdade.

- Quando foi a última vez que a viu?

A última vez foi... Foi... Vieram cá por... Já faz um ano... Já faz um ano... Foi em Janeiro do ano passado. A minha irmã é que costuma cá vir sempre, trazer a prenda e, este ano calhou sexta-feira e, ela veio cá no sábado... Calhou bem! E, às vezes, no domingo, também, calha bem né? Mas, quando é dias de semana ela não pode, tem muito trabalho lá: exames e escritos e coiso... Tem muito trabalho lá e, não pode cá vir. E, dá aulas e tudo... E não pode cá vir. Por exemplo: se calhasse a uma segunda-feira, só vinha cá ao sábado ou domingo é que ela podia cá vir. Eu, dantes, ia lá, fazia lá a festa, lá em casa dela, e coiso... Mas, agora, por causa das tonturas, eu não. Dá-me pra vômitos, é o estado de... Não é bem por causa do balanço dos carros, é mais da poluição dos carros é... É, vou lá para fora, pareço um peixinho fora de água é, é... (ri) A minha irmã viu logo: *Ó V! Tu pareces mesmo... Pareces mesmo como se tivesses fora de água...* *Aqui és um peixinho né?* (ri) Eu já me tinha lembrado dessa parte... É da poluição dos carros, não... Dá-me vômitos... Eu, quando ia, ao principio, à segunda e à terceira vez que fui lá, mas, vomitei, parecia uma faca aqui espetada quando os carros passavam. Comecei a descobrir pela velocidade dos carros e pelo cheiro do rasto... Do rasto, do gás do escape, e, atão, quando passavam parecia uma faca aqui atravessada. Até que acabei de vomitar. É verdade, não é bem do balanço do carro porque, algumas pessoas têm isso né? Faz impressão, coiso... E faz tonturas e vômitos mas, a mim é mais por causa da poluição dos carros. Passa um carro, fico logo ficava logo meio tonto. Tanto que nos carros grandes, nas camionetas, ou coiso... Parece que não... Não me acontece assim... Não me dá assim com tanta força, dá soluços e coiso mas, consigo evitar. Levo o comprimido e vou prevenido com saco. Mas, assim, é uma poluição coiso... Um grande... Do... Do enjojo... Do enjojo e, daqui

também há uns três ou quatro... O que é, é diferente, o enjoo... Também enjoam... Lá fomos a passear... Ah! E depois outra coisa, ó C. Quando me dá o enjoo, fico branco como a cal da parede. Cheguei aqui, agora, a última vez que fomos passear, aqui aos Olivais... Não sei se teve a par disso? Saímos daqui, foram dois carros, fomos todos daqui à quinta dos Olivais, que é uma quinta de... De... É pedagógica pois, pedagógica, fomos lá... Era, eu, até tava que não queria ir (ri) mas, que remédio... Atão, depois, almoçámos lá e tudo e, quando cheguei aqui estava branco como a cal da parede. E, quando fui agora ao exame, do dia dez de Abril, há pouco tempo, ainda, quando vim, fui na carrinha da casa, tive soluços, ainda, mas, aguentei-me, e com um saco á frente e coiso... E, tinha tomado o comprimido uma hora antes né? Mais ou menos... Quando cheguei, agora, tava a ver... A M. (enfermeira) disse: *Ó senhor V., venha cá, é para ir para a cama descansar um bocado*... Levantou-me o manipulo da cama, com os pés levantados, para cima, para a circulação do sangue. Tá a ver? Tava branco como a cal da parede. É, não tava bom, era só do enjoo, sentia-me mal disposto. Pois, com aquele... O enjoo que dava é diferente, é dos... Dos gases. Eu, antes, quando era novo e, quando podia, até gostava, (ri) para ir passear (ri). Aí vai ele! E, não fazia nada... Não fazia mal, nem nada. Sabe uma coisa que, eu agora, me lembrei: se fosse de mota, não acontecia nada disso... Pode ser verdade, do ar da mota... Há aqui um empregado que, é meu amigo, já me levou o relógio para arranjar e tudo e tem mota. Se fosse com motociclo, se calhar, não enjoava... Pois... Se calhar... É ao ar... É ao ar livre. Mesmo que os carros passem, desaparece o cheiro e, os gases desaparecem. É... Portanto, o contacto, a passarem, dum pra cima e doutro pra baixo vem logo o ar puro né? Eu... Nem me quero lembrar mas, quando ia a casa da minha irmã, a primeira, e segunda vez, e, à terceira vez... E, depois, deixei... À segunda vez, atão, foi mesmo... Parecia mesmo... Mesmo... Sentia aqui a garganta, aqui... Aqui a cortar... Ui! É terrível... Então, tive que sair... Eram carros daqueles pequenos... Atão, o meu cunhado parou o carro e, eu, saí do carro para respirar ar puro e coiso.... E, ainda vomitei... Cheguei a vomitar, é verdade.

## 5ª Entrevista

Fui ter com o Sr. V. às actividades produtivas. Pelo caminho:

Já... Já dei com aquilo, sozinho, à volta.

- Já?

Já, aquilo foi um instante, o chão tá marcado né? Tem uma parte de relva né? Depois tem o... Pois... E, marcando assim... Assim, vendo até à coluna, até às grades, dou sempre com ele... Cinco, cinco colunas... Cinco grandes de lado e, depois, à frente, é outra vez a portinha... A portinha pequenina, é logo a seguir... Depois, tem a porta grandalhona né? Aquela larga e, depois, é sempre em ângulo recto...

- Estou a ver que não foi difícil.

Não. Foi logo à primeira... Foi como... Como o C. me ensinou. Acertei logo... Foi logo nesse dia... Já... Já... Quando chove, é muito bom, não se apanha chuva nenhuma né? Agora, só da parte da tarde é que vou trabalhar né? Do meio-dia à uma fazemos um intervalo e, depois, até à uma esperamos pela hora do almoço e, depois, então, é que vimos para baixo trabalhar outra vez.

(Alguém passa e diz):

- Olá.

- *Olá, tás bom pá?*

- *Vou para o Algarve.*

- *Ah! Vais passar férias pá? De férias né? Qualquer dia? Tu não gostas de cá estar né? (ri)*

Ele, às vezes, conversa comigo. Diz que vai de férias pó Algarve... Quer ver? O C., não diga nada agora, que é fácil. Tem alguns relevos né? Algumas passagens que tem de se ter cuidado né? Ali aos cantos mas, depois vai bem... Lá por cima tem o coiso... Como é que se chama aquilo? A passagem dum lado para o outro né? Pois... Pois, eu lembro-me... Logo aqui é que começa o toldo né? É logo aqui à curva. Pois, entro logo... Ora, uma... Uma já passou. São cinco né? É ao fim de cinco... E, aqui a parede também ajuda... Vou-me encostando aqui à parede e, vou directo... Dois... A porta e, agora, falta a terceira que é mesmo à ponta aqui da parede... Três... Agora, já é largo... Campo largo agora... Isto aqui é relva não?

- Sim.

Eu, quando pisei isto, dava-me a impressão que era lama.

- Está um pouco enlameado.

Ah! Bem me parecia... Agora, falta uma ainda... Esta é a última... Agora, faz o ângulo, logo a seguir vem a porta pequenina que eu tive a ver há bocado com atenção, mais ao certo... É mais à frente um bocadinho. Agora, vou apanhar a grade, fica logo aqui ao cantinho... Agora, vem a larga, por causa da passagem dos carros... É já aqui... Esta tem a chapa, o que será esta chapa?

- Diz: ginásio.

Ah! Para estes lados aqui é costume fazerem ginástica, práí... Agora, é sempre a direito, não custa nada... Pois, vou sempre encostado, assim, à grade... Pois, eu, ao principio, tava convencido que as grades chegavam lá mesmo até à parede do B... Sabe? Isso é que era bom nera? Ia; chegava lá; pumba! Em cima... Tá a perceber? Sem portas, nem nada... E, a direito, sem aberturas e, a passagem coiso... Agora, já cá estamos, na parede... Primeira coluna... São quatro... São quatro colunas... Duas... A terceira... Mais uma e... Quatro... Pronto... E... Aí... Ainda... Tem mais colunas para aí? Mesmo assim, ainda são uma data delas, disseram-me que eram para ai dezoito mas, não devem ser tantas, assim separadas.

- São dezoito.

Dezoito! Eh pá! Mesmo assim... É muita coluna... Pronto, já cá estamos. Tá aí o senhor? Ah? Não? Vai ter de se tocar, se calhar, à campainha.

Abrem a porta:

Olha! O A.

- Ficamos nesta sala.

Pode abrir a janela? Ó C., então... Já sei onde há relógios como o meu, disseram-me que devia haver em M. M.

- Não será M. M.?

É isso... Confundo com M. M... Já ouvi falar, já... Não sei se alguma vez, em miúdo, se lá fui... (ri) Fazer alguns recados. Parece-me que ainda tenho ideia... Fica ali perto... Pois, se não fui lá a alguma loja passei por lá né? Ia ali, a outros lados.

- Lembra-se onde ia fazer os recados?

Era... Era mais ali, nos caminhos-de-ferro ali, numa loja que havia ali, era uma loja importante de ferragens, ferramentas, havia espingardas e coiso... Era... Era o Dias do Canto. Não sei se ouviu falar no Dias do Canto? Ainda deve tar em... Em... Com lojas abertas... Era uma casa muito grande né? Tinha várias lojas, diferentes, em outros sítios em Lisboa, parece que tinha duas ou três né? E, então ia lá fazer recados né? Ia e vinha e coiso... E, agora... Agora, depois, passado um tempo, o meu pai, então, fecharam aquilo. O sócio... O sócio morreu. Eram dois sócios. Faleceram. Ficou o meu pai, sozinho... O meu pai, depois, também faleceu e... Depois, aquilo fechou com certeza. Nunca mais soube daquilo. O meu pai era caixeiro-viajante, arranjou sócios. Eram todos do mesmo ramo: ferragens, ferramentas e quinquilharias e, então, juntaram-se todos e compraram... Fizeram um negócio né? Com um armazém... Primeiro arranjaram um armazém, grande, uma coisa grande, de coiso... Parece que era uma garagem ou não sei quê, com fecho de correr para cima e para baixo... Largas e coiso... E, então, juntaram-se... Eram quatro... Parece que eram quatro sócios... Então, juntaram-se, todos do mesmo... E fizeram aquele comércio de... Mas, durou pouco tempo. Depois, faleceram dois. Depois, o meu pai também faleceu pronto... E, aquilo fechou... Era nos caminhos-de-ferro, nos caminhos-de-ferro, ao alto, ali em frente à estação, para cima, era lá no alto.

- Então, era aí que trabalhava?

É... Pois, era aí o serviço e, se fosse preciso um recado qualquer: *Ó! Vai ali ou vai a outro lado*, coisa... Lá ia eu e, depois, vinha outra vez e, ficava lá a estud... Tomar conta... A ver como era aquilo... Tinha lá mais dois empregados né? Tinha lá mais dois ou três e, então, ficava a fixar, para ver as ferragens ferramentas e coiso... Nessa altura, já andava meio (ri) estranbelhado, pois... Tive lá pouco tempo, assim certinho né? Depois, comecei a variar... Quando fui pra lá, passado pouco tempo, ai uns meses talvez e coiso... Andava a fixar aquilo... A ver os sítios das ferramentas né? De onde era preciso tirar as ferramentas pa mandar prós clientes e coiso... E, eu, então, lá ia... Começava a fixar aquilo... Eu gostava daquele trabalho... O meu pai era caixeiro-viajante e, continuou sempre, mesmo depois de sócio, continuou sempre, foi sempre, até ao fim da vida.

- Acha que, na altura, estava preparado para ir trabalhar e viver sozinho?

Pois, eeeuu, mais ou menos, fui-me... Fui-me... Ao princípio, custou-me um bocadinho... Assim... Eles até me diziam: *Oh! Depressa... Depois habituas-te depressa e tal e coiso...* Arranjaram-me lá um quartinho... Foi a primeira coisa que me arranjaram. Foi numa pensão; um quarto numa pensão pa dormir né? E tomar as refeições... E café, e jantar e assim... Depois, fui-me desenrascando a pouco e pouco. Depois, habituei-me, fui-me habituando né? Passado pouco tempo já... Já fazia aquilo bem (ri) né? Sem dificuldades e coiso... De maior... E eles: *Eh pá! Não te preocupes pá... Não te preocupes que acostumas-te depressa, coisa e tal.*

- Mas queixava-se do quê?

Eeeuu... Era Preocupações né? Da mudança... Pois, lá está né? De mudar, deixar o estudo e, entrar no trabalho... Aquele trabalho e tal e coiso... E, eu... Mas... Mas, mesmo assim, eu fazia os possíveis para me aguentar (ri)... Não havia... Não havia problemas nenhuns... Eu desenrascava-me, a pouco e pouco... Eu pensava: com o tempo eu vou-me acostumando né? E vou-me... E vou-me adaptando aqui ao trabalho... E vou-me desenrascando bem.

- Parece-me que queria mostrar ao seu pai que era capaz.

Pois... Pois, que era capaz de... De... De subir depois... Ir sempre né? Ir fazendo melhor, melhor, e ir sempre trabalhando bem... Tinha lá... Tavam lá os outros empregados né? Tinha lá dois ou três e, esses às vezes, até me ensinavam: *Olha! Isto é assim e assim e tal e coiso...* E, eu, ia fazendo tudo de tal maneira que... Pois, e eu, fazia os possíveis para fazer bem... Embora, com algumas... Algumas... Como é que hei-de dizer? Assim... Dificuldades. Não é bem dificuldades, era assim... Tava preocupado né? Preocupado por fazer aquele trabalho né? Preocupou-me naquele trabalho... Fazê-lo bem, que era para o meu pai depois não me ralhar. (ri e fala muito depressa... De forma muito enrolada/ atrapalhada) Ele era muito boa pessoa, era... Até era brincalhão.

- Ralhava-lhe?

Não. Ele nunca me ralhou... Só, às vezes, é que me aconselhava e tal: *Faz isto assim e assim e coiso...* A ensinar-me né? A ensinar-me.

- Parece-me que o Sr. V. Não queria desiludir o seu pai.

Pois, era, era... Era isso, era... Pois... Ele era... Ele era... Ele gostava de mim né? Era brincalhão... (ri altera-se o tom de voz) Muito brincalhão... Às vezes, até brincava comigo (riu) e, então, eu... Eu respeitava-o muito, gostava muito dele... Morreu, tinha noventa anos certos. Nasceu em mil novecentos e dois e, morreu em mil novecentos e noventa e dois.

- Mas, dizia que o seu pai era brincalhão.

Pois, pois, pois! Ehh! Punha-se na brincadeira (ri) com o chapéu, o boné: *Põe isso pá! Põe-te direito pá! Põe-te assim! Bem, vamos passear e tal...* Eu gostava dele... Gostava muito dele, da brincadeira dele, era muito boa pessoa e... Quando ele faleceu... (voz trémula) Era conhecido aí por todo o lado... Ainda no princípio fazia, fazia, o país todo, de Norte a Sul, depois, então, é que começou a fazer só a parte de baixo: Alentejo e Algarve. Então, conhecia... Toda a gente o conhecia, nas lojas. Era caixeiro, depois, ia às lojas... Ele levava... Ele tinha um livro grande, para escrever o que era preciso né? Depois, ao fim de certo tempo, vinha ao armazém e, então, tiravam o que era preciso para mandarem pra essas lojas. Era... Ficava até às tantas da noite, a escrever nesse livro, a passar de um livro para o outro e, a fazer a escritura, para depois se saber no armazém o que era preciso ou, então, mandava em carta para o armazém coiso... Conforme onde ele estivesse ou coisa assim...

- Era muito trabalhador.

Era... Se era... Isso ninguém... Ninguém... Ninguém o acusava de nada. Era só ele é que fazia tudo... Pois, ele dava conta dele. Ia por aí a fora, de terra em terra né? Pois, ele sabia os sítios onde havia de ir, de passagem, pois... Era o trabalho dele, só, sozinho, só ele pois.... Ia... Precisava de ir a tal terra, ia para lá e, depois, mudava logo. Ah! A... As pensões, lá nessas terras, já o conheciam e tudo... Pois, era muito conhecido em todo o lado aí. É verdade. Era o senhor P. (ri). P., é da parte... Da parte do meu pai: P... V. P... Eu sou, V A T V P... T e A é da parte da minha mãe e, V P da parte do meu pai. O nome dele completo é, A J V P.

- O senhor V. Sentia uma grande responsabilidade por ser filho do seu pai?

É sim, sim, sim, sim, sim... Tem razão... (ri) O C., sabe destas coisas né? Pois, tinha de... Era filho dele né? Eu tinha de ter muito cuidado né? Respeitava-o... Respeitava-o muito né? Depois, com a doença, pois é claro... Ele sabia que eu que era doente né? Quando eu coiso... Ele não... Não... Não me esforçava muito né? Sabia que eu que era assim coiso né? Meio...

- Foi em que altura?

Foi nessa altura... Quando vim... Quando fui para o armazém é que ele depois... Ele... Ele também... Depois, também... Ele quase nunca lá parava né? No armazém. Só de mês a mês é que ia lá, ao armazém, de maneira que...

- Mas quando vai trabalhar, ainda não estava doente?

Sim, nos primeiros tempos, ainda não... Não tava assim ainda coiso... Só depois é que comecei... Então, passado aí quê? Uns seis meses ou coiso... É que comecei a desconfiar de que tinha a doença: a esquizofrenia.

- Como é que começou a desconfiar?

É... De... De Pensamentos esquisitos... É, pensamentos de medos e coisa assim... E, comecei a baralhar-me e, então: *Ah! Tá bom tá... tá bonito... tá lindo tá...* (ri) Eu, claro, fazia o papel... Fazia... Fazia... Dava... Dava um desconto né? Já sabia o que me podia acontecer né? Da doença né? A doença apareceu e coiso...

- Nessa altura, falou com o seu pai sobre isso?

Sim, sim, pois, falámos. O meu pai falou comigo e tal... O que é que eu sentia e tal e coiso... Pois... Eu disse-lhe que sentia, assim, medos e, coisas assim... Ideias más e coisas esquisitas e coiso... E, depois, ele, então, levou-me à clínica de... De Vera Cruz ou o que é que é... Aquela clínica famosa das operações... Como é que se chama? É quase ali ao pé de L.P, para aí para esses lados... Aquela clínica onde agora fazem operações ao coração e coiso... Essa de... É para esses lados aí... É uma clínica. Vera cruz. Tive lá um mês e, depois... Depois, parece que ainda levei electrochoques. Já não me lembro bem, se foi antes, se foi... Parece-me que foi depois da clínica... Parece-me que foi depois... Ainda tou a pensar... Naquela altura, já andava coiso... Parece-me que foi depois de ir para o Júlio de Matos... Que ele levava-me lá, o meu pai. Era duas vezes por semana. Parece-me que era duas vezes, ou uma vez ou coisa... E, então, fui depois de acabar com os electrochoques, no Júlio de Matos, então é que ele me levou lá para a clínica de Vera Cruz. Uma clínica famosa onde eles fazem as operações. Agora, tá modificada né? Antigamente era só para doentes de... Da cabeça. Era... Era só para esses doentes... Agora... Agora, aproveitaram, fizeram aquilo de modo que é para operações ao coração né? Já fizeram aí duas ou três cá em Portugal né? É, eu tou sempre a par... Com o rádio, mesmo sem ler... Dantes, quando tinha vista, é claro era sempre o jornal a primeira coisa... Depois, tinha tempo ainda para ir trabalhar e para ouvir o rádio a tocar e, ia trabalhando né? Lá no refeitório, lá em baixo.

- Da sua mãe, tem alguma memória?

Da minha mãe, eh! Tinha quatro anos quando ela faleceu... Ainda... Ela era... Era muito bonita, era era... Ela gostava, também, muito de mim... E, ainda fui... Quando ela estava na cama, ainda, fui lá dar-lhe um beijo e, até, tavam com medo que eu apanhasse a doença: a tuberculose, nessa altura... É, eu, lembro-me... Ainda me lembro dessa parte: *Olha! Que não vás beijar a mãe que ela tá doente. Ah! Não faz... Eu digo: Não faz mal. Não faz mal.* Dei-lhe um beijo na testa. Nessa altura, não havia cura para a tuberculose né? Quê, há quase há setenta anos... Tenho setenta e três... Vou fazer setenta e quatro... Quase há setenta anos.

- E da família da sua mãe lembra-se de mais alguém?

Havia a minha... A minha madrinha. Dizem que ainda é viva mas, está em V. V. Muito velha... Já deve ter alguns quê? Alguns noventa ou mais... Se ela tivesse viva, já ia para... A caminho dos cem... A minha irmã é que disse: *Ah! A tua madrinha, ouvi falar dela, em V. V. e tal... Parece que ainda tá pra lá... Não se sabe nada e coiso... Não sei.* Nunca mais soube dela. Desde que saí de lá da aldeia. O meu pai é que, às vezes, me dava notícias dela.

- Era familiar da sua mãe?

Parece que era uma pessoa de família mas, não sei se era... Era qualquer coisa à minha mãe, parece-me que sim.

- Então a sua irmã já não é filha da sua mãe?

Pois não, é da segunda mulher do meu pai.

- Conheceu-a?

Conheci, pois, quando ela ainda era nova, que foi... Foi logo na altura do casamento... Quando eu vim pra cá, que eles se casaram, e que a minha... A... A minha... A minha irmã nasceu.... Eu... Eu cheguei cá no dia um, de todos os santos, de mil novecentos e cinquenta e um e, ela, nasceu... Nasceu no dia doze... No dia doze de Novembro. Dia doze foi o dia que ela nasceu... Já tava casado, pois... Já tinha a menina... Quando a menina nasceu, já eles tavam juntos. Já, aí quê? Há uns dois anos ou coisa assim... De maneira que depois, vieram cá para a A. (localidade) e coiso... Quer dizer: no princípio, ainda ficaram lá na terra dela, em B. Pois, ele... Ele, como sempre, andava sempre... Nunca parava... Pois, aquilo era... Aquilo era... (ri) Ele, ao princípio, era para Norte era para Sul e, eu, às vezes, quando ele chegava: *Então ó pai, para onde foi? Oh! Fui lá para cima, para o Minho, pró Norte e coiso... Prá Guarda... Braga...* Para aqui e para ali... Ia pa todo o lado... E, as pensões, tinham sempre lá um lugar para ele... É, era assim... Aquilo foi... (chora) Eu não me quero lembrar... Ela, a minha irmã, depois, é que me deu a noticia, que ele tinha falecido. Tava já acamado há dois anos mas, já tava muito mal, coitado, tinha de tar amarrado para não se mexer. Ainda caiu algumas vezes ao chão. Da cama pra baixo. Depois, tiveram de o amarrar, por causa de não se coçar: das varizes, é como a doença que eu tenho, e a circulação de sangue... E, as varizes... E, ele era diabético... Depois, apanhou a diabetes... Depois, mais tarde. Já tava pa ser acamado. Apanhou diabetes e, então, para não se coçar, tiveram que o prender, arranhava-se todo, ficava todo arranhado, as pernas e tudo. Ainda fui lá visitá-lo. Ainda, antes de falecer... Ainda lhe dei um beijinho, depois, de despedida... Ele, já... Ele, já... Já... Já pouco falava e pouco dizia... Já... Já... Com aquela doença e, já com a idade de noventa anos.... Tá a ver ó C.? Eh! O que ele trabalhou... Mereceu... Merecia que olhassem por ele até ao fim da vida.

- E olharam.

Sim. A minha irmã tratava dele e, a mulher, a minha madrasta né? A segunda mulher dele. Tava em casa da... Arranjaram uma casa, aqui na A. Ainda lá está... A minha madrasta, ainda é viva, tem ainda... Tem oitenta e... Quase... Já vai quase para noventa anos, também... É verdade. Ela, atão... Ela era uma rapariga nova. O meu pai... Comparado com o meu pai, tinha mais... O meu pai tinha mais quê? Alguns vinte anos do que ela, ou mais. Ela era uma rapariga nova, de trinta e poucos anos prái. Quando eles se juntaram, o meu pai já tinha prái uns cinquenta ou mais... Alguns cinquenta e cinco, talvez. Se não tou em erro... E, ela, depois, ainda está lá, a minha madrasta. Ela, agora tá muito mal... Têm que fazer, por causa do coração, um uma espécie de... Com uns tubos na garganta... Eu tou a par disso. A minha irmã é que me teve a explicar: teve que fazer vários testes, exames, por causa da idade. Sabe, o coração tá a falhar. Se calhar... E, ela tem um problemazito qualquer no coração e coiso... Mas, tem de ser tratado, tem de ser operada e, não sei se já foi... Era para ser operada agora há pouco tempo... Tava a fazer exames. Tem de ser, exames, devagar, e um de cada vez. Não pode ser logo tudo junto né? Tem de ir pó hospital e tar lá e tudo... Se não, é perigoso, com a idade que tem né? É preciso cuidado. É preciso tomar conta.

- Cuidados, como você tem.

Pois... Pois, eu sigo o meu pai. O meu pai também era assim... Também era assim... (ri) Era muito cuidadoso... A lavar os dentes, logo de manhã e; a ensinar-me, a mim, quando estava lá

na aldeia: *Oh pá! Anda cá lavar os dentes e tal e coiso... E lavar a cara e os dentes... E isso tudo...* Era muito cuidadoso, muito higiénico e, eu, saí como o C., tá a ver, saí a ele (ri). Faço todos os dias ginástica, assim... (exemplifica fazendo movimentos com os braços, pernas, pescoço e tronco) Assim e tal coisa... Assim, deitado na cama assim... Dá jeito dá... Pois, as pernas à noite assim... Um minuto e tal e isso... Para cima e coiso... Assim também faz bem e, depois, a cabeça... Mexer os membros e o tronco e... É tudo muito bom... É, todos os dias faço isso... Fora a ginástica, o passeio de quarenta e tal minutos no corredor do B. (refere-se ao túnel) E, lá debaixo, do atelier, cá para cima. São dez minutos para lá, outros dez, tá a ver? Todos os dias, ao fim do dia, com o passeio completo: vinte de manhã e vinte à tarde, faz quarenta... Pois, é quarenta e cinco minutos práí.

- Vejo que ainda passou um bom tempo com o seu pai, na infância.

Sim... Sim... Eu... Passei pois... Desde... Foi até... Até... Ele ia-me sempre ver, quando eu... Depois da aldeia vim para cá, para A., pra estudar. Ele, de mês a mês ia lá visitar-me, sempre, quase sempre, de tempos a tempos, às vezes demorava mais um bocadinho mas, conforme podia né? Quando vinha cá pa Lisboa, tratar dos assuntos dele, do armazém, e coisa... E, depois, ia lá visitar-me, a A.

- E os tempos que viveu em A.

Ah! Já... Já faleceram todos. Já eram de idade... A prima mais nova era filha da senhora de idade que, também, era afastada mas, que ainda era minha prima... Pois, nessa altura, essa senhora já tinha uns noventa anos ou mais... Depois, disseram-me que já tinha falecido. E, depois, a filha dela também... Já era uma senhora de idade, alguns sessenta e tal. Já faleceu. Ainda me vieram cá visitar, é verdade, quando eu até tava tão maluco, ó C., que nem as conhecia, foi preciso práí quê? Práí um quarto de hora ou coiso... Pra me convencerem que era... Que eu não tava a ver nada... Tá a ver? A doença o que dá? Tava completamente descontrolado, fora de... De coiso. *Ah! Não conheço as senhoras... Não houve práí um engano qualquer e coisa...? Outro doente?* Eu não... Não... Tá a ver? Eu muito senhor de mim não é? Sem me lembrar de nada, lá do tempo em que estive, lá, em casa delas, no liceu. Andei a estudar lá, no liceu. Nem me passou mais pla cabeça. Foi preciso alguns vinte minutos... Até que por fim: *Ah! São vocês! Desculpem lá... Tava fora de mim... Mas, isto coiso... Com a doença já se sabe* (ri). Desculpei-me logo. Disfarcei logo a coisa... É a minha doença: é como se fosse a minha amig... (não acaba a palavra) Fica ao lado né? Eu disfarço-me logo: *Pois, é que eu tava completamente variado, nem me lembrava quem eram vocês.* Desculpei-me logo. Foi quase um quarto de hora a falarmos sobre: se era, se não seria. Até que depois, a minha prima, a verdadeira, a outra era... Era enteada dela, da minha prima, foi aperfilhada... Foi assim uma coisa... Não era filha dela, perfilhou-a desde pequenina e, ficou com ela porque não podia ter filhos ou uma coisa assim... Ela chamava-se P., a prima, era assim uma senhora alta, forte, com família na América coisa... Estava casada com um senhor... Pois era... Tava lá... Era meu amigo... Não era primo mas, era meu amigo à mesma né? Chamava-se Â. M. P., nunca mais me esqueci. Depois, disseram-me que também tinha falecido. Dava-se bem comigo mas, gostava de coiso... (faz o gesto de beber) Pois, e, à noite já tava meio coiso... (ri) Bebia dois ou três copitos ao jantar e, depois, ia para a cama. Ela tomava conta dele... Pois... É o que valia se não, fazia disparates.

- Disparates?

É... Do vinho... Não o deixar beber demais e: *Toma cuidado A... Vai já pra cama e tal!* Eu ouvia aquilo tudo né? À mesa. Távamos todos à mesa e, eu, tomava... Olhava práquilo com atenção e tal... E... Já faleceu, com certeza. Já faleceu tudo... Pois, ainda vieram aí, passados uns dois ou três anos que eu tava cá é que me vieram visitar, nessa altura que... Eu já não os conhecia, nem fazia conta... Tava aqui, com as ideias aqui, no telhal né? Com a cabeça aqui. A pensar cá no telhal. Nisto e naquilo coisa... Nem me vinha à ideia que fosse... Foi quase um quarto de hora a ateimar, até que ela, a prima é... É que ateimou comigo se não, tava a ver que não chegávamos a conclusão nenhuma. Eu até já dizia: *Com certeza foi algum engano... De algum doente... Eu sou o V, mas, há por aí mais V.* Depois, com o nome todo completo: disse-lhe eu sou V.A.T.P. *Então, é o P., da parte do pai? Atã, como é que a senhora sabe que era P? Então, sou sua amiga, sua prima, de A. Ah! (ri)* Foi assim que aconteceu... Eu até fiquei parvo: *Oh! Dá cá um beijo, desculpa lá... Estava tão distraído... É a doença né? A maluqueira que dá é isto... Pois, não tava a ver nada do acontecimento... É... É... Foi assim... Tava no S. A., pegado com o S. J. D., quando elas foram lá visitar-me. Foi á entrada, do lado de cá do bar né? Aquela porta grande, do meio, larga, foi por aí é que aconteceu... Tivemos ali a discutir... Ali quase um quarto de hora... E tal... Até que ela, depois, perguntou-me o nome todo completo. *Pois, é o senhor V. P. Pois... Pois prima, agora já me tou a lembrar, já, já... Vocês por aqui? Então?* Não fazia ideia nenhuma... Tava cá com os sentidos, cá, na casa e, a doença: a maluqueira e coiso... (ri) Foi assim... Disfarçava muito bem, sabe? Ainda disfarço muito bem, agora... Quando há alguma falha mas, a pensar no... Mas, agora, já penso bem... Agora já tenho mais ideia das coisas.*

- Agora, o que tem para disfarçar?

Pois, não tenho nada a disfarçar. A gente às vezes engana-se... É um engano, pronto. Mas, agora, não há nada pra disfarçar.

## 6ª Entrevista

Hoje, a dar a volta pelas grades, avisaram-me de lá de cima, a senhora, que é minha conhecida, a E., do S. (unidade) Tava no S.; passou pra lá, conhece-me; tivemos lá muitos anos... Então, chamou-me à atenção: *Olhe! Cuidado... Olhe que tá aí um grande lago de água...* Pois, olhe! Eu, ainda disse: *Mas, isto mais ou menos, parece que tá coiso... Mas, tem... Tem uma poça...* Depois é que notei, a andar... E, comecei a notar aquilo... Agora, para lá, atravesso a relva. Pois, é o melhor que... Hoje, tá assim o tempo bom, pode-se atravessar bem a relva e, não há problema nenhum. Agora, quando chover é que é que vou lá por dentro né? Dou a volta.

- Esta noite deve ter chovido.

Parece que sim... Parece que sim... Ah! Choveu... Choveu que eu tou-me a lembrar... Já... Já ao fim da noite... Práí... Ainda foi no dia de ontem, antes da meia-noite, caiu e caiu com muita força... Caiu, eu ouvi... Era o que eles tinham anunciado: era chuva, aguaceiros, trovoadas e... E descida de temperatura, também.

- Anunciaram?

Sim, ontem. Hoje... Hoje, parece que tá melhor, não tá tão fresco hoje... Mas, ainda tá tapado e coiso... Ontem era vinte... Hoje é vinte e um... Já subiu um grau e, já tamos à beira do Verão. Tá quase, falta quê? Uma semana. Hoje tamos a catorze... (conta) Catorze... Seis... Vinte... Vinte um... É a vinte e um mesmo, o Verão. Pois é, pois... Já me lembrei, quando está o tempo de sol e coiso... Atravesso a relva e pronto... Vou por ali né? Lá pela saída do túnel, vou até lá abaixo às escadinhas e atravesso tudo. É mais rápido... Mais rápido não sei mas, é mais prático... Não é... É só atravessar e já está. Pois, e ali, atravessar as grades é mais complicado e... Tem ali aquelas abertas ao canto né? Que podia enganar uma pessoa e coisa... E, depois, já... Já vou indo, atravessar as grades para cima... É cinco grades certas, não passa daquilo (ri).

- Na última entrevista falou do falecimento da sua mãe, ficou a viver onde?

Foi na... Na aldeia, do Alentejo, do Baixo Alentejo... Na aldeia de S. B... Saímos... Ah! Távamos lá pra baixo, no Algarve... A minha mãe tava... Tava em Monchique. Estava-se a tratar da... Da tuberculose... Que não havia cura, naquela altura. Então, tivemos lá um longo tempo, em Monchique, depois, então, quando... Quando ela... Depois do falecimento dela e coisa... Vim para a aldeia do baixo Alentejo, a aldeia de S. B... É ao pé do... Não sei se o C., conhecerá? Agora é Vila, aliás, já mudou para Vila; já tem... electricidade; tem água; tem tudo... Dantes não tinha nada, era uma aldeiazita...

- Era a terra do seu pai?

Era... Era do meu pai, essa aldeia, pois. Foi lá que o meu pai nasceu. A minha mãe, foi... Parece que foi mesmo lá, para onde eu nasci, também em V.V. Onde ela estava quando eu nasci... V. V. Era de lá, também... E, então, fiquei ali, então, com a minha avó, a mãe do meu pai e da minha tia. E, a minha tia é que tomava conta de mim, que o meu pai andava sempre, conforme já disse era viajante, andava sempre de Norte para Sul e Sul para Norte. Andava sempre em viagem e, só lá de mês a mês ou de tempos a tempos é que ia lá, para descansar e

coisa... E tar lá uns diazitos... E, a minha tia é que olhava por mim... E a minha avó, aliás depois, faleceu... A minha avó... Ainda eu estava lá e, depois, fiquei só com a minha tia.

- Quando faleceu a sua avó, que idade tinha?

Já andava na terceira... Até à quarta classe estive lá... É, ela gostava muito de mim. A minha avó gostava muito e, a minha tia também. A minha tia, a irmã do meu pai, é que gostava muito de mim se não, eh! (ri) Se não, não me daria bem né? E o meu pai, se calhar, depois, mudava-me. Depois, então, é que... Depois de tirar a quarta classe é que vim para A., para as primas, pra casa das minhas primas, da minha prima, aliás... A outra, era mais nova e, era enteada dela, da minha prima; foi adoptada lá, quando era mais pequena e ficou como filha lá.

- A sua tia, não tinha filhos?

Não, não, pois. (ri) Era pra dizer, faltava qualquer coisa... A minha tia nunca teve... Nunca teve filhos. Foi ao contrário dos outros irmãos, eram cinco irmãos, todos eles tiveram... Tiveram filhos, e... E elas, tiveram quatro ou cinco cada uma. O meu pai, foi só um... O meu irmão... O meu tio, o meu tio, tio Z., que era irmão do meu pai, também foi só uma menina. Nasceu em França, chamada R.... R., mas, depois, veio para cá e naturalizou-se cá. E, depois, a minha a tia I. teve para ai uns quatro... Quatro ou cinco, se não tou enganado. E, a minha tia C., mais quatro. Pois... E, hoje, anda tudo por aí fora... Já... Já encontrei... (ri) Aqui há uns anos, fui a casa da minha irmã e, apareceu lá a minha tia, a minha tia G. Aquela que me... Que me... Que tomava conta de mim, na aldeia. Pois... Nem esperava. Essa é a única que não tem filhos... Pois, a que tratava de mim. Era a que tomava conta de mim lá na aldeia. E, então, foi uma surpresa muito grande... Que eu não esperava que ela viesse cá a Lisboa, ter com a minha irmã. E, apareceu-me lá em casa da minha irmã... Mais uma prima que eu nunca tinha visto, nunca tinha conhecido. (voz trémula/ri) Pois, foi a primeira vez... Chamada M. É, é verdade. É... É... É filha da minha tia, da minha tia C... Teve quatro. Não! Quer dizer, é prima... É minha prima, portanto, é filha duma filha da minha tia C... É, é... Isto já vai tudo... (ri) Primos em primeiro lugar, primos em segundo grau e, é assim... (ri) Esta já é... Esta prima, ela chamava-se M. Dei-lhe um beijinho e tal... E conhecemo-nos logo. Gostei muito da apresentação dela e, depois, disse-lhe que... Que gostava muito dela... Que... Que gostava muito dela e que se... E se ela quisesse cá vir-me visitar e tal e coiso... Estava no T. (localidade onde está situada a instituição) e coiso... Pois, foi a primeira vez que a gente... É... É em segundo grau. Prima em segundo grau. Pois, é filha duma prima minha que é filha da minha tia. É, e, há mais por aí, já casados e sei lá... É verdade.

- Tem uma família grande.

Pois, pois... Pois... Ainda tive cá... Ainda me vieram cá visitar, cá dentro, a R. (prima) mais a minha tia, a tal que não teve filhos, a G, eu chamava tia X (utiliza um diminutivo) que era mais fácil mas, ela era G. Veio cá mais a R.... Vieram cá as duas, estiveram aí... Vieram-me cá visitar... Já há muitos anos... Práí quê? Já há uns trinta anos, ou mais, práí... Vieram cá as duas e, então, pra mim foi... Pra mim foi... (voz trémula) Eu nem... Nem esperava que elas viessem aqui... Sozinhas né? Vieram cá ter... Eu gostei das ver e coiso... A R., então, até tava um bocadinho... Até nem se sentiu... Quando me viu, não se sentiu assim bem... Pra... Quase que ia... (chora) Esteve quase a desmaiar um bocado mas, depois, lá... Lá a confortámos e tal... *Então R.?* (ri) *E tal... Isso passa e tal...* Quando me viu, ficou assim... Excitada... Ficou assim... Com... E, eu... Foi uma grande surpresa né, ó C.?

- Porque acha que ela ficou assim?

É... É... Talvez por me ter visto assim... Já... Já há muitos anos... Ela era miudinha, pequenina, quando... Quando a gente se conheceu... Quando andava com ela... Às vezes, quando ia a casa da mãe dela. Era a tia A... A mãe dela, era a tia A. Estava casada com o meu tio, que era irmão do meu pai. E, ela, quando me viu assim, sentiu-se assim um bocado mal disposta e coiso... E, depois, nessa altura, já era homem feito né? Já tinha práí, quase, alguns quarenta e tal anos né? Ela era... E quando estivemos lá na aldeia, éramos miúdos ainda, pois, ela era miudinha, também, ainda.

- Nessa altura, já estava bem?

Sim. Não! Não! Ainda não... Ainda não... Andava meio... Foi na altura... Foi a meio da doença... Tinha práí quê? Uns quarenta, práí.

- Ainda não tinha perdido a vista?

Ah! Da cegueira! Ainda não. Quer dizer, foi há trinta e sete anos... Trinta e sete pois... Há trinta e dois anos ou mais... Alguns trinta e cinco... Antes de cegar... Antes de cegar foi quando elas vieram... Parece... Creio que sim, que ainda não tava cego.

- Lembra-se de as ter visto?

Sim. Sim, tenho uma ideia... Tenho uma vaga ideia da minha tia X, as duas juntas. Chamaram-me, depois fui lá a cima ter com elas, aqui de lado, onde é... Do lado dos hóspedes... Fica ali... Então, chamaram-me para ir lá a cima, à sala de visitas. Era para ali, praquele lado. E, o meu pai, de vez em... De tempos a tempos, vinha-me cá visitar né? Quando podia né? Agora, depois da doença que teve, deixou de cá vir. Teve dois anos ou coisa... Depois, ficou acamado. E, então, depois, faleceu com noventa anos certos. E, vinha cá sempre. Trazia-me tabaco; trazia-me bolos e coiso... Era sempre (ri/voz trémula) de mês a mês ou coisa assim... Quando podia, era sempre.

- Então, ainda passou bons tempos na aldeia?

É verdade, é verdade. Pois, aquilo lá na aldeia, aquilo era diferente, né? Completamente... A gente é quase tudo gente conhecida né? Tudo malta... Primos, família, tios e pais... É cunhados; irmãos e tudo. Aquilo era... Pois, nessa altura, ainda não estava doente né? Ainda tava bem... Sentia-me lá à vontade... Sentia-me lá bem e coiso...

- Notou muito a diferença, na mudança, para Lisboa?

Sim, sim. Notei um bocado a diferença. Andava lá à vontade né? Ia para onde eu queria e coisa... E, depois, aqui em Lisboa não... Lá em A., tava sempre lá metido, lá em casa né? Ou a estudar, ou a preparar-me para ir pó liceu ou coisa assim né? Andava sempre naquilo... Era raro sair cá para fora...

- E no liceu?

Era... Era... A gente dava-se bem... Era... A professora... A professora era conhecida e, depois, o meu pai falou com ela e tal... E, a minha prima também... E, era como se fosse uma família. Íamos... Íamos estudar pra casa dela; quando não havia aulas no liceu, ou de manhã ou de

tarde... A gente, íamos lá um bocado pra casa dela, e atávamos lá um bocado, a estudar e tal... E, ouvia-mos as lições... Ela a ensinar-nos algumas coisas e, era assim... Era boa pessoa, também e, era a Dona F., chamava-se Dona F... A gente gostávamos muito dela.

- Gostávamos?

Sim... Sim... Havia mais um ou dois né? Que iam lá, também, para casa dela e tal... Ficava ali... No alto, ficava a casa da minha prima e, ao descer, no fundo da descida, ficava a casa dela. De maneira que, ficava ali perto. Às vezes, levava... Levava... Pois, algumas coisas pra estudar né? Livros, cadernos e apontamentos e coiso... E, ela, tava lá em casa dela e, dava-nos alguns apontamentos e ensinava: *Isto é assim e aquilo e aquilo*... Fazia alguma pergunta e, a gente enganava-se... (ri) É natural, não sabíamos e, ela, então, emendava e dizia o que era: *É assim e assim e coiso*. Era muito boa pessoa. Era um liceu de rapazes e raparigas... Naquele tempo... É, pois. Tava tudo misturado (ri) Pois, naquele tempo, há quantos anos, sessenta prái... Quase... Mais de sessenta... Tudo misturado, é verdade. Depois... Depois arranjei, depois, uma namorada, nessa altura... (ri) Era gira. Chamava-se L. Depois, então... Ela parece que não... Não pegava muito comigo... (ri) Eu é que tinha de puxar por ela mas, eu gostava dela. Foi o primeiro e único namoro que tive, tinha prái uns quê? Uns dez... Onze ou doze... Prái assim... Éramos miúdos né?

- Como é que se conheceram?

Foi lá mesmo, lá no liceu, que a gente se conheceu. Depois, eu, comecei a namorá-la... Gostei dela, era bonita e coiso... E, depois, comecei a namorá-la. A gente andava sempre juntos, misturados, quando eu comecei a gostar e a olhar pra ela. E, a ver que gostava dela. Depois, meti conversa com ela... (ri) Pró namoro e coiso... Falávamos, assim de vez em quando e coiso e tal... Ela falava comigo e tal... Eu é que puxava mais por ela mas, ela é que parece que coiso... Não gostava muito... Nós... Durou prái quê? Uns dois anitos, talvez. O tempo que a gente teve lá no liceu, até acabar o liceu.

- Depois, começou a trabalhar?

Pois... Pois... Comecei então... Larguei os estudos e vim trabalhar para o armazém. Pronto, a partir daí, já a vida... Já era diferente né? Andava sempre lá por fora, e por outros lados... Saia e entrava e coiso... Pra recados e coiso... Era diferente.

- Deixou de a ver?

Pois, pois... Depois, separámo-nos né? Depois, ela foi... Eu vim para cá, pra coiso... E cada um... E acabou o namoro... (ri) É verdade.

Então, C.! Tenho cá uma boa notícia pra lhe dar... Não sei se você já sabe? Um amigo meu, de cá, também tinha a minha doença, trabalha lá no atelier e, curou-se... Também tá curado... É do atelier... É o A. R., conhece? Pois, ontem é que ele começou lá a falar... *E tal... Ah! Eu tou bom... Já tou curado e tal... Tinha... Tinha esquizofrenia...* E, eu, disse: *Oh! Eu desconfiava... Eu desconfiava dele... Que ele que... Ele...* A gente falamos muito... Quando saímos, cá para fora, ele até me leva lá pra cima... Até aqui até ao túnel... Vá lá! E, então, apois eu até lhe dava conselhos e tal... *Tem cuidado e tal... E espera, tem paciência... e mais assim coiso e tal...* Mas, desconfiava que ele tinha a doença que eu tinha, porque, ele fazia muitas perguntas assim coiso... E, eu... E, ontem, lá no atelier, a falar com outro, lá na mesa, não estava lá a F. (responsável no atelier) nem nada... *Ah! É pá! Eu já tou bom... Já tou curado... Já não sinto nada e coiso... Tinha esquizofrenia.* Olhe! Tá a ver ó C.? (ri) É verdade, o C., não o conhece? Eu hei-de apresentar-lhe... Quando ele vier comigo: *Olhe! O meu amigo A., e tal...* Eu... Eu desconfiava (ri) que ele tinha os mesmos sintomas que... Que eu tinha, sabe ó C.?

- Como assim?

É... É aquela... Umas falas assim... Assim ó... Assim meio destrambelhadas... Assim ao calhas né? E, a gente tem a... Pois... Que aconselhar e assim... E ele a dizer... Ele, às vezes, falava do pai e coiso...: *Ah! O meu pai não vem cá e tal... Não... Não... O meu pai não quer saber de mim... Estou à espera dele, já há uns meses.* E eu: *Tem calma... Ele se não vem, é porque não pode... E... E, espera... Tem paciência que ele há-de vir pá!* Eu dava-lhe muitos conselhos assim... Mas, desconfiava que ele tinha a doença... A doença que eu tive... Que... Que era assim que eu fazia, também... Para... Dava conselhos... Aconselhava-me, a mim, nera? E, tinha cuidado com a... Com as falas e coiso... Pra não fazer disparates... E, eu dava-lhe a ele e, ele, parece que percebia que... O que eu queria dizer... Estava sempre à coca... (ri) É... É... Eu vi logo mas... Quando ele, ontem de manhã, quando ele disse que a doença dele que era esquizofrenia, pronto! É... É o que eu calculava, é verdade. Já tá bom, disse ele. Se calhar, foi... Não sei se foi o médico que lhe disse, se foi a enfermeira... Quem foi que lhe disse que ele já tava mais ou menos curado né? Ele diz que: *Ah! Já não sinto nada... Sinto-me bom... Era esquizofrenia e tal.* Esta doença é rara mas, parece que é fácil... Ó de... De... Ao princípio, parece que é fácil de tratar né ó C.?

- Ao princípio?

Quer dizer... Ao princípio... Durante aquele estado em que a gente tá... É... Parece que é a gente faz... Tá com a cabeça... (ri) Coiso da cabeça né? Esquizofrenia... Tava com aquela coisa na cabeça... E, diz coisas assim... Ao calhas né? Que saem da cabeça né? E... Pois... A pessoa tem que ser... Tem de ser aconselhada e coiso. Eu, foi o que notei nele e, de facto, portanto, que desconfiei... Quando eu andava lá... Prai a ver se encontrava por ai algum, que tivesse a minha doença né? Para a gente se conhecer. Há aí tantos! Aí tanta qualidade de doença: é mental; alienação e coisa... Mas, este... Este, desconfiava dele... Tanto que eu dava-lhe conselhos e coisa...: *É pá! Tu...* E, acalmava-o e coisa... Era assim que eu... Que eu... Como eu fazia a mim né? Mas, a doença, assim parece que é fácil né? Assim, a gente, em contacto com eles... A gente não faz... Não tem assim coiso... De fazer assim... Assim... Como é que dizer... Assim... Fazer irritações... Irritações e coiso... Como os outros né? Os da alienação e coiso... Que berram e que fazem isto e aquilo... A gente

não... É fala só... Da... Quase com intenção de falar normal mas... Mas, depois, sai, falta o resto né? Fica, a gente, assim... Com as perguntas no ar e coiso... Olhe! Fiquei muito contente. Ele é meu amigo. Pois, fiquei contente dele se ter curado também. Hei-de dizer ao doutor C. (médico psiquiatra). O senhor doutor C. disse-me que é uma doença muito... Muito esquisita, muito difícil de curar e, que são raríssimos os casos que se curam, é verdade. Agora, quando eu lhe contar, ele até fica todo admirado. Há-de ficar satisfeito.

- O Sr. V também teve conselhos e paciência?

Oh! Sim, era todos os dias. É... Pois... Por isso é que eu digo que, a doença não é muito difícil, a gente parece que a tem na... Temos a doença mesmo fixada na cabeça sabe? Todos os dias, o que me preocupava era... Era isto: falar bem com as pessoas; era, não criar problemas e; fazer as coisas simples, o mais fácil possível, sem... Sem chamar à atenção de ninguém e coisa. Era assim que eu... Todos os dias... Por isso é que eu digo: a doença parece que é uma doença fácil, ao mesmo tempo, parece que é uma doença fácil.

- Quer dizer que era como se houvesse uma parte de si que tomava conta da outra?

É isso mesmo! É tal e qual... É como se tivesse um remédio, todos os dias, para me tratar...Pra tratar da doença. Eu é que fazia de tratamento... Pois, exactamente... Outra parte que era a doença que... Que... A ver se conseguia evitar que acontecessem essas coisas, é verdade.

- Era uma luta?

Era uma luta, pois. Por isso é que eu dizia que tinha força de vontade e paciência e coiso... Tudo isso... Bem, isso tenho eu já de nascença... Já sou assim... Já por natureza... Por isso é que eu, ao mesmo tempo, pensava na doença e no que havia de fazer e coiso... Todos os dias a mesma coisa, é verdade. É como se fosse... Se tivesse um remédio à mão, todos os dias, de manhã, deitar aquele remédio pró tratamento, para me curar, é verdade. Foi assim que eu consegui... Por isso é que eu digo que, a doença, parece que não é... Não é assim muito... Dá a impressão que não é difícil né? A gente parece que sente a doença mesmo na cabeça, porque o que a gente tá a falar sai da ideia, da cabeça, que não está certo né? Então, tem que evitar isso... Eu fiquei assim... Fiquei assim... Como o senhor doutor (referindo-se ao Dr. C.) disse que, era muito difícil, esta doença, é raríssimo os que se curam. É, é... Eu não sabia dessa parte, não sabia... Eu... (ri/ voz trémula/ orgulhoso) É verdade... Deu-me... Deu-me... Fiquei com coragem para conseguir evitar isso tudo, é verdade. É verdade. Todos os dias, eu tratava de mim. É, é porque... A doença mental é um bocado mais diferente né? Eu ter que me tratar numa parte e outra... Sentir que vou bem noutra parte... Não é o tipo de doença mental de... De alienação, né? Pois, é diferente... Pois, a doença indica esquizofrenia né? Pois, e, eu pensava nessa ideia e, então, mais ou menos, até já sabia o que havia de fazer né? Pois, portar-me bem... Essas coisas né? Pra ir melhorando. Não é aquela doença de alienação mental e casos desses... E doença mental e... Há vários tipos de doença mental né? Eu quando... Quando vir o C., lá por baixo apresento... Ele, com certeza que também o avisaram né? Que ele que tava bom né? O médico, ou o enfermeiro. Eu, para mim... Pois, já foi o caso, é como digo né? Todos os dias tratava de mim e, já me sentia com força e à vontade para... Quando me disseram que eu tava bom... Eu, (ri) já quase que nem... Já nem me admirava né? Quase já... Já tava a acreditar que tava bom. Mesmo...

- Há quanto tempo?

Prai quê? Há uns... Ainda não há muito... Prái, talvez, o máximo... Tou cá há um ano... (na unidade onde se encontra actualmente) Prái há seis ou sete meses, que eu comecei a desconfiar que... Que estava curado, bom, em forma.

- Já estava aqui?

Já cá estava, pois... Fiz agora este mês, no dia sete, fez um ano que eu vim pra cá. Dia sete de Junho do ano passado. E, depois, quando vim para cá, é que comecei e, depois, com mudanças e isso tudo... E isto é diferente né? E a fazer... A dar-me ao luxo aí, de... De estar aí... Mais a fazer... Andar aí por minha conta né? A fazer o que eu quisesse né? E, então, ia vendo e coiso... Mais ou menos, comecei então a descobrir que estava bom, passado aí uns cinco meses ou coisa assim... Depois de estar cá... Eu já andava mais ou menos, já andava mais ou menos direito, com juízo, e assim como deve ser... Coiso... Mas, ainda não... Não me fixava bem nas coisas.

- Então o Dr. C. é que lhe disse que estava bem?

Pois.. Mas, eu já... Já... Já andava mais ou menos... Já andava com... Eu, quase... Fui eu, quase, que descobri que já tava bom e, depois, então, o C. (refere-se ao Dr. C) falou comigo e, atão, ali no gabinete dele, no consultório, depois, disse-me: *O senhor V. já tá bom e tal!* E eu, acreditei logo... Era o que eu calculava já... Já tava a calcular.

- Porque é que diz isso?

Porque sentia assim as coisas melhor... Tudo bem feito né? Fazer... Fazer o serviço; as ideias a combinarem bem e tudo... Não fazer e não dizer asneiras né? Alguma palavra, assim que não caía bem nas pessoas né? É... Isso é que... A ideia do esquizofrénico é essa... É ter... Acautelar-se e coiso...

- Então quer dizer que a “parte da doença”...

Pois, tá a desapar... Desapareceu. Agora, é só... Sou eu completo. Agora, tenho de olhar por mim mesmo, né? É verdade. O mesmo acontece com ele, com o A. (refere-se ao amigo) Ele até disse, lá à mesa: *Ah! Eu tou bom... Já não sinto nada e tal... A minha doença era esquizofrenia e tal.* E... Alguém lhe disse... Ou a enfermeira ou o médico, que... Que ele que sofria dessa doença, também. Eu não sei... O senhor doutor vai ficar satisfeito, com certeza. Ele diz que são raríssimos os casos que se curam, desta doença. Pois, não parece. Assim, como eu fiz, como me tratei, não parece que é difícil. É meter a ideia toda na cabeça, sabe? E, depois, emendar... Emendar, ir emendando as coisas... A gente vê logo a parte má, que não está bem né? E, então, torna outra vez a evitar e emendar o que está mal. É, é... Pois, é assim... É como se fosse uma alienação mental... Uma coisa assim, que acontece e, por isso é que na esquizofrenia é mais fácil apanhar, fazer umas ideias boas, ter uma ideia melhor e coiso...

- Havia uma parte de si que estava confusa?

É, é... (ri) Exactamente... Tá-me a perceber... Eu... Pois... É... É... O que fazia confusão era a esquizofrenia. O que me fazia confusão e, essa parte, eu ligava como era a doença,

apanhava a cabeça. *Bem, esta parte é a doença* (pensava). Até que fui apanhando... Fui apanhando... Até que consegui chegar à ponta da ideia fixa, das ideias verdadeiras, é, é...

- O que fez, foram os conselhos dados ao seu colega?

Pois foi. Exacto... Exacto, tava-lhe a dar conselhos e tava a desconfiar... Tá a ver que a doença... Pois, a doença, mais ou menos, ela é parte disso né? As alienações mentais também são assim né? A doença mental, a gente sabe logo que ele... Que a pessoa é doente mental né? E a esquizofrenia é a mesma coisa. E... Eu tava a falar com ele e tava a perceber que ele tinha a mesma doença que eu mas, não desconfiava nada. Nem ele, se calhar, sabia que era esquizofrénico. Pois, aqui há pouco tempo, parece que foi só... Já a semana passada é que eu tive, quase, para lhe dizer: *Tu... A tua doença é igual à minha e tal... Era a que eu tinha... Que era a esquizofrenia e tal...* E... Mas, por acaso, não calhou dizer. Quando vim com ele, no túnel, tive quase pa dizer que é o tipo de doença que ele tem... E porque eu dava-lhe conselhos né? Pra ter calma e ter juízo e ver as coisas como se deve ver, normal e coisa... E foi assim... Ele fazia perguntas, que eu via logo que era a esquizofrenia.

- Perguntas?

Pois... E... Eram perguntas: *Ah o meu pai... O meu pai...* Não eram bem perguntas, era dizer o que lhe vinha à cabeça. Não era bem perguntas, pois. E, eu, emendava-o pois... Uma espécie de conselho... *Aconselhá-lo... Ah o meu pai tem setenta... Ah! Ó senhor V., o meu pai setenta e três anos e tal... E eu tou cá...* Ah! Estou-me agora a lembrar: nós somos... Temos... Fazemos os anos no mesmo dia. Fazemos os anos no mesmo dia, tem graça, ninguém sabe, vinte e seis de Janeiro; que é que ele é muito mais novo, ele tem quarenta e sete anos e eu tenho setenta e três. É mais vinte e seis. E, depois, não era só isso... Era quase sempre... Ele repetia as mesmas coisas, é... (tosse) Era isso que eu evitava... Ainda tinha consciência, para perceber que não se deve... Não se deve andar a repetir sempre a mesma palavra. Sempre... *Ah! O meu pai já tem setenta e três anos, já tá velho e coiso... E eu tenho quarenta e sete, pró ano vou fazer quarenta e oito e tal coisa...* Mas... É... Era quase sempre a mesma coisa que ele repetia. Era isso que eu conseguia evitar, tinha consciência, ainda de não se dizer essas palavras e perguntas e respostas, que tava mal.

- Tinham coisas em comum?

É, é, é... Pois, é verdade... É verdade, temos coisas em comum... E, por isso é que eu desconfiei das falas dele, que era a doença, que era igual à minha. Ele, ainda, ontem viemos pelo corredor, ele disse que tava cá há dez anos... Eu já sabia, ele já repetiu isso uma quantidade de vezes... A doença é fazer repetições e... E dizer coisas assim no ar né? Sem... Sem coiso... Eu desconfiei logo... Quando comecei com essa doença... Comecei... Desconfiei logo: *Então! Mas o que é que eu ando praqui a falar, sem nexo nem nada e coiso...* E, então, tentei emendar-me, melhorar e coiso... É o tal remédio né? (ri) Todos os dias, de manhã, fazer ideia: a ideia que vem à gente mas, depois, começa a variar e tal...

- Então, o que deu resultado foi essa atenção?

É... É verdade... A minha força de vontade, pois... Tanto que eu o meu remédio era esse... Da parte boa... Todos os dias, de manhã, tinha de olhar por mim e pra tomar conta do que

iria fazer e pensar... E pensar bem: *Agora, vou para baixo e tal... Vou ao café e tenho que fazer isto assim e assim e assado e mais alguma coisa que apareça e tal... E olhar por mim e assim e assado...* E... Andava sempre a tomar conta da parte má, a consciência, dava-me para fazer isso, é verdade.

- Fez isso, sempre em silêncio?

Sim, é verdade, sempre... Sempre só pra mim... Pois... Ninguém sabia de nada... Pois, a alienação mental é diferente né? Eles fazem aquilo de repente né? E, depois, têm fúrias né? Esta, tomava eu conta dela, sabe? É... É, calhou ter um consciente bom, pra... Pra ver a parte má... E não dizia nada a ninguém né? Dava resultado, o que eu fazia. Há outros, aí, que eu via fazer asneiras, né? Com a doença mental. E, eu: *Eu não faço isto, portanto, a minha doença, não é esta... Não é a doença mental, nem a alienação, nem nada disso, é mesmo a esquizofrenia.* O doutor E. M., quando lá fui ao consultório, ele é que disse ao meu pai, assim, baixinho... Porque é que ele teria dito, assim, baixinho? Para eu não saber, era não, ó C? Mais ou menos né? Mas, percebeu-se né? Assim deu pa perceber... Assim, baixinho... Assim, pró meu pai... Era o E. M., um grande médico.

## 8ª Entrevista

Falei com o doutor C., foi ont... Foi anteontem. Encontrei-o à saída, ao meio-dia. Eu vinha a sair lá de baixo, do trabalho, e depois disse-lhe: *Olhe está aí um doente que também já tá curado*. Depois, dei-lhe as indicações todas: o nome dele, o pavilhão e coisa... E, ele, ficou todo contente, se calhar vai falar com ele, também, para saber como é que correu aquilo. Eu acho que ele tá bom... A falar, já mais normal e coiso... Ainda tem uma frásitas e coiso... Mas, que é repete muito sabe? É. Repete muito as mesmas coisas e coiso... Eu... Eu tenho puxado por ele... (ri)

- Repete o quê?

Faz repetição, várias vezes, como por exemplo: *O meu pai tem setenta e um anos e eu tenho quarenta e sete...* Mas, diz várias vezes, de vez em quando né? Não é tudo de seguida. Depois, passado pouco tempo, diz outra vez a mesma coisa... É assim... Eu ensino-o né? *Pá já sei... Já sei disso... Tu não precisas repetir já... Outra vez... Agora diz outra coisa assim que te der na cabeça... Coisa assim...* Digo-lhe eu e tal... (ri) E, depois, é quase todos os dias que ele diz a mesma coisa... Pois, uma vez está dito né? Mas, ele tem vontade disso né? Depois, eu disse ao doutor C., dei-lhe as indicações, é um doente de S. R. (unidade). Eu ouvi a conversa dele, lá no atelier, estávamos todos a trabalhar, lá numa mesa perto de mim, começou a dizer: *Ah! Sinto-me bem... Já tou bom... Sofria de esquizofrenia...* Bem... Eu, ouvi e calei-me. *Olha! É uma boa ideia... Uma boa coisa pra avisar o senhor doutor C., pra ele falar com ele a respeito disso...* E o que é que o C. acha? Ele estará curado? Ele... Ele... Ele porta-se bem... Tem conversas mais ou menos mas, de repente, faz umas repetições né? E, então, no mesmo dia: duas ou três repetições e, depois, ao outro dia, torna a dizer a mesma coisa... De volta e meia: *O meu pai vai para os setenta e um e eu tenho quarenta e sete...* E outras coisas que agora não me vêm à ideia... Pode ser derivado à doença né? Pois, eu aconselho-o logo: *É pá! Não repitas assim pá... Cala-te, e diz outra coisa que te venha à ideia... Já se sabe disso pá... O teu pai tem essa idade e tu também coiso...* E, ele, não diz nada e tal... Cala-se e... Pois, há por aí muitos? Aí, né ó Cláudio? Há muita gente... Há muitos aí... Esquizofrénicos né? É uma doença que apanha a cabeça né? Qualquer pessoa pode apanhar né? Pois... E não... Não é uma doença assim muito complicada, não acha? A gente é que tem de fazer... Tem de fazer força... Para... Agora, por causa disso, tou-me a lembrar que as minhas tias também eram coisitas... Mas, era da... Da doença men... De cabeça... Diferente... Era de loucura. Ouviam vozes e gritos... E gritavam, com medos e coisa... É uma espécie de loucura né ó C.?

- Irmãs do seu pai?

Não! Não! Uma era irmã do meu pai e, outra era casada com o irmão do meu pai. Também é tia né ó C.?

- Por afinidade?

Pois, por afinidade né? Por afinidade... Eu sabia mas, pus-me a pensar: *Como é que há-de ser agora? Ela é da parte do irmão do meu pai, como é que dá tia à mesma né? Mas, como é que se chama? Ah! Pois, tem que ser por afinidade né?* Está ligada ao meu tio verdadeiro né? A minha tia I., da parte do meu pai, portanto, a minha tia verdadeira, teve... Teve muito tempo doente. Não sei... Ela, agora, parece que já acalmou né? Dos tratamentos... Creio que... Pois, passado um tempo, disseram que ela tava melhor e tal...

- Ainda é viva?

Olhe! Não tenho a certeza, isto é cada um para seu lado... (ri) A minha irmã... Só sou eu e a minha irmã, sozinhos... O meu pai já morreu. A minha tia, com que eu... Que me criou, tava na aldeia, a minha tia X., que me tratou quando era miúdo, até à quarta classe, também, já faleceu. Aqui há tempos... Ainda me veio cá visitar uma vez... E de maneira que, anda tudo separado, ninguém sabe uns dos outros né? A minha tia C., essa parece que já morreu, com noventa... E, é tudo na casa dos noventa... É, é... Já perguntei à minha irmã: *Então e a tia I.?* Olha! Não sei, disseram-me que, talvez ainda esteja por lá, viva... Coiso... Não sei... Não sei de mais nada. Essa tinha aparições, é, é... Loucura. É outra da doença mental né C.? Pois... Faz parte da doença mental... E dava gritos de medo... E ouvia vozes e coisa... Era mesmo da... E a minha tia C... A minha tia C... A minha tia A, que é a minha tia da parte do irmão do meu pai, essa também... Também sofria de... Ouvia vozes e coiso... É assim... Estava pa lhe contar esta parte, que ainda não lhe tinha dito.

- E lembra-se disso?

Sim, sim. Das conversas na minha família né? A falarem sobre... E, ela, a minha tia I., teve... Teve... Tinha que tar fechada num quarto. Coiso... E, eu, ouvia elas a falar: a minha tia X., com os familiares, e o meu pai e coiso... E gente de fora, vizinhos, às vezes: *Então como é que tá a I., e tal?* Esteve fechada num quarto... Tinha medos e ouvia vozes e gritos e fantasmas... Ehhh! É a loucura que dá né?

- Tinha que idade, nessa altura?

Ainda era novo. Ainda era novo... Nove... Práí nove... Antes... Talvez, práí na altura da quarta classe. Parece... Parece que foi por essa altura. E, há mais: há a loucura que... Que dá mais aos homens né? Que tem que pôr o colete-de-forças né? Essa loucura também... Essa é diferente né ó C.? São coisas de cabeça, diferentes.

- As pessoas são diferentes.

Pois é... Pois... Pois, a reacção é que é diferente. Essa loucura pode dar de repente a um homem né?

- Lembra-se se, na altura em que tinha receios, também ouviu vozes?

Não. Não... Vozes não ouvia. Não ouvia nada dessas... Tinha era receios e, de... Queria estar só, sozinho, era muito... Muito... Muito calado... Muito... Que não gostava de... De estar assim... Depois, assim com... Com conversa e falas... Gostava de tar só... Só, sossegado e calado, a ver se conseguia passar... Tinha receios né? E medos à noite, coiso... Era assim... Mas, nunca... Nunca ouvi... Nunca cheguei, assim, a ouvir vozes. Isso... Isso... Essa coisa de ouvir vozes, como é que será ó C.? Isso é um caso... Um caso... (ri) Um caso sério... Eu, até me custa a acreditar que a gente ouça vozes não acha? É... É... É, é... Por exemplo: a minha tia I., era loucura... É... É... Era, sofria mesmo de loucura, pois... Podia-se ter curado melhor né? Ficado melhor né? Talvez, é capaz de ter cura, uma espécie de cura, né? Essa loucura. Tinha uma data de filhos... Tinha uma data deles... Alguns, dois... Quatro... Cinco... Pois... Parece que eram uns cinco. Ainda era nova, era, nessa altura... Nessa altura, ainda, tinha práí quê? Era eu miudinho... Tinha práí uns trinta e pouco... Talvez, quase uns quarenta... Talvez.

- E a sua outra tia?

A minha tia A., da parte do meu tio Z. que é irmão do meu pai, essa... Essa, de vez em quando, de tempos a tempos, dava-lhe aquelas coisas: uma espécie de crises né? Crises da cabeça, que sentia vozes, essa é que sentia vozes... E, a minha tia I., também: medos; receios e gritos, gritava e; fantasmas. Era mais essa loucura dos fantasmas e dos medos e coisa... Eu, por acaso, eu nunca cheguei a ter nada dessas coisas. É verdade é... Pois, esta é a diferença... Esta é diferente... A esquizofrenia é uma doença diferente. Esta, a gente sente-a mas, podemos aguentá-la né C.? Fazer... Fazer o emendar... Fazer estar... Estamos a ver os receios e evitar os receios né? *Ah! Não há medo nenhum e coisa... É tudo a doença... A doença mesmo... A... A esquizofrenia.*

- Esses receios, eram do quê?

Era uma espécie de medos... Medos que a gente tem... Receios à noite né? Da... De... De... Dos ladrões... (ri)

- Tinha medo de estar sozinho?

Exacto... É... Era mais isso... Era mais isso: assaltantes e coiso... Estava lá sozinho né? Tinha lá um quartinho, sozinho, para mim né? E, à noite pegava a doença... Pois, tinha que a aturar toda a noite: os receios e coisa... Era... Era quase todas as noites assim... Pois, é isso. E, eu, fazia comparações por exemplo, com a minha tia I.: *Mas, ela, a doença dela é a loucura e sente aquelas coisas todas mesmo... Aqueles receios mesmo a sério e, eu, evitava.*

- Era, nessa altura, quando sentia os receios, que fazia comparações com a sua tia?

Sim, sim, pois, tava naquela coisa né? Naquela... Com aquela pensão e, fazia: *Porque será que sou assim? Caramba! Os outros e coiso...* E, depois, lembrava-me da... Da... Das minhas tias. *A minha tia I. e, A... Também... Também sofreram da cabeça e tal...* E, eu, aguentava-me assim... Era todos... Quase to... Era sempre... Era o pratinho do di... Da noite, da noite... (ri) Pois...

- E qual era o pratinho do dia?

Ah! (ri) De dia... De dia era... Era fazer asneiras...

- Asneiras?

Pois... Ainda... Ainda a passar aos caminhos de ferro, tava lá uma bicicleta, ali à beira do passeio, ali encostada, entre o passeio e a estrada né? Assim direita e, apeteceu-me... (ri) Apeteceu-me agarrá-la e, depois, ainda dei... Ainda fui com ela mais à frente e, depois, deixei-a lá...

- Estava a jeito.

Pois, mas era asneira né? Podiam-me caçar ali né? A polícia ou coisa... Não tinha nada que tar a mexer naquilo né? Pois, fazemos umas asneirazitas né? Pois, é isso... É isso que eu pensei, por o lado bom... É... Isto não tem importância nenhuma... Fui pô-la lá mais á frente... (ri) E,

eu andava sempre a pau... Não... Evitar coisas né? Não fazer asneiras né? Às vezes, lá falhava uma e tal? Mas, depois...

- Durante o dia estava acompanhado?

Estava, pois... No armazém né? Não havia problema nenhum né? Mas, tava com aquela coisa na cabeça né? A ideia na cabeça... A ideia má... Coisa e... Pois, tinha de tar... Tinha de tar sempre às cautelas... Tava lá acompanhado. Tinha lá empregados, no armazém, tinham lá dois empregados bons, de confiança e, eu, andava sempre com preocupações e coiso... Que me vinha à ideia... Coisas de... E, eu, andava a aprender lá o ofício né? Os sítios das ferramentas e tudo... Isto é aqui e aquilo... Agora vais até ao “Dias do Canto”, a outra loja de ferragens, e tal e coiso... E, era assim que passava o tempo.

- Mas, quais eram as “preocupações” ou “ideias más”?

Eh! É mesmo... Mesmo ideias próprias da pessoa né? Que a gente tem né? De andar preocupado né? É disso também... Tinha muito preocupações comigo né? Pois, fazia parte da doença, é o que é... (ri)

- O que é que o preocupava?

Pois... Quer dizer... Disto e daquilo né? Depois ir para o outro lado... E, depois estar ali, a fazer aquele trabalho e... E, dava-me preocupação, certas coisas né?

- Durante o dia pensava que à noite...

Pois... Pois... É, é é é é é... Era isso! Era isso! E, ao mesmo tempo, estava a aprender o ofício, eram duas preocupações que eu tinha.

- E tinha medo de falhar?

É... E... Tinha, pois... Pois e, alguma coisa que acontecesse... E de eu fazer o trabalho bem e coisa... Não errar e tudo isso... Todas essas coisas me preocupavam... Era... Mas, eu, calava-me bem calado e, era só pra mim é que dava a ideia... Só... Só eu é que sabia... Mas, eles, era capaz deles perceberem qualquer coisa nera? Pois, é assim... A preocupação é essa, era isso e, depois, à noite a preocupação, à noite, como é que era dos receios né? E tudo aquilo... E o trabalho... A fazer o trabalho correr bem e, a fazer bem... Coisa... É, é...

- Não tinha com quem falar sobre isso?

Pois não... Só quando fui ao senhor doutor, ao B. e, ao R. F. e, depois, é que eles puxavam por mim né? (ri) E, eu, dizia tudo: *Eh! Tenho alguns receios e tal... E tenho também medos né? Como tou sozinho, numa pensãozita, ali num quarto pequenino e coisa... E, faz-me medos... Faz-me medos né? É isso...*

- Parece-lhe que era muita exigência para um jovem da sua idade?

Pois, pois, é... Mais a mais para mim né? Ainda miúdo né? Já fazia essas... Já calculava essas ideias mas, não... Ainda era muito... Ainda era muito miúdo pra isso né? Pois, essas ideias é que eu tinha, nessa altura...

- E hoje, o que é que acha disso?

Pois, passou... Passou... Saiu-me da cabeça né C.? Pois, agora sinto que já não tenho essas ideias más....

- Agora, é um homem de setenta e quatro anos.

Pois... Sempre prá frente... É... Parece que só há um ou dois como eu, aqui, autónomos. Quer dizer: que não é preciso ensinarem nada né? Fazem tudo por eles né? A gente fazemos tudo... Eu visto-me; faço a cama; lavo-me; faço tudo... A almoçar, não é preciso de ajuda... E comprimidos e, nem medicamentos à boca, nem nada disso... Faço tudo... Sei fazer tudo e... E... E faço e, bem né? Não falho nada... Vestir-me e tudo... Depois, faço a cama e tomo banho sozinho e coisa... Parece que só há aí... Uma funcionária disse que parece que só há aí um ou dois como eu: é o F., não sei se conhece? O F., que toca órgão e sabe cantar à desgarrada. Ele inventa coisas... Consegue... Consegue fazer peças à desgarrada. Eu gosto de o ouvir... Ele, de vez em quando, põe-se aí a tocar com o realejo... E, parece que só há aí um ou dois... Mas, esse F., diz que tem a doença de valdeime... valvaima...

- Alzheimer?

Ah! Alzeime... Já ouvi várias vezes mas, custa a pegar... Alzeime... Custa a dizer... Pois, eu já fixei mas, como é uma palavra complicada custa a dizer... Passou-me... Estrangeira, deve ser inglês, se calhar... Alzheimer... E, o C., sabe o que é essa doença que ele tem né? É esquecimento né? A memória... Às vezes, vamos a malta toda pra igreja e, ele vira para o outro lado e, depois, anda perdido, temos que o chamar porque ele vai desenhado... Vai para o túnel; vai para fora do jardim, da cozinha; vai pró lado direito em vez de pró lado da igreja e, a gente tem que o chamar, quando é à saída da igreja porque, se não, ele de repente passa-lhe da cabeça e não se lembra de mais nada... É a doença de Alzheimer. (ri) Custa a dizer, é em inglês né? Deve ser o nome do inventor, do que descobriu né? A doença, pois... E, eu, até já... Já me veio à ideia, dessas doenças todas é... De eu ter mais alguma né C.? (ri) A memória, às vezes, falha-me... É, mas, não é grande... Não tem grande importância... Pois, tenho que fixar as coisas bem... E... E faço de uma maneira que fica assim fica fixado né? Por exemplo: esta do Alzheimer é um descobridor inglês mas, eu para fixar, faço de maneira mais... Mais completa né? Pois é C., eu, como não veio ontem pensei que foi a algum lado, lembrei-me que tinha ido dar uma volta né? Pois...

- Deixei recado que vinha hoje.

Pois... Pois... Quando o C., há bocado, me disse, se lá no armazém tinha receio deles e coisa... De estar ali ao pé... Com aquelas preocupações... Eu quase que nem... E... Ah! Eu, também fazia por isso: por estar à... Por sentir-me à vontade né? E fazer isto... E fazer tudo correcto, que era para não dar assim... A perceber, pois... Não dar a entender que eu que tava preocupado né? É uma maneira boa né? Que toda a gente pode ter? Pois, nessa altura, embora miúdo, já tinha essa ideia, disfarçava... Disfarçava, não queria que soubessem.

- Que estava a sofrer?

É, é... Que tava a sofrer, pois... Pois... E, por exemplo: depois disso, aquelas pessoas que têm muitos nervos né? Que têm muitos nervos né? Qualquer coisinha, no trabalho... E, eu... E

vinha-me essa ideia, também, à cabeça. Mas, pois, para essa tou cá eu... (ri) Essa não tinha eu grande receio... Tinha era da... Da que me apoquentava... Que me apoquentava né? Que me preocupava né? Sempre de dia... De noite era duma maneira e, de dia era outra.

- De noite eram os medos.

Pois, os medos e receios e, de dia era preocupações de... De de coisas né? Da vida e de estar preocupado depois, para a noite né? E fazia uma ligação... Uma coisa com a outra... É, é...

- Que outras preocupações?

É... É... É... Talvez... É mais da doença né? O que me preocupava era a doença né? Eu queria fazer duma maneira e acontecia-me outra... E queria fazer bem, a ver se conseguia fazer melhor... Pois, era assim... Tinha de ser assim, se não...

- E o seu pai?

Pois... O meu pai olhava por mim né? Depois, o meu pai, veio a saber que eu que coiso... né? (ri)

- Como!?

É... Começaram... Parece que lhe disseram que eu que andava a fazer umas asneiras e tal... Cá fora... E, isso preocupava-me também né?

- Lembra-se o que lhe disseram?

Não me recordo bem: *Ele anda prá e tal...* Não sei se foi lá dentro, o encarregado ou coiso... Pois, isso fazia parte da doença... Pois é... Umas asneirinhas da doença... Próprias da doença... E, depois, o meu pai soube e: *Então? O que é que tens ó V.? Ah! Ó pai, isto não é nada...* (ri) Eu disfarçava sempre. *Isto não é nada, eu ando preocupado mas, é do trabalho e os nervos e coiso...* (ri)

- Mas, não se lembra que asneiras?

Parece que fiz uma coisita qualquer... Que eu fiz asneira, já não me lembro bem do qué que foi... Ah! Andei lá a mexer na caixa, do balcão, do escritório, onde tem as letras, onde eles assinam as coisas né? Parece que andei pra lá a mexer ou qualquer coisa... Ou tirar dinheiro, ou qualquer coisa... Foi assim uma coisa assim... Já não me lembro bem do qué que foi... Depois, o sócio tava lá... Disse ao meu pai... Eram muito amigos... Já faleceram todos... *Olha! O V., anda práqui a fazer asneiras...* Assim, à laia de brincadeira... Pois, e, eu já tava lá dentro, na sala no balcão grande né? Numa sala... Numa mesa grande, das ferramentas e, tava... Estava a ouvir... Estava a ouvir tudo... E, eu preocupava-me né? É uma coisa que não se deve fazer né? É uma asneira... E, depois, o meu pai depois veio falar comigo: *Então V! O que é que tens, pá? Eh pai! Isto é de... De... De estar preocupado com o trabalho, assim e assado...* Já era... Já era a doença, nessa altura... Já era a doença e, eu, fazia por por tirá-la né? Desaparecer da minha vida, da minha ideia pra sempre... Mas, agarrava-se e, ficava sempre a preocupação e aquilo tudo... Era uma chatice... É verdade, ó C., já comprei uma bengala nova mas, essa é daquelas de fecho, sabe? Que se podem estragar... Tem de se ter cautela com ela... Então, tive uma ideia: só cá dentro é que ando com ela e, quando vou lá para fora... Então, e,

esta... E a outra fica só cá para dentro... Tenho sempre uma de reserva né? E tenho aqui a factura pa ir à secretaria, levantar o dinheiro. E, nem queria daquelas de fecho mas, não havia outra... E, eu, pronto está bem... Já tá feito... Ah! E o que eu queria era uma asa pra esta. Como aquela, sabe? E acho que há lá asas e de boa qualidade. Esta fui eu que a arranjei... Pois, partiu-se ao meio. Já há mais de dez anos que tenho isto. Mete-se aqui os dedos e fica mesmo à conta... Não tá má... Veio-me à ideia... E, vou fazer isto assim... Depois, medi a ver se dava para meter os dedos.

- As ideias boas que você tem.

Pois, é... É, ando sempre ando sempre a trocar... (ri) Em vez de arranjar coisas más, tenho boas ideias.

- Você trocou foi a volta a toda a gente.

Pois, pois... (ri) Os da esquizofrenia, fazem aquilo já de coiso... Têm aquela intuição né? E deixam-se ir mas, eu... Eu tinha... Eu tenho consciência disso: uma metade tem consciência e outra era a doença... Era a parte boa e a parte má né?

- Não sei se era má.

Pois, quer dizer... A gente temos de ver as coisas como elas são né? Eu tinha consciência né? E, a consciência conseguiu ganhar né?

- Essa parte que diz ser má eram as preocupações que tinha?

Pois, eram preocupações que eu tinha... E, a parte boa era da minha consciência... De homem, de... De... De pessoa normal né? Tinha que fazer as coisas bem feitas.

- Então, as preocupações e medos faziam parte da “parte má”?

Pois... Os medos e os receios e, alguns nervos também... Também... Às vezes, também... Ainda hoje, de vez em quando, dá-me, mas é só mais com o tempo fresco. Apanha-me aqui assim o... No pescoço... É onde sinto mais o frio e, apanha-me aqui os ombros... Tenho, aqui, na parte de cima, parece que tenho aqui um peso... Parece uma canga... Assim, dum cavalo ou dum burro, um peso assim... Enorme, aqui assim... (ombros) É isso... É... Como é que se chama? Tá-me a falhar... Que... Qualquer pessoa tem que... Com o frio... Que aparece e depois desaparece... É reumático! É reumático é... Apanha-me aqui, na parte do pescoço, é onde tenho mais frio e, depois, se vou por aí pelo frio, custa-me a virar assim, para o lado, fico preso, e a mexer a cabeça... É reumático.

- Mas, quando era novo, acha que se justificava esses medos?

Quer dizer... Eu fazia os possíveis para ser normal... Pois, era a doença... Pois, para a idade, nessa altura... Para a idade que eu tinha parece que era normal e, depois, com o receio noite né? Da noite vir?

- Até essa altura não tinha vivido sozinho?

Pois não, pois não... Estava sempre em casa... Tinha a casa da minha prima e, na aldeia, estava sempre acompanhado... Por isso é que eu... Por isso é que eu receava... Pois, essa coisa... Tinha receios né? As preocupações... Nessa altura, ainda não pensava bem na... Preocupava-me só mas, era como se fosse... Mas, depois, fazia por me distrair né? Disfarçar e tal né? Era como se fosse uma brincadeira de criança, de rapaz novo né? Com aquela idade... Fazer aquilo tudo... Sem erros, sem enganar... Sem falhar e, ir bem na vida né? Era isso que eu queria fazer. Nessa altura, já tinha aí quinze ou dezasseis anos, já era adolescente né?

- Teve dificuldades em lidar com isso sozinho?

É verdade pois... Pois... Pois... Depois, então, tive de vir cá para dentro... O meu pai depois, trouxe-me... Ainda levei electrochoques... No Júlio de Matos e, depois, a doença, ainda, atacou-me mais né? A partir dessa altura né? Atacou-me mais... E, depois, então é que era mesmo preocupado né? Depois, então, é que me sentia mesmo preocupado... Com... Pois, com as ideias que me apareciam... Que me vinham à cabeça né? Pensava em tudo... Até na minha tia I., que tinha aquela loucura né? A ver se eu não apanhava essa doença, também... A ver se não era isso... Se não tinha isso né? E pensava assim, nessas coisas... Agora sim... Agora já desanuviou tudo... Agora, é só a memória é que me falha um bocadinho mas, mesmo assim, faço os possíveis para me lembrar das coisas, não me esquecer... Assim, coisas vulgares, não me esqueço o dia; a data; o ano e, assim alguma coisa que seja precisa... Assim... Medir a tensão; tomar remédio, pingos e tal...

## 9ª Entrevista

Pra hoje, já dava uma grande melhoria, trinta... Trinta graus... Hoje, é... É verdade... E, lá pra baixo ainda mais... Lá pra Évora, trinta e dois... E, Faro, Beja e coiso... Ouvi nas notícias... Já tá a aquecer... E, o Verão, diz que vai ser muito quente... Pois, já fazia tempo né? Já há mais de quinze dias... Começou a vinte e um de Junho, estamos a cinco de Julho... É... Há quinze dias, praticamente... Pois, eu tava à espera do C... Tínhamos combinado né? Isto é boa hora... Pois, se calhar esta hora até seja melhor, depois, o C., vai para o seu trabalho e, eu o meu... E, fica tudo despachado.

- E férias?

Ah! Pois... Parece que é para Agosto, costuma... O ano passado foi... Ele, ainda não falámos disso, ainda é cedo né? Mas deve ser isso. Já pagou à gente né? Uma parte... Uma parte. Foi só metade do que devia né? Há mais de seis meses que não recebíamos... Que a fábrica não mandava pra cá... E, agora, já eu recebi no princípio do mês passado... Eu, recebi vinte euros, quatro contitos. Já... Já... Já é alguma coisita, já ajuda... Qualquer coisa... É pouco né? Para o que a gente faz né? Tamos tempos e tempos ali e, nunca é certo... De mês a mês, nunca é certo... Antigamente, ainda, pagavam mas, era com um mês de intervalo e, já passado do outro mês... Com quase um mês de atraso é que pagavam do mês anterior mas, agora... Agora já nem isso... Agora vamos lá a ver, a gente fica à espera, a ver o que é que dá... Já... Já dá para compensar os meses atrasados. Ah! É verdade, hoje tá cá a M. chefe (referindo-se à enfermeira), que veio agora de férias. Agora, é capaz de irem de férias, umas atrás das outras, pois... Agora, Julho e Agosto, é os meses principais.

- E as suas férias, quando era novo?

Ah! Pois... Isso era logo... Era três meses... Era... Chamavam-lhe as férias grandes... Íamos... Íamos... Alugávamos uma barraca, lá na praia, com a minha prima e, durante um mês tavamos lá... Alugávamos a barraca ao mês e, todos os dias íamos para lá. Isso é que era uma festa... (ri) Ainda era miúdo... Eu gostava daquilo né? De passar as férias lá, na praia.

- Fale-me um pouco da sua adaptação, quando perdeu a vista.

Ah! Pois... Foi... Foi... Adaptei-me... Depois, comecei... Estranhei, assim, um bocadito a diferença né? E, depois, a esperar que a vista melhorasse, assim, a pouco e pouco e tal coiso... Disseram que isto que demora muito tempo... Disseram lá no hospital... Só via, assim, a pouco e pouco... Ia vendo e, até tinha... O senhor doutor, pôs-me um óculos, daqueles só com um buraquinho aqui à frente e, depois, esse buraquinho é que faz a vista ver para a frente e, todos os dias, o doutor, passava e via como é que estava a vista e tal... *Então, já está a melhorar? É senhor doutor, parece que tou a distinguir qualquer coisita... Uma luzita... Uma coisa pouco... Era assim só...* E, depois, disseram-me que só passados cinco anos é que começa a vista mais a... A dar-se melhor... Passados cinco anos da... Da operação... É que começa a ver-se mais qualquer coisita... É... É só claridade... Pouco... É pouca diferença... Depois, quando vim, então, é que comecei a... A adaptar-me né? A andar com óculos... Com óculos destes (de sol) né? E ter mais cuidado... A cegueira né? E coiso... E, comecei-me a adaptar... E, estranhei um bocadito mas... É... Mais ao menos do meu jeito né? Sossegado e calmo... E... E aguentar-me né? É o que é preciso né? E foi assim que eu, depois, comecei a passar o tempo... Não... Não estranhei muito... Pois, eu, como sou, assim, calmo né? Gosto, assim, de silêncio e coisas sossegadas... (ri) Pois, fui-me adaptando... Mas, ao princípio,

estranhei um bocadito, assim, a diferença... A diferença duma coisa prá outra... Foi só isso... Assim... Pois... Eu ia-me ajustando né? Ia-me... Conforme o que me acontecia... Ia-me adaptando, conforme podia e, foi assim que consegui melhorar um bocadito e adaptar-me. Tinha que me orientar... Tinha a bengala... Agora já tenho outra... A primeira que tive, era daquelas de fechar, pois... Mas, esta, agora, tenho de ter mais cuidado com ela; é só cá pra dentro né? Qué pa não bater no chão, nem nas paredes, se não, depois, aquilo começa a abanar... A abanar e, depois, o elástico rebenta e pronto... Já está... Fica estragada. Tenho-a lá... Depois, da parte da tarde... Depois de vir do bar e tal... Guardo esta e ando com a outra... Pois, é a melhor maneira e, fica sempre esticada... É... Esta sim... Esta é que é boa e, dura sempre... É... É pra toda a vida... Até já me lembrei de pôr uma asa em metal... Era porreiro, ficava para sempre né? E, é um bocadinho curta... A outra é maior, é mais alta, à minha medida, à minha altura. Quando se compra uma bengala tem de se dizer a altura da pessoa, qué pa... Conforme a altura, assim é a medida da bengala. E, esta foi cortada né? Que foi para meter o parafuso de aço... Isto tá sempre... Nunca desgasta, tá a ver? Está na mesma mas, a asa partiu-se... É de nylon, partiu-se ao meio, e, eu, depois, dei aqui um nó... Duma ponta à outra e, consegui arranjar.

- Sempre cuidadoso.

É... É... Já me disseram que eu que sou perfeito em tudo (ri)... O enfermeiro que tá aí... Ele é que disse: *Ele é perfeito em tudo menos numa coisa que eu cá sei...* (ri) *Ele é lagarto... É lagarto...*

- Esse cuidado, ajudou-o a adaptar-se?

Pois... Não notei muito... Só a orientação... Orientar-me e ter que me coiso... É que me custava mais... É que tinha mais dificuldade... Ainda não estava acostumado né? Nem... Sem ver nada, só com a bengala, coiso... Mas, depois, comecei-me a habituar, pronto... Agora já consigo andar, aí, por todo o lado... Está aí o Fr., (utente da mesma unidade) que é preciso levarem-no para todo o lado... Agarrado, de braço, que ele não é capaz... Eu julgava que era só eu, cá dentro, que era invisual... Parece que ele cegou à pouco tempo, ainda não há dois anos, disseram-me: *Olha! Também é ceguinho como tu e tal...* Ah! *Quem é? É o senhor Fr...* Por acaso, eu, até nem conhecia... Trabalhava lá no atelier mas, eu, nem o conhecia. Ouvia falar, às vezes dele, e, agora, tá como eu... Ele tinha, também, uma bengalinha daquelas mas, estragou-a logo, tá a ver? Por isso é que eu faço bem em ter cuidados com certas coisas, né ó C.? Pois, faz-se assim a diferença. Se visse, eu, ensinava-o, qualquer coisa né? Pra ele sair daqui, para ali e tal... Pegando numa bengala já se consegue né? É como eu faço mas, sem bengala é difícil né? A gente sabe mais ou menos o sítio por onde tem de ir mas, é difícil, pode-se ir contra uma mesa ou uma coisa qualquer... Ou coiso... Mas, pra ele é difícil... É, eu, se visse, ensinava-lhe: *Olha, dá cá o braço e vamos lá por aqui e tal e coiso...* E ele aprendia né? Qualquer coisa... Eles também podiam ensiná-lo, né ó C.? Pois, a ensiná-lo melhor, para ele se orientar cá dentro... Cá dentro...

- A si, ensinaram-no?

A mim? Na... A mim... Nunca me disseram nada... Fui eu... Eu, com a varinha, é que descobri... Consegui descobrir tudo aí, pois.

- Ele não consegue fazer o mesmo?

Ehhh! Pois, talvez, o sentido dele é diferente né? Ele não se apercebe ou não quer fazer os possíveis para se orientar bem ou assim... Ele tá sempre lá... Sentado, a ouvir música, com os fones nos ouvidos, e tá toda a manhã e toda a tarde naquilo... E, até mesmo no atelier, ele vai para o atelier e ouve-se, cá fora, o rádio a trabalhar. Eu, dantes, gostava... Andava sempre com o rádio na algibeira, a ouvir música mas, agora, já com a idade, já não apetece tanto né? Pois... Mesmo assim, ainda ouço, muito de vez em quando, ligo e ouço os programas que eu sei que são os programas bons... Da Renascença e da Antena Um: Bola Branca e os relatos de futebol... Gosto sempre de ouvir... Mas, dantes, andava sempre a tocar com o rádio para onde ia... Cheguei a ter quase dezasseis ou dezassete rádios. (ri) Alguns, estavam estragados e coiso... Mas, depois, comecei a despachá-los... A despachá-los... Agora, tenho só meia dúzia deles... E chega. Já nem é meia dúzia... Tenho para aí uns quatro ou cinco. Era, todos os dias pegava num pra tocar... Era assim...

- Depois de perder a visão, notou diferença relativamente às suas preocupações?

Pois... Pois... Pois... Tive, assim, uma certa preocupação mas, depois, passou... Fiz por passar... Distraí-me e coiso: *Ah! Isto vai passar...* E, pois... É a preocupação própria né? Da altura, né? De não estar habituado à cegueira... Sem ver... Era preocupações da... Da vida né? Que sentia... Pra vir cá para cima... Pra ir a algum lado... À cozinha, ou ao barbeiro; tinham que me levar né? E, agora, ainda me levam mas, com a bengalinha já não estranho né? Eu sei onde é os sítios... Indo pelos túneis sei... Sei ir... Tudo seguido... Já não me preocupo nada... Agora, lá fora já é mais difícil, por causa da orientação né? Para ir ao barbeiro, ele agora vem cá mas, lá, na V. N., tinham que me levar. Lá, era até um colega meu... Íamos os dois e cortávamos o cabelo ao mesmo tempo. Ele ajudava-me, a mim, e ficava logo tudo arrumado... Era assim... Foi só preocupações de início, de ter de ir para qualquer lado né? E não poder ir. Só acompanhado... É... É... Era isso... Era as preocupações... Depois, com a continuação, fui-me acostumando e, já... Já não sinto preocupações né? Agora já tou habituado né? Quando tinha vista, via algum ceguinho e também fazia-me ideia disso... A gente faz uma ideia, como é que eles têm de ter... Têm de ter o sentido muito apurado... É, é... Depois, aconteceu-me a mim... E, pois... *Olha! Tou certo, tou no seguimento...* É, Assim é que se tem de ser... Tem de se fazer assim... E, pois, na ajuda né? Com a ajuda né? É... Tá bom... A gente... Tem de se ter aquele sentido próprio, o tacto muito coiso... Muito apurado. (ouve as horas) Olhe! São nove horas e quarenta e dois... Já está adiantado quatro minutos. Quatro... Vá lá! Vá lá! Deram-lhe um jeitinho... Ficou mais ou menos adiantado, é melhor que atrasado né C.? Eu acho a diferença... Às vezes, tou lá no quarto: *Eh pá! Que horas são isto? Ah! Mas, está adiantado quatro minutos...* Desconto-lhe os quatro minutos, fica a hora certa... Que ele tá... É... É... Se tivesse atrasado, a gente preocupava-se mais: *Oh! Que raio, já tá na hora e ainda aqui...* Assim, adiantado, a gente regula-se melhor.

- É muito exigente consigo...

Sou... Sou... Sou... Ui! (ri) Nessas coisas nem se fala... (ri) É... É... Sou já... Já por natureza ó C.! Gosto das coisas todas, assim, muito certinhas, muito... Muito... É... Perfeitas né? Como eu sou né? É, é... (ri) O meu pai, também, era assim: muito recto; muito direito; muito certo; muito coisa... E, eu, saí a ele né? Conforme tinha de ser né? A minha irmã não sei... Eu nunca tou com ela né? A gente poucas vezes se vê... Só quando ela cá vem plo Natal e plos anos é que a gente se encontra. Mas, dá-me a impressão que ela também é assim um bocadinho como eu... Pois, saí ao pai né? Saímos... É professora, ela, não tem tempo para nada... Aquilo, de professora do liceu né? Exames... É papeis; é cópias; é estudar; é ensinar, eu sei lá... Não lhe dá tempo pra nada.

- Tem falado com ela?

Tenho falado... Dantes, telefonava pra... Era o telefone fixo, ainda sei o número que ela tinha mas, já o tirou... Agora, é telemóvel... É melhor, sai mais barato né? A conta... É um ordenado, o telefone fixo... Tirou-o... Agora anda com o telemóvel. O telemóvel tem uma quantidade de números. A M. chefe tem lá marcado o número, da minha irmã. Depois, quando eu quero, digo-lhe para ligar para a minha irmã e, ela vai lá ver o número e pronto... Assim, é mais barato... Tem-no sempre à mão e não gasta tanto dinheiro. Já a tenho apanhado no liceu né? O horário dela também não é certo né? Umas vezes de manhã, outras vezes à tarde, eu não adivinho né? Telefono-lhe ao calhas... A ver se a apanho lá em casa. E, é assim... E, dantes... Quando era o telefone fixo, era ali da cabine do bar que eu ligava.

- Quando falaram a última vez?

Foi... Foi.... Foi por... Por altura dos meus anos... Foi em Janeiro que eu liguei, pra lá, pra ela me visitar... Calhava bem... Disse-lhe que fazia anos na sexta-feira e, pra ela vir cá no sábado... A seguir... Logo de seguida... E, ela veio, apareceu aí depois. Fiz, a vinte seis de Janeiro deste ano, setenta e três... Já falta pouco para os setenta e quatro... Pois, a gente... Só pensando bem, a nossa vida, é que a gente faz uma ideia né? Não pensando, assim coisa... A gente vai correndo; o tempo vai passando e; a gente... A gente vai-se... Vai indo pra... Prá velhice né? Pra velho... Pra coiso... Pois... Mas, eu já pensei nisso né? Na minha idade e, até, nem pensava chegar a esta idade, com setenta e três anos... Já é muito né? A gente pensa... Bem, né? Faz uma ideia e: *Eh! Pá, isto... Já estamos bem entrados...* (ri) Ah! E, Alguns, cá dentro, um, parece que tem noventa e três... E outro, com oitenta e seis.... Há aí uma data deles, já com uma certa idade... Pois, isto chegar até aos noventa né? É isso... Pelo que eu sei, os irmãos: aí, o Irmão G. esse tem noventa e... Noventa e cinco ou noventa e seis e; o Irmão C., que estava cá internado, esse morreu com noventa e seis... Parece que foi em Março ou Fevereiro. Pois, isto já vai para as dez né? Tá mesmo numa boa hora pra ir.

## 10ª Entrevista

Pois... É assim... Eu vou andando... Vou-me aclimatando... (ri) Trabalho no atelier, distraído... Ele, agora, tem havido pouco trabalho... Mas, ainda lá tenho hoje... Pra daqui a bocado. Hoje saímos daqui a que horas? Lá para as dez, não? Pois... Ontem, também saí daqui eram quase umas dez horas. Agora, foi só sair do café e vim logo cá direito. Foi a enfermeira que me disse, a M... Esta cá dentro, é a Mn... (utiliza um diminutivo) (riu) Pra se diferenciar da Mónica chefe. Às vezes, podem tar aí as duas né? (ri) Pois... A minha sobrinha também vai para enfermeira e, parece que tem que estagiar dois anos ou uma coisa assim... Parece-me... Pois, o calor já está aí à porta ó C... Já, já... Vá lá! Que, agora, tem vindo a descer... Já chegou aos trinta e dois... Anteontem... Foi ontem, trinta e um e, hoje, passou para trinta... É verdade. Anteontem já senti o calor, com o casaco grosso com que eu andei. Tirei-o e, pus este... Este é mais fininho e mais levezinho e, já me sinto mais fresco com ele. É... É... Já aperta... Já tava a sentir um calor cá dentro e tudo né? Trinta e dois graus. Já é um bocado forte né? Já andava tudo aí com o calor. Eu não me incomoda muito o calor. Mudei... Pois... A M., disse para mudar... Este é bom, é fininho, sinto-me porreiro com este... Este já pertence cá à estação do Verão né? Pois, e, é mais levezinho. A camisa é que ainda é das mais fortes mas, eu gosto mais assim... Pró meio quentinho... Assim um bocadinho pró quente... (ri) Gosto mais do que o fresco. Pois, eu sou friorento né? Há aí muita gente, também, assim friorenta. Mesmo empregados e empregadas... Já tá quase a fazer os seis meses que o C., tá cá. (ri) Pois, também, quando a gente não quer, é quando o tempo passa mais depressa né?

- Estão a chegar as férias mas, volto.

Pois, pra eu ouvir a história... E, a ver se fica tudo completo né? Tem graça que, eu, também... Para Agosto, também, tou de férias no atelier. Fico cá dentro... É mais ou menos um mês... Ora, desconta-se os fins-de-semana... Os fins-de-semana não conta né? São vinte e dois dias de férias.

- Está menos gente, agora?

É, é... Por enquanto, parece que... Quer dizer: há uma, plo menos, que ainda está de férias. A outra, saiu... A M., saiu... Não sei pra onde é que foi... Se foi pra algum outro pavilhão... Se mudou pra outro pavilhão ou, se arranjou algum emprego lá fora... Melhor... Não sei... E, o resto tá tudo aí, os utentes tá tudo aí.

- Como é que se ocupa nas férias?

Olhe! Vou ouvindo o rádio e televisão... A ouvir música e as notícias e tudo.... Pois, é toda a tarde... Pois... Vou lá pró terraço, que temos a em cima... É por cima da quinta... Que temos aí... Fica, assim, no alto... É a par, aqui, com os quartos e as salas. Aquilo chama-se terraço ou é... Como é que se chama o outro nome? Há: terraço; marquise... Marquise não é... Ou jardim... Mas, jardim? Assim no ar? Não... Mas, ainda há um outro nome que agora não me vem... Agora à ideia... Marquise é um seguimento de sala. Terraço, talvez seja mas... É um terraço grande... Parece um jardim, é mesmo um jardim, o que é que é aéreo... Há outra maneira de dizer mas, não me vem agora à ideia... Pois, agora não me vem à ideia... Pois, é uma espécie de jardim né? Fica de frente para o quintal... Lá por baixo, fica um salão grande para festas e, assim, quando tá o tempo mau, já tem acontecido. Ainda tava na V. N., parece que foi nos Santos Populares de há dois ou três anos... Choveu... Ou foi por Todos os Santos, em Novembro, ou coisa assim... E, então: puseram lá o palco, lá em baixo, e tudo... pró

ranchos... Pra eles dançarem e tocarem e tudo... Foi assim... Foi bom. Fica lá em baixo, à frente, tem janelas que dão lá para o quintal. E, dum lado é os quartos, os nossos quartos, deste lado aqui, parece que é... E do lado esquerdo, é o tal salão que vai ter lá à ponta, é um salão muita grande.

- Quanto tempo esteve na V. N.?

Foi o tempo todo... Até ao ano passado. Portanto, foi... Estamos em dois mil e sete né? Foi... Fez agora... Já fez um ano... Foi durante seis anos... Desde o princípio, que abriu, no ano dois mil até dois mil e seis... Em sete de Junho é que fez um ano que vim para cá. Antes, tava no S., pois... No Sagrado tive lá sempre.

- Esteve sempre no S.?

Não. Quando vim para cá, tive no S. A... Tive lá dois anos... Foi os primeiros anos que tive cá no T... Foi lá, no S. A... Então, tive lá dois anos, chamavam-lhe a enfermaria. Nesse tempo, era a enfermaria. Onde faziam tratamentos aos doentes... À cabeça... Ainda apanhei lá uns choques... Os electrochoques... E, tive lá uns dois anos... E, depois, então convidaram-me para ir trabalhar para o refeitório... Pró primeiro refeitório cá do T... Que é debaixo da igreja, tinha a copa cá à ponta e, depois, tinha, então, o comprimento todo da sala grande com mesas e coiso... E, era assim... E, então, convidaram-me... E fiquei logo lá... Depois, fiquei lá uns aninhos... Ainda era novinho né? Com vinte anos prái? Ou uma coisa assim... Ainda tinha prái dezanove ou uma coisa assim... Ainda não tinha vinte anos. Depois, então, passado pouco tempo, por causa do mau tempo e por estar mais perto ali do refeitório, mudaram-me pró S... Depois, nessa altura, atão, é que... Depois, o empregado que trabalhava no refeitório, que era o chefe né? Levava-me sempre... Tinha a chave do S. e, levava-me... E era dois passos... Era um instante enquanto punha-me lá... Depois, mudei, então... Depois... Para o outro refeitório, que foi lá de baixo, que foi dos jogos, que agora tá fechado. Tinha lá: pingue-pongue; damas; jogos... Tinha lá televisão; bilhar... Tinha pra lá tudo... Os empregados, os internos, depois iam para lá sempre, de noite, passar o tempo né? E, pra lá do muro, ainda tinha a cantina com as bebidas... Que tinha lá o empregado... Que tava lá até às tantas da noite, lá, de serviço. E, eu, dali, passei lá para baixo... E, então, de lá, desse, passámos aqui para este novo, o actual. Onde estive ainda uns dez anos, talvez.

- E quando é que saiu do refeitório?

Saí do refeitório... Foi quando fui pa ser operado... Quando ceguei... Foi ainda no refeitório lá de baixo... Foi em setenta e cinco, quando ceguei... E, então... Mas, dantes não havia mulheres a trabalhar nos pavilhões nem nada... Depois, quando eu saí... Quando tive lá, um mês no hospital, pra tratamento da vista, da cegueira... Quando vim pra cá, já tava cá uma... No meu refeitório... No meu lugar, vá lá... Tava lá de serviço... E começaram a vir mais mulheres... Aí pelos pavilhões todos... A partir daí é que elas começaram a vir trabalhar para cá. Depois, lembrei-me de deixar de trabalhar e coisa... Mas, continuei ainda... Depois, de lá pra baixo... Depois, ainda, vim cá para cima... Neste, aqui, ainda fiquei mais uns dez anos ou coisa assim... No de lá de baixo é que foi pouco tempo... Foi prái uns seis ou sete anos... Prái...

- E depois disso?

Pois... Depois, deixei o refeitório, quer dizer... Depois, deixei um tempo sem fazer nada. Depois, então, é que me convidaram para o atelier... Aquilo foi um tempo sem fazer nada né?

Depois de operado ao coração... E, depois, ainda, estive um tempo cá... Deixei de trabalhar... Fiquei lá no S., sem fazer nada... Depois, então, é que me convidaram para vir para o atelier.

- Como é que se sentia nessa altura?

Pois... Sentia-me aborrecido né? Sem fazer nada e coisa... E sem... Lá me entretia, a ver televisão e a ouvir rádio, na sala grande do S. E, passava assim o tempo: a ouvir rádio e coisa...

- Foram muitas mudanças.

Foi... Foi... Foi... Tinha que mudar... De refeitório para refeitório e de unidades... Pois, embora eu não pedisse, nem quisesse, tá a perceber? No S., tava lá bem... Sentia-me lá... Já tava habituado né? Depois, quando me disseram para ir mudar... Tchh! Estranhei um bocadito né? Nessa altura já não via... Já... Pois... Para ir para a V. N... Convidaram-me pra ir pra lá... Iam dezanove... Lá do S... *Bem! Ah tá bem, pronto...* Fomos todos pra lá e tal... Para eu escolher alguns, meus amigos, e tal... Que eu quisesse lá e tal... E, lá fomos todos... Foi no ano dois mil.

- Disse que já não via, era o que lhe custava na mudança?

Pois... Pois... Pois, por causa disso, na maneira de me adaptar à mudança e coiso... Quer dizer, dantes já as salas lá por dentro... Dantes, já conhecia aquilo tudo... Aquilo é pegado ao S... Antigamente, era o S., só... Era o S. completo... Onde é a V. N., agora... Depois, dividiram né? E passou aquilo a ser N. R., o pavilhão dos alcoólicos. Depois, nessa altura, nós passámos pró S. principal, só... Eles tiveram uns aninhos lá... A tratarem-se e coiso... E, depois, então, é que passaram cá pra cima... Aqui pró pé de... Onde era a portaria velha né? Ficaram ali e puseram lá outra parte, pra gente, pros utentes... E, foi, então, a V. N... Foi assim... Eu já conhecia tudo lá por dentro, quartos e tudo... E lá por baixo... Jantávamos lá em baixo, onde é o salão deles da V. N... Jantávamos lá... Aquilo tem uma divisória. Uma parte pró S., verdadeiro e, uma outra pró lado da V. N... E tem uma porta de entrada... De maneira que, já conhecia aquilo tudo.

- Essa, não foi a mudança que mais lhe custou?

Pois não... Foi práqui... Práqui é que foi mais custoso... (referindo-se à última mudança, para a unidade de psiquiatria) Foi como se tivesse de mudar mesmo... Mesmo... Com a idade né? Tinha mesmo de mudar. Foi... Foi o que me custou mais... Ali, ao lado, era como se fosse uma mudança... Uma mudança... Sei lá... Era como, de perto, de uma casa pra outra... Era como mudar só de quarto... Até os quartos do S., ficam por cima da V. N... Pois, apanha de um lado ao outro mas, os quartos são iguaizinhos aos de cima... Porque a V. N. tem muito menos pessoal. É só vinte... São só vinte prái... Mas, os quartos são iguais aos de cima, o primeiro andar do S... É tal e qual... Eu já dormi lá em cima, também, no S., do lado do N. R. (actualmente V. N.) E, do outro lado, onde estive mais tempo, foi na entrada do S., mesmo no quarto de cima. Com três janelas, era aí que era o meu quarto antigo. Tinha duas janelas grandes e uma para o lado direito, quando se entra, de casa de banho, também, com janela. Era... Era o mais completo; era o maior e, havia alguns que não tinham janela. Ficava mesmo por cima da porta de entrada do S. Foi nessa altura que mudei... Pois... Tive lá muito tempo... Bastante.

- Então, foi esta última mudança a que mais lhe custou?

Foi... Foi... Foi da V. N... Pois, tava a contar que ficava lá... Era como se tivesse no S., também né? Pois... Pouca diferença notei... Era tudo pegado... Já tinha... Antes de ter mudado, já tinha tado, antes, lá dentro... Era o S., completo... Era o S., pegado, inteiro... Depois, então, dividiram aquilo... Aquela parte que era V. Nova., passou para N. R... Passou a ser o pavilhão dos alcoólicos e, teve muitos anos assim... Arranjaram aquilo de novo e tudo... Dividiram, lá, o salão com paredes e tudo e coisa... E, ficou para eles, para os alcoólicos... E, depois, mudaram outra vez para V. N.

- Adaptou-se.

É verdade... É, lá por dizer que me custou mas, adapto-me rápido... Pois, até a minha irmã disse... Que, ela foi falar com a enfermeira: *Ah! Ele depressa se acostuma... No ambiente em que está, é rápido enquanto ele se acostuma, depressa e rápido.*

- O que é que lhe custou mais na mudança?

É a gente saber... Calcular né? De ter de andar à procura né? Dos sítios né? Dos quartos e salas e tudo... E, é tudo diferente né? Tenho que andar a procura... É assim... Andei aí... Levaram-me aí a passear, com a doutora M., a dar uma volta, só nos corredores, para ver como era... Os quartos, dum lado e outro; a copa; a sala grande; a sala dos fumadores e não fumadores e tudo... Dei umas voltas aí e, depois, fui-me habituando a pouco e pouco... Não custou... Quase... Mas, a gente nota a diferença né? E mais a mais, sem ver né? É o que custa mais...

## 11ª Entrevista

Então, já viu a bengalinha nova? É gira... Esta tem uma asazinha... O problema era das asas, que não prestavam para nada... Agora, esta não... Esta já é melhor. E, ainda por cima, é elástica.

- Estamos quase a ir de férias?

Pois... Assim, ainda, temos mais duas até às férias... E acaba no dia trinta e um... E, depois, o atelier também tá de férias... Pois, calha bem né? E, pra Setembro, começamos outra vez... Pois... Pois... Hoje veio cedo, ainda não são nove e meia, se calhar... (ouve as horas) Olhe! São vinte cinco, já tá adiantado cinco minutos... Tá adiantado... Mas, adiantado é melhor que atrasado... (ri) Pois, a gente: *Ah! Ainda faltam cinco para as nove e meia...* Se fosse atrasado era uma chatice... Agora, ali aquilo... A passagem, que o C. me ensinou, aquilo agora, só falta... É, aquilo tem várias passagens... Pode-se passar de várias maneiras... Ou atravessado, ou de lado... É de qualquer maneira... Tenho visto, quando vou à tarde e tenho tempo livre.

- E quando era mais novo, como passava o tempo livre?

Pois... É... Tava... Andava sempre... Nunca falhava o refeitório... O trabalho né? Quando me convidaram, uns dois anos depois de estar cá, tinha prái dezanove... Vinte anos e, depois, ia lá pra baixo, pró refeitório antigo... Lá em baixo, ao pé da igreja, esse primeiro que eu tive... E, era sempre... Nunca falhava... Tava sempre à espera que me viessem buscar... Que o G. me viesse cá buscar né? E, depois, ia para baixo e, depois, ficava lá... Almoço e, até à tarde e, depois, ao jantar é que vinha para cima... E jantava cá... E fazia o trabalho sempre certinho... Sempre certo... Gostava de trabalhar naquilo... Ao principio, vinham-me cá buscar, depois, eu, já... Já comecei... Depois... A aprender né? A ir pra lá, coiso... Ia sozinho, já era mais fácil ir coisa... Era assim o trabalho.

- E nos tempos livres?

Pois... Nos tempos livres... Tinha de... Era deixar passar o tempo né? Ou rádio... Já tinha... Nessa altura, parece que, já tinha... Já usava os rádios... Comecei... Foi logo no princípio... Arranjei logo um para... Para... Até no refeitório... Lá dentro, ouvia rádio, quando estava a trabalhar, punha-o em cima duma janela a tocar e, era o tempo que eu quisesse... Até acabar o serviço... É... Eu gostava muito de ouvir rádio... Andava sempre com um rádio na algibeira, sempre a tocar e coiso... Daqui pra lá e de lá para cá... E no refeitório... Era em todo o lado... Era a minha distracção... Pois, e no sábado e domingo era mais... Também pra descansar e ouvir um bocado de música ou televisão e coiso... E, passava assim o tempo...

- E saía de vez em quando?

Ah! Os passeios dos doentes, pois... Pois, isso, foi já passado um certo tempo... Passado uns vinte e tal anos... De estar cá... É que começaram os passeios dos doentes... Os que queriam ir... Ainda fui três ou quatro vezes... A última vez... Foi a última antes de cegar... Foi dois ou três meses antes de cegar... Fui visitar a minha terra, V. V. Passámos pela ponte vinte e cinco de Abril; Setúbal; Sesimbra... Passámos aquilo tudo... Passámos pela minha terra... Fui lá visitar a igreja... Quando eu era pequenino... Lembranças de quando eu era miudinho... Foi... Foi uma... Uma boa viagem que eu fiz... Nessa altura... Gostei daquilo... A lembrar-me da minha terra... E, fomos ao Palácio... A visitar o palácio e a igreja... Com o senhor que ia

conosco, a ensinar e coiso... O... O guia... A dar a volta à Igreja. Tem o pelouro cá fora, o pelourinho coiso... E... Aquilo é muita giro... E, depois tem as casas, todas casas baixinhas, parece casinhas de pessoas... (ri) De anões e coisa... É giro... E fomos visitar o Palácio todo... Também lá em cima... Que dá visão cá pra baixo... Vimos veados e coisa... Uns meses antes... Parece que foi em Junho que fomos lá e, eu ceguei em Agosto... Tá a ver? Dois meses antes... Ainda... Ainda tive essa sorte... De visitar... Para me lembrar da minha terra... Pois, nunca mais lá fui né? Esta viagem que fizeram foi a única... A única desde que saí de lá da aldeia... Da... Com a minha tia para ir tirar a quarta classe... Nunca mais lá fui... Depois da aldeia vim para cá, pra A., pró liceu pronto... E, nunca mais... Já tava com saudades... Quando a vi fiquei... Fiquei chocado... Gostei muito daquela volta... Visitámos o Palácio, lá no alto... Os quartos dos reis e da rainha e tudo aquilo... Visitámos lá aquilo tudo... Nessa altura, já... Já a vista me tava a falhar... Já me falhava um bocadinho, é verdade... Foi uns meses... Três ou quatro meses antes... Começou-me a aquecer muito a vista... E, queria ler e, às vezes, falhava... E tinha que deixar de ver... Só via névoa... E, depois, fechava assim... Um bocado e, apois, então, a fixar assim... É que a vista pegava... A ler... É, é... Era assim... Era já um sinal... Que ia cegar.

- Nessa altura falou com alguém sobre isso?

Pois... Eu já... Parece... Já antes tive uma consulta... Antes... Uns tempos antes, tive uma consulta, queixei-me, coisa... E, depois, parece-me que o senhor doutor modificou-me as lentes... Umas lentes mais grossas... Pois, parece que foi isso... Mais ou menos, as lentes... Os vidros, eram tão grossos... Eram o dobro dos aros... Ou mais do dobro. Por essa altura, foi por esse tempo aí, quando ceguei, uns dias antes, caíram-me os óculos ao chão. Fui apanhar e: *Já está!* Disse eu, cá pra mim... Fui apanhá-los: *Oh! Tá bem tá!* (ri) Tavam inteirinhos; ali uma grossura... Devia ser o máximo pra miopia... Que eu sofria desde miúdo... Desde os oito anos que já usava óculos, quando andava na quarta classe. E, antes, ainda, com oito anos já usava óculos.

- E nesse tempo em que vivia lá na aldeia.

Pois, lá... Lá na terra... Aquilo, passeava, ia a casa dos meus primos e dava uma voltas e tal... Hoje já é Vila. Vila de S. B... Passou para Vila aqui há uns quê? Dez ou quinze anos bem puxados... Já... Talvez uns quinze, ou á volta disso, veio no jornal e na rádio... Na rádio também noticiaram. E, depois, foi a inauguração da água e da electricidade ao mesmo tempo, foi tudo... Aquilo tava a precisar. Era uma aldeia valente, com muita gente, sabe? Mais... Talvez mais de mil pessoas... Não é destas aldeiazitas de cinquenta ou sessenta pessoas... Há muita aldeia assim pró norte e coisa... Pois, aquela era uma aldeia valente; uma aldeia muita grande... Algumas mil pessoas... E, havia festas e reuniões, tinha cá tudo... E, só faltava era a água e electricidade... Era o que eles se queixavam e... Então, foi inaugurado... Fizeram lá a inauguração... Parece que foi lá um Presidente qualquer... De Concelho ou de Distrito ou não sei quê!? Precisava mesmo, a aldeia... Era uma aldeia muito valente. Aquilo... Eu gostava de lá tar: distraía-me; ia passear, conhecia aquilo tudo né? Conhecia a aldeia toda, de ponta a ponta... Ou ia a casa das minhas primas, que era ao princípio da aldeia... Ou ia pró outro lado, contrário, a passear até lá ao fundo do terreno. Iam os porcos pra lá, comer a relva... Aquilo era... Eles sabem o caminho... Sabem ir e sabem vir... Aquilo, alinham e depois vai tudo por ali até que aprendem... E vêm ter à pocilga sozinhos... Eu gostava de os ver: de manhã iam com o... O que tratava deles e, para cá, quase que vinham sozinhos né? Deixavam-nos vir e, cada um ia para a sua pocilga... A sua casa né? (ri) Eu gostava de ver... Gostava daquilo... A minha tia tinha porcos, também, às vezes... Também, criava né? Às vezes... Tinha lá a porca

grande, pra criar... Uma vez, parece que, teve quinze leitõezinhos logo de uma vez... E... Uma porca daquelas, de quase quinze arrobas ou coisa... E outros porcos, para matar... E, depois, arranjava mais... E era assim... Eu gostava daquilo e... Eu gostava muito daquilo... Gostava de lá estar... Tinha com que me entreter, com que me distrair né? Era miudinho... Quatro anos foi quando a minha mãe faleceu... Aí em V. V. e... Eu, fugia da... E ia à mata, apanhar medronhos. (ri) Depois, parece que fazia... Aquilo tem álcool né? E, a minha avó, da parte da minha mãe, não queria que eu fosse pra lá e tal... Mas, eu, assim que a apanhava e coiso... Zzt! Lá ia eu... (ri) Apanhar os medronhos, que tavam caídos no chão. E, às vezes, apanhava lá em cima, também... Não conseguia chegar lá: punha-me em bicos dos pés... (ri) Ainda me lembro... A ver se conseguia chegar lá a cima... Mas, às vezes, não conseguia, era conforme, era só algum que caísse no chão é que eu apanhava... Tava lá... Tinha a minha madrinha, a minha verdadeira madrinha do baptismo... Pois, a minha verdadeira madrinha... Dizem que ainda tá viva... A minha irmã. Perguntei-lhe: *Então, e a minha madrinha, sabes alguma coisa? Ah! tá lá pra V. V... Ela, coitada, parece que partiu um braço e uma perna não sei quê... E tá internada no hospital e não sei quê... E, de resto não sei mais nada dela... Não se sabe o paradeiro dela.* Ela, também, tava em V. V... Também olhava por mim.

- Era sua familiar?

Creio que sim... Creio que sim... Eu, naquela altura, era miudinho, não sei... Até gostava de saber o parentesco dela, da minha madrinha, com a minha mãe e coiso... Era... A minha mãe era R. e, ela, era E. P... (nomes) Parece que era P... Tratavam-na por P... Este nome, de E., nem sei onde o fui buscar... Creio que é a minha madrinha... Saiu ao calhas... E... (pronuncia o nome) Deve ser a minha madrinha de baptismo... Ficou-me este nome na ideia... De resto, não sei mais nada... Nem quem é nem coiso... Mas, desconfio que é a minha madrinha... P... Tratavam-na por P. Mas, o primeiro nome ou coiso... Era E... E foi assim é que eu pensei as coisas... Mas, ainda hei-de perguntar à minha irmã, se ela sabe alguma coisa da minha madrinha... Se ela ainda for viva, agora, deve ter mais de noventa anos... Foi o que eu disse à minha irmã: *Oh pá! Se ela ainda for viva, já deve ter quase cem anos.* Quando eu era miúdo, ela tinha trinta e tal praí... Perto dos quarenta, talvez... Hei-de perguntar, quando ela cá vier, a ver se ela sabe ou se procura saber né? Se ela ainda é viva, se não... Na última vez que perguntei, aqui há um ano ou dois, ela disse que tava mal, tinha partido uma perna ou um braço, tava no hospital, internada... Caiu, ou não sei quê, foi assim uma coisa...

- Ainda tem contacto com a família.

Sim. Com a minha tia X, que faleceu agora há um ano e tal... Há dois praí... E, de vez em quando, telefonava para ela, para a minha tia a minha tia G... Era a que tava mais perto de mim, é que olhava por mim, nesses tempos que tive na... Na aldeia... Da escola... Foi sempre com a minha tia X... Que faleceu, agora, há dois anos, ou coiso... Com noventa ou quase noventa, também eh... Da parte do meu pai, é tudo aos noventa e... Ainda há uma que ainda não morreu... Uma ou duas... A minha tia I., a tal que sofreu da cabeça, agora já tá... Parece que melhorou... Tratou-se né? Tinha loucura... Loucura é... É... Essa parece que ainda tá viva... Já perguntei à minha irmã... Parece que não sabe de nada... E, a minha tia C., parece que já faleceu, coitada, gostava muito dela, também... Disse-me a minha irmã... É que me deu a noticia, que ela já devia ter falecido... Ouviu, assim, das minhas primas, que a mãe já tinha morrido... A mãe das minhas primas. As minhas primas já tão todas casadas. Era a minha prima M. e a minha prima B. e, eles: eram o primo J. e o primo A... Primo A... Eram quatro... Quatro da minha tia C... E, da minha tia I., também, eram três ou quatro, também... Era, também: o J.; era, também, o A., tinham os nomes todos da minha tia C., quase... Era o J., o

A., era a F. e, era a M... Isso tá tudo distribuído... Anda tudo por aí, agora... Da última vez que fui daqui pra lá, a casa da minha irmã, ainda pude ir... Encontrei... Tive lá uma grande surpresa... Encontrei lá a minha tia X... Eh! Nem pensava... Foi... Foi um salto da aldeia do Alentejo cá para cima... Pois... Calhou a apanhá-la... É raríssimo... Aquilo, se calhar, foi a minha irmã que combinou com ela... Pra... Pra... Pra eu... Aquilo sabia que eu ia lá né? Foi... Foi plos anos... Parece que foi plos anos... Foi... Foi quando lá ia... Ia sempre plos anos, em Janeiro... Foi por essa altura... Se calhar, a minha irmã falou com a minha tia X... *Olhe! Venha cá... Vai ver o V... Que ele vem cá, agora, ao dia dos anos e... E... E, então, encontram-se cá... Já que... Já têm saudades... Que há anos que não se vêem...* Foi... Desde que vim pra... Desde miúdo, tá a ver? Há mais de quarenta ou cinquenta anos, pois... Praí... Há mais de cinquenta anos que, eu, nunca mais tive com a minha tia X... Está a ver a surpresa que eu tive? E, então, calhou a apanhar lá uma prima... Das minhas... Da minha tia M., que já faleceu... Essa, disse uma prima minha à minha irmã, que já tinha falecido a mãe dessa... A minha tia, com noventa e tal anos, também... Então, tive uma grande surpresa... Uma prima minha, que nunca tinha conhecido de lado nenhum... Demos um beijinho e coiso... Chama-se M. E, eu disse-lhe: *Muito prazer em te conhecer... Quando quiseres, vai-me lá visitar ao Telhal e coiso... Gostei muito de te ver e coiso...* Pronto... Foi assim... Uma conversa que tivemos... E com a minha tia X., também... Estava ali ao lado. Tinham vindo as duas, com certeza, vinham já as duas combinadas... Foi uma grande surpresa pra mim... Ver a minha tia X... Já tava velhota, coitada... Já, assarapantada e coisa... Eu, a falar para ela, e ela, com a surpresa, quase nem podia falar... E, eu também... Também fiquei chocado... Foi... Foi uma boa surpresa... Com certeza foi a minha irmã que combinou com ela... Pois... Se calhar... Naquela altura... E a minha tia nunca tinha vindo cá, a Lisboa nem nada... Combinou com ela para vir ver o V... Pra me vir visitar... Já tava... Já tava aqui... Como é que se diz? Já tava aqui alojado, há mais de quarenta anos ou coisa assim... Cinquenta... Já vou pra cinquenta e... Cinquenta e seis, pois... Tinha dezassete... Ainda não tinha dezassete... Tinha dezasseis e dez meses... Pois... Já vou para cinquenta e seis anos... Vou fazer agora, para Novembro, no dia de todos os santos, que o meu pai me trouxe ó C... (ri) É verdade... E, depois, no dia um é que é dia de todos os santos... E, depois, no dia doze nasceu a minha irmã, que é professora e, que me vem visitar... Que... É a única que, agora, tenho... E as minhas sobrinhas... E, já tenho um sobrinho neto e uma sobrinha neta... Da minha sobrinha mais velha e, agora, para Agosto, vai nascer outro bebé, não sei se é menino ou menina... Da mesma sobrinha, mais velha... Chama-se Cl., é juíza... Juíza mas, não faz serviço assim... De tribunal... É do ministério... E, a outra, mais nova, é a C... Que já... Já pensei que ela tava aí, em estágio. Uma que apareceu aí, a estagiar, chamava-se C. e, também, tinha a voz parecida com a dela e, também, tava em estágio... Enfermeira e tal... E, eu: *És a minha sobrinha?* (ri) Na brincadeira, pois... Eu sabia que não... Mas, sempre, é melhor experimentar né ó C.? Pois, a gente faz assim... Não custava nada tentar... Pois, é tão engraçado né? A voz parecida, o som da voz dela e coisa... E C... Enfermeira e estagiária... (ri)

- Tanta coisa em comum.

Tudo... Tudo em comum... Pois... E, eu, arrisquei... Pois, se fosse ela dizia-me logo e, até podia conhecer a minha sobrinha... Ah! Agora, por causa disso: há aí outra, que se conhecem, que conhece a minha sobrinha. Pois, já me deu o recado: *Um beijinho pró tio V...* Tava lá, na V. N... Essa enfermeira, conheceu a minha sobrinha já lá fora... Estiveram a estudar juntas... Ela chama-se V... Não sei se ainda lá estará... Foi assim... (ouve as horas) Olhe! Já passa das dez horas, tá a dar de hora a hora (referindo-se ao alarme do relógio)



Quando cheguei, o Sr. V. estava à porta, à espera que eu chegasse.

Hoje veio cedinho, nove e dezasseis, né ó C.? Tá a ver... Já tá a abrir, aqui a chapa, em cima... (referindo-se ao relógio) Pois, tenho de falar com o C., o dos telefones... Ele trabalha nos telefones... Então, C... Estamos a chegar ao fim né? É verdade... Olhe! Eu já entrei de férias... Logo na sexta-feira... Fui daqui, por aí a baixo... Ao corredor... Cheguei ali, a meio, ao pé do refeitório dos empregados, vinha a F. (responsável do atelier) de lá... *Olhe! Já fechei tudo... Não há trabalho... Vou levar o trabalho que fizeram à fábrica e já fica tudo despachado... Já não há trabalho mais nenhum... Pronto... Vinte e sete... Tá a ver? Mais cinco dias... E, depois, mais um mês... O mês de Agosto, que vai entrar... Até vinte e sete de Agosto... Faz um mês certo... Depois, mais um dia, ainda, para ela ir à fábrica buscar trabalho... É mais um dia... O vinte e sete, que é uma segunda-feira... Esse dia já não conta, portanto, começamos só a vinte e oito... É umas férias completas (ri). O C., também, vai de férias esse mês? Pois... O estágio do C., não é de um ano, é seis meses só... Pois... Pois, no Agosto é quando vai mais pessoal de férias... A minha irmã também vai... Vai entrar agora... Em Agosto e... Não sei se lhe telefone, a ver se ela vai agora pa Agosto... Se quer cá vir né? Pra me visitar... Agora tem tempo né? Ela costuma ir pró Algarve... Passar férias... Vamos lá ver... Já sei o número de cor... E já sei, também, a morada dela... Se calhar, vou-lhe telefonar... Hoje... Daqui a bocado... Tá aí a M. chefe...*

- Vejo que foi ao barbeiro.

É verdade... É verdade... Ele é que veio aí... Pois, também veio de férias... Já acabou as férias... Agora foi duas semanas... Eu perguntei-lhe... Lá me despachou... Foi... Foi bom... Já... Já tava a precisar mesmo ó C... Já tava mesmo a precisar... Já há três meses que não cortava... Por causa das férias dele... Já desde há dois meses e tal... Praí... Foi quando eu comecei a querer cortar... Foi quando ele foi de férias... Foi há quinze dias... Se não, dava aí dois meses e meio ou coiso assim... Chegou mesmo aos três certinhos... Foi a trinta de Abril... E, ontem, trinta de Julho... Faz três... Três mesinhos certos... Agora, tou muito melhor, mais fresquinho e, então, rapou-me aqui as patilhas... Que as patilhas crescem-me muito, sabe? E, então, eu disse-lhe: *Olhe! As patilhas, é à máquina zero (ri)*. Rapou-me aqui... Mas... Fica bem... Não fica com o cabelinho um bocadinho... Assim, um bocadinho alto... Assim, à máquina parece que... À máquina três... Não foi todo rente... Rente não... Não diz bem né? Há pessoas que não gostam... Eu, também... Eu não me importava mas, também não... Não aprecio muito... Todo rapado né? Assim... Só as patilhas tá bem... Tudo rapadinho tá bem. É que crescem muito sabe? E, depois da... Bem, não... Já tá como o resto do cabelo, é uma chatice... Os alentejanos é que costumam usar estas patilhas, sabe? Até aqui, sabe? Quase até ao meio da cara... Vê-se logo... *Olha! Aquele, é alentejano (ri)*.

- Lembra-se de quem o convidou para trabalhar no refeitório?

Ah! Foi um empregado que tava cá... Tava lá há anos... E, depois, esse empregado, por acaso, morreu... Devido a beber demais... Bebia muito... À tarde, quando eu tava com ele, já tava meio... Meio tonto... Depois de eu sair né? Ele, depois, às quatro horas, levava-me pró S... Ao princípio, tava aqui neste... No S. A... Depois, passado pouco tempo, veio o Inverno e tudo... E, por causa da chuva... Apanhar chuva... E, era muito mais prático... Mais pertinho dali... Passei, então, pró S... Tive só aqui dois anos... Até aos dezanove, vinte anos... Depois, fui pró

S... Foi lá, toda a vida... Foi lá, até aos, quase, sessenta anos ou mais... Devia ter prái quê? Uns sessenta e cinco... Foi até dois mil... Exacto... Foi até ao ano dois mil

- De cinquenta e um até dois mil.

Pois... Pois... Foram quarenta e nove anos... Bateu certo... Tava a fazer as contas, ao tempo de estar lá, no S... A contar pela minha idade... Devia ter sessenta e cinco, prái... Sessenta e sete, prái... Sessenta e seis, talvez... É estive na V. N. seis anos né? De dois mil a dois mil e seis, é... Tinha sessenta e seis, quando fui pra lá... Pra V. N... Já tou com mais um né? Já tou há um ano aqui... É... É... As contas tão certas... Foram quarenta e nove anos... Tá a ver? Pois é... Eh! Eu, não gostava de sair... Alguns que gostam né? De sair de um pavilhão para o outro né? Eu não... Nunca... Por isso é que tava lá e... Depois, não estava lá sempre né? Saía, pró trabalho... Só à noite é que aparecia lá... Não me importava nada de estar lá né? Era como se fosse a minha casa né? Quando acabava o trabalho, ia lá pa dentro... Pronto, ficava como se ficasse em casa... Na minha casa... Própria... Por isso é que eu gostava de lá estar... Porque aquilo ali... É... E os doentes né? São mais... Mais... Mais perigosos né? Há uns que berram; outros, sei lá... Cada um faz... Andam ali à solta né? Pois, vão lá pró quintal e no salão grande e tudo aquilo...

- Isso incomodava-o?

Não... Não... Pois, eu saía logo de manhã... A seguir ao café e, só voltava à noite. Era como se fosse a minha casa né? Por isso é que eu gostava de tar ali, né? Já tava habituado... Alguns, como o C. sabe, querem é andar a mudar... Um amigo meu, mudou três ou quatro vezes, andou assim a saltitar... Pra quê? Não se adianta nada com isso... Assim, o melhor é uma pessoa tar sempre assim... Num sítio certo né? Um sítio que escolha e fique o tempo que quer, é verdade... Eu... Pois... Já tava ali, como se fosse a minha casa mesmo né? Pois e... E já... Dali já não saía... Se não me mudassem... Se não fosse para a V. N., dali já... Já não saía. Pra ir pra casa da minha irmã... Não pode... Ela não me pode lá ter... Não tem lá lugar para me pôr... E, depois, com a idade... É que eu já sabia que, mais dia, menos dia, vinha praquí né? Pá... A psicogeríatria... A partir dos sessenta e cinco né? Parece que sim, que é a partir dos sessenta e cinco... Há aí um menino, aí, que já tem... Parece que já vai para noventa e quatro... E... Era meu amigo. Parece-me que era meu amigo... Não tou bem certo... Ele quase não fala... Dá berros e dá guinchos e coiso... Grita e coiso... Lá de tempos a tempos... Era meu amigo, lá do S., quando, eu, ainda era rapaz novo. Eu tinha prái uns vinte e tal... Ele devia ter prái uns quarenta e tal... Perto dos cinquenta... Uma diferença de vinte e um anos... Chama-se F...

- Tinha muitos?

Ui! Se tinha... Eu conhecia-os todos, lá em baixo... Conhecia a malta toda... (ri) E os que já faleceram... Ui! Amigos de lá... De companheirismo. Quando, às vezes, ficava lá dentro né? Da casa... Ficava lá mais tempo, ou pa ir ao médico ou assim ou assado... Lá íamos passar o tempo... Na conversa... E, às vezes, jogar às damas né? Já faleceram uma data deles... Dois, parece que morreram engasgados, a comer, é verdade... Assisti, eu, lá... Eles a daram-lhe pancadas nas costas e coisa... E ver se conseguiam meter os dedos na boca... A ver se conseguiam tirar-lhe a comida da boca mas, não conseguiram... Morreu logo... Não conseguiram salvá-lo. Depois, na V. N., já era diferente né? Já era menos pessoal né? Aquilo é diferente né? O serviço e tudo aquilo... Depois, já nos separávamos todos... Cada um ia para o seu emprego né? Era tudo rapazes mais fiches né? Com mais juízo... Cada um vai pó seu

trabalho... Eu ia para o atelier né? Outros iam pá jardinagem; outros, pás artes gráficas e coiso... Era assim... Já cada um tratava de si... Já...

- Mas, na altura, não achou muita piada?

Ah! Pois... Pois não... Apanharam-me, assim, descuidado né? Como se fosse pa sair de casa né? Sair da minha casa né? Como tive lá tanto tempo né? Estranhei... Não é que não aceitasse né? Mas, estranhei... E, depois, convidaram-me a escolher os amigos que eu queria levar pra lá né? Prá V. N., pois... E, eu, então, escolhi aqueles mais jeitosos né? Com mais juízo... (ri) Pois, tinha de ser assim... Pois, foi pró meu quarto... Os que eu queria escolher pó meu quarto... Pra tarem comigo... E, então, escolhi... Eram jeitosos... Mais ou menos... Trabalhadores... Era um chamado P. C.; era um baixinho, gordo, é jardineiro, pequenininho, muita gordo, pesa mais de cem kilos... Àquilo, prá altura que tem... Aquilo é um disparate... É esse é... É o M., chamam-lhe o Mm, (alcunha) que é cego duma vista... E, a doença dele deve ser mental... Ou mais doença nervosa... Pois... É essa doença que eu pensava que tinha... Eu... Pois... Quando comecei, assim, a variar... Pois... É que a minha doença, também, não é assim muito forte né? Aguenta-se bem né? E, então, pensava... É... *Que raio, o que é que será isto?* Quando me livrava da... Quando tava mais ou menos fixe né? Da cabeça... Coisa... *Isto deve ser nervos...* É o que a gente pensa né? As pessoas normais... As pessoas sem doença nenhuma, pensam assim... Nervos... Tudo nervos... Tudo nervos... Tudo nervos... Daqueles nervos muita rijos, sabe? De sola de bife... Daqueles nervos... (ri) Desses nervos é que eu pensava que eu tinha... A doença dele é capaz de ser mais de nervos... Há a alienação mental; a doença mental; há o nervos, que também apanha a cabeça né? Essa dos nervos é que eu pensei que tinha... Mas, não era essa aí... Mas podia ter, também, nervos... Misturar a doença... Fazer nervos... Fazer-me nervos né? Pois... Pois... Era isso é que eu pensava... Quando tava assim mais... Mais calmo e coiso... Mais certo da doença... Da cabeça... Lembrava-me: *Isto deve ser nervos*. Nervos que me apanhavam a cabeça... E podia ser né? Podia ser, também, um bocado de nervos né? A mais né?

- Quando diz que estava mais nervoso, como é que se sentia?

Pois... Pois... Sentia aquelas palpitações... Aquelas... Aquelas... Na cabeça né? Aquelas mudanças da ideia... Da cabeça e tudo... E... Pois... Então, mudava para o outro lado... *Deve ser a doença mental...* Mas, quando tava, assim, mais calmo preocupava-me com os nervos... *Isto deve ser nervos...* Ainda cheguei a pensar que fosse tudo nervos né? E, eu, apanhei, também, os nervos. Há vários tipos, formas e maneiras: há uns mais fortes; outros mais excitantes; outros mais fracos... Sei lá... Os meus eram mais... Assim... Sei lá... Mais irritantes... Assim uns nervos complicados... Mais... Andava assim... Muito fortes... Às vezes... E, eu, cheguei a pensar nisso: *Bem! Isto é nervos, com certeza.*

- O Sr. V disse que sentia medos, à noite.

Era... Era... Quando tava com a doença... Era isso era... Tinha muito medo... Era... Era... Era a doença, que me fazia criar isso... Pois, o nervoso, com o medo... E, lá está! Está a ver ó C.? Tinha um bocado de nervos, também... Tá a ver? Pois... Eu punha-me... Tá a ver? Como eu olhava por mim... E pensava... Bem, na maneira como havia de me safar da doença... De me safar da doença... De me desenrascar De me tratar... Uma vez, era coiso... Outra vez eram nervos... E, eu, ligava uma coisa com a outra...

- Mas, pensava nisso tudo e não partilhava com ninguém?

Sozinho, pois. Ninguém sabia... Pois... Eu pensava: *Isto é nervos... As pessoas também têm nervos né? E, eu, também tou com eles...* Pensava eu, assim... E, depois, dava aquelas asneiras... Da doença: esquizofrenia.

- Asneiras?

Eh! Fazer asneiras... Eh! Aquilo passava-me, assim, pla cabeça... Quase... Quase nem davam por elas... Mas, eu dava... Dava qualquer coisa assim... Fazer as coisas mal feitas, por exemplo... Ter de fazer as coisas... Fazer as coisas mal feitas... Não ser capaz de... Desenrascar-me de alguma coisa... Assim, por exemplo: lá a dona... Lá da pensão, perguntava-me qualquer coisa que eu não era capaz de me desenrascar e, então, ficava comigo na consciência e ficava mal... Mal... Tinha medo que ficasse mal visto por ela... Assim coisas... Assim nesse género.

- E no trabalho?

No trabalho também... No trabalho andava sempre muito coisinho... Muito disfarçado né? Pa não me acontecer essas coisas... Era rotineiro... Quase nem davam por isso... Mas, eu notava... Era a cabeça a pensar essas asneiras, tá a perceber?

- Asneiras?

Pois, é uma maneira de dizer... Eu pensava assim: Não vou fazer isto assim que é asneira né? E, então, disfarçava... Era... Tinha de ser assim.

- Era asneira ou medo de fazer asneiras?

Era o medo... Era capaz de ser mais o medo... Mas, pra mim, era como se fosse uma asneira né? Na cabeça né? Com a doença a trabalhar... Com a doença a trabalhar... *Bem! eu não faço isto...* Tinha consciência né? Tava consciente dum lado, do outro era a doença... Mas, estava consciente dum lado... Do que tava a fazer... *Isto, assim, não faço porque é asneira...* E pronto... E, passava... E era assim. Não valia a pena tar a dar cabo da cabeça... Mais... E, então, disfarçava né? Ninguém sabia de nada... E, então, eu apontava os nervos né? Era uma boa oportunidade... *Ah! Isto é nervos.* Pronto... Passava assim, lá no armazém e na pensão. Até parece que tinha medo quando ela, lá a dona da pensão, me falava alguma coisa... Até tinha medo que me acontecesse alguma coisa dessas... (ri)

- Tinha medo dela?

Não... Não era medo dela. Era dela me fazer algumas perguntas e, eu, não ser capaz de me desenvencilhar delas. Nessa parte, tinha muitas, era quase todos os dias que acontecia isso... Fora os medos à noite... E, depois, eu apontava isso aos nervos: *Isso é nervos e tal...* Até fazia por me esquecer e, por me desenrascar o mais possível, sem dar nas vistas, por exemplo: ela podia desconfiar né? A patroa... Podia desconfiar da minha doença né? Era dessas coisas que eu tinha medo.

- Mas, nessa altura, já estava doente?

Já. Já... Foi nessa altura que tentei roubar uma bicicleta... (ri) Tava, assim, encaixada ao passeio; peguei nela, fui com ela na mão e, tava a querer levá-la... E, fui pô-la lá mais à frente... Com medo da polícia né? Ou se o dono aparecesse de repente né? Tava tramado... Ideias... Ideias da esquizofrenia...

- E quando saiu de A., (de casa das primas) estava bem?

Estava... Estava... Estava bom, ainda... Que e o meu pai, pois, aproveitou-me né? *É pá! Vais trabalhar lá pró armazém, que lá é que estás bem e tal... E, depois, vais tomando conta daquilo que, depois eu morro e tal... Ficas lá a tomar conta...*

- Vai para a pensão, ainda, bem?

Foi... Foi... Foi uns tempos depois... Ao princípio, ainda, tava mais ou menos porreiro... Alguma coisa que tivesse, era nervos... Da agitação e tal... Da mudança... E de começar o trabalho novo e tudo aquilo... Não ligava muito... Embora, já começasse, se calhar, já cá a cabeça... Cá a trabalhar...

- Nessa altura, quando foi para a pensão, tinha medo à noite?

Já tinha um certo receiozito já... Mas, era uma coisa, assim, muito leve... Eu atribuía isso aos nervos... Era já o princípio... Era já o princípio da doença... Atribuía isso aos nervos... Da mudança... O trabalho novo e da pensão... E começar... Começar uma vida nova nera? Praticamente... E, atribuía isso aos nervos... Não ligava muito ao que fosse... Ainda não fazia asneiras demais né? Só depois... Passado um aninho é que começou, então, a coisa a ser mais... Mais... Mais perigosa... Mais má... A doença da cabeça né? Pois, a esquizofrenia é assim mesmo né? Eu é que sei... Como o C., pensa ou calcula que é... É assim... Tal e qual... É uma doença que é leva-se bem... Leva-se bem... A gente, tendo assim a ajudar... Uma pessoa que ajude né? Uma pessoa que me ajude né? Eu desenrasco-me bem... Tanto que faço tudo sozinho né? Pois, se tiver alguém do meu lado, que me ajude, eu desenrasco-me logo bem. É a esquizofrenia... É assim... Pois é... (ouve as horas) Bem! São dez horas... Tá na hora do C., ir pra cima...

Tá aberta, a salinha? Pois... Tive um bocado mal, ó C.? Pois... Vomitei, na terça-feira, e tive com febre... Tive com febre e... Depois, deram-me três injeções... Com penicilina... E comprimidos e coiso... E, já tá... Quer ver? (mostra a perna) A perna inchou muito... Agora já tá melhor... Ainda tá um bocado preta né? Teve encarnado e preta... E, agora, parece que já tá melhor...

- Foi do quê?

É do... Da... Costuma-me dar... Da má circulação de sangue... É... Eu já conheço... Já conheço esta doença... Já cinco ou seis vezes que me dá isto... Diz que é uma infecção da pele... É só nesta aqui... Que me costuma dar... É uma infecção, duma bactéria... Então, acontece-me isto... Todo... Meio... Fico todo partido e... Só na cama é que me vai passando... E... É que não se sente nada... Na cama, deitado... Agora... Ou, então, como eu tava agora ali... Com a perna levantada... A descansar a perna, também dá... Também dá... É uma chatisse, isto... Foi na terça que me deu... De manhã... Enjoei, vomitei... Olhe! Tava ali à porta... Ali à espera de saída e, depois, vomitei ali... Coisa... E, depois... E, depois, da parte da tarde, ainda, fui descansar... Tive lá dentro... Fui pra cama... Levaram-me logo... Fui lá... Quera pra tar na cama, deitado... Quando é assim, logo de seguida, o melhor é cama né? Pa ficar... Pra ir passando... A pouco e pouco... Na cama, não se sente nada... Parece, a gente, que não tem nada... (ri) É... É uma doença... É da má circulação de sangue... Já deve ter ouvido falar... Faz isto... E, atão... Cheguei a ter febre... Trinta e oito... Depois, na terça à noite, levei uma injeção de penicilina... daquelas fortes né? Na quarta, outra... Ontem, não veio da farmácia... Tomei-a agora, de manhã... E, amanhã de manhã, sábado, tomo a quarta... Que é pra acabar... De penicilina. (ouve-se uma voz e passos, do lado de fora, e comenta) Olhe! É a enfermeira... A entrar agora... Parece que é a C.

- Então, percebeu logo o que tinha?

Pois, já tava a pau... Eu já sabia... Já sei o tipo de doença que é né? E, depois, perco logo o apetite... Durante dois dias, quase que não comi nada... Só a sopa e, mais nada... Se a gente vai comer um bocadinho mais, vomita, deita logo tudo pra fora... Não se pode comer demais. Foi o que eu fiz estes dias... Agora, terça e quarta... Ontem à tarde... Da parte da tarde, já comi ao jantar, mais qualquer coisa... Também, era o que me apetecia... Era... Era esparguete com costeletas... Comi um bocado bom... E hoje já tive apetite para comer tudo.

- Já a conhece bem.

Já! Já... Já cinco ou seis vezes... Desde que tou na V. N., que me começou a aparecer isto... Há quê? Há cinco anos prái... Estamos em sete... Foi em dois mil e dois prái... Que começou-me a vir esta doença assim... (suspira)

- Esta semana, não trabalhou?

É verdade... Não fiz nada esta semana... Não foi nada e... Eu hoje ia lá... Tava-me a preparar, a ver se ia ou se não ia... *Olha! Diz que não há trabalho. Olha! Melhor, calha mesmo bem...* (ri) Pois... Tive sorte... Pois... Hoje joga o Sporting... Parece que começa às seis e meia e, depois o Benfica é às nove... Dá na televisão... Benfica – Setúbal... E o Sporting é com o

Fátima, que está em grande forma... Olhe! Foi quem eliminou o Porto... Pois, o Sporting já tá avisado...

- Depois de estar internado, houve quem dissesse que estava melhor?

Foi o... Aquele... O M... O F. M... Eu era novo, ainda... Tinha vinte e poucos... Depois, o M... O M., também... Ainda chegou dos vinte até aos trinta... O M. C... Que já faleceu, que eu ouvi falar dele... E o... E, agora, o último, agora, foi... Foi... Pois, mas, agora, já tava melhor... Era... Foi... Ultimamente, dos quarenta até agora, até cegar, e coisa... Foi o doutor C. V... Esse teve cá um tempo e, depois foi embora mas, era muito bom médico... Ele gostava muito de mim e, eu, também, gostava muito dele. Depois, veio ainda outro... Que era o doutor Mo... E, depois, parece que ficou assim... Os outros, pois, os que já cá estavam, os mais antigos: o G., o C. e, o B. P., foi agora... Olhe! Terça-feira, foram os que me atenderam, ali... Logo ali... Eu tava ali à porta, à espera, quando vomitei ali ao lado... E, depois, passado aí uns vinte minutos ou um quarto de hora, aparecerem eles os dois... Quase ao mesmo tempo... Primeiro o G. e, depois, mandou-me ir lá dentro para falar com ele e; depois, o B. P.... Depois, tivemos, atão, a falar sobre a doença e coisa... E, depois, ele receitou-me logo umas injeções... Destas injeções de penicilina. Parece que são das mais fortes... Devem ser das mais forte... Eu já tomei destas, há cinco anos, quando começou a doença, tava lá na V. N... E, então, depois daí, só me tem dado mais umas... Mais fracas e tal... Mas, esta, agora, foi um bocadinho mais forte... Senti mais dores no corpo e assim coiso... Tive que... Fui lá, ao senhor doutor e ele receitou-me logo uns comprimidos e mais a penicilina e coiso... Isto o que quer é mais tar deitado na cama, dá resultado sabe? Cheguei a tar quase um mês... Nas primeiras vezes... Não sabiam o que havia de fazer... A perna não desinchava né? E doía-me e coiso... Cheguei a tar quase um mês na cama. Depois, da outra vez, já sabia mais ou menos como havia de fazer... Foi praí quê? Quinze dias ou coisa assim... Depois, foi diminuindo... Agora, já foi só terça e quarta... Dois dias e, depois, já andei aí a mexer e coiso... Com a perna ao alto né? Tem de ser, sempre a descansar ao alto e depois vai passando. É uma chatisse... Parece que é uma bactéria, que infecta a pele e, depois, pronto, faz isto... Cheguei a ter a perna toda encarnada. *É pá! Tens o pé todo encarnado e tal...* E, depois, passou pra preto... Tá a ver... (ri) Agora tá quê? Tá encarnada mas, mais clarinha... Até que fica normal... E tá a desinchar e coiso... O engraçado é que esta não acusa nada... (referindo-se à outra perna) É verdade... Já acusou... Dantes... Antigamente eram as duas... Pois, vinha duma prá outra... Tal não era a força da daquilo.

- O tratamento é eficaz.

Pois, agora, estou cá dentro né? Isto aqui, é logo a despachar... Tava ali o senhor doutor... Chamou-me logo... Aí, passados uns vinte minutos... Foram lá os dois... E, depois, tive a falar com eles e coiso... Sobre a doença... É a má circulação de sangue... E, depois, o C. é que me disse que era uma bactéria que infecta a pele... Isto... As bactérias, não se podem... Não se podem mat... (não acaba a palavra) Não se podem tirá-las? Com remédios e medicamentos? Pois, mas, depois, volta outra vez né? Pois, aí é que tá... Depois, volta outra vez... É uma chatisse... Em a pessoa a tendo né? Já não sai... Já não é capaz de a tirar... De volta e meia: Zuuc! Aparece.

- Que idade tinha quando lhe começaram a perguntar se queria sair daqui?

Ah! Pois... Era praí quê? Na casa dos trinta, talvez... Já tava cá acostumado né? Desde os dezasseis... Quase dezassete... Praí... Até aos trinta... Já tava habituado aqui a isto... Já não

queria... Já não me apetecia ir lá pra fora nem coiso... Bem! Ainda via né? Ia dar umas voltas por aí e tal... Mas, havia aí meninos... Aí, que queriam era fugir... E, alguns, até se atiraram... Morreram aí dois... Plo menos... Que se atiraram da janela cá pra baixo... Tá a ver a maluqueira? Estes malucos... Cada um com a sua maluqueira... E, fugir e, saltar o muro e coisa... Até mesmo aqui... Houve um que saltou, também, o muro... Daqui, da unidade, e fugiu, também...

- Nunca quis sair?

Sentia-me cá bem... Não tinha... Não tinha, assim, grandes... Grande vontade de sair pra fora... Pra coisa... Tava aqui, mais ou menos... Tinha aqui tudo né? Tava, mais ou menos bem na casa né? Com o trabalho e tudo né? Passava bem... Não me preocupava nem nada.

- Como é que vê o T. (instituição)?

É, quase, como se fosse uma aldeia, né? Um tipo de aldeia... Como a aldeia onde eu tava... Lá, no Alentejo, era a aldeia de S. B... Agora, já é vila. Vila de S. B. Fica ao pé... Pegado com V. F e, S. (localidades) Fica ali, a poucos quilómetros da fronteira com Espanha. Fica, ali, mesmo rente com a Espanha e, depois, logo a seguir é a Vila de S. B. Era a terra onde o meu pai nasceu né? E tinha lá as irmãs e, tinha lá a família toda... E, então, ele, como era caixeiro viajante e dava a volta e, depois, ia lá, ficava lá uns dias em casa da minha tia X... Que era quem tomava conta de mim... Que eu, ainda, era miúdo né? E, depois, ia outra vez pra viagem... É, andava sempre assim, era caixeiro-viajante.

- Então, foi como voltar à aldeia?

É verdade... Pois... Isto aqui... Pois, dá-me essa ideia... (ri) E, agora... Ah! Agora, no domingo, vêm-me cá visitar... Vem cá a minha irmã mais a minha sobrinha e, o meu... E o meu sobrinho indirecto, por afinidade, o marido da minha sobrinha. Ela veio-me cá ver... Veio-me visit... Tava a almoçar... Apareceu aí de surpresa... Veio com uma camioneta carregada de... De... De... Vieram todos... Dai, dum curso de enfermagem... Ela também vai para enfermeira... Qualquer dia está cá, também, a estagiar... Ou uma coisa assim... Parou aqui o autocarro pequeno e coisa... E, depois, deu cá um salto *Olha! V., então, no domingo que vem vimos-te lá visitar... Está bem, fico muito contente por isso.* Mais a minha irmã e tal...

- Já tem saudades da sua irmã?

É... Já... Já, pois... Ela só cá pode vir de Janeiro e Dezembro... Dezembro... Janeiro, que é no Natal e nos meus anos e, às vezes, aparece... Como agora, a meio do ano e tal... Ou Julho e Agosto, por aí... Já tem aparecido... Agora... Em Outubro e tal...

- Então, o T., foi como a sua aldeia?

É verdade... É verdade... É como se fosse uma aldeia, pra mim... (ri) Por isso é que eu gostava de... Não me apetecia ir lá pra... Lá pra outro lado... E, tava aqui mais à vontade... Tinha aqui tudo né? Comprimidos, medicação, medicamentos e tudo...

- Sentia-se protegido?

É verdade é... Ah! E vou conhecer o meu sobrinho novo... Por afinidade... O J., Chama-se J. É a primeira vez que o vejo... Juntaram-se, agora, há dois anos ou dois anos e tal... E, como ela não pode cá vir né? Tá a estudar né? Tá a tirar o curso de enfermagem de psiquiatria... É bom né? Dá pra ajudar mais né? Na enfermagem e tal... E, já tá quase a acabar... Falta só um ano e tal... Pra acabar o curso... Depois, é capaz de vir praquí... Estagiar também... (ri) Eu, até já me enganei aí com uma... Que é tal e qual a ela... A voz, e a maneira e coiso... E C... Também se chamava C... E a estagiar... E, eu, perguntei se era a minha sobrinha... (ri) Teve aqui um mês e tal... A estagiar... Tiveram duas, aí, a estagiar... Parecia mesmo ela... Agora, a outra minha sobrinha... A outra já tá... Já tá toda... Bom... Já... Já tem a vida arrumada né? É juíza... Mas, não é do tribunal, trabalha por dentro... Parece que é no Ministério da Justiça... É uma coisa assim... Tá casada e, já tem um menino e uma menina.

- Vai crescendo, a família.

Pois... Pois vai... (ri) Lá fora e, eu, tou cá dentro né? Sei... Depois, nem sei já... Primos, quantos tenho... Primos, em primeiro grau e segundo né? De casamento... Dos primos directos... Então, eu já contei ao C... Aqui há tempos, quando fui lá a casa da minha irmã, apareceu-me lá a minha tia Xtrude... Ela nunca tinha vindo cá... Ela é mesmo alentejana, aldeã... (ri) Apareceu-me lá de surpresa... E, depois, chamaram-me... Aquilo, se calhar, eu ter aparecido lá, foi... Foi calculado pra minha irmã... Pra ir lá visitá-la... E, então, encontrei lá a minha tia, que há anos... Há mais de trinta e tal anos que não a via... E, mais uma prima... Uma prima que nunca tinha conhecido... Tá a ver? Apareceram lá as duas. Uma prima, chamada M., também... Essa minha tia, X., agora, já faleceu... Aí há quê? Há uns cinco anos, talvez... Coitada... Também, praí com uns noventa anos... Tá a ver? Todos os meus tios, é todos com noventa anos... (ri) O meu pai morreu com noventa... A minha tia X., também, chegou quase aos noventa... A minha tia C., era a mais velha de todas, passou dos noventa pra cima... Noventa e tal... A minha tia I., também, deve tar com essa conta... Não se sabe se ela é viva se é morta... A minha irmã não sabe dela.

- A sua tia X., não casou?

Não... Ela teve casada mas, depois, o marido faleceu e ela ficou viúva durante muito tempo. Era nova... Foi com ela, a minha infância... Foi com ela, sempre... Ela é que me criou... Mais a minha avó, a mãe das minhas tias e do meu pai... Foi ela é que me criou, lá na aldeia. Pois... Por isso é que aquele encontro, que tive lá em casa da minha irmã, foi ela que arranjou... O encontro... Não acha que sim? Era um caso muito raro né? Encontrarmo-nos aqui, os dois... Eu, aqui há mais de cinquenta anos... E, ela, lá, na aldeia e coisa... Pois... Foi pra nos encontrarmos...

- Porque acha que ela fez isso?

Pra recordar né? E pra lembrar dela e tal? Tinha saudades dela... (voz trémula/chora)

- E ela, saudades suas.

Exacto. E, conhecer uma prima nova né? Em segundo grau... Era filha duma prima em primeiro grau, chamada M... Era uma rapariga nova, ainda, com vinte e poucos anos. Eu, até lhe disse: *Ainda és nova...* Há praí, uns vinte aninhos... Pois, eu, nessa altura, já tinha quase... Pois, já ia prós setenta... Nessa altura, já o meu pai tava doente... Tava acamado e tudo... Fui

lá visitá-lo e, a minha irmã arranjou assim a coisa... Prá minha tia ir lá visitar o irmão... E, então, aproveitou para apanhar lá os dois: a mim e à minha tia.

- Foi uma surpresa.

Foi Ela até disse: *Adivinha lá quem está aqui?* (ri/chora) *Não fazes ideia nenhuma né?* Eu, depois, calculei... Assim, coiso e tal... Mas, não consegui... Ainda disse: *Será uma prima? Uma nossa prima, ó G.?* (diminutivo do nome da irmã) *Não. Tás enganado.* Até que, depois, ela disse que era a tia X. *Oh!* Até lhe disse: *Então tia? Como é que me acha? Acha-me já grande e tal? Acha-me já um homem?* (ri/chora) Ela gostou de me ver... Tava bem coiso... Bem preparado né? Tava em forma, é... Eu fui sempre assim... Quando tava lá, já era assim... Forte né? E, nesta altura, agora, também... Ela achou que eu tava com boa aparência. Lá, no Alentejo é assim que se diz sabe? *Ah! Tás bem parecido...* Uma pessoa, assim, que há muito tempo que não veja... *Ah! Como tás? Tás bem parecido han...* Quer dizer que tá como anteriormente né? Como se tinha encontrado antes... É assim... Os alentejanos... É verdade! Hoje já veio a injeção, agora de manhã, porque ontem, a farmácia não mandou à noite... Tive lá à espera... Já tava na cama... Preparado... Na cama e tudo... Depois, ele foi-se embora e, eu, fiquei sem saber se vinha se não vinha... Mas, depois, ele, hoje de manhã, disse-me: *Olhe! V., sabe? Na farmácia não deram injeção, agora, só quando vier é que a toma...* Depois, tomei-a mais tarde, às onze horas prái... E, amanhã é à mesma hora... Amanhã de manhã também... Parece que já tá aí... São quatro... Quatro injeções daquelas fortes. É, faz muito bem às pernas... Já tinha tomado, antes... Anteriormente... Uma caixa de seis... De mês a mês, que eram muito fortes e, dei-me bem com elas, aguentei-me bem. A gente sente logo as pernas mais fortes... Mais em forma, espalha-se por dentro né? É... Dá resultado...

- Antigamente, não havia tanto medicamento.

Pois e medicamentos foi só prá doença... Pois, também faz parte né? É a mesma coisa da circulação... Uns comprimidos especiais... Uma espécie de cápsulas grandes... Não é bem cápsulas... É, assim, uns comprimidos muita grandes, dois de cada vez, e deram resultado... Deram sabe porquê? Se não fosse assim, preparado, coisa... Começava... Ficava com tonturas... Ainda por cima... E, depois, ainda... Andei lá... Na terça-feira, a levantar-me, ainda, ia caíndo... Ia meio tonto e a agarrar-me... Por duas ou três vezes que ia caíndo mas, não. Agarrei-me à porta... Lá me consegui... Depois, passa logo... É só nos momentos em que a gente tá parado... E, depois, se mexe aquilo é... Então, a primeira vez que me deu, tive três meses... Foi três meses a descansar... Foi... Começou com uma tromboflubite... Eu já contei ao C... E, tem graça que foi na perna direita... Pois... Deu-me aquela coisa mas, eu, fiquei assim parvo, sem saber... Tava muito bem, descansado, ali num banco, ali nos hóspedes, ali, quando se vai pra terapia... Prós ateliers, que tá ali ao lado... Tava ali um banco, agora já o tiraram, sentei-me, ali, nisto: começo a sentir tonturas, coiso... Vomito e tudo... Até a placa me saltou pra fora... Tá a ver? É verdade. Depois, tiveram de me levar... Quase que não conseguia andar... Quase que nem conseguia mexer-me... Levaram-me lá pró quarto e, tive lá dois ou três meses... Prá... Á volta disso... E, cada vez que me levantava, tinha que me agarrar... Ou tinha que fazer esforço, pra me encostar a qualquer coisa, porque não era capaz de me mexer... Esta era a mesma doença... Já esta foi a pior, a primeira vez.

- Há quantos anos?

Já foi prái quê? Aí há uns... Tive lá sete anos... Prá uns nove ou dez anos, talvez... Sete da V. N., mais dois ou três do S... Que é quando tive com aquela doença... Foi isso, mais ou menos

nove ou dez anos... Tinha que me agarrar, primeiro à cama, com muito jeitinho, só depois é que começava a andar melhor... E, agora, já me aconteceu isso, também... Prendem-me as pernas... E tive ali à rasca pra me mexer... Foi no dia que me deu... E, depois, na quarta-feira, também... Pra andar foi um caso sério... É que custa-me a andar e, até coxeio... Tenho de me agarrar a qualquer coisa se não... Não consigo... Mas, depois, avança logo... É, é... Depois, já não acontece mais nada... Eu já tinha ouvido falar, muitas vezes, na má circulação de sangue mas, é uma doença que a gente nem liga né ó C.? E, eu, aliás, às vezes, punha o ouvido à escuta e, já ouvi duas senhoras: *Ah! Para mim é um castigo, se me dá aquilo, tenho de ir logo para a cama...* (ri) E, eu, ouvi... Isto, já foi anteriormente né? Ainda não me tinha aparecido a mim... Se me dá isto, tenho de ir logo pra cama e, é aos dias de cama... E, eu, pra mim é a tática... E, deu resultado... Só passa na cama... E tar muito tempo de perna estendida, ao alto... E, é engraçado que, não se sente nada, parece, a gente, que não tem nada... É a má circulação. Por isso é que eu tenho comprimidos, pró sangue... Pró sangue fino... Pra controlar, senão era um castigo. Pois, dantes, até cegar, não tinha comprimidos, não tomava nada. Agora, já tenho prái cinco... Sete... E três, dez... Onze, onze comprimidos prái... Tá a ver? São onze... Dia sim, dia não, é mais um... É sempre aquela conta... É, pó coração: tenho um pequenino, redondinho; pró aparelho, pra trabalhar melhor o coração, tenho o Daflon; prá pernas e varizes, tenho outro; prá tensão, que é meio comprimido... Pró tensão, tenho esse tal, pró sangue fino, prá veias... Pra fazer correr melhor o sangue... E, ainda, tenho outro, que é o do xixi... Pois, faz cinco.

## 14ª Entrevista

Pois... Já nem me lembrava né? É a primeira vez... Agora entrámos num novo horário... Já são cinco horas não? Olhe! O meu relógio... Olhe, foi pró lixo... Mas, já tá combinado com o C. dos telefones... O C. S. S., vai-me arranjar um daqueles bons... Todo em aço. Parece que não têm pilha nem nada... Pra mim é muito bom. Dá sempre jeito.

- Mas, não tinha outro?

O outro foi pró lixo... Pois, já o tinha mandado arranjar... Não teve arranjo... Olhe! Foi pró lixo... Tava à espera dele vir, ainda, este fim-de-semana... De manhã, perguntei: Olhe! tá aqui... Não tem arranjo, vai pró lixo, pronto...

- Então, e a perna?

Ah! A perna... A perninha tá mais ou menos... Tá um inchaçozito mas, passa né? Vai a pouco e pouco... Já... Tá-me a dar comichão... É sinal que vai baixar... Já tá menos inchada. Diz que é uma bactéria que infecta a pele... É uma bactéria é... Isto, não foi da circulação do sangue, disse-me o enfermeiro... Foi da... Como a gente apanha uma gripe, não é? Fica com a gripe durante uns dias... Isto é a mesma coisa, foi uma bactéria que infectou a pele, e não é doença nenhuma, não é má circulação. É, aconteceu... Agora, tenho para uns dias né? (ri) Pois, tomo um comprimido pra baixar, pra desinchar, pois... E mais um... Já tomei dois... Mais dois... Agora, já acabou... Eram dois, de manhã, pra isto, pra esta doença... Pra esta coisa que apareceu mas, agora, já não... Já não me dão... Ah! Ontem fui fazer um TAC ó C... (ri) Eu não sabia como era... Foi na clínica de M. M., é... Saímos daqui às nove e meia e, chegámos aqui às onze e um quarto. Foi rápido, foi a despachar, aquilo é... Não custa nada, aquilo... Agora, prá semana, é que vamos saber o resultado né? Do exame... Se o ouvido precisa ter algum tratamento, se tá mais ou menos, com uns pingozitos e coiso... Se vai... Como já tenho levado muitos né? E limpeza, depois, do ouvido e coiso tal... Vamos lá a ver o que é que vai dar.

- Mas, foi por causa do ouvido?

Era Pois, ando a tomar, também, um comprimido para o ouvido.

- E, como é que foi?

Foi é assim A gente deita-se; todo né depois tem uns plásticos assim à volta e; de trás, deve tar um aparelho, fazia ruído e tudo e aquecia-me aqui as orelhas dum lado e doutro; com o plástico aqui assim tapado assim à roda, como se fosse uma aba dum chapéu; assim depois, dá calor dum lado e doutro e, ela, lá vai vendo lá o resultado. Não sei se é enfermeira, se é doutora, mas o médico não apareceu... Quer dizer: não fui lá... A ele... Agora, só para a semana logo se vê o que é que aquilo vai dar... Ela... Aquilo, o aparelho ia trabalhando e, ela, ia vendo lá os sinais que aquilo dava: o barulho; os toques... De coisa... Eh! Aquilo não custa nada, né? É um TAC né? Um TAC? É, eu vi logo...

- E como é que foi a viagem?

Ah! Foi... Foi razoável... Não senti nada... Já ia daqui prevenido com um comprimido, mesmo assim, não apertou muito mesmo com o comprimido... Às vezes, também me sinto tonto.

Foi de carro?

Sim, na carrinha da casa. Foi o A., o motorista... Ele e o C.S.; o C.S., também, é motorista... Às vezes, também, leva a gente para o hospital da A... Conhece o C. S. Pois, são três: e o T. Z., esse anda com o todo-o-terreno, como é que é aquilo, o catrapio ou como é que se chama aquilo... Vá lá, tive sorte, cheguei lá passou-me logo um ligeiro coiso da cabeça né? Que acontece e, depois, para cá, o comprimido já tava a fazer efeito... Para lá, ainda, tava com medo né? (ri) Foi mesmo à hora de embarcar e, quase que, só puseram menos vinte minutos ou meia hora... Aquilo tem de ter um intervalo de uma hora né? Antes... Prá viagem... Tomar-se um comprimido uma hora antes. Tomei vinte minutos antes... Tava a ver que não dava resultado nenhum mas, vá lá, vá lá! Passou... E, depois, ia à janela, do lado de trás, sempre à janela a apanhar o ar né? Assim... Coiso... É uma chatisse, é...

-Mas, correu bem?

Pois, correu tudo bem. Ainda bem! Ainda bem! Ó C... Pois, tive uma sorte...

- Foi passear.

Pois... Fui passear e, aquilo é perto... Foi um passeio, pois... Senti o passeio... (ri) Das outras vezes, é um castigo, fico logo meio tonto e, depois já não me apetece nada né? E, só me dá vontade é para vomitar e coiso... Desta vez não! Desta vez, ia à janela. Ali a apanhar o arzinho e, ia bem... Foi... Também, é aqui perto né? Um quarto de hora, vinte minutos né? Daqui até a M. M. Estava cheio de gente, lá na sala do médico dos ouvidos; é quase todos a fazer exames. Depois do TAC né? Tavam lá dois ou três: *Ah já temos o papel do exame e tal e coiso...* Vamos lá ver agora para a semana o que é que resulta disto... É o ruído, sabe? Esta coisa do ruído faz-me cá... Já está melhor... Já está mais baixinho, quase não se ouve, mas incomoda. Tenho de por o ouvido à escuta, pra... E, então, ouço-o mesmo... O ruído... Agora, quase que nem dou por ele... Não sei se está a fazer ruído, se não está...

- Mas, num ouvido?

É, é! Dentro do tímpano. Lá dentro... O enfermeiro diz que tinha muita cera, que apanho muita cera. Agora, já não! Porque, agora, uso tampões para o banho; uso sempre, já não entra água lá para dentro, senão, dá-bém não estava cheio de cera... E, os ouvidos tapados... Era este, também... Este tá bom mas, mesmo assim, cria muita cera. E, este, também, ele viu lá com o aparelhinho... *Eh pa! Isto tá cheio de cera carag...* É assim... Uma chatisse... Se não fossem os tampões, eu, já estava aflito; não sabia o que havia de fazer; cada vez que tomava banho era água pra dentro.

- Para a semana é feriado, na quinta-feira, por isso, falamos na quarta.

Pois, tem de ser na quarta, depois das cinco, eu espero... É dia de todos os santos... Olhe! Faz anos que eu entrei para cá... Foi no dia de todos os santos, pois... Dia de todos os santos... Depois, passados onze dias, tive uma irmãzinha... (ri) A minha irmã que é professora do liceu... É uma vida inteira cá dentro... (ri) Né? Ó C.

- Antes de cá entrar, já sabia que ia ter uma irmã?

Pois O meu pai já me tinha avisado: antes já tinha *Olha! Qualquer dia vais ter uma bebé, no vai ser uma menina* nova... Uma menina... Vai ser uma menina e, eu, esperei... Esperei... Até que, depois, recebi a notícia... No dia doze desse mesmo mês; no dia doze de Novembro... Ela nasceu, faz agora cinquenta e seis anos... Parece-me... E, eu, vou já para os setenta e quatro... Em Janeiro, no final do mês de Janeiro, faço setenta e quatro... Já!

- Quando é que conheceu a sua irmã?

Pois... Ela, ainda, era pequenina e, depois, a minha madrastra trazia-a... E, eu, gostava dela e brincava com ela... Assim... Pois... Era de colo e tudo, pois... (ri)

- Quando o vinham visitar?

Pois! Quando me vinham visitar, pois... Trazia-a... Ela, uma vez, até chorou e tal e coisa... Coisas de bebés né? Que acontecem... Ainda me lembro... E, depois, eu brincava com ela; fazia-lhe festas e coisa... Era... Nessa altura, já estava... Já... Já tinha... Parece-me que não... Que ainda não tinha cegado. Foi depois, só... Depois... Ela, cresceu... Ela nasceu em cinquenta e um né? E, eu, ceguei em setenta e quatro, pois... Pois não! Ela já tinha vinte e tal anos... Já tinha tirado o curso do liceu... O décimo primeiro e décimo segundo e, cadeiras e isso tudo... Já tava preparada pa dar aulas... Nessa altura, já tinha vinte e poucos anos... Vinte e dois, vinte e três, prái...

- Então, lembra-se bem dela nessa altura?

Pois, era uma bebé. A minha madrastra, eu trato-a por madrinha. A minha madrinha tem, agora, oitenta e seis anos. Parece-me. E, trazia-a... E, então, eu gostava de a ver e brincar com ela e coiso...

- O que mais se lembra dessa altura?

Pois... O trabalho do refeitório, de manhã e à tarde... Ia, almoçava e depois ia logo pró trabalho. E, vinha outra vez às cinco horas e tal... E, depois, ia lá pró dentro pró salão do S.; ver um bocado televisão; passar o tempo, nos bancos... E, era assim que passava o tempo... Só aos fins-de-semana é que, às vezes, ia passear né? Combinava com um colega, até à Feira das M., por exemplo. Uma vez, fui com um colega meu, íamo-nos lá perdendo à entrada das M... Aquilo tava cheinho; eram uns pegados aos outros, ali à entrada, pra entrar e pra sair... Eh! Era um pandemónio levado da breca. E, eu, a chamar por ele: Ó R.! Ó R.! Já faleceu... Era meu amigo; era bom rapaz, trabalhador e coiso...

- Tem, aqui, muitos amigos?

Tenho... Tenho ai Malta... Aí... E do S., tão aí, já uma data deles... Meia dúzia, pelo menos: o J. P.; o J. T.; o D.; o B., são uma data deles. Tavam lá no S., comigo... Tiveram lá, muitos anos, alguns trinta e tal anos... Que tivemos lá, todos juntos...

- O sítio onde gostou mais de estar?

Pois! Pois... Pois... Tava já habituado né? Habituei-me e, depois, já não me apetecia ia para lado nenhum né? Como é natural e, vá lá! Foi a V. N... Fui, porque tava ali pegadinho né? É só abrir uma porta, lá de dentro, dá cá práquilo... Era tudo o S... Era o S. completo n? Aquela

parte da V. N.... E, depois, fizeram melhoramentos e ficou para o N. R... Dos alcoólicos! Estiveram lá uns anos, também, em tratamentos e coiso... E, depois, o N. R. passou cá para cima e, a gente entrou... Então, passou a ser a V. N. Pegada, ali, ao S... Era como se fosse o S., à mesma né? Eu até conhecia aquilo tudo né? Quartos e salas e tudo... Pois é! Agora tou sem o relógio mas, é pouco tempo... Para a semana, se calhar, já o trago, já o tenho... O C., diz que ia tratar disso e que, depois, que me telefonava para ir lá experimentar; trás dois ou três pra eu experimentar... É todo em aço, pulseira e tudo... Se um carro lhe passar por cima, o pneu entra para dentro... Não consegue rebentar com o relógio... É, é! Não faz nada... Não faz nada... O pneu é que fica pra dentro, um bocadinho, à passagem né? Isso contou-me ele e, eu, acredito.

- Como é que se sente sem o relógio?

Oh! Ando às aranhas... (ri) Queria saber... Às vezes... Ainda, foi ontem... Andámos sem saber que horas eram, ou foi hoje? Foi hoje. Era meio-dia e vinte e, eu, pensava que já era uma hora... Coiso... Pró almoço... Depois, ali, ninguém tem relógio né? Quase nenhum... Só o meu amigo C. M... Já duas vezes que o relógio foi e, agora foi outra vez... Tem a... Tem dois anos de garantia e, agora, falhou outra vez... Esta semana é a segunda vez... A primeira vez não pagou nada porque estava na garantia. Também, não sei que raio de relógio é que é aquele... (ri) Aquele relógio não é grande coisa... Por cima, a marca parece que não é grande coisa... E, depois, pronto! Acontece... E, lá, parece-me que só ali... Deles todos, ali da sala da televisão, parece-me que só um ou dois é que tem relógio. Um, quase que não o usa, não sabe ver bem; não sabe ver os minutos ou coisa... E, o outro; tem-no lá para uso dele... Não... É só para ele... Não diz a ninguém... Nada... Cala-se muito bem calado...

## 15ª Entrevista

O nosso horário é depois das cinco, mais ou menos né? Pois, é boa hora, quando venho de lá, do atelier, às quatro, depois, ainda vamos à bica, ao bar né? Chegamos aqui a um quarto para as cinco... Mais ou menos... Assim já fica mais alargado o tempo.

- Então, esta semana, já foi trabalhar?

Não! Não há trabalho nenhum... Não temos trabalho nenhum, é verdade... Pois, aquilo tá emperrado, não adianta nem nada... É uma chatisse... A gente quer fazer qualquer coisa e, não... Não dá nada! E, para a semana que vem, se calhar, é a mesma coisa... Já me disse a F. (responsável no atelier)

- E já está melhor?

Ah! A perna já tá a desinchar; tá a passar... (mostra) Já tá quase normal, pois... Tenho é ainda uma comichão... Uma coisa... Tenho de pôr o líquido, à noite, senão tou lixado! Que é uma comichão...

- Disse que foi à V. N.

Pois, fui pagar, pra amanhã, o euro milhões... Pra amanhã... Pois... Costumo ir lá a meio da semana, quarta ou; quando tenho muitas moedas, vou logo no sábado ou domingo... Ou vou deixando juntá-las né? Até quarta ou quinta... Foi... Por acaso, esta semana foi até ontem... E, depois, fui pra baixo... Paguei o euro milhões... Dei-lhe as moedas mas, tive de tar lá à espera um quarto de hora ou mais... Por causa de visitas... Que ela tava lá a falar com elas e tal... E, eu, tava na sala... No gabinete dela, à espera que ela se desenrascasse... Depois, conversa mais conversa... Mais daqui... *Vou lá pra cima, pó norte, e tal... De comboio...* Mais assim, mais assado. Oh! Caraças, nunca mais nunca mais acabava a conversa. Era para... Iam levar um doente, pra férias, lá para o norte, da V. N. Por acaso não sei quem era... Não disseram e, eu, fiquei assim... Sem saber ao certo.

- Esta semana já saiu da unidade, para a sua ginástica?

Ah! Pois já... Hoje, andei. E, ontem, também... Pois, não há trabalho né? Vou agora beber qualquer coisa depois, venho para baixo às onze e, depois, tou lá quarenta e cinco minutos... Pra cima e pra baixo... Já ontem e hoje e, amanhã, sexta-feira... Amanhã, também, tenho que sair... A meio da manhã... Para ir lá ao C., pa ver se a encomenda já chegou... Deve tar a chegar, ele disse-me: *Olha! Vem cá à sexta-feira ou segunda-feira, pa outra né? Que já deve tar cá a encomenda...* O relógio e tal... Vamos lá a ver! Ele disse que mandou vir três né? Pa ver qual me agradava mais e tal... E, depois, tenho oito dias de experiência... Pois, à experiência... Se gosto, se não gosto; se me ajeito bem com ele; se não tem qualquer coisa, alguma falha ou defeito e coiso... Quer que eu note, coiso... É assim... E a garantia, parece que, é de três anos... Uma garantia de três anos. Ele tinha lá mais encomendas, sabe? Para vir... Estava à espera de mais encomendas... Ele disse-me e, ontem, disse-me: *Ou sexta-feira ou segunda, de manhã, devem tar aí...* E, entreguei-lhe o outro... Aproveitei né? Ele levou-o lá, numa oficina, para arranjar... Vamos lá a ver se fica mais ou menos como eu quero... Que fique bom né? Que ele toque, já é o suficiente... Ele, o relógio, não tá estragado... O que é que eles, parece que, não sabem mexer naquilo... Ou se pusessem lá uma pilha, ele trabalhava logo... Mas, eles, não sabem mexer bem naqueles relógios. São sofisticados, electrónicos; são

uns relógios especiais, é... É, é... Só mais para os que precisam deles, como eu... Pois, ontem fiquei admirado... Do C. ter telefonado ontem... E, fiquei assim... Meio baralhado... Ela disse-me: *Espera aí que ele vem aí e tal...* Tá a ver? Foi ela que se enganou, pois... E, eu, fiquei assim: *Ó diabo vamos lá a ver se ele...* Depois, começou o tempo a passar e, o C. sem aparecer... *Agora, só sexta-feira...* Depois, pensei: *Agora só sexta-feira né?* Pois, hoje é feriado! O C., disse que não vinha, né? Mas, afinal, sempre aproveitou... É de aproveitar né? Pois, os feriados, aqui, não valem nada né? Tá tudo aberto; tá tudo a trabalhar... Pois, quando o C. quiser, é só vir que, encontra-me cá...

- Está sempre por cá?

Tou! Eu nunca saio daqui... Tou sempre cá... Se visse, né? Ainda, dava aí umas voltinhas né? Té lá baixo e, lá pra cima... V. L., (localidade) ou assim... Mas, não vejo! Estou sempre cá dentro e... E, é assim é que eu gosto... Gosto mais de de pouco barulho e mais... Mais sossego né? Mais sossego... Gosto mais do que andar prái com... A feira das M. tá a trabalhar, ainda, parece-me né? Vai acabar... Acaba, agora, este fim-de-semana, pois... Deve tar a acabar... Já o domingo passado foi a procissão... Agora, é mais uma semanazita e, amanhã ou sábado acaba... Já nem chega ao domingo, se calhar...

- Esta a dizer que gosta de sossego. Sempre foi assim?

Sempre! Sempre... Sempre... Foi sempre o meu jeito. Sossegado e calmo, coiso... É o meu feito, mesmo assim... Pois, é assim ó C... E, depois, também, veio mais cedo hoje... Pois, por ser feriado... Apanhava-me cá à mesma né? Toda a maneira, pois... Fez bem! Fez bem! Eu, agora, até tava... Tinha visitas... Fiquei... Até julgava... A minha irmã, já tinha dito que vinha cá... Depois, não veio... Na semana passada. Depois, pensei: *A minha irmã não deve ser, que ela se vier, vem agora pelo natal... Trazer-me a prenda do natal e, vem-me cá visitar... Deve ser Um amigo, lá da V. N., que já tem cá vindo duas ou três vezes a visitar-me, o Z. R. Pensei que fosse ele, até, quando cheguei ao pé do C., até, julguei que fosse ele...* Pois, nem fazia ideia nenhuma que fosse o C. né? (ri) Como tinha dito que não vinha né? Mais a mais, é feriado né? Mas, pode vir à vontade; pode vir sempre. Já sabe! Isto tá tudo aberto né? É só querer vir e, já está...

- Esse seu amigo, costuma visitá-lo?

Pois, eu pensava que era ele... De tempos a tempos dá aí um salto e, vem-me cá ver e tal... Já veio cá, duas ou três vezes. Por isso é que eu pensei que fosse ele. Fiquei admirado quando vi o C. (ri) Pois, não fazia ideia nenhuma né? O C. ter dito que não vinha hoje né? Então, eu, pensei logo: *Bem, não veio hoje... Vem sexta-feira, de certeza, que foi como a gente combinou...*

- Então, e a sua história o que pensa dela?

Eh! (ri) Uma história aos saltos... Assim e coiso... Uma história de... De medos né? E de coisas assim... Pois, as ideias más... Coiso.... Que a gente tem... (ri) Foi a ideia que tinha disso... Era... Era uma ideia má.

- A ideia que tinha disso?

Pois... Pois... Das ideias que eu tinha, lá, naquela altura: era tudo ideias de medos, de terrores e coisas assim... Era mais pra isso era... Agora não! Já aliviou... Já endireitou... Da cabeça... Agora, já não sinto nada, pois... Consegui evitar isso... É a consciência de um lado e, do outro lado, a doença né? Andava assim coisa... A batalhar, até que consegui... Quando pensava naquilo, até, parece que fugia de medo... (ri) É, é... Quando pensava naquelas coisas, parece que tava a fugir doutra pessoa que me queria fazer mal né? Um ladrão ou coisa... Eh! Parece que fugia daquela... Daquela... Daqueles medos.

- Medos?

Pois... A ideia... A ideia fazia-me fugir... Desviar-me da coisa... Ficava com a ideia passada e, tentava fugir daquela ideia né? É, é! Era a consciência, do outro lado, a trabalhar né? Eu: *Com medo de quê? Está aí... Tá tudo normal, coisa...* E, então, eu, lá conseguia fazer os possíveis para passar melhor e tirar a ideia... Essas ideias más e, evitá-las.

- Era confuso para si?

Era... Era muito confuso... Era isso, também... Também fazia parte da... Coiso... Fazia confusões e tudo... Que horas são isto C. Ainda é cedo? Práí três...

- Quase.

(ouve as horas) Quinze para as três. Pois, ia acertando.

- Mas, a sua história não foram só os medos?

Pois... Pois... O resto é... E trabalhar... Gostava muito de trabalhar pra par evitar aquelas... Aquelas ideias, né? Pa me distrair... É. Andava sempre... Sempre no meu serviço, nos refeitórios. Estive em todos... Todos os refeitórios. Desde os vinte anos até aos quarenta e... Até aos quarenta não! (ri) Quarenta e um foi quando eu ceguei... Foi até aos sessenta... Cinquenta e nove, sessenta práí... Ou mais... Talvez, até aos sessenta e cinco... Talvez, até aos sessenta e cinco... Talvez... Ele, deve estar aí marcado numa ficha qualquer...

- Muita dedicação.

Pois, pois... Pois, é preciso muita força de vontade. Pois, eu tinha consciência que não tava certo né? Que Era a doença! Que não fazia... Podia estar doutra maneira né? Diferente. Ver a vida de outra maneira... E, pois, fazia os possíveis para evitar aquelas ideias... Andava, sempre, a trabalhar para me distrair. Tinha de ser assim. Ao mesmo tempo, ia evitando né? Ia-me entretendo. Pois, o C., chegou ainda era cedo; eram umas duas horas né? Pois, eu, agora, como não tenho relógio, ando às aranhas...

- Sem relógio desorienta-se.

Não me desoriento assim muito... É só a hora certa. Os minutos. De resto, eu, calculo... Vou calculando... Mais ou menos, tenho um cálculo das horas já... Agora, às quatro, vamos para cima, para o bar, vai a malta toda. Depois, das quatro até às sete é sempre a passar o tempo... O que me interessa é a hora certa. Agora, há pessoas que se desorientam; não sabem quantas horas são, nem fazem ideia nenhuma. Eu, de manhã, nunca me engano no horário e coiso... Tá a ver? Ontem e hoje de manhã, no corredor, sem o relógio consegui regular-me e fazer os

quarenta e cinco minutos, sem relógio. (refere-se à “ginástica” - percorrer um dos corredores / túneis, que ligam as diferentes unidades)

- Como é que se regulou?

Porque já conheço aquele túnel... E, são cinco minutos pra cima e para baixo... Cinco minutos certos.

- E vai-se mantendo em forma.

É verdade, é... Mantenho-me em forma. Já tá quase desinchado, o pé e a perna. Tenho posto o liquido, à noite, na perna toda para aguentar a comichão, se não: estou tramado. Pois, agora, é que já devem ser quase três horas. (ouve alguém do lado de fora) Olhe! É um chamado Bernardino. Esse... Esse, ouvi dizer que é esquizofrénico. Ouvi, ouvi... Um enfermeiro a falar, assim... A falar um pró outro: *Ah! Ele excita-se e coiso... É esquizofrénico, coiso e tal...* É difícil né? Uma doença assim... Pois, eu... Eu não me meto com ele... Ele, é assim um bocado... É... É daqueles bravos... Se a gente se mete com ele, há logo... Ele conhece-me muito bem e, respeita-me, a mim... Eu sou o senhor V., para ele... Mas, de repente, para elas, para as enfermeiras e para as empregadas, dá... De repente, dá um berro, a falar alto, fica logo tudo calado... Com medo... (ri) É... É a doença né? Que faz aquilo... É a fúria... Aquela fúria... Eu também me dava... Eu, era mais... Mais lento... Tinha essa vontade mas, sustinha-me, evitava. E, pensava logo nisso, sabe? Tava-me a acontecer e, calava-me, fazia os possíveis para me suster e coiso... Às vezes, podia-me zangar né? Se me zangasse: dava-me para essa fúria, para ficar logo excitado e, sei lá... Fazer, logo, trinta por uma linha... É, é! Eu é que me sustinha, ao mesmo tempo... Tinha que me suster, para evitar... Há muitos, aí, esquizofrénicos... Deve haver né? Com certeza. Devia ser giro era conhecê-los né? Saber quais são. Da doença né? Da doença mental... São mesmo doentes mentais... Outros, é outras doenças... A doença mental e alienação são diferentes né? A alienação quer dizer: é os que são assim... Meio... Passa-lhes, assim, as coisas pela cabeça... Alienados e tal...

- Dizia que, quando se zangava se continha.

Pois... Era quando, por exemplo: se me zangasse... Se calhasse a me zangar, pensava logo nisso... De me acalmar e não me excitar demais se não, podia acontecer, é... O mesmo que acontece com ele... Ele, têm que o acalmar logo. E, já lhe têm dado, até, uma injeção... Pois, isso... Depois, é derivado à doença que isso acontece... Eu pensava logo nisso... Nessa maneira de ser... Ter que ser... Eu tentava evitar isso. Pois, ele, de repente, à mesa começa com aquilo né? É o estado de... Não é bom né? Eu mesmo coiso, não fazia isso... Mesmo quando estava, assim, com essa vontade de... De teimoso... De atear com as pessoas. Não... Não fazia isso! Ficava... Evitava fazer isso e, tentava-me acalmar.

- Tinha medo de se zangar?

Era... Era, era... Era isso, era... Tinha medo de me zangar demais, porque podia acontecer essa coisa... Essa parte de... De... Da fúria... É uma espécie de fúria que a gente tem... Este, já uma vez que, teve aí uma que tiveram de lhe dar uma injeção para o acalmar... Acontecem essas coisas, assim...

- Antes de entrar cá, zangou-se dessa forma?

Eh! Andava com isso na cabeça, pois... Pois... Pois, por isso é que... Como era novinho e coiso e... Tentava mudar e, evitar essa ideias e essas conversas e coiso... E mudar de ideias... Pois, se me acontecesse, era uma espécie de fúria que me dava para mim. Eu, não tava bem né? E, eu, tentava evitar isso... Falar bem com as pessoas e coisa... Pra não me dar essa coisa... Se não, o que podia acontecer né? Se não, era pior... Pois...

- Mas, nessa altura, estava zangado com alguém?

Não! Eu é que fazia essa ideia das pessoas... Se me zangasse, ou se se zangassem comigo, que podia acontecer isso... É, é... Então, tentava mudar de ideias e coisa... E, falar bem e conversar... Pois, agora... Agora já devem ser três horas não ó C.?

## 16ª Entrevista

Pois é... Fiz as contas bem né? *Bem, dia vinte e três, o C. vem né?* Tá bem, tá bem, pois... Passou-me! Nunca mais me lembrou de nada... E, hoje, era mesmo né? Pois, fica sempre à sexta né?

- Exacto. A sua história está quase completa e, queria fazer-lhe algumas perguntas para tirar algumas dúvidas.

Pois, para ficar completa né?

- Falou-me da operação ao coração, lembra-se quando foi?

Foi em cinquenta e... E quatro... Oh! Tava a fazer conta ao quatro... Foi em dois mil e quatro... Pois, em dois mil e quatro, já este século... Há três anos e, agora, em dois mil e onze, se calhar, vou ser operado outra vez ao aparelho. Sai este e metem outro... É assim... Dá um espaço de sete anos... Tá marcado para dois mil e onze... É... Tamos em dois mil e sete... E quatro, onze... É, tá mais ou menos na... Não sei! Às vezes, até posso até ficar com este. Nunca se sabe. Eles, até... Eles andam sempre a inventar coisas né? A última, é que lá fora, no estrangeiro... Aqui não! Era bom, era... Pra mim... Pelo telefone, eles, conseguem ver o aparelho... Tá a perceber, ó C? É verdade. Lá fora, eles, telefonam: a pessoa atende... *Ponha o telefone do lado do coração e tal...* E, então, vão ouvir o aparelho a dar sinal e coiso... E, não é preciso a pessoa ter de ir lá... De propósito né? É uma boa coisa né? Pois, vamos lá a ver se daqui até lá... Se daqui a um ano ou dois, se eles metem isso cá em Portugal... Também, era bom para mim... Custa-me muito a ir né? No carro.

- Mas sentiu-se mal antes de ser operado

Foi o tal aparelho... O chek... Para experimentar o coração. O chek... Chec qualquer coisa... Andei com esse aparelho, de um dia para o outro. Depois, chamaram-me e, então, fomos lá e meteram-me esse aparelho, assim, tipo rádio... Eles, até, na brincadeira: *Isto é um rádio e coiso...* Assim, ao pescoço, pa dormir com ele e tudo... E, depois, no outro dia, fui lá... Era para ver o coração. Era arritmia... É... Uma arritmiazita qualquer... Coisa... É o coração, a trabalhar um bocadinho mais depressa, sabe? De resto, eu, não sentia nada... Nem nunca me queixei do coração nem nada... Pois, por isso é que eu fiquei, assim, sem saber o que era... Depois, então, é que me disseram que era para o coração; um exame ao coração. Tinha arritmia. Agora... Agora, passou... Graças a deus... Trabalhava muito depressa, sabe? E, depois, tinha algum receio né? E um bocado de cansaço. A andar... A mexer... A subir as escadas e tal... E, às vezes, tonturas... Sentia tonturas, depois do café... Tava, assim, sentado, depois, do café, começava logo a sentir... Depois, pra me levantar, era um caso sério... Estava com medo de cair.

- Lembra-se de quando recebeu a vista da sua tia X., em casa da sua irmã?

Ah! Lá em casa da minha irmã? Pois, foi... Talvez em mil novecentos e noventa e cinco... Talvez... Ou mais... Talvez mais... O meu pai, faleceu em mil novecentos e noventa e dois... Talvez em mil novecentos e noventa... Praí, por essa altura, dois anos antes de ele falecer ou coisa assim... Que, eu, fui lá... Foi a minha irmã que combinou com a minha tia e, com uma prima que eu nunca tinha conhecido... É! Prima em segundo grau... E, atão, apareceram lá... (ri) Foi uma grande festa que fizemos... Dei-lhe um beijinho e, ela também... Chamava-se...

Chama-se M. É filha duma prima directa, que também se chama M... Duma prima minha, também, chamada M.

- Então, foi antes do seu pai falecer?

Foi... Foi, pois... Fomos lá, para irmos visitar o meu pai né? A minha irmã é que fez né? É que fez o estratagema para... *Vens visitar o pai, vens cá a casa e tal...* E, depois, apanhei lá as duas... Pois, era uma coincidência muito rara nera, ó Cláudio? Pois, ela, se calhar, era a primeira vez que ela vinha a Lisboa.

- Mas, já o tinha visitado?

Sim, sim, sim... Pois já... Mas, já muitos anos antes.

-Lembra-se?

Prai há quê? Há uns... Devia ter para aí uns quarenta... Já há uns trinta e tal anos.

- Lembro-me de ter dito que ainda via, nessa altura.

Parece que sim... Ou não? Parece que já tinha cegado... Nessa altura, já... Já tinha cegado, nessa altura... Pois, não tou bem certo... Só fazendo as contas ao tempo em que eu ceguei... Foi há trinta e dois anos... Pois, por essa altura... Quando ela veio, pois... Já tava cego... Ou, então, não... Pois, é a tal coisa! Não tenho bem a certeza... Não me lembro bem... Parece-me que sim, que já tinha cegado. Não tou bem certo. E visitas, assim, de surpresa né? A gente fica logo, assim... Depois, mandaram-me chamar e, eu, fui lá a cima... Era a minha tia X. E, mais a minha prima R. Francesa... Era filha do meu tio Z., que já faleceu, e da minha tia A... Ela, nasceu em França. Por isso é que ela é R. Nessa altura, parece-me que já estava cego... Já... Portanto, foi há menos de trinta anos... Há menos de trinta anos que ela veio cá... Veio-me cá visitar. Já faleceu, também... A minha tia X. Pois, com oitenta e tal... Quase noventa... Também, foi quase todas... Ainda tenho uma, com mais de noventa... Ainda... Uma tia minha, irmã do meu pai... O meu pai, faleceu com noventa certos, nasceu em mil novecentos e dois e faleceu em mil novecentos e noventa e dois... Tá a ver a conta? E, foi... Foi um mês e tal depois de fazer os noventa anos... Faleceu em Julho... Ele nasceu em Junho e faleceu em Julho.

- Lembra-se de quando começou a trabalhar nas actividades produtivas?

Ah! Foi, agora... Há pouco tempo... Foi, ai, há quê? Há uns cinco anos, ou seis anos... Talvez tivesse sido no ano dois mil; quando nasceu o atelier; quando começou a coiso... Depois, passado dois mil e um, eu, já trabalhava lá... Antes, já aquilo... Até tinha outra sala, nos corredores, onde era o atelier mesmo... Depois, é que mudou lá para as salas grandes, das entradas, onde está a terapia e a sala grande. O C.. conhece...

- E quando deixou de trabalhar no refeitório?

Oh! Isso, já foi mais atrasado... Mais antigo... Já foi há prai quê? Em mil novecentos e noventa e cinco, talvez... Há doze anos ou mais, prai... Tinha cinquenta e nove, ou sessenta anos... Já tenho setenta e três... Faz prai quê? Há treze ou catorze anos... Pois, em mil

novecentos e noventa e tal... E três prai... Treze, catorze anos... (conta) Noventa e quatro prai... À volta disso, é que deixei o refeitório.

- Então, até dois mil estive sem trabalhar?

Pois, pois... Depois, fui para a V. N. e, lá... E, não tínhamos nada... Era só o trabalho e já não era mau... Já não era pouco, era tarefas né? Cada um fazia as suas tarefas né? Uns cozinhavam; outros, lavavam os pratos e; eu, como não tinha... Não podia, assim, fazer nada né? Por causa da vista, fazia o meu trabalho... Que continuei, sempre, a fazer... O meu trabalho, desde que vim para cá... A limpar pratos. É a única maneira né ó C.? Pois, tava ali ao pé dos pratos; ia limpando e, os talheres.

- Fazia a sua parte.

Pois, e... Fazia a minha parte! Juntamente com eles. Cada um fazia o seu trabalho. Outros, varriam; outros, faziam a limpeza das mesas e, era assim... É, eu, para limpar pratos tinha jeito né? Já tava batido naquilo né? Foi nos pavilhões todos... Que trabalhei a lavar pratos e, quando tinha vista, também, lavava-os e limpava-os. E passava o chão e, essa coisa toda...

- E almoçava no refeitório?

Pois, pois... Parece que sim... Era sempre, era... Só à noite, ao jantar, é que ia para o S... À hora do almoço, ficava no refeitório. Para me despachar mais depressa né? E para começar logo o serviço. Bebia o pequeno-almoço no S. né? Depois, vinha logo e, era até à noite... Acabava o refeitório, limpeza e tudo, à volta das quatro... Quatro e tal... Depois, ia dar uma volta, um passeio e tal... Até à hora do jantar... E, era assim que eu fazia...